

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Mestrado em Multimeios

**Efeitos da Televisão sobre os Comportamentos Anti-social e
Pró-social: Uma Introdução à Literatura Empírica em
Psicologia Social**

Guillermo Mauricio Acosta Orjuela

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por GUILLERMO MAURICIO
ACOSTA ORJUELA
e aprovada pela Comissão Julgadora em
11 / 08 / 1997

[Assinatura]
PROFA DRA NELLY DE CAMARGO
- PRESIDENTE -

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Multimeios do Instituto de
Artes da UNICAMP como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre
em Multimeios sob a orientação da Profa.
Nelly de Camargo.

Ac72e

31789/BC

Campinas, 1997.



COMISSÃO JULGADORA

À Anita de Acosta e Guillermo Acosta.
(In Memoriam)

À Nora e Marta, irmãs e mães. Ao meu Irmão Jahiro.
À meus sobrinhos queridos, Maria Fernanda, Juliana,
Diego e Paulita: Ustedes son esperanza e motivo de
orgullo.
Ana Cristina: teu carinho e sabedoria, tua delicadeza
e ajuda. Amada menina.

AGRADECIMENTOS

- Ao Prof. Etienne Ghislain Samain, por me estimular a apresentar um projeto de trabalho à banca de seleção do Mestrado em Multimeios .
- Ao Prof. Fernão Pessoa Ramos por me escolher como seu orientando.
- À Profa Nelly de Camargo: obrigado por conduzir esta empresa a bom termo.
- Ao Prof. Samuel Pfromm Netto: sua vida e sua obra dizem da sapiência, da bondade e do amor pelo próximo. Obrigado por me presentear com seu conselho e estímulo. Palavras são poucas.
- À Profa Anita Liberalesso Neri, por me acolher e acreditar no meu trabalho.
- Agradeço à equipe das bibliotecas do Instituto de Artes e da Faculdade de Educação, em especial, Gildenir Carolino Santos, Rosemary Passos, Yoko Toma Celestino, Ana Maria G. Santos, Alexandria M. Leme, por sua presteza e competência.
- Ao Cnpq, requisito *'sine qua non'*, durante estes 30 meses.
- Ao Meu Brasil, Terra querida, abençoada e bondosa, seu, do fundo do coração.

Resumo

Partindo do conceito de Ciência e de uma definição de Psicologia Social, este trabalho sublinha a estreita relação desta disciplina com o estudo dos efeitos da mídia, suas importantes contribuições teórico/metodológicas e sua abrangência desde o aparecimento da TV comercial. A revisão da literatura confirma a relação entre a violência em TV e a conduta anti-social: a exposição à violência incrementa a probabilidade de adoção imediata ou ulterior de conduta violenta em observadores, independente de sua idade e variáveis sócio-demográficas ou culturais. Inversamente, há evidência de que a exposição a conteúdos pró-sociais incrementa a probabilidade de sua adoção pelos observadores. Considerando estes fatos no contexto da penetrante difusão da TV, sua influência na vida cotidiana, perspectivas de crescimento e estratégica eficiência pedagógica, é razoável o interesse da sociedade na função social deste meio. Os resultados dos estudos sobre TV publicados pelas principais instituições de educação superior do Brasil mostram o predomínio de aproximações especulativas sobre a investigação sistemática e rigorosa.

Abstract

From a initial concept of Science, a definition of Social Psychology, this search underlies the close relationship between the study of media effects, their important theoretical/metodological contributions, and the comprehensiveness of the discipline since the apperance of comercial TV. The survey of literature confirms the correlation between TV violence and anti-social behavior: The exposition to violence increases the probability of early/late adoption of violent behavior in viewers, regardless their age and socio-demographic and cultural variables. Conversely, there is evidence that the exposure to TV pro-social contents increases the probability of its adoption by the viewers. Taken into account these findings in the context of the pervasive diffusion of the TV, its influence in daily life, his perspectives of growth and its strategic pedagogical efficiency, there is reasonable the concern of society about the social function of the medium. The results of studies about TV published by the main representative institutions of higher education in Brazil shows a preponderance of especulative approaches over the systematic and rigorous research.

Resumen

Partiendo del concepto de Ciencia y de una definición de Psicología Social, este trabajo subraya la estrecha relación de esta disciplina con el estudio de los efectos de los medios de comunicación, sus importantes contribuciones teórico/metodológicas desde el apareamiento de la TV comercial. La revisión de la literatura confirma la relación entre violencia en TV y la conducta anti-social: la exposición a la violencia incrementa la probabilidad de adopción inmediata o posterior de conducta violenta em observadores, independientemente de su edad e variables socio-demográficas o culturales. Inversamente, hay evidencia de que la exposición a contenidos pro-sociales incrementa la probabilidad de su adopción por los observadores. Considerando estos datos en el contexto de la penetrante difusión de la TV, su influencia en la vida cotidiana, perspectivas de crecimiento y su estratégica eficiencia pedagógica, es razonable el interés de la sociedad en la función social del medio. Los resultados de los estudios sobre TV publicados por las principales instituciones de educación superior del Brasil muestran el predominio de aproximaciones especulativas sobre la investigación sistemática y rigurosa.

ÍNDICE

Resumo
Abstract
Resumen

Introdução	1
Capítulo 1- A Televisão Hoje: Importância Social do Meio	10
1.1- O debate de sempre	13
1.2- Investigação Científica: uma aproximação alternativa	23
1.3- Conclusões	33
Capítulo 2- Televisão e Psicologia Social	45
2.1- Antecedentes	47
2.1.1- Conclusões	56
2.2- Psicologia Social: Princípios e Diretrizes	60
2.2.1- Desenvolvimento da Teoria	60
2.2.2- Documentação da Teoria	67
2.2.3- Aplicação do Conhecimento: Solução de Problemas Sociais	68
2.3- Conclusões	73
Capítulo 3- Principais Áreas de Estudo	79
3.1- Os primórdios	79
3.1.1- Conclusões	93
3.2- Televisão e Comportamento Anti-Social	99
3.2.1- Experimentos de Laboratório.....	106
3.2.2- Experimentos de Campo.....	133
3.2.3- Pesquisas não Experimentais.....	136
3.2.3.1- Pesquisas Correlacionais.....	136
3.2.3.2- Pesquisas de Levantamento.....	140
3.3- Resultados em Perspectiva Histórica.....	146
3.4- Televisão e Comportamento Pró-Social	160
3.4.1- Aprendizagem da Conduta Pró-Social	162
3.4.2- TV e Modelamento da Conduta Pró-Social.....	163
3.4.2.1- Experimentos de Laboratório.....	163
3.4.2.2- Experimentos de Campo.....	170
3.4.3- Algumas Séries Pró-Sociais e Educativas.....	173
3.4.4- Conclusões.....	177

Capítulo 4- Investigação Científica dos Efeitos da Televisão no Brasil	182
4.1- Conclusões	190
Capítulo 5- Conclusões e Implicações	192
Notas Bibliográficas	208
Bibliografia	211

QUADROS:

Quadro 1- Aparecimento da Televisão Comercial: Breve Histórico	36
Quadro 2- Padrões de uso da Televisão	39
Quadro 3- Padrões de uso da Televisão na Terceira Idade	41
Quadro 4- Métodos de Investigação em Psicologia Social	75
Quadro 5- Estereótipos do Idoso na Televisão	94
Quadro 6. Teoria da Aprendizagem Social: Propósitos.....	110
Quadro 7- A Teoria do 'Cultivo' por G. Gerbner	144

TABELAS

Tabela 1- Resultados preliminares da Investigação em TV no Brasil.....	189
Tabela 2- Teses e Dissertações sobre TV no Brasil (ANPP).....	189
Tabela 3- Número de Trabalhos por Área de Concentração.....	190

FIGURA

Figura 1-	109
-----------------	-----

ANEXOS

Anexo 1- Psicologia e Pesquisa em Televisão - Abstracts da APA (1971-1989)
Anexo 2- Livros e Teses sobre Televisão - UNIBIBLI
Anexo 3- Pesquisa em Televisão no Brasil (Marques de Melo, 1984)
Anexo 4- Produção em Televisão do I P (USP): Publicações e Eventos
Anexo 5- Produção em Televisão do I P (USP): Dissertações de Mestrado
Anexo 6- Produção em Televisão do I P (USP): Teses de Doutorado
Anexo 7- Produção em Televisão da ECA (USP): Dissertações de Mestrado
Anexo 8- Produção em Televisão da ECA (USP): Teses de Doutorado
Anexo 9- Produção em Televisão - Cadernos da ANPP (1986-1996)

“Antes de construir um mundo no qual todos possamos viver bem, precisamos parar de construir um no qual será, totalmente impossível viver.” B. F. Skinner

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma amostra do que a Psicologia Social encontrou ao aplicar os preceitos do método científico na investigação dos efeitos da TV sobre os comportamentos anti e pró sociais. Tal empreendimento é entendido aqui como uma forma alternativa de adquirir conhecimento, com seus próprios alcances e limitações.

Alvos da investigação em Psicologia Social na área da TV têm sido; entender a forma como o meio age no comportamento social, avaliar suas potencialidades e limitações, prever a magnitude e direção dos seus efeitos e, no melhor dos casos, prover ferramentas confiáveis para o emprego deste conhecimento na solução de problemas sociais concretos.

Várias são as razões que motivaram a realização deste trabalho;

a- A escassa produção acadêmica sobre TV no Brasil.

Levantamentos bibliográficos realizados nas etapas iniciais desta pesquisa já indicavam uma tradição de intensa atividade de investigação científica em outros países, principalmente nos de origem anglo-saxônica. Esta abundância contrastava com a dificuldade de encontrar obras acadêmicas ou textos já publicados por autores brasileiros sobre o tema. Um levantamento bibliográfico ulterior, realizado nas bases de dados de várias universidades; catálogos de publicações a nível nacional, livros sobre a produção acadêmica e a pesquisa na área de comunicação, viria a confirmar que o número de contribuições feitas a nível de pós-graduação, sobre os efeitos comportamentais da TV sob o prisma da Psicologia Social científica no Brasil, é em extremo reduzido, por não dizer inexistente. [ver Cap. 4]

b- A perspectiva epistemológica predominante.

A revisão da produção acadêmica brasileira sobre TV realizada até este momento, parece indicar que grande parte do 'conhecimento' sobre seu alcance social e impacto no

comportamento, baseia-se num perfil de publicação distanciado dos resultados da investigação científica.

A revisão aponta uma marcada influência de posturas críticas, fenomenológicas, semiológicas e opinativas no estudo da TV que, não em poucas ocasiões, deixam transparecer uma recusa aberta a toda e qualquer forma de aproximação positivista.¹

A este respeito convém aclarar que a polémica formada em torno das virtudes ou deficiências de determinada postura epistemológica, não faz parte das preocupações do presente trabalho, nem de seus objetivos. Ao apresentar uma panorâmica da investigação da Psicologia Social científica no estudo dos efeitos da TV, tenta-se oferecer apenas uma abordagem alternativa a uma tendência gnoseológica que parece primar nas 'Ciências Sociais' em nosso meio acadêmico.

¹ Rosengren(1983, p. 185) entre outros, explicava como desde o final da década de 60 vem se configurando o que alguns autores denominam como; 'o conflito entre paradigmas'. Tais divergências, além de atentar contra a unicidade e a integração teórica, teriam levado à 'formação de seitas conflitantes' e 'grupos antagônicos' que desde então manobram para reforçar seus contra-argumentos, ignorando-se explicitamente ou no melhor dos casos, mantendo uma frágil tolerância. Os enfoques críticos, [que por vezes também têm permeado a PS] preponderantemente discursivo-opinativos, desempenham um importante papel na vigilância e questionamento do *status quo* e na identificação de rumos e problemas que eventualmente conduzem à pesquisa. No entanto, como convirão teóricos das diferentes 'facções' epistemológicas, os dados produzidos pela Ciência estão à disposição de quem bem queira usá-los. Isto quiçá explique como, mesmo alguns dos "críticos" que contestam o método científico, não só admitem, mas usam da informação objetiva e atualizada que a Ciência provê. De fato, ela enriquece a argumentação e contribui a fundamentar intuições e palpites, com freqüência de duvidosa credibilidade. Por outra parte, há exemplos de cientistas sociais de amplo reconhecimento que, embora baseados em estudos exaustivos, formulam propostas de reforma social e institucional que não estão muito longe das reivindicações formuladas na melhor tradição da escola de Frankfurt, por exemplo. Fazer ciência não é compactuar cegamente e 'acriticamente' com a ordem estabelecida. Embora a objetividade prime no processo de obtenção de evidência, os resultados dos métodos rigorosos podem ser direcionados na solução de problemas que em muitas ocasiões atentam contra a 'ordem de coisas' vigente, geram tendências de mudança ou as reforçam. (ROSENGREN, K. Communication Research: One Paradigm, or Four? In: GERBNER, G. (ed) Ferment in the Field, *Journal of Communication*, 1983 (Sum), v. 33, n 3, p. 185-207)

c- O exercício da interdisciplinaridade.

O espaço dado à interdisciplinaridade admite que posturas epistemológicas diferentes concorram, coexistam, colaborem e, se possível, complementem-se na busca de informação de qualidade, de preferência se esta contribui à solução de problemas práticos, à formulação de políticas ou, no mínimo, eleva o nível do debate. O departamento de Mídias desta instituição garante e fomenta o espaço interdisciplinar dentro de seu regimento interno, tal como dão fé os documentos que se encarregam da difusão de seu programa de pós graduação.

d- A preocupação com problemas sociais.

Uma característica histórica da Psicologia Social é a de produzir conhecimento relativo e/ou aplicável à solução de problemas sociais. [ver seção 2.2.3] Este trabalho se orienta nesta tradição e se identifica com tais princípios, mesmo ciente de que a tradução prática de tal informação esteja além de seus limites. Há farta evidência de que a TV tem enorme importância na aquisição e manutenção de padrões, pensamento, afeto, e conduta. A comunidade acadêmica entende a TV como um agente eficaz de socialização paralela e reconhece no meio um alto potencial instrutivo. O conhecimento acumulado pode contribuir a identificar conteúdos que possibilitem um impacto nocivo sob certas audiências em situações específicas, criar critérios mais ajustados de controle e regulação do meio, e orientar pais, mestres e usuários. Da mesma forma, a evidência mostra que o seu potencial instrutivo pode ser maximizado com o emprego do conhecimento e a experiência acumulados nestas cinco décadas de pesquisa, na solução de problemas sociais.

Reunindo o corpo da evidência produzida sobre os efeitos associados à TV, o gigantismo transcultural de sua cobertura, seu uso intensivo que não conhece restrições idiossincráticas ou sociodemográficas, as perspectivas de difusão que ainda detém em virtude dos acessórios tecnológicos que tem se desenvolvido e, sem considerar as que estão ainda por

vir², acredita-se que o meio exige especial atenção e prudência no planejamento e formulação de políticas de controle e administração³.

Entende-se que a legislação que regula o funcionamento de um meio do valor social estratégico da TV, se apoie sobre dados atualizados e confiáveis (quando assim o decidirem os centros de tomada de decisões e traçadores de diretrizes). Embora a produção de evidências sobre os efeitos comportamentais e sociais da TV nem sempre tenha sido considerada pela grande maioria dos países onde ela existe comercialmente, espera-se da Universidade, em particular da pública, não só a produção de retórica crítica mas de conhecimento objetivo que possa ser orientado socialmente. Deste tipo de conhecimento dependerá a possibilidade de empregar a TV de forma adequada, tanto na solução de problemas sociais quanto na prevenção de seus possíveis efeitos, contando claro com que deste tomem notícia os que a legislam e produzem.

Na falta de uma estratégia mais precisa e confiável de descrever, explicar e predizer o comportamento da natureza e da sociedade, o método científico, mesmo com todas as imperfeições que possam lhe atribuir os que não simpatizam com seu rigor, tem demonstrado ser um processo correto de construção do conhecimento objetivo, verificável e autocorretivo; este pode e deve ser empregado na hora de formular prioridades, políticas de programação, normas de regulação, e planejamento.

² Como a implantação da TV digital proximamente, que promete gerar uma enorme onda de consumo de aparelhos de TV.

³ Cabe perguntar, sobre que informação se baseia ou justifica a forma e conteúdo da TV comercial vigente? Os países em vias de desenvolvimento fazem um emprego particular do meio, ou o desconsideram como fonte de solução de problemas sociais? As normas de regulação e funcionamento que impõe a lei brasileira foram construídas a partir de que informação? Qual é seu fundamento? Sejam quais forem as respostas a estes questionamentos, é claro que a função e o preparo do político e/ou burocrata não abarcam a produção deste tipo de conhecimento. A produção, e parte da difusão do conhecimento sobre os alcances e limitações, possíveis efeitos nocivos e potencial social positivo da TV, compete à Ciência, em particular à Ciência Social.

Este trabalho pretende: mostrar uma parcela deste esforço, apresentar algumas das conclusões obtidas nas grandes áreas de concentração da investigação e anexar bibliografia (nem sempre de fácil acesso) à disposição dos interessados no estudo objetivo da TV; prevenir a repetição mecânica de tópicos de estudo já amplamente explorados cientificamente; facilitar o percurso de futuras investigações e, quem sabe, contribuir, mesmo de forma modesta, ao cultivo de uma TV responsável e solidária.

e- O problema do fomento e difusão desta informação.

A Psicologia Social é uma ciência profundamente ligada ao estudo dos meios de comunicação de massa (MCM), desde suas origens (ver seção 2.1). Seu aporte tem sido em extremo esclarecedor e significativo, e dele têm se nutrido outras ciências sociais interessadas na comunicação. Porém, a pesquisa acadêmica em TV produzida pelos principais centros de educação superior (pública e privada) no Brasil, mostra como tais aportes são em sua maioria desconhecidos. Cabe considerar que, se esta informação dificilmente circula nos meios de pós-graduação, parece utópico pretender que atinja políticos e tecnocratas. Sabemos pela experiência que informação de qualidade pode aumentar a possibilidade de uma aproximação entre centros de tomada de decisões e a Universidade. Por sua vez, e em virtude do anterior, o desconhecimento dos resultados da pesquisa também pode ampliar, ainda mais, a margem que separa os administradores do uso socialmente responsável da TV.

O trabalho e sua linguagem tentam apresentar da maneira mais fiel uma compilação de enunciados e conclusões, fazendo uso intensivo da citação textual dentro e fora do corpo do texto, diminuindo deliberadamente o emprego da paráfrase, e omitindo considerações pessoais, opiniões, juízos de valor e elucubrações desnecessárias sobre o conteúdo apresentado. Com isto busca-se retratar da forma mais fidedigna possível a essência dos assuntos tratados e ressaltar o aporte dos autores originais.

A Psicologia Social é descrita em função de seu estudo dos MCM e da investigação científica dos efeitos da TV. Por isto, a revisão centra seu interesse exclusivamente nas teorias e modelos que baseiam suas formulações e enunciados na evidência derivada da aplicação da metodologia da Ciência. Isto pressupõe destacar "... investigações quantitativas empíricas, o que envolve a exclusão de grande número de ensaios brilhantes, feitos por entendidos em comunicação, que aventuram hipóteses não arrimadas em resultados de pesquisa".⁴

Dentro desta perspectiva, tanto pesquisas de laboratório, experimentais de campo, estudos de campo e descritivo-estatísticos⁵ serão incluídos, uma vez que "a convergência da evidência entre esta ampla gama de estudos é substancial."⁶

Serão omitidas considerações de corte especulativo-discursivo, não fundamentadas nos resultados da investigação rigorosa da metodologia científica e nem orientada pelos parâmetros universalmente reconhecidos e aceitos pela comunidade científica internacional.

Portanto, mais que exaltações de corte ideológico, discursos alarmistas sobre 'o poder sem limites do meio', divagações sobre a existência de uma realidade 'cognoscível' ou sobre os obstáculos que impedem a aproximação de seu objeto, as páginas seguintes dedicaram-se a um sincero esforço de ilustrar uma parte das contribuições desta importante área de estudo.

Parte predominante da revisão bibliográfica corresponderá à literatura norte-americana. Isto obedece a vários motivos:

- "A Psicologia Social como hoje podemos expô-la, é predominantemente uma disciplina americana, em suas recentes origens históricas e no essencial de seu desenvolvimento

⁴ Hovland apud Steinberg, 1966, p. 562.

⁵ Cf a classificação dos métodos e técnicas de investigação de Rodrigues (RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973)

⁶ COLLINS, W. e KORAC, N. Recent Progress in The Study of the Effects of Television viewing on Social Development. **International Journal of Behavioral Development**, 1982, n 5, p. 175.

até a data presente.”⁷ Na área da comunicação e especificamente, do estudo dos efeitos da TV, desenvolveu-se e aprimorou-se o corpo básico da teoria e da pesquisa que norteia a investigação contemporânea.⁸ Portanto, a remissão a autores norte-americanos será corrente, dado que esta revisão se limitará à pesquisa de caráter empírico, que é uma das características paradigmáticas predominantes da investigação na Psicologia Social norte-americana. Como afirma Allport (1968, p. 68):

“Sem dúvida alguma a tendência dominante em Psicologia Social se relaciona com o estudo objetivo e não especulativo do comportamento social .”⁹ [grifo nosso]

E esta posição é útil, pois como afirma Halloran (1974):

“É claro que a investigação científico-social não tem lugar tão só no contexto das fronteiras nacionais. Embora normalmente não seja conveniente assumir que os achados, consequência das investigações levadas a cabo em um país serão automaticamente válidos para outro, há muito que aprender em todos os níveis, teórico, metodológico, e substantivamente, das investigações que se realizam em outras nações. O amplo esforço de investigação que há tido lugar nos Estados Unidos nos últimos 20 ou 30 anos tem influído no trabalho e no pensamento britânico de diversas formas...” [grifo nosso]

No primeiro capítulo, após uma breve referência à importância do papel que desempenha a TV no mundo de hoje, escolheu-se ‘o debate’ como uma forma de ilustrar o

⁷ LINDZEY, G. e ARONSON, E. (Eds). **The Handbook of Social Psychology**. Vol1. Massachusetts: Ed. Addison-Wesley, 1968, p. 2.

⁸ Parte considerável do estudo sistemático da comunicação de massa e dos efeitos da TV em Psicologia Social, descansam numa tradição de pesquisa “caracteristicamente norte-americana [...] favorecida pela tradição pragmática deste país. As emergências [...] e as condições de crise social deram um especial incentivo à invenção de novas técnicas, e a busca de soluções audaciosas para a solução prática de problemas sociais.” (HALLORAN, J. **Los efectos de la television**. [trad. Ignacio Vasallo], Madrid: Ed. Nacional, 1974, p. 35) Lindsey e Aronson, (1968, p. 2) comentam a este respeito: “... enquanto outras nações tem-se deparado com as mesmas emergências, parece que nos U.S. a base do pensamento ocidental, fortalecido pela prática do ‘Melhorismo’, provou ser mais fértil para o crescimento adequado da Psicologia Social e disciplinas relacionadas”.

⁹ Allport apud Lindsey e Aronson, 1968, p. 680.

contexto da discussão pública e acadêmica sobre os efeitos do meio, e como um recurso para introduzir o paralelo entre as formas coloquiais e científicas de formular conclusões ou abordar um tema polêmico.¹⁰ Ocupamo-nos aqui de contrapor estas duas aproximações e aclarar o que entendemos como Ciência. Segue-se uma nota sobre os obstáculos derivados do 'nível de análise' empregado na obtenção de evidência empírica sobre os efeitos dos MCM e, como a Psicologia Social, sob seu nível 'individual-grupal', tem conseguido contribuir a este empreendimento.

No capítulo 2, define-se a Psicologia Social, e tecem-se considerações sobre seu interesse no estudo dos MCM. Numa breve resenha histórica, ressalta-se a importância das contribuições metodológicas e teóricas da Psicologia Social no estudo dos efeitos dos meios que dominaram as cinco primeiras décadas do século. O capítulo encerra-se sublinhando os princípios e diretrizes que regem a disciplina.

No terceiro capítulo expõem-se alguns dos tópicos estudados após o aparecimento da TV comercial, as principais linhas de investigação e as áreas que têm aglutinado o interesse dos psicólogos sociais até hoje. O estudo da violência via TV e a aquisição de comportamento pró-social são desenvolvidos aqui com maior profundidade.

Finalmente, inclui-se um comentário sobre a reduzida produção, divulgação e emprego do conhecimento derivado da Psicologia Social científica no Brasil.

Em síntese, o trabalho se propõe a descrever:

- a. Importância do emprego do método científico no entendimento da relação entre o meio e o comportamento social,
- b. Relevância dos aportes teóricos e metodológicos da Psicologia Social no desenvolvimento da investigação sistemática nesta área do conhecimento,

¹⁰ Registramos nossa surpresa ante a extrema leveza com que certos autores publicam uma coletânea de conclusões sem se basear em provas concretas ou fazer referência a estudos de comprovada seriedade que

- c. Visão panorâmica da investigação científica realizada em Psicologia Social sobre os efeitos da televisão nos comportamentos anti-sociais e pró-sociais,
- d. Principais resultados e conclusões comprovados nestas grandes áreas de concentração da investigação,
- e- Princípios de conduta derivados da Psicologia Social que podem ser empregados com fins pró-sociais via TV.

Este trabalho privilegia artigos e livros compilativos das conclusões da atividade da pesquisa. Ciente de suas limitações¹¹, não pretende esgotar o tema proposto, mas realizar uma compilação organizada de informações orientada pelos objetivos acima enunciados, que destaca as contribuições originais dos autores consultados e prescinde, na medida do possível, da retórica estilística ou dissertativa. Espera-se que sirva ao propósito de ilustrar a intensidade da pesquisa sistemática estrangeira em TV, tanto quanto a precariedade e urgência desta atividade no Brasil.

sustentem suas opiniões.

¹¹ A produção de um aporte inteiramente original dificulta-se por vários motivos; a brevidade do tempo de mestrado não contribui com o amadurecimento da informação acumulada pelo aluno que se inicia no tema; a dimensão e a generalidade quase enciclopédica dos objetivos propostos, que obriga ao investimento de uma grande porção de tempo na busca e organização de variadas fontes bibliográficas e a cobertura de uma ampla gama de temas em detrimento do detalhe na análise; o interesse de apresentar uma compilação do que na bibliografia disponível e no critério do autor, se julgou mais valioso na literatura revisada sobre TV em Psicologia Social.

CAPÍTULO 1

A TELEVISÃO HOJE: IMPORTÂNCIA SOCIAL DO MEIO

É de poucos desconhecida a importância da TV na sociedade moderna. A expansão e penetração atingida pela TV é certamente um fenômeno inédito e de proporções não alcançadas antes por outro Meio de Comunicação^{12 13}.

Todo e qualquer movimento, campanha, programa preventivo ou promocional, de índole comercial, política¹⁴, social ou cultural, que pretenda atingir uma ampla cobertura populacional, depende peremptoriamente da TV para tentar garantir a consecução de seus objetivos.

Algumas estatísticas usualmente relacionadas ao ritmo de difusão da TV (ver Quadro 1), à intensidade de seu uso (ver Quadro 2), à produção e consumo de aparelhos em diferentes regiões e momentos¹⁵, à quantia dos investimentos que a indústria mobiliza por seu

¹² "Nunca - até a aparição da TV - um meio de comunicação tinha conquistado tão ampla audiência." (EURASQUIN, A., MANTILLA, L., VAZQUEZ, M. **Os Teledependentes**. São Paulo: Ed. Summus, 1983, p.121)

¹³ Como uma forma de ilustrar os altos níveis de audiência da TV, Liebert et al. relatam que: "Nas áreas metropolitanas de alguns países, os engenheiros, têm precisado redesenhar os sistemas de água para acomodar a queda de pressão causada pelo forte uso do lavatório durante as pausas dos comerciais no horário nobre.." (LIEBERT, R., NEALE, J., DAVIDSON, E. **The Early Window: Effects of Television on Children and Youth**. New York: Ed. Pergamon, 1973, p11)

¹⁴ "A significação Política do meio é evidente no estrito controle exercido pelos ditadores sobre todos os meios de comunicação. O confisco dos meios é um dos primeiros atos das revoluções modernas. Nos países em desenvolvimento, a política oficial do governo tende a controlar os índices de crescimento dos vários meios.[...] À medida em que um ambiente simbólico relativamente homogêneo é provido pela mídia, seja através da direção governamental ou através de ações comuns de controladores privados, a uniformidade da conduta política e social é fomentada." (Weiss apud Lindsey e Aronson, 1968, p. 77)

¹⁵ "Estatísticas da Unesco de 1991 registram 853 milhões de aparelhos de televisão no mundo. A Alemanha tem o maior número de receptores por habitante, com 1220 aparelhos para cada mil habitantes. Em seguida ficam Sri Lanka (981 por mil) e Estados Unidos (814 por mil). Nessa ordem o Brasil ocupa a posição número 56, com 207 receptores para cada mil habitantes.[...] Países com maior número de receptores: EEUU: 205.500; Japão: 76.000; Rússia: 54.400; Alemanha: 41.800; China: 35800;

intermédio, entre outras, são empregadas para ilustrar as dimensões que a TV tem alcançado no mundo de hoje.

Tomados em conjunto, os números sugerem que longe de estar ameaçada pelas inovações nas alternativas de controle e consumo da programação, pelas possibilidades abertas pela informática, ou pela formação de conglomerados de comunicação, a expansão da TV ainda não terminou. Ao contrário, tais inovações parecem lhe abrir novas perspectivas e funções.¹⁶

Os resultados da investigação sobre os quais se constrói o presente trabalho confirmam que, efetivamente, não existe hoje nenhum meio de comunicação que supere a capacidade de transmissão de informação que veicula a TV, cujo uso¹⁷ atinja tais patamares em audiências tão extensas, nem capaz de se arraigar de maneira tão estreita na vida cotidiana de pessoas das mais variadas características idiossincráticas, sócio-demográficas e culturais.¹⁸

Nas palavras de Mankiewitz e Swedlow (1978)¹⁹ :

Brasil: 31.400; Índia: 30.000; Grã Bretanha: 25.000; Itália : 24.300; França :23.200." (**Almanaque Mundial**, 1995. São Paulo: Ed. Abril.)

¹⁶ "Qualquer outro incremento no uso do aparelho de televisão atribuível à grande variedade de ofertas disponíveis por cabo, opções pagas adicionais, e vídeo-gravador [...] vai impor uma diminuição adicional ao tempo..." [dedicado a outras atividades diferentes de 'assistir' à TV] (COMSTOCK, G. **The Evolution of American Television**. London: Ed. Sage, 1989, p. 61)

¹⁷ "A maioria das pessoas se perguntadas sobre como a televisão afeta suas vidas, dirão que esta raramente interfere como algo importante. Elas podem estar erradas. Sonho, interação social e leitura poucos diriam que não são importantes mesmo que eles tenham sido reduzidos pela televisão. A televisão também tem alterado severamente as opções disponíveis para gastar o tempo. **O incremento do uso** do aparelho implica em um aumento, e não em uma diminuição, destes tipos de influência". [grifo nosso](Comstock, 1989, p. 62)

¹⁸ "A televisão é agora nosso comum e constante ambiente de aprendizagem. Perto de 4 milhões de horas de programação ao ano são descarregadas na corrente da consciência coletiva para reivindicar o tempo da atenção de 200 milhões de norte-americanos. A televisão não demanda deslocamento, alfabetização, ou atenção concentrada. [...] é um sistema cultural total, com sua própria arte, Ciência, [...] mitos, geografia, demografia, tipo de caracteres, ação e estrutura. O mundo da TV encapsula aqueles características selecionadas de um grande meio cultural que contribui na sua própria venda e funções de socialização". (Gerbner, G. e Gross, L. *The Violence Face of Television and its Lessons*. [In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 150)

¹⁹ Mankiewitz e Swedlow apud PFROMM NETTO, S. *Televisão, Problema Social? Problemas Brasileiros*. (Agosto) n. 190, 1980, p. 31.

“A televisão afeta cada aspecto da vida [...] Ela alterou o modo de viver em todos os níveis da sociedade [...] os programas de TV proporcionam hoje em dia, progressivamente, e a uma taxa alarmante de crescimento, os elementos básicos, o ritmo e os princípios sob os quais vivemos. Ao fazê-lo, a TV penetra profundamente em nossas vidas, a ponto de ser freqüentemente irreconhecível essa influência e muitas vezes, impossível de se evitar”.

Estes precedentes explicam em parte, porque indivíduos, agremiações e instituições de mais diversa índole, têm-se interessado pelo papel que desempenha um meio de tais características nas sociedades a que pertencem. Por sua vez, tal interesse nas potencialidades da TV, na idoneidade de seu emprego, na prevenção de seus possíveis efeitos, tem se traduzido num debate que ainda hoje vigora, e que na opinião de muitos está longe de ser resolvido. A controvérsia tem conseguido envolver administradores e legisladores, criar códigos de regulação, e até mobilizar recursos para pesquisa em áreas específicas, incidindo desta forma, na escolha e na ênfase dada a certos tópicos de investigação sobre os efeitos da TV, mesmo que não relacionados diretamente com o interesse dos cientistas sociais pelo desenvolvimento da teoria.²⁰

A este respeito Dorr (1986, p.89) afirma:

“... grande parte da investigação sobre os efeitos do conteúdo da TV nas crianças é motivado mais pelo interesse num fenômeno social, o bem-estar das crianças, e/ou pela política social, do que pelo interesse no desenvolvimento e prova de uma teoria. [...] Os modelos teóricos [...] são sempre assumidos como convenientes ou necessários, e alguns investigadores claramente começam com uma forte base teórica, mas a construção de uma

²⁰ “... legisladores, pais, professores, e outras partes interessadas concebem a si mesmos como *experts* capazes de ver qual é a influência que exercem a TV e outros meios sobre o público. Nestas circunstâncias, o científico parece reduzido a um técnico ou um produtor de fatos. Para satisfazer a estes autodenominados *experts*, se vê obrigado com freqüência a trabalhar dentro de uma estrutura teórica simples o bastante para que estes *experts* profanos a compreendam”. (McQUAIL, D. *Introducción a la Teoría de la Comunicación de Masas*. México: Ed. Paidós, 1983.)

teoria não é provavelmente a motivação primária para a maioria dos estudos sobre os efeitos do conteúdo da TV.”

A investigação psicológica sobre a TV, tem acompanhado a evolução do meio até hoje e tentado contribuir para o esclarecimento de seus possíveis efeitos. Apesar das substanciais variações no tipo, na forma de propriedade, controle e regulação da programação disponível, tem se assistido a um aumento significativo no estudo da função da TV a nível transcultural, nos Estados Unidos, Europa e Ásia.²¹

A TV tem sido alvo de críticas e defesas do mais variado teor. Algumas delas serão consideradas brevemente, numa tentativa de introduzir o contexto no qual se desenvolve a discussão sobre os efeitos da TV e ilustrar a vigência de tal debate.

1.1. O debate de sempre

“Qual o tamanho de tais efeitos, com que frequência ocorrem, para quem ocorrem, quanto permanecem, e quão significativos são para a sociedade, são todas questões não resolvidas que alimentam vigoroso debate”.²²

“Até o momento em que **pesquisas dignas de confiança** apresentem um argumento decisivo mostrando que os veículos de comunicação estão ou não diretamente relacionados com as alegações de seus críticos ou de seus defensores, essas controvérsias continuarão bem vivas”.²³
[grifo nosso]

²¹ MURRAY, J. e KIPPAX, S. From the Early Window to the late night Show: Internacional Trends in the Study of Television's impact of Children and Adults. (In: BERKOWITZ (ed) **Advances in Experimental Social Psychology**, Vol 12. New York: Ed. Academic Press, 1979, p. 253-320)

²² DORR, A. **Television and Children: A Special Medium for a Special Audience**. Beverly Hills: Ed. Sage, 1986, p.69.

²³ De Fleur, 1971, p.214.

“ Toda vez que surgiu em nossa sociedade um grande veículo de comunicação, ele se tornou objeto de considerável debate e controvérsia...”²⁴ Porém, até hoje, talvez nenhum outro meio de comunicação tenha gerado tanta polêmica como a TV .

Desde seu aparecimento, há quase cinco décadas, a TV tem se associado com inúmeras alterações no comportamento individual, social e cultural²⁵.

A TV é acusada de suprimir a criatividade²⁶, favorecer a “atividade mental passiva”, incapacitar a experiência de “emoções autênticas”²⁷, diminuir o tempo destinado a outras atividades²⁸, introduzir precocemente as crianças num mundo adulto²⁹, atentar contra a ética, a moral e os valores^{30 31}, promover a mediocridade, direcionar e fomentar idéias perigosas³², incrementar os índices de delinqüência e violência social ao apresentar “conteúdos violentos,

²⁴ *ibid.* p. 24

²⁵ McQuail, 1983, p. 220.

²⁶ “A criatividade, a imaginação e o achado de novos e particulares entretenimentos não podem se por em marcha se não se saltar por cima desta proposta muito mais próxima e nada problemática que é a proposta televisiva”. (Eurasquin, Mantilla e Vazquez, 1983, p 26.)

²⁷ Marcondes, 1990, p. 108

²⁸ “... elas - as crianças - terão perdido em seu período de formação milhares e milhares de horas que crianças de outras gerações dedicavam a outras atividades. Os que recomendam a abolição da TV pensam que esta indiscutível evidência resulta prejudicial à formação integral da infância [...] Em suma, a TV surge como resumo e expoente máximo de todas as possibilidades de ócio...” (Eurasquin, Mantilla e Vazquez, 1983, p. 21.)

²⁹ “as crianças aprendem da TV porque oferece-lhes a porta mas acessível ao mundo dos adultos [...] a imagem do mundo dos adultos que a maioria das crianças recebem dos programas de TV é absolutamente incompleta.” (Halloran, 1974, p. 99.)

³⁰ a TV comercial “converteu-se numa espécie de escola de contra-cultura, no pior sentido deste último termo, ou seja, uma escola de superficialidade, cinismo, deboche, brutalidade, resolução violenta dos conflitos, desrespeito, exacerbação hedonista, excitação sexual precoce e desenfreada, mau gosto, mediocridade e erosão dos valores morais”. (Pfromm Netto, 1993, prefácio.)

³¹ “... que valores estão sendo estimulados pela TV, a solicitude, o interesse pelo próximo, a consideração, a indiferença, a malícia, a crueldade, a sofisticação, a simplicidade, a suavidade? Se a decisão é vender, a forma mais eficiente é magnetizar as crianças com desenhos animados, acrescentar uma pitada de humor de picadeiro, comandar uma platéia e vender uma porção de guloseimas.” [grifo nosso] (Schiller, 1976, p. 134.)

³² Dorr, 1986, p. 20.

sexistas, racistas e mercantilistas”³³, contribuir com a “trivialização do monstruoso e do horrendo”³⁴, dessensibilizar à violência, fomentar a difusão de práticas de transgressão e delinqüência^{35 36}, servir como instrumento de persuasão e alienação³⁷, instigar condutas³⁸, lesar o desenvolvimento cognitivo, estimular reações primárias, perder hábitos de leitura, alterar níveis atencionais e memorísticos, decrementar o rendimento escolar³⁹, reforçar atitudes já existentes, diminuir a extensão e a variedade das escolhas, exaltar as virtudes materialistas do consumo⁴⁰, “desumanizar a vida social”⁴¹, “quebrar violentamente as margens habituais de interrelação entre os homens”⁴², homogeneizar os gostos estéticos, hábitos e costumesⁱⁱ, “padronizar o lazer, os sonhos, os devaneios”⁴³, veicular a ‘penetração cultural’ dos países que monopolizam sua produção e comercialização^{iii 44}, obstaculizar o “enriquecimento e melhora humanos”^{iv 45},

³³ Mankiewitz e Swerdloow, apud Dorr, 1986, p. 64.

³⁴ Campos et al. apud PFROMM NETTO, S. **Televisão, uma escola, mas de quê? Os efeitos da TV no aproveitamento escolar**. São Paulo: Ed. Artpress, 1993, p.28.

³⁵ “Na Alemanha, os pais de alunos de escola primária de Manheim, numa circular dirigida a 230 políticos, jornalistas e sindicalistas, acusaram este meio de ser o principal responsável pelo aumento da agressividade nas escolas.” (Erausquin, Mantilla e Vazquez, 1983, p.40.)

³⁶ BANDURA, A. e WALTERS, R. **Aprendizaje Social y Desarrollo de la Personalidad**. 10 ed. Madrid: Ed. Alianza, 1990., p.76.

³⁷ “O perigo dos meios massivos é a tendência a manipular as pessoas. Estes exageram e enfatizam o que prenderá a atenção da maioria das pessoas... [elas], precisam ser treinadas para ser seletivas.” (MILLER, W. *The Problem of Mass Communication*. **Religion Education**, 1954, v. 49., p. 371- 374.)

³⁸ “... estimula às pessoas a fazer coisas que de outro modo não tomariam em consideração...” (REARDON, K. **La Persuasion en la Comunicación**. Barcelona: Ed. Paidós, 1981., p.205.)

³⁹ Pfromm Netto, 1993, p.10, 15, 16, 20, 22, 28.

⁴⁰ Potter apud SCHILLER, H. **O Império Norte-americano das Comunicações**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976, p. 41.

⁴¹ MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Ed. Moderna, 1990, p. 109.

⁴² “Os meios mecânicos, que inicialmente eram encarados como instrumentos capazes de estender quase ilimitadamente os contatos entre os homens, parecem interferir paulatinamente entre as pessoas, distanciando-as entre si...” (Erausquin, Mantilla e Vazquez op cit p. 122)

⁴³ Marcondes Filho op cit. p. 109.

⁴⁴ “A **homogeneização cultural** que se tem desenvolvido por anos a fio nos EEUU, agora ameaça tomar conta do globo [...] em toda parte a cultura local está enfrentando uma avalanche da produção em massa da TV comercial que a ameaça submergir [...] pouquíssimas sociedades têm o poder industrial de resistir aos atentados violentos da TV comercial”. [grifo nosso] (Schiller op cit p. 30)

diminuir o nível cultural do público ⁴⁶, “adormecer as massas com frivolidades políticas” ⁴⁷, produzir conformismo, atuar em favor de interesses políticos e econômicos, manter o *status quo*, diminuir a força e o hábito do pensamento crítico, impedir o desenvolvimento de uma democracia verdadeiramente participativa, produzir uma deterioração nos níveis gerais de cultura, anular os logros sociais, despersonalizar, empobrecer afetivamente, estereotipar estruturas ocupacionais, e minorias étnicas⁴⁸, reduzir a “capacidade de inovação cultural” ⁴⁹, só para mencionar algumas.

A TV tem sido incluída dentro da categoria de ‘problema social’ da vida contemporânea por numerosos autores e cientistas ⁵⁰.

Conforme explica Pfromm Netto (1980), alguns dos argumentos que justificam este tratamento são;

a- A concentração do controle; o monopólio da comunicação de massa por grupos ou indivíduos atenta contra a variedade das opções de escolha e a livre concorrência.

b- A obliquidade e distorção nas informações; “atitudes, prevenções, critérios de julgamento, posições políticas e ideológicas” e limitações próprias do tempo em TV, dificultam uma seleção neutra e objetiva do fluxo de informações.

c- O conteúdo da TV; na medida em que o conteúdo apresentado se molda às características sócio-culturais, educativas e etárias da maioria da população receptora, e dada a singularidade

⁴⁵ “O desenvolvimento da comunicação por Rádio e TV, nos EE.UU, nos dá, talvez a mais prejudicial e recente mostra de como uma nova e empolgante possibilidade de enriquecimento intelectual e satisfação humanos pode ser transformada em um charco espiritual embrutecedor, por uma trama de instituições sociais retrógradas.” (Schiller op cit p.29.)

⁴⁶ “O delito dos administradores da sociedade do espetáculo não está tanto em enfatizar o uso da TV como em não favorecer as alternativas para tal uso. **Há um completo abandono da promoção de entretenimentos e espetáculos de maior valor cultural...**” [grifo nosso] (Erausquin, Mantilla e Vazquez op cit p.28.)

⁴⁷ Schiller op cit p. 30.

⁴⁸ Halloran op cit p. 22-50

⁴⁹ Marcondes Filho op cit p. 30.

⁵⁰ Horton e Leslie. apud, Pfromm Netto, 1980, p. 30.

de tais características, são deixados de lado assuntos “mais sérios, abstratos e profundos”, para atrair o maior público possível, com “violência, sexo e maus padrões de linguagem [...] valores (ou antivalores) de permissividade, contrários à boa organização familiar, ao bom relacionamento humano e a consideração dos assuntos da cultura e do espírito”, promovendo a “degradação, incoerência e oportunismo avassaladores, induzindo à apatia, distorcendo a realidade e explorando assuntos da sexualidade, drogas, e adolescência”.

d- A criança e a violência na TV; embora sejam inúmeras as comprovações do efeito deletério deste tipo de conteúdo nas crianças, o problema se multiplica se consideradas a intensidade da programação violenta e a assiduidade com que crianças a assistem.

e- A TV e o consumismo; relacionado ao uso excessivo de comerciais, seu conteúdo, seu apelo incessante ao consumo de bens materiais, alguns de duvidosa utilidade.

f- O efeito da TV nas crianças e adolescentes, espectadores precoces de programas em horários indiscriminados, são muito mais vulneráveis aos conteúdos apresentados. O poder econômico das grandes empresas aposta na intensidade do uso da TV nestas [e outras] faixas etárias e na sua capacidade para atingir concepções, atitudes e comportamentos em sintonia com seus propósitos comerciais.

g- A TV e sua influência na leitura e na linguagem; estudos mostram que a TV está associada a um declínio nas habilidades de comunicação oral e escrita.

h- Os noticiários de TV; geram efeitos sobre os hábitos de leitura e escrita, substituição de outras fontes de informação pela TV, e influência sobre a opinião e o comportamento públicos.

i- O impacto da TV sobre o pensamento e a solução de problemas; a aprendizagem de resolução de problemas mostrado pela TV, distorce os limites e meios necessários para superar as dificuldades da vida real, deixando de “penetrar na verdadeira natureza dos problemas que explora”.

Como acertadamente observa DeFleur (1971, p.24), "... se os aparelhos aparentemente inocentes que se encontram em nossas salas são realmente culpados dessas influências perniciosas, eles deveriam sem dúvida alguma ser considerados com alarme..."

No entanto, a TV tem gerado também reações menos incisivas e até mesmo divergentes. Estas se afirmam em parte, na ausência de provas contundentes que respaldem ou contrariem as acusações feitas contra o meio. Assim, desde o aparecimento da TV comercial, críticos e abolicionistas⁵¹ convivem com as opiniões dos que acreditam nas qualidades, benefícios e potencialidades do meio.

Seus defensores argumentam, entre outras coisas, que a TV tem sido responsabilizada por manifestações sociais indesejáveis ante a impossibilidade de explicá-las satisfatoriamente por outras formas;

"Cada vez que tentamos 'explicar' comportamentos hoje tão complexos como a delinqüência juvenil, o estupro, o roubo e o assassinato, atribuindo-os [...] aos filmes ou à TV, estamos jogando exatamente este jogo. Em nossa impotência para explicar, e, portanto, controlar estes desvios, tratamos de encontrar **causas individuais do mais fácil senso comum...**"⁵² [grifo nosso]

Dorr (1986, p. 20), sustenta que poucas pessoas adotam uma atitude mais positiva face à TV e reconhecem a importância que o meio pode ter na educação, na informação e na formação de atitudes e condutas .

⁵¹ "A opção abolicionista, que se inclina pelo abandono da TV, por sua utilização em casos concretos e excepcionais, é viável, mas unicamente à nível individual. Sociológica, comercial e politicamente a TV adquiriu um desenvolvimento e um poder que tornam inviável e impossível sua erradicação. [...] [com relação ao padrão de televisão ao qual estamos familiarizados atualmente] **É um padrão natural e inevitável na medida em que as forças do mercado forem deixadas à seu próprio curso, nem sendo canalizadas nem impelidas para direções pré-determinadas.**" [grifo nosso] (Schiller op cit p.31)

⁵² Mendelson apud Eurasquin, Mantilla e Vazquez op cit p.45.

McQuail (1983) concorda em que “os notáveis logros dos M de C em favor dos objetivos socialmente aceitos não sido muitas vezes omitidos, subvalorizados ou postos em dúvida...”⁵³

Newcomb (1979)⁵⁴, afirma que uma atitude negativa tem predominado em particular para com a TV, e como consequência, “há restringido o desenvolvimento de um clima crítico” que favoreça uma visão mais objetiva e imparcial sobre os verdadeiros efeitos e potencialidades do meio:

“... a TV usualmente é **condenada** pelo que não é antes que pelo que é, **ou pelo que poderia chegar a ser**, de modo que a TV [...] é percebida como um intruso em nossa cultura. [...] **Como é pouco ou nulo o desacordo que existe entre os integrantes do público quanto aos atributos negativos da TV, também é pouca ou nula a possibilidade de desenvolver refutações.** De maneira que o público televidente massivo é acrítico, e como tal fica à mercê de quem queira manipulá-lo. **Os investigadores não feito pouco para contradizer esta atitude negativa.** Mesmo porque, o público massivo ao qual pertencem já sentenciou à TV. **É verdade que existem estudos indicadores de que a TV pode fazer contribuições positivas, mas também neste terreno predomina uma atitude negativa.** Se diria que o espectador de TV há omitido sua responsabilidade mediante uma aceitação acrítica. [...] É preciso que tentemos integrar a teoria e a investigação de modo tal que facilite uma análise ativa da TV. Só a sua popularidade fundamenta esta proposta. Apesar do negativismo, é um dos meios mais populares que há conhecido nossa cultura”. [grifos nossos]

Boa parte dos que acreditam na função positiva da TV apoiam-se em argumentos como; “... apresenta o pecado e a corrupção, age como guardião de uma valiosa livre expressão, leva pela primeira vez alguma forma de cultura a milhões de indivíduos, proporciona uma distração inocente e diária para as massas cansadas da força de trabalho industrial e urbano, informa-nos sobre os acontecimentos mundiais, incrementa o nosso padrão de vida pela insistência incansável com que recomendam que adquiramos certos produtos para estimular a nossa

⁵³ Mc Quail, 1983, p.278-279.

⁵⁴ ct. por Reardon op cit p.206.

instituição econômica...”⁵⁵, oferece um importante marco de experiências pedagógicas para as crianças⁵⁶, promove o desenvolvimento econômico e as mudanças sociais⁵⁷, chama a atenção para a pobreza, a decadência urbana, cria “uma proximidade viva ao drama dos seres humanos em crise”⁵⁸.

Convém sublinhar que neste debate “aparentemente sem fim sobre os efeitos da TV”⁵⁹, embora se tenham confirmado por métodos confiáveis alguns dos argumentos e acusações feitas tanto em prol como em contra do meio, “... parece mais fácil levantar paixões que manter argumentos razoáveis”⁶⁰:

“Em conjunto a discussão sobre os efeitos da TV, tem sido mais acalorada que iluminada. **Os ataques e contra-ataques verbais nem sempre têm sido feito a partir de uma plataforma de realidades**, e isto é, em parte, consequência de que a base de fatos não tenha sido bem firme nem bem estabelecida.”⁶¹

O debate que rodeia a TV envolve em grande parte, crenças, opiniões informais e ‘palpites’, muitas vezes enunciadas e até publicadas a título de fatos inequívocos, vindas de pessoas ou setores da sociedade, que embora genuinamente interessados na utilização idônea do meio ou na prevenção de seus eventuais efeitos, não fundamentam seus argumentos nos resultados da investigação científica.

Isto por razões cuja análise extrapola o objetivo e espaço deste trabalho. No entanto, a título de meras hipóteses nos aventuramos a levantar as seguintes. Porque:

⁵⁵ DEFLEUR, M. *Teorias da Comunicação Massiva*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1971, p.24.

⁵⁶ Dorr, 1986, p. 64.

⁵⁷ SCHRAMM, W. *Comunicação de massa e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1970.

⁵⁸ Bogart apud Halloran op cit p. 85.

⁵⁹ Halloran op cit p. 49.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Halloran (op cit p. 26), sobre o debate surgido na Grã Bretanha ao redor dos efeitos da TV até a década de 70.

- tais evidências não foram produzidas num momento particular da controvérsia;
- foram consideradas insuficientes ou pouco aplicáveis a ambientes naturais ao limitar-se a populações específicas e situações particulares;
- não estiveram disponíveis em virtude de sua lenta produção ou precária difusão;
- mesmo existentes, suficientes, e disponíveis foram deliberadamente desconsideradas no exercício da crítica, discussão e tomada de decisões relativas ao funcionamento cotidiano do meio e às políticas e códigos éticos e sociais aos quais o meio, em virtude de sua extensa cobertura e uso intensivo, é obrigado a responder.

A revisão da literatura sugere que muita da controvérsia e do debate sobre os efeitos da TV pode - e está sendo - esclarecida com o concurso dos resultados da investigação científica. Seu aprimoramento permitirá entender melhor sob que condições, que tipo de conteúdo, e sobre que observador, a TV surtirá um determinado efeito.

É claro que, optar por uma forma mais confiável de estabelecer a veracidade das acusações e/ou méritos do meio, vai além de uma questão meramente formal. As conclusões às quais finalmente se chegue ou nas quais temporalmente se acredite, poderão ter eventualmente implicações práticas, se consideradas pelos encarregados de legislar, administrar e regular seu funcionamento. Embora não tenha sido denominador comum, em alguns países parte dos resultados da investigação em Psicologia Social sobre os efeitos da TV, têm sido considerados, mesmo que de forma tímida ou incompleta, na formulação de códigos de programação e regulação e no desenho de políticas relativas à sua função social.

Comstock (1978, p. 485), acredita que a demonstração de um efeito indesejável pode alterar as decisões que determinam a programação da TV. Sendo assim, afirma, "convenhamos em que é melhor que tais decisões sejam baseadas no conhecimento do que na ignorância". No seu entender, "o que a ciência social e comportamental pode fazer é prover evidência empírica sobre a legitimidade das várias afirmações e contra afirmações". Esta

evidência científica pode “prevenir quando a TV pode não estar atuando no melhor interesse da sociedade”. Desta forma o autor sustenta que, mesmo reconhecendo que a função das ciências comportamental e social na ação regulatória da TV é limitada, embora definida e específica, “a efetividade potencial do papel da ciência social e comportamental nas decisões políticas sobre a TV”, depende do grau no qual estas supram as demandas de informação dos muitos e variados setores que podem influenciar a programação e funcionamento da TV, especialmente o que se refere, à forma como se exerce a regulação externa e a auto regulação por parte das indústrias de produção e publicidade⁶²

Assim, como nos lembra Pfromm Netto (1993, p. 2);

“Há dois modos fundamentais de argumentar contra a influência deletéria de certos programas de TV. **O primeiro apóia-se no bom senso**, no raciocínio lógico e no primado universal dos princípios éticos, inscritos nos códigos morais da humanidade [...] esta maneira de argumentar é muito antiga. Deita raízes em textos de pensadores e educadores como Platão e Aristoteles e muitos outros que desde tempos pré-cristãos, alertavam às pessoas para a necessidade de impedir que os menores assistissem a espetáculos violentos e licenciosos. **A segunda maneira de argumentar busca pontos de apoio nos resultados das pesquisas científicas...**” [grifos nossos]

Vejamos algumas características básicas da maneira científica de argumentar.

⁶² COMSTOCK, G. et al. *Television and Human Behavior*. New York: Columbia University Press, 1978, p. 485.

1.2. Investigação Científica: uma aproximação alternativa

“Como uma aproximação alternativa ao conhecimento, o método científico constitui um intento de superar as fraquezas das formas informais de adquirir e avaliar crenças [...] de colocar a natureza como árbitro final de disputa entre os homens. Este fim pode ser alcançado unicamente seguindo cuidadosamente os parâmetros rigorosos e os procedimentos que ditam a lógica da investigação científica”.⁶³ [grifo nosso]

Não só o psicólogo social estuda a conduta humana, o historiador e o escritor criativo, o artista, entre outros, também o fazem. Porém, apesar da aguda intuição e profundidade que suas observações possam ter, elas divergem da forma de conhecer do cientista.⁶⁴

“A finalidade geral da Ciência consiste em proporcionar uma explicação objetiva, fatural e empírica do mundo. Está, pois, em contraste com os modos artístico, literário e religioso de pensar [...] [os cientistas] consideram os métodos científicos como sendo, simplesmente os métodos que preferem usar na busca de conhecimentos...”⁶⁵ [grifo nosso]

Embora sejam as observações informais da experiência cotidiana e as crenças que delas se derivam, uma rica fonte primária de conhecimento, elas **“podem e devem ser reexaminadas à luz do que há sido apreendido durante [...] décadas de pesquisa”.**⁶⁶

Tedeschi (1975, p. 38), ilustra a postura do cientista ante este tipo de conhecimento informal:

⁶³ TEDESCHI, J. e LINDSKOLD, S. *Social Psychology*. New York: Ed. Wiley & Sons, 1975, p. 39.

⁶⁴ WRIGHTSMAN, L. (Ed) *Social Psychology in the Seventies*. Belmont: Brooks, 1973, p. 33.

⁶⁵ MARX, M. e HILLIX, W. *Sistemas e Teorias em Psicologia*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973, p. 45-46.

⁶⁶ Dorr, 1986, p.208.

“Os cientistas apreciam os métodos apriorísticos porque eles são a fonte das suas hipóteses e intuições; mas eles insistem em testar essas idéias para melhor discriminar aquelas que podem suportar um exame crítico daquelas que não. [...] todo enfoque que se negue a reexaminar crenças adquiridas através de métodos apriorísticos é no mínimo, ingênuo e acrítico, e no máximo, decepcionante e dogmático”.⁶⁷

A principal diferença está no emprego de um método, na busca e comprovação de suas observações. O método científico de obter conhecimento é entendido como:

“... uma aproximação ao conhecimento [...] uma forma de pensar sobre problemas. **A ciência consiste em uma série de passos lógicos e metodológicos dedicados a responder perguntas e a resolver disputas relacionadas à realidade.** A Psicologia Social é uma ciência, o que caracteriza qualquer disciplina como ciência é a sua forma de adquirir conhecimento...”⁶⁸[grifo nosso]

O método científico afirma-se em uma série de premissas básicas, algumas da quais consideraremos brevemente ⁶⁹:

1- O método científico se baseia no pressuposto do determinismo, que sustenta uma visão ordenada da natureza. Desta forma, os eventos são determinados por princípios de causa e efeito, mais que por fatores aleatórios ou acidentais.

2- O método científico emprega uma aproximação empírica, isto é, “guiado pela evidência obtida em pesquisa científica sistemática e controlada” ⁷⁰;

“a evidência empírica freqüentemente controla a nossa mania desenfreada de fazer afirmações sobre as coisas, afirmações que podem ou não ser verdadeiras. [...] É importante porque mostra uma maneira de olhar o mundo e as pessoas profundamente diferente da maneira tradicional; que procura explicações apelando para a autoridade,

⁶⁷ Tedeschi e Lindskold op cit p 38.

⁶⁸ ibid., p.34.

⁶⁹ Com base na exposição de Wrigthsman op cit p. 35.

⁷⁰ KERLINGER, F. *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: Ed. EPU, 1980, p. 16-17.

senso comum, ou para a razão. [...] a evidência, então, é o centro de todo o processo. Sem ela as conclusões geralmente não têm valor científico”.⁷¹

Isto implica uma forma ativa e sistemática de coletar dados, difere portanto da aproximação racional do filósofo ou do crítico literário :

“O filósofo, em seu gabinete, indagando a si mesmo o que realmente conhece acerca de si próprio e do mundo, parte, muito naturalmente, de suas experiências, seus atos de vontade e sua memória, mas o esforço por compreender o espírito a partir desse ponto, desde a sua suposta descoberta por Platão, tem sido um dos grandes desvios a retardarem o papel do ambiente. [...] Infelizmente, é mais fácil e mais rápido a pessoa consultar-se a si mesma do que consultar a natureza. Assim, a razão tende a residir dentro de si mesma.”⁷²

3- O método científico emprega uma forma operacional de definir os conceitos. Isto significa, definir através da especificação das operações que medirão o conceito:

“Uma definição operacional atribui significado a um construto ou variável especificando as atividades ou operações necessárias para medi-lo ou manipulá-lo. Uma definição operacional, alternativamente especifica as atividades do pesquisador para medir ou manipular uma variável. É como um manual de instruções para o pesquisador...”⁷³

A definição operacional é necessária para permitir a comunicação entre os investigadores e tornar observáveis, repetíveis e verificáveis seus métodos de observação e medida.

4- O método científico difere de outros (como o do historiador ou novelista) na objetividade. “Ela é importante porque pode auxiliar a fornecer explicações mais exatas dos

⁷¹ *ibid.*, p. 16.

⁷² SKINNER, B.F. O Difícil e Tortuoso Caminho que conduz à Ciência do Comportamento. (In: HARRÉ, R. (Org). *Problemas da Revolução Científica, Incentivos e Obstáculos ao Progresso das Ciências*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976, p. 80.

⁷³ Kerlinger op cit p. 46.

fenômenos naturais”⁷⁴. Também aumenta a possibilidade de um acordo consensual ao colocar as conclusões longe de preferências e variáveis pessoais:

“Os testes das proposições científicas são feitos ‘lá fora’, o mais longe possível das pessoas e suas emoções, desejos, valores e atitudes, incluindo os do próprio cientista. Mas é isto precisamente o que deve ser feito. Deve-se obedecer ao cânone da objetividade ou abandonar a ciência”.⁷⁵

5- O método científico é cíclico por natureza. Começa com fatos, progride através de teorias e predições, para voltar a novos fatos que fecham o ciclo e começam o próximo.⁷⁶

Marx e Hillix, (1973, p. 45-46) oferecem uma descrição condensada da atitude e os propósitos da Ciência:

“A Ciência envolve, de fato, o estabelecimento de relações, de uma forma prescrita, entre eventos e linguagem. O método empírico é usado. As definições operacionais, a análise, o princípio de controle e a verificação de hipóteses fazem parte do procedimento científico. A finalidade da Ciência é estabelecer novas definições empírico-simbólicas que sejam ‘corretas’, no sentido de que conduzem à previsão e ao controle. **Embora as conclusões as que a Ciência chega não devam ser consideradas finais, elas têm pelo menos, a garantia de uma utilidade limitada, mediante os usos de procedimentos acima descritos, em suas linhas gerais.** Idealmente, as conclusões expressam-se numa terminologia bem definida, exata e quantitativa. [...] apesar das aceitações bastantes freqüentes de uma orientação bastante descritiva, é duvidoso que o interesse no desenvolvimento da teoria esteja alguma vez ausente. **O cientista, na grande maioria dos casos, não está preocupado com muitas questões filosóficas e o valor do estudo de tais questões é discutível. A atitude científica não é propensa a especulações altamente filosóficas [...]. O cientista não pode permitir que a filosofia o torne demasiado cético.** A Ciência parece exigir um grau médio de ceticismo para que seu avanço se faça com êxito [...] evitando perturbadores quebra-cabeças filosóficos. [...] assim talvez consiga escapar da armadilha do solipsismo.” [grifo nosso]

⁷⁴ ibid, p. 13.

⁷⁵ ibid, p. 15.

⁷⁶ ibid, p. 33.

Wrightsmann (1973, p. 35), afirma que, embora o emprego do método científico possa limitar o objeto de estudo ao trabalhar com conceitos que possam ser medidos objetivamente, quando usado cuidadosamente, assegura a exatidão e precisão nas conclusões, ao contrário da natureza especulativa das conclusões obtidas em aproximações não científicas.

No terreno do estudo dos efeitos dos MCM:

“... uma das principais tarefas dos cientistas sociais interessados nos efeitos associados aos meios de comunicação, é a de **reunir dados científicos referentes ao impacto** provocado pelos veículos em seus respectivos públicos, a fim de **substituir a especulação emocional** com uma documentação realista, que sirva de base para a discussão pública desse assunto [...] outra tarefa importante do estudo científico dos meios de comunicação é **fornecer dados adequados que sirvam para avaliar as conseqüências dos sistemas atuais de comunicação sob diversas condições de propriedade e controle; diversas estruturas políticas, sistemas econômicos e meios culturais históricos...**”⁷⁷ [grifos nossos]

Autores, críticos e estudiosos, acreditam que as decisões sobre o emprego de um meio como a TV, suas políticas de administração e controle, devem ser orientadas por um conhecimento preciso dos mecanismos e variáveis psicossociais que operam entre o meio e o comportamento; da forma como estas interagem numa complexa rede de fatores ambientais, sociais e culturais. Tal conhecimento, afirmam, só pode ser fruto da aplicação de técnicas rigorosas de investigação científica:

“Os países em desenvolvimento evidenciam, como já fizeram os mais desenvolvidos, que não podem aceitar com plena confiança quaisquer relatórios do público ou retroalimentação, a não ser os sistemáticos, que utilizam os **métodos de pesquisa** e preenchem os padrões mínimos”.⁷⁸ **“Não há nada de esotérico na pesquisa. É simplesmente o melhor meio encontrado até agora para a acumulação sistemática e pormenorizada de informações, com garantias que nos permitam estimar o grau de**

⁷⁷ DeFleur op cit p.24 -25.

⁷⁸ SCHRAMM, W. e LERNER, D. **Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento**. S.P: Ed. Melhoramentos, 1973, p. 273.

credibilidade das informações. Isto se consegue através da amostragem científica, planejamento adequado da pesquisa, aplicação e coleta uniforme de perguntas e respostas, síntese correta dos dados e aplicação adequada dos métodos estatísticos”.⁷⁹ [grifos nossos]

As ciências que estudam os efeitos dos MCM^{80 81} possuem no entanto, objetivos e aproximações diferentes na busca de conhecimento objetivo. Estas variam principalmente, em função do que se há denominado 'unidade de análise' ⁸². Toda ciência trabalha com sua própria unidade de análise, “Sociologia, Antropologia e Ciência Política, são disciplinas de ‘nível macro’; elas buscam inclusive leis de estrutura social, mudança social e padrões culturais. Elas desejam saber o curso da sociedade sem considerar o indivíduo”.⁸³

Halloran (1974), relata como até um ponto da história da investigação da TV, o debate sobre seus efeitos desenvolve-se de forma indiscriminada; “rara vez fazem-se distinções entre os diferentes níveis ou tipo de efeitos”.

A importância de diferenciar cada nível ou unidade de análise no momento de discutir, analisar ou avaliar nossos conhecimentos sobre os efeitos de um meio em particular, é endossada por McQuail (1983, p. 220):

⁷⁹ *ibid*, p.274.

⁸⁰ “...vale a pena lembrar que o estudo de como se geram os efeitos dos meios de comunicação sempre tem sido pluridisciplinar e que, com freqüência, cooperaram a Sociologia e a Psicologia, aportando a primeira as hipóteses gerais, e a segunda os modelos de aprendizagem e de mudança de atitude, os métodos experimentais e os procedimentos práticos.” (McQuail *op cit* p. 80-81)

⁸¹ Littlejohn (1988, p. 35), oferece uma amostra da variedade de aproximações e interesses das ciências que estudam a comunicação: “... pesquisa neurológica e cerebral; biônica; patologias da comunicação; fatores humanos; técnicas de mídia; aprendizagem verbal e condicionamento verbal; língua, lingüística e semântica; cognição, pensamento, resolução de problemas; personalidade, estudos psicológicos e psiquiátricos; comportamento interpessoal; estudos de pequenos grupos e redes de comunicação; organizações, teoria da organização, comportamento organizacional, teoria da administração; sistemas de comunicações e informação, ciências e tecnologia da comunicação; comunicação de massa, estudos sócio-culturais e sócio-políticos, comunicação animal; simulação; análise quantitativa e metodologia”. (LITTLEJONH, S. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988)

⁸² Também referido como “nível” de análise - cf. Halloran (1974) e McQuail (1983, p. 220-221)

⁸³ Lindsey e Aronson *op cit*, p. 2.

“Mais essencial todavia para a investigação e a teoria é respeitar as distinções entre os ‘níveis’ de ocorrência, distinguindo pelo menos os seguintes níveis: individual, grupal ou organizativo, de instituição social, da sociedade global e cultural. Todos e cada um deles podem ver-se afetados pela comunicação de massa, e os efeitos, qualquer que seja o nível em que se produzam, sempre implicam efeitos nos demais níveis”.

Sociólogos e antropólogos têm levantado dificuldades na obtenção de evidências empíricas. Tais dificuldades verificam-se em relatos de pesquisas realizadas em níveis maiores de análise macro-social e cultural:

“Os sociólogos, assim como a maioria das pessoas foram incapazes de compreender as estatísticas. Malgrado os numerosos estudos sobre a TV e seus efeitos realizados não só no mundo acadêmico mas também no mundo comercial, são poucas as conclusões obtidas em relação aos problemas realmente importantes criados pela TV. Em resultado disto, **não se podem confirmar nem negar sistematicamente as inúmeras acusações que tem sido feitas contra o meio [...]** A pesquisa social ainda não foi capaz de dissecar a complexa relação que existe entre produtores e público. Enquanto não compreendamos o sistema, **teremos que nos contentar em descrever os reflexos e as sombras da verdadeira (ainda que invisível) interação de massa e retroalimentação, que modifica e ao mesmo tempo, torna permanente o que é produzido e consumido na TV.**”⁸⁴ [grifos nossos]

“Os nossos próprios conceitos de análise dos meios de comunicação são literários, limitados à análise de conteúdo e sem relação alguma com as novas configurações dos meios eletrônicos. Provavelmente o melhor meio de analisar os meios de comunicação é através da **ignorância organizada**”.⁸⁵ [grifo nosso]

Quase 20 anos depois, outro sociólogo afirmava:

“... existem muitas dúvidas sobre o grau de incidência e o tipo de efeitos, e [...] nossos **conhecimentos são insuficientes para fazer qualquer predição**, por simples que seja, sobre a presença de um efeito num caso dado. Inclusive quando cremos poder fazer alguma predição, **por regra geral se baseia na experiência e na rotina e não num exato**

⁸⁴ Meyersohn apud ROSEMBERG, B. e MANNING, D. *Cultura de Massa*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1957, p. 399.

⁸⁵ Mc LUHAN, M. *Revolução na Comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Zahár, 1971, p. 14.

conhecimento de como se há produzido ou poderia produzir-se um efeito concreto. [...] Não cabe a menor dúvida de que os MCM são uma causa principal e **não dispomos de nenhuma autêntica explicação das pautas de pensamento, cultura e comportamento com profundas raízes** sociais e históricas.”⁸⁶ [grifos nossos]

“No lugar de exposições claras sobre a intensidade e a direção das distintas tendências dos MCM e da interação entre eles e a sociedade, dispomos de um certo número de observações bastante provisórias e que muitas vezes entranham posturas enfrentadas, de tal modo que a teoria dos MCM aparece às vezes como um conjunto de alternativas ou de desacordos sem solução. Isto não se deve a uma razão única, mas se deriva da **insuficiência dos dados**, da instabilidade das circunstâncias e a essencial ambigüidade e dualidade de muitos dos fenômenos implicados...”⁸⁷ [grifo nosso]

○ antropólogo Dube⁸⁸, parece concordar com as anteriores afirmações:

“... a política de comunicação, também tem sido prejudicada pela **escassez de pesquisa e avaliação científica e pela falta de um corpo de especialistas, que sejam adeptos do uso inovador da comunicação**. [...] Vários problemas da comunicação estão começando a ser identificados, mas até agora **não existem análises penetrantes do alcance e dimensões de lacunas, falhas e dificuldades nessas áreas**. Uma estratégia eficaz para atingir as massas rurais não pode ser desenvolvida porque muito pouco se sabe sobre grupos de referência, líderes de opinião e tomadores de decisão. [...] O alcance e a **eficiência de jornais, livros, rádio, e cinema, também não foram cientificamente avaliados**; na ausência desses dados, o traçador de diretrizes tem que proceder **baseando-se grandemente em palpite e intuição**. A inadequação do uso inovador das comunicações para o desenvolvimento é também explicada pelo **deploravelmente baixo número de pessoas que têm treinamento, experiência e vontade para avançar aos poucos e com dificuldade neste campo**”. [grifos nossos]

“A apologia e a rejeição com relação ao meio televisivo aí estão pois, sacando as suas espadas e **carentes de suficiente apoio científico**, de respaldos fidedignos a comprovarem o que defendem.”⁸⁹ [grifo nosso]

⁸⁶ McQuail op cit p. 215-216.

⁸⁷ idem, p. 269

⁸⁸ cit. por Schramm, e Lerner op cit p. 182-183.

⁸⁹ Erasquin, Mantilla e Vazquez op cit p.19.

“os resultados das investigações sobre comunicações de massa estão bastante pouco fundamentadas na realidade”.⁹⁰ [grifo nosso]

De fato, a obtenção de evidência objetiva, precisa e sistemática sobre os efeitos associados aos MCM, tem privilegiado o nível ‘individual-grupal de análise’:

“Acontece que a maior parte dos estudos têm se realizado sobre o nível individual, com as conseqüentes dificuldades para tirar conclusões sobre os efeitos nos níveis coletivos ou superiores ...”⁹¹ [grifo nosso]

A Psicologia Social contemporânea ainda mostra uma nítida tendência para concentrar-se no estudo da interação diádica, triádica ou de pequenos grupos^{vi}, da ‘micropsicologia social’, e deixar para a Sociologia aquilo que se poderia chamar de ‘macropsicologia social’, isto é, níveis de análise institucional, social e cultural.⁹²

Esta ‘tendência’ a se concentrar em unidades menores de análise, a caracteriza desde suas origens:

“O estudo dos **pequenos grupos** é mais um capítulo corrente da Psicologia Social. [...] **Foi nesse campo que a Psicologia Social, concentrava os seus primeiros esforços de invenção e aplicação de técnicas objetivas de pesquisa** com autores como Binet, Moede, Miport, e foi aí que a ciência conheceu seguida às modestas iniciativas, a proliferação mais abundante. Uma bibliografia de 1407 títulos elaborada em 1954, prova que, até essa data, a produção iniciada nos primeiros anos do século com um título por ano, alcançou uma proporção de três por semana, ao passo que nos EUA, os cursos universitários consagrados especialmente ao estudo dos pequenos grupos, atingiriam o número de duzentos.”⁹³ [grifos nossos]

A experiência e o conhecimento acumulado nesta área pela Psicologia Social já era considerável quando os sociólogos Lazarsfeld e Katz, ao estudar os processos de influência e

⁹⁰ Halloran op cit.

⁹¹ McQuail op cit p 221.

⁹² Rodrigues, 1973, p.10.

⁹³ STOETZEL, J. **Psicologia Social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1972, p. 229.

difusão de inovações na década de 40, chegam a propor uma 'integração' entre a tradicional pesquisa de grupo e o estudo dos processos de comunicação de massa;

"Chega a ser óbvio que a influência dos meios massivos não são unicamente comparáveis com a influência de pessoas [...] a influência dos meios massivos é, por assim dizer, refletida, pelo ambiente pessoal do consumidor final. Se uma pessoa influencia outra, não depende unicamente da relação entre as duas, mas também da maneira na qual elas estão inseridas dentro de círculos de amigos ou de colegas de trabalho. [...] nós certamente não trabalhamos com a teoria básica da dinâmica de **grupos** em mente. [...] os autores nesta área tem prestado pouca atenção à forma na qual seu trabalho está relacionado ao grande corpo de conhecimento relativo aos meios de massa, [...] **portanto, parece que como complemento natural e necessário para o nosso estudo, devemos tentar uma integração sistemática de ambos desenvolvimentos que têm crescido rápida e simultaneamente, mas que não se tem percebido mutuamente; a investigação do pequeno grupo, de um lado e o estudo da comunicação massiva e a influência pessoal através de amplas técnicas de investigação, de outro [...] assim, consideramos que a investigação do pequeno grupo tem contribuído para o entendimento da 'comunicação do grupo', isto é, ao problema de como os grupos se mantém em contato com o seu ambiente e como as influências externas afetam o grupo, e especialmente em relação com esta segunda linha de investigação, em que a influência pessoal intervém e os meios massivos chegam a ser evidentes.**"⁹⁴ [grifos nossos]

A importância de tal proposta encontra-se não somente no reconhecimento do papel do grupo como 'receptor intermediário' de fluxos de comunicação, mas na possibilidade que este oferece de estudar controlada e cuidadosamente uma gama de mecanismos básicos que governam os processos de comunicação, de explorar e até descobrir novas relações entre variáveis envolvidas;

"Os investigadores empíricos escolheram os pequenos grupos, porque queriam estudar neles os sistemas sociais, **mas desejavam ter a possibilidade de manipular seu objetivo dentro de certos limites.**"⁹⁵ "Como os microgrupos podem ser colocados em condições experimentais previamente estabelecidas, constitui um fator favorável a seu estudo a consideração metodológica que permite, neste caso, a aproximação dos

⁹⁴ KATZ, E e LAZARFELD, P. *Personal Influence*, New York: Ed. Free Press, 1966, p 7-8.

⁹⁵ Homans e Riecken apud Horckheimer e Adorno, 1956, p. 76.

critérios de exatidão experimental das ciências naturais ao estudo do grupo.”⁹⁶[grifo nosso]

Se existe uma relação entre o tamanho da unidade de análise, e a possibilidade de postular e/ou estabelecer relações causais a partir de evidência empírica, esta parece verificar-se no estudo dos efeitos dos MCM.

Destaca-se como, no nível de análise individual-grupal, a maior parte da investigação científica em comunicação massiva tem sido realizada pela Psicologia Social.

“O déficit de conhecimento objetivo nos níveis de análise macro-institucionais, sociais e culturais está diretamente relacionado com o fato de que a maior quantidade de pesquisa científica na área de C de M tem sido desenvolvida pela Psicologia e a Psicologia Social, isto é, nos níveis individual e grupal. Os seus aportes têm sido determinantes na evolução do conhecimento nesta área de estudo...”⁹⁷ [grifo nosso]

No capítulo seguinte veremos algumas das contribuições desta disciplina, na investigação dos efeitos da TV.

1.3. Conclusões

A TV, por suas características particulares, expansão e uso, é um dos MCM que tem gerado grande preocupação em círculos sociais e acadêmicos. O meio tem se revelado uma fonte de enorme potencial pedagógico. Tal fato divide aqueles que alertam para seus possíveis efeitos nocivos sobre o comportamento social, dos que a defendem como ferramenta de desenvolvimento e educação.

O produto de tais divergências se traduz num debate que nem sempre se baseia em fatos empiricamente comprovados:

⁹⁶ idem, p. 66.

⁹⁷ McQuail, 1983.

"Naturalmente, as pessoas são livres para especular o que desejem, mas não devemos confundir especulação com fatos científicos. A única forma de estabelecer se a TV causa ou não um determinado efeito, é ler a pesquisa sistemática, fazer mais pesquisa e analisar o que se tem encontrado. [...] Como indivíduos particulares podemos especular quanto desejemos; mas quando falamos como cientistas, devemos deixar de lado nossas intuições, tendências políticas, pressentimentos pessoais, e preferências estéticas e falar unicamente sobre dados. **A única questão para nós é o que a evidência mostra, isto é o que devemos apresentar ao público...**"⁹⁸[grifo nosso]

Porém, o que se apresenta ao público: pais, mestres e traçadores de diretrizes, nem sempre obedece a tais preceitos. É comum encontrar textos que se atribuem com naturalidade a missão de afirmar de forma irrevogável e conclusiva, apenas especulações sobre efeitos da TV, mesmo que ainda distantes de comprovação sistemática. Neles se misturam constantemente os limites entre a divagação e a informação objetiva. Tal fato contribui para: estimular aqueles que acreditam que os fatos se assemelham a palavras impressas, confundir leigos e iniciantes, e o que é pior, trivializar e desinformar sobre um tema de tamanha importância.

A este respeito, Pfromm Netto (1972) afirma :

"... obras pretensamente científicas, que nada mais são além de especulações e conjecturas sem qualquer suporte em pesquisa, contribuem para confundir ainda mais ao leitor que se inicia neste campo. É o que ocorre, por exemplo, com vários livros inegavelmente provocantes e sugestivos sobre CM, nos quais o leitor não tem meios para discriminar entre o fato cientificamente provado e a conjectura [...] são livros potencialmente perigosos para o estudante de comunicações..."⁹⁹

○ conhecimento objetivo sobre os efeitos do meio tem se construído e desenvolvido com o emprego da metodologia científica. ○ produto da pesquisa sistemática sobre os efeitos

⁹⁸ FREEDMAN, J. Television Violence and Agression; What the Evidence Shows. (In: OSKAMP, S. (Ed) **Television as a Social Issue: Applied Social Psychology Annual**. Califórnia: Ed. Sage, 1989, p. 144)

⁹⁹ PFROMM NETTO, S. **Comunicação de Massa: Natureza, Modelos e Imagens**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1972, p. 45.

da TV pode ser a base das decisões sobre regulação, legislação, e políticas de programação. Estas requerem informação objetiva, verificável, e empiricamente traduzível.

A Psicologia Social é uma ciência empírica que nada tem a ver com a retórica do senso comum ou a Filosofia Social. Estas especulam, e não testam empiricamente tais especulações pois foge ao seu alcance e propósito; "... a Psicologia Social [...] quando especula o faz em termos de hipóteses empiricamente testáveis."¹⁰⁰

"... a maneira pela qual a Psicologia Social contemporânea estuda o processo de interação humana é através do método científico."¹⁰¹

Um dos aportes mais valiosos da Psicologia Social ao estudo dos MCM, é sua própria unidade de análise individual-grupal e a possibilidade que esta oferece de observar processos básicos de comunicação em situações controladas. Sua perspectiva metodológica permite até hoje, uma grande atividade de pesquisa científica na área da comunicação massiva, promovendo o avanço do seu conhecimento objetivo.

Tais diferenças na unidade de análise têm privilegiado a Psicologia Social na obtenção de evidência empírica relevante sobre os processos básicos de comunicação e efeitos dos MCM.

¹⁰⁰ Rodrigues, 1973, p. 13.

¹⁰¹ idem, p. 5.

QUADRO 1: APARECIMENTO DA TV COMERCIAL: BREVE HISTÓRICO

À semelhança de outros instrumentos de comunicação, a TV resulta da somatória de diversos avanços técnicos precorrentes¹⁰², conjugados à pressão de forças econômicas interessadas no seu desenvolvimento¹⁰³.

Embora a primeira patente de TV fosse registrada na Alemanha em 1884 por Paul Nipkow, só em 1926, o inglês John L. Baird, baseando-se no sistema mecânico desenvolvido pelo primeiro, demonstrara o seu completo funcionamento no Instituto Real de Londres.¹⁰⁴

"A TV experimental nos Estados Unidos começou na década de 20. Os primeiros experimentadores utilizaram um disco mecânico de captação que falhou na composição rápida da imagem. A contribuição decisiva veio em 1923, quando Waldimir Zworykin inventou o iconoscópio, um tubo elétrico de TV. Trabalhos importantes também foram os de Philo Farnsworth, que criou a câmera eletrônica, e Allen, B Dumont, que aperfeiçoou os tubos receptores e os primeiros aparelhos para uso comercial."¹⁰⁵

Em 1927, usando ainda fios elétricos, a companhia americana de telégrafos e telefones realiza a primeira transmissão de longa distância, 200 milhas: H.E. Ives tentando um circuito fechado de TV conseguia que o presidente, Herbert Hoover, desde Washington fosse visto e ouvido em Nova York, para se transformar em 1939 na primeira TV a oferecer uma programação normal.¹⁰⁶

A primeira transmissão de um programa público tem lugar na Inglaterra, a BBC (British Broadcasting Corporation), no ano de 1936, durante o ano seguinte foram vendidos 20.000 receptores.

Os americanos não tardariam, para o ano de 1939 algumas estações de TV estavam sendo construídas¹⁰⁷, enquanto a NBC (*The National Broadcasting Company*) iniciava a transmissão regular de programas - entre 2 a 3 horas diárias e principalmente eventos esportivos, sobre bases

¹⁰²"Os progressos científicos no campo da eletricidade, da fotografia e do rádio seriam conjugados para a invenção de um veículo bem mais aperfeiçoado". (EMERY, E., AULT, P. e AGEE, W. *Introdução à Comunicação de Massa*. São Paulo: Ed. Atlas, 1971, p. 84)

¹⁰³"A descoberta do rádio e mais tarde da TV, proveio de mentes inventivas, mas o desenvolvimento destes meios de comunicação foi determinado, em todos os pontos, pelo sistema de mercado que os cercava [...] "Nos primórdios da história da radiodifusão americana, as forças críticas do mercado eram as indústrias em seu duplo papel de produtoras e difusoras, os consumidores que compravam os aparelhos de rádio - um dos efeitos secundários da bem sucedida industrialização da Europa ocidental e dos EE.UU., e a pressão crescente para dar escoamento às vendas de todas as linhas da indústria nacional. A interação desses elementos foi responsável, em larga escala, pelo padrão de rádio-televisão com o qual estamos familiarizados atualmente." (Schiller op cit. p.30, 31)

¹⁰⁴ FERRAZ SAMPAIO, M. *História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1984.

¹⁰⁵ Emery e Ault op cit. p. 84

¹⁰⁶ idem. p. 84

¹⁰⁷ DeFleur op cit p.104.

inteiramente comerciais¹⁰⁸. Por volta de 1941, havia cerca de 5.000 aparelhos de TV nos EEUU.¹⁰⁹

De ambos lados do Atlântico a expansão da TV só não foi mais veloz por causa do início da segunda guerra mundial. No entanto, a TV estava destinada a crescer. Em 1947, depois de pospor a transmissão imediata a cores, a Comissão Federal de Comunicações (FCC) dos EEUU da via livre à maior expansão que um meio de comunicação já teve na História.¹¹⁰

Durante 1948, o número de estações passou de 17 para 41, o de receptores aproximava-se de meio milhão. [...] Apesar da suspensão do licenciamento imposta pela FCC, de 1948 a 1952 o número de aparelhos atingiria 15 milhões [...], abolida a suspensão das licenças, a FCC autorizou em 1952 o funcionamento de 2000 novos canais. Em 1953, depois de longa controvérsia a FCC permitia a RCA a montagem de um sistema a cores. "Nos anos de 1952/53 deu-se a corrida do ouro. As grandes cadeias com a NBC e a CBS passaram a investir decisivamente na TV. Em 1955, o número de estações era de 439 e o de receptores de 33 milhões. Em 1960, havia 533 estações e 55 milhões de receptores. Em 1970 [...] havia 85 milhões de receptores, atingindo o 96% dos lares americanos."¹¹¹

Diversos fatores concorreram para que a difusão da TV na sociedade americana seguisse um ágil processo. A experiência ganha com a rádio, seu antecessor imediato, seria de especial importância¹¹². "O novo veículo não foi obrigado a elaborar uma estrutura de controle com o governo, esta simplesmente foi aproveitada da Rádio"¹¹³. O público, e os patrocinadores, já familiarizados com o seu esquema publicitário¹¹⁴, não tiveram dificuldades para assimilar o fundamento comercial da TV. Orientada comercialmente a TV procurou audiências em massa para atrair faturamento de patrocinadores comerciais, como também para seduzir novos clientes, que aliás acreditavam "...ser um veículo ainda mais eficiente para a venda de produtos."¹¹⁵

As eventuais fricções com outros grupos de comunicação - como jornais e telégrafos - foram salvas com a ampliação de acordos já existentes com a rádio. A noção da transmissão em cadeia,

¹⁰⁸ Liebert, Neale e Davidson op cit p. 4.

¹⁰⁹ DeFleur op cit p 104.

¹¹⁰ Liebert Neale e Davidson op cit p. 4.

¹¹¹ Emery e Ault op cit. p. 84-85.

¹¹² "A TV praticamente repetiu a fórmula de desenvolvimento da rádio. Como na era anterior, os responsáveis pelas decisões no setor privado buscaram o lucro rápido e usaram o interesse público no novo meio de comunicação para forçar a obtenção de vantagens mesquinhas...." (Schiller op cit p.37)

¹¹³ idem, p103

¹¹⁴ "Desde o início, a teledifusão dependeu inteiramente da renda dos anúncios para sobreviver e os anos de incerteza que caracterizaram os primeiros tempos do rádio não ocorreram com a TV." (Schiller op cit. p.38.)

¹¹⁵ "Foi a economia de mercado a que proporcionou o clima institucional dentro da qual a face da rádio-televisão americana adquiriu suas primeiras feições, assim como as sua características mais duradouras. Num ambiente que se distingue principalmente pela posse individual de bens que produzem renda, e um estado com poderes econômicos limitados, o mercado naquela época como agora, possuía uma dinâmica própria." (Schiller op cit. p.31, 38,103)

inclusive de produções do cinema - velho conhecido do público - não representava novidade alguma, "por estas razões previa-se uma pequena resistência popular para a aceitação do novo veículo."¹¹⁶ "O público fascinado com a nova criação no campo das comunicações, comprou televisores avidamente."¹¹⁷

O ambiente econômico seria outra variável determinante do ritmo de expansão. Terminada a segunda guerra, uma vez aperfeiçoadas as técnicas de produção e em pleno período de prosperidade econômica, período que prosseguiu quase ininterruptamente durante 20 anos, o poder aquisitivo da família mediana subiu a um ponto em que a propriedade dos aparelhos estava dentro das posses de quase todos¹¹⁸, ele constituía principalmente um símbolo de opulência¹¹⁹.

Alguns números ilustram a acelerada difusão da novidade. Em 1948 o número de aparelhos possuídos era de apenas 2 para cada 100 residências¹²⁰. Para 1949 o número equivalia a um milhão de aparelhos¹²¹. Nos inícios de 1950 a TV estava em cerca de 1 em cada 15 lares americanos¹²². Por 1951 haviam 10 milhões¹²³. Até março de 1956 mais de 35 milhões de um total de aproximadamente 49 milhões de lares nos EEUU contavam com um receptor de TV¹²⁴. Dois anos depois as cifras - em rápido aumento - indicavam 49.300.000 aparelhos, o que equivalia ao 83% de casas de família. Cerca de 500 canais alcançavam quase todas as áreas do território.¹²⁵ Ao final da década a TV estava em 7 de cada 8 lares americanos.¹²⁶

Nos inícios dos 60 registravam 50 milhões.¹²⁷ Na metade da década de 1960, "a TV havia virtualmente atingido seu ponto de saturação na sociedade norte-americana."¹²⁸ "Até 1967 a venda de TV totalizava 23 bilhões de U\$".¹²⁹ Para 1970, cerca de 80 milhões de lares no mundo possuíam um aparelho de TV, este número crescerá para meio bilhão em 1988.¹³⁰

¹¹⁶ De Fleur op cit. p.103.

¹¹⁷ Schiller op cit. p.37.

¹¹⁸ DeFleur op cit..104.

¹¹⁹ "aquelas famílias que possuíam um receptor se popularizavam rapidamente." (Liebert, p.5); "o desejo de ser reconhecido com proprietário [...] no período inicial de difusão foi tão forte que em certos casos algumas famílias instalavam antenas de TV de forma bem visível no alto de suas residências muito antes de poderem realmente adquirir os aparelhos nos quais pudessem ligá-las." (De Fleur op cit. p.103)

¹²⁰ idem, p.105.

¹²¹ Liebert, Neale, Davidson op cit. prefácio.

¹²² Dorr op cit. p.8.

¹²³ Liebert, Neale, Davidson op cit prefácio.

¹²⁴ Rosemberg e Manning op cit. p. 399.

¹²⁵ LACY, D. *Problemas y Perspectivas de la Comunicación de Masas*. Buenos Aires: Ed. Cultrix, 1968 p.349.

¹²⁶ "e de forma preocupante era mais rapidamente adotada por famílias com crianças novas..." (idem, p 9)

¹²⁷ Liebert, Neale, Davidson op cit. prefácio.

¹²⁸ DeFleur op cit. p.105.

¹²⁹ Schiller op cit. p.37.

¹³⁰ DUNNETT, P. *The World Television Industry: An economic analysis*. Londres: Ed. Routledge, 1990, p.1.

A TV hoje, está em mais de 95% de todos os lares norte-americanos, a maioria dos lares tem mais de um aparelho operando e supera em número a qualquer ferramenta eletrônica possuída por uma família americana.¹³¹ O televisor "é mais comum que telefones e banheiros".¹³²

O Brasil inaugura oficialmente em 18 de setembro de 1950 a TV comercial com 200 aparelhos receptores. Em 1990, passa a contar com 30 milhões de televisores em uso¹³³.

QUADRO 2: PADRÕES DE USO DA TELEVISÃO

Os estudos estatísticos mostram que já nos primeiros dias de vida as crianças são eventualmente expostas à TV; isto em razão do número de aparelhos distribuídos em diferentes ambientes do lar, da quantidade de horas que permanecem em funcionamento¹³⁴, e dado que os pais vêem TV durante atividades diversas como alimentação, higiene da criança, e tempo de entretenimento entre outras.¹³⁵

Outras pesquisas revelam que desde a mais tenra infância, a TV se constitui em companhia constante das crianças; os índices apontam que 78% das famílias usam a TV como "babá eletrônica".¹³⁶ Embora a conduta de assistir seja altamente ativa e descontínua,¹³⁷ "tem se estimado que cada criança nascida hoje, pelos 18 anos de idade, haverá gasto mais tempo vendo TV que em outra atividade, com a exceção do sono."¹³⁸

Porém, os padrões de uso da TV mudam com a idade.¹³⁹ As crianças vêem mais TV que os adultos e a vêem desde o princípio de sua vida consciente¹⁴⁰. Por volta dos 2 anos de idade, a maioria das crianças vê TV propositadamente; eles reconhecem alguns programas de seu agrado e

¹³¹ Liebert, Neale, Davidson op cit. prefácio.

¹³² Dorr op cit. p.8.

¹³³ MATTOS, S. *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história (1950-1990)*. s.l.: Ed. ABAP. 1990, p. 3-4.

¹³⁴ Em 1971, estimou-se que a média americana em que a TV permanece ligada é de 6 horas e 18 minutos por dia, (Liebert, Neale, Davidson op cit. p.8), embora como bem anota o referido autor, "este índice não reflita verazmente o índice de observação, já que com freqüência ninguém está presente em quanto está em funcionamento.

¹³⁵ Dorr op cit. p.104.

¹³⁶ Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 11.

¹³⁷ "As crianças com freqüência fazem outras coisas enquanto assistem, como, deveres de casa, entrar e sair do espaço da TV, e outras que dividem a sua atenção, como imitar simplesmente o que acabam de observar". (Murray apud COMSTOCK, G. *The evidence so far, The effects of TV on children and adolescents. Journal of Communication*. 1975, v.25, 4, p.26)

¹³⁸ Liebert, Neale, Davidson op cit. prefácio xv.

¹³⁹ Dorr op cit. p.104.

¹⁴⁰ Erasquin, Mantilla e Vazquez op cit. p.21.

rapidamente aprendem a apreciar o meio,¹⁴¹ mesmo que não compreendam cabalmente o seu conteúdo.¹⁴² Investigações apontam que a criança norte-americana passa entre 26 e 54 horas semanais vendo TV, com diferenças que variam em relação à idade; os telespectadores em idade pré-escolar alcançam os índices mais elevados.¹⁴³ Estas assistem entre 21 a 35 horas semanais.¹⁴⁴ Entre os 5 a 11 anos, a média geral de observação flutua entre 2 a 3 horas/dia para a maioria das crianças, e decresce para 1 e meia horas por volta dos dez anos de idade.¹⁴⁵

Algumas investigações não detectado um outro padrão geral de observação, composto por um ligeiro incremento face à o **final da infância** -25 horas semanais - e um decréscimo durante a **adolescência**, entre 12 a 14 horas semana.¹⁴⁶ Outras estimativas apontam que os adolescentes assistem cerca 21 horas semana.¹⁴⁷ Os **adolescentes**, na formatura de segundo grau, haverão gastado mais tempo em frente da TV que na sala de aula, e ao fazer 65 anos, 9 anos inteiros de suas vidas haverão sido dedicados a ver TV. No Brasil, Ribeiro de Almeida¹⁴⁸ estudou os hábitos e preferências de crianças entre os 7 a 12 anos de idade de 145 famílias de Ribeirão Preto empregando um questionário. Este avaliava também o nível educativo dos pais, tempo diário e horário preferido de observação, além de outras atividades nas quais o sujeito participa. O pesquisador encontrou que os sujeitos assistem TV perto de 4 horas diárias entre o meio dia e 6:00 da tarde, preferencialmente comédias, histórias de aventura, programas violentos e novelas. Explorando a exposição de crianças e adolescentes à TV "Coutinho (1972)¹⁴⁹ pesquisou o papel da TV na vida de ginásianos da cidade de Londrina no Paraná. Foram analisadas as respostas de 755 estudantes entre 13 e 22 anos de idade. Estes em sua quase totalidade, assistem regularmente os programas de televisão. Eles têm a televisão 'em alta conta, são consumidores habituais de programas de televisão, dispõem-se a aprender por meio dela e parecem satisfazer por meios da televisão, tanto as suas necessidades de fantasia como de experiências de realidade.[...] Coutinho constato que sujeitos com nível sócio-econômico mais inferior assistem mais à televisão de que os outros, e que a educação dos pais também é um fator importante quanto ao tempo de exposição à televisão. Há mais consumo em média quando o nível educacional é baixo [...] a média de consumo de televisão é de pouco mais de três horas por dia [...] As diferenças entre sexos são muito pequenas [...] quase a metade dos sujeitos gasta com a televisão um numero igual ou superior àquele que é gasto com as aulas no ginásio."

¹⁴¹ Dorr op cit. p. 104.

¹⁴² ibid, p.45.

¹⁴³ Comstock (1975, p.26) e Winn apud Erausquin, Mantilla e Vazquez (1983, p.21)

¹⁴⁴ Dorr op cit. p.104.

¹⁴⁵ Liebert Neale, Davidson op cit. p 8-9. Tais resultados têm sido encontrados na Inglaterra e nos EE.UU. A persistência destas leves flutuações no tempo de observação em função da idade, tem sido verificada por outros estudos. (Lyle e Hoffman apud Liebert, R., Neale, J., Davidson, E. op cit.)

¹⁴⁶ Witty (1966), Cháfee et al. (1970), Lyle e Hoffman apud Liebert, Neale, Davidson 1973, p.9.

¹⁴⁷ Dorr op cit. p.104.

¹⁴⁸ RIBEIRO de ALMEIDA, A. Televisão, pais e filhos: um estudo de preferências e hábitos diários. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1981 (Oct-Dec), vol 33, n. 4, p. 113-122.

¹⁴⁹ apud Pfromm Netto (1976, p. 132)

QUADRO 3: PADRÕES DE USO DA TELEVISÃO NA TERCEIRA IDADE

Uma pesquisa realizada em doze países dirigida a estabelecer como homens e mulheres que habitam ambientes urbanos gastam o tempo diário¹⁵⁰, revelou que em alguns países assistir à TV; a- é a atividade que consome mais tempo, perdendo somente para o sono, e o trabalho; b- como atividade única ocupa um terço de todo o tempo de lazer, e 40% do tempo quando descrita como secundária ou complementar a outra atividade; c- é a primeira atividade de lazer, superando a socialização, leitura, eventos fora de casa (cinemas, espetáculos, cerimônias religiosas), viagens, tarefas de casa, entre outras. Uma parte considerável da pesquisa psicológica, vem investindo no estudo dos fatores motivacionais [necessidades, interesses, gratificações e funções sociais] associados a diversos padrões de uso do meio.

Embora exista em outros países um importante corpo de investigação sobre os padrões de uso da TV, a forma como o idoso interage com o meio e os efeitos que para eles se derivam, não tem recebido a mesma atenção. Este tópico envolve grande interesse considerando que: 1- Pesquisas longitudinais revelam que a exposição continuada à TV está associada a uma variedade de efeitos em observadores assíduos: "... as concepções, crenças, e valores de observadores assíduos diferem sistematicamente daquelas dos usuários moderados nos mesmos grupos demográficos [...] há uma correlação entre ver TV e um acentuado e desbalanceado senso de perigo e risco [...] os espectadores assíduos percebem a realidade social de forma diferente que os espectadores mais moderados..."¹⁵¹ 2- Um grande número de pesquisas apontam que ver TV é a atividade predominante de lazer em adultos idosos¹⁵². Entre adultos de 55 anos de idade ou mais, o tempo de TV incrementa novamente¹⁵³. Diversos estudos sobre os padrões de uso¹⁵⁴ da TV, confirmam que comparativamente com outros grupos etários, os idosos são os maiores consumidores de TV: "Adultos acima de 55 anos consomem mais TV diariamente que qualquer outro segmento da população,

¹⁵⁰ Szalai, apud Comstock (1989, p.51)

¹⁵¹ GERBNER et al. The Demonstration of power; violence profile number 10. *Journal of Communication*. 1979, n 29 (3), p. 177-196.

¹⁵² Real, Anderson, e Harrington, op. cit. p. 81.

¹⁵³ "...entre os 2 a 11 anos de idade a TV consome entre 28 a 30 horas por semana, com pequenas flutuações entre os 2 a 5 anos, e os 6 a 11. [...] O uso diminui várias horas semanais durante a adolescência. [...] O tempo de exposição entre os adultos jovens de 18 anos volta aos patamares da infância e continua neste nível durante os 20, 30, e 40 anos de idade." (Comstock, 1989, p. 76.)

¹⁵⁴ O estudo dos padrões de uso (tradução da expressão '*Patterns of Use*'), faz parte da investigação dos '*Usos e Gratificações*' "... delineados para descrever e explicar o uso que os indivíduos ou agregados de indivíduos fazem dos meios." Sua premissa é que os indivíduos *usam* do conteúdo dos meios para obter gratificações ou satisfação de necessidades. "... é um modelo de recepção e não abarca todo o processo da comunicação. Porém proporciona um marco de referência para um grande número de estudos diversos." (McQuail, e Windhal, 1984, p. 147 e 152). De forma genérica o termo denota o estudo da intensidade [critérios quantitativos], qualidade [preferências de conteúdo], funções particulares às que o meio atende, forma de exposição [exclusiva ou paralela a outras atividades à TV], entre outros aspectos.

incluindo crianças. [...] Mulheres idosas assistem principalmente a programação diurna, homens idosos assistem principalmente no horário nobre, e ambos grupos vêm um número total de horas superior a qualquer outro grupo de homens e mulheres."¹⁵⁵

Real, Anderson e Harrington (1980, p.81) identificam uma correlação positiva entre a idade e o número de horas diárias de exposição à TV: "assistir [à TV] aumenta de 2.35 h/dia em homens de 19 a 30 anos para 3.75 h/dia em homens acima de 61 anos, as mulheres mostraram um incremento similar. [...] Esta tendência crescente continuou até a idade de 70 anos, depois da qual declinou levemente. Mesmo para aqueles acima de 80 anos, os níveis de exposição permaneceram mais altos que qualquer outro grupo de idade abaixo de 64 anos....". A TV é o único meio de comunicação cujo uso permanece estável ou incrementa quando as pessoas ultrapassam os 50 anos de idade. À medida que os adultos envelhecem, se tornam mais satisfeitos com a TV e menos propensos a prescindir dela.¹⁵⁶ Pesquisadores entrevistaram um total de 112 indivíduos acima de 60 anos. Eles encontraram que semanalmente os idosos assistem à TV perto de 31.5 h ($X = 4.5$ h/dia), 5% dos sujeitos responderam que não assistiam à TV, enquanto outros 5% registraram 60 horas ou mais de exposição semanal. A maior quantidade de exposição diária acontece após ao jantar ($X = 2.6$ h), seguida pelo período da tarde ($X = 1,2$ h). A menor quantidade de exposição acontece no horário matutino ($X = 0.7$ h).¹⁵⁷ 3- O envelhecimento da população é um dos principais fatores responsáveis pelo aumento no consumo da TV.¹⁵⁸ Comstock (1989,p.78) explica como o envelhecimento da população se associa ao incremento do uso da TV: "entre 1960 e 1980, a proporção de pessoas novas entre as idades de 10 a 29 anos aumentou notadamente de 23 para 31%, enquanto aquelas entre os 30 e 49 anos declinavam de 41 para 33 % e aquelas com 50 anos de idade ou mais, permaneciam estáveis [...] à medida em que o primeiro grupo se convertia no segundo e este no terceiro, a proporção do público que assistia à TV na categoria de idosos incrementava". 4- Os índices populacionais apontam o aumento contínuo do número de idosos em todo o mundo em virtude do incremento nas expectativas de vida e outros fatores relacionados. 5- Não existe pesquisa sistemática neste tópico no Brasil. Considerando os fatos precedentes, é simples explicar porque os psicólogos têm formulado diversas perguntas sobre a relação entre TV e a população idosa. Embora muitas delas se relacionam com as atitudes em relação ao idoso¹⁵⁹, a forma como ele percebe suas representações na TV, em que medida e porque mecanismos a TV contribui na

¹⁵⁵ REAL, M.; ANDERSON, H. e HARRINGTON, M. Television Access for Older Adults. *Journal of Communication*. 1980, Winter, vol. 30, N 1, p. 81.

¹⁵⁶ Comstock (1989, p. 76)

¹⁵⁷ KORZENNY, F. e NEUENDORF, K. Television Viewing and Self-Concept of the Elderly. *Journal of Communication*. 1980, winter, vol 30, N 1, p 71-80, p. 72.

¹⁵⁸ Comstock (1989, p. 78)

¹⁵⁹ Sobre a pesquisa em atitudes em relação ao idoso brasileiro no livro, *Envelhecer num País de Jovens* a autora sublinha a escassa produção acadêmica, a restrição a âmbitos de interesse particular nos trabalhos produzidos e a pobre divulgação desta informação. Tal estado de coisas dificultaria a "discussão e geração de formas sistemáticas de investigação." (NERI, A. L. *Envelhecer em um País de Jovens*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991, p. 31)

formação de estereótipos sociais do idoso, como estão relacionadas a exposição às representações e estereótipos sociais na TV com o auto-conceito e a auto-estima do idoso, entre outros. Um estudo realizado por Korzenny e Nuendorf (1980, p. 80), revelou que os idosos se vêem a si mesmos apresentados na TV, em ordem de frequência, como: 'bem humorados', 'mentalmente alertas', 'inteligentes', 'fisicamente ativos', 'sérios', e 'tratados respeitosamente'. Convém notar que estas percepções dos idosos sobre a forma como são apresentados na TV, distancia-se muito das imagens que outros estudos têm identificado. Quanto às autopercepções, os sujeitos descreviam-se como, 'pessoas felizes', 'tratados gentilmente pelos outros' e 'dividindo com outros seus interesses'. Após análise de regressão e correlação os resultados mostraram a relação entre auto-conceito e TV:

- a- Quanto maior a idade, maior a probabilidade de que o idoso prefira programas de conteúdo ficcional ('fantasia'), sua exposição à TV obedeça a um desejo de 'escape' e, perceba-se representado na TV como 'à margem da sociedade' ou como 'cômico', e seu auto-conceito seja menos positivo;
- b- Quanto maior a idade e a exposição a conteúdos de 'realidade', menor a probabilidade de que busque a TV como 'escape'; o idoso assistirá mais 'informação', se perceberá representado como 'cômico/divertido', e seu auto-conceito será menos negativo;
- c- Quanto mais o idoso busque na TV 'escape', mais ele perceberá que o idoso na TV é representado como um 'recurso valioso' para a sociedade e como 'cômico'. Nessa medida menos positivo será seu auto-conceito, e paralelamente mais negativa sua auto-imagem;
- d- Quanto mais o idoso busque informação na TV, mais perceberá a representação do idoso como um 'recurso' para a sociedade;
- e- Quanto mais o idoso perceba que é representado na TV como um 'recurso' para a sociedade, mais positivo será seu auto-conceito. [...]

De forma análoga quanto mais o sujeito perceba que o idoso é representado na TV como 'relegado' pela sociedade, menos positivo será seu auto-conceito; f- Quanto mais o idoso se perceba representado na TV como 'merecedor de respeito', mais negativo será seu auto-conceito. -"As dimensões positivas e negativas do auto-conceito no idoso estão medianamente correlacionadas de forma negativa"; g- Quanto maior a idade, mais o sujeito perceberá a representação do idoso na TV como 'respeitado' e como 'recurso'. Porém quanto maior a idade do indivíduo mais negativo será seu auto-conceito. "o auto-conceito no idoso varia com o conteúdo que ele prefira na TV, as funções a que atende individualmente, e as percepções sobre a forma em que se percebe apresentado na TV."

Resulta também de grande interesse o fato de que se perceber positivamente representado na TV prediz um auto-conceito positivo, enquanto que ver-se representado como 'relegado' está relacionado com um preditor de auto-conceito negativo. De acordo com estes autores, os achados sugerem que a forma como o idoso é representado na TV "pode ajudar na promoção de uma auto-imagem positiva e uma integração mais produtiva na sociedade". Para explicar como e porque os indivíduos vem TV se há empregado também o Modelo dos "Usos e Gratificações". Esta corrente sublinha "que a conduta da audiência deve explicar-se em boa medida a partir das necessidades e interesses do indivíduo"¹⁶⁰.

¹⁶⁰ McQUAIL, D. e WINDAHL, E. Modelos para el Estudio de la Comunicación Colectiva. Pamplona: Ed. Universidade de Navarra, 1984, p. 147.

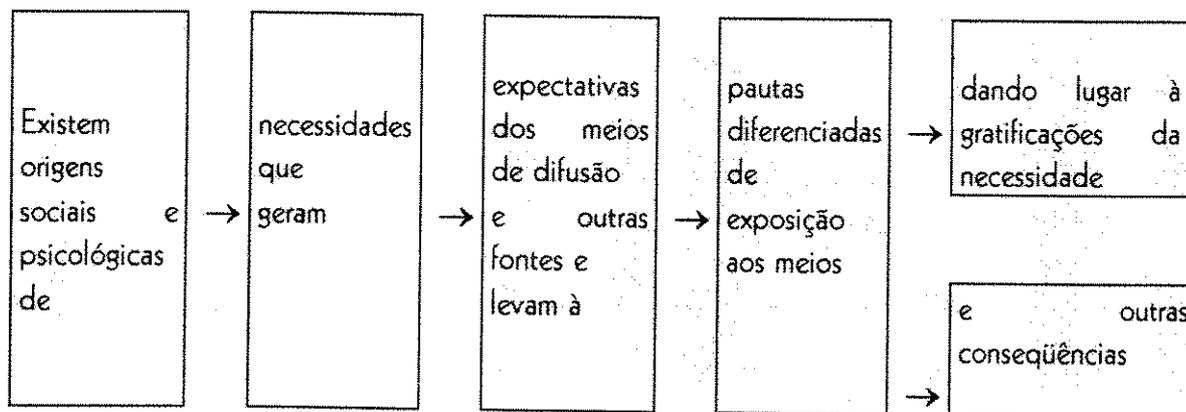


Fig. 1. Elementos do Modelo de investigação sobre os Usos e Gratificações.

Entendido no contexto gerontológico, o modelo incluiria as motivações¹⁶¹ e necessidades particulares do idoso que impulsionam o uso da TV, as origens sociais de tais necessidades que pretendem ser supridas com o uso do meio¹⁶², a forma como elas são satisfeitas em função das preferências¹⁶³ de conteúdo selecionado, dando lugar a diferenças nas formas de exposição ao meio, e os efeitos derivados do uso¹⁶⁴.

¹⁶¹ "... a informação, o envolvimento social, e a compensação parecem ser as principais motivações dos idosos para assistir. [...] A TV também serve a uma função de companhia na vida das pessoas idosas. [...] permite que a pessoa idosa, especialmente aquelas que vivem sós, mantenham a ilusão de estar num mundo populoso, e desta maneira reduzir seu sentimento de isolamento. Esta função de compensação [...] mantém o bem-estar psicossocial entre as pessoas idosas..." (Real, Anderson e Harrington, M. op. cit. p. 83)

¹⁶² Respostas a questionários extensivos de 1411 sujeitos acima de 55 anos de idade, mostraram que embora fosse o mais criticado, a TV figurava como o meio de comunicação 'preferido' (sobre os outros meios em educação, interesse, importância e entretenimento). Porém, muitos responderam que os programas de TV não oferecem suficientes alternativas educacionais (69.8%), não contribuem na solução de problemas (61.1%), nem à informação sobre programas sociais (60.6%), e que prima o escapismo e a trivialidade (30.1%) (HARRINGTON, M. A Study of Mass Media Use, Preferences and needs of an Ederly Population in the San Diego Area. (In: REAL, M., ANDERSON, H. e HARRINGTON, M. Television Access for older Adults. *Journal of Communication*, 1980, Winter, vol 30, n.1, p. 84)

¹⁶³ Os estudos revelam que com a idade se incrementa a **preferência por** programas de notícias, assuntos públicos, shows de variedades e um declínio por dramas de todos os tipos, comédias e histórias de amor. Entre as mulheres, tanto novas como idosas confirmam a audiência diurna de telenovelas mas as idosas se mostram mais propensas a assistir programação diurna, concursos e shows de jogos. [...] Numa pesquisa de 1411 idosos, as notícias, concursos, documentários, e shows de entrevistas pontuaram menos em popularidade.." (Real, Anderson e Harrington op. cit. p. 81)

¹⁶⁴ Em sua maioria não pretendidas. cf. McQuail e Windahl op cit.p. 148-149.

CAPÍTULO 2

TELEVISÃO E PSICOLOGIA SOCIAL

Áreas centrais de estudo da Psicologia Social relacionam-se direta ou indiretamente com a TV. A própria comunicação humana¹⁶⁵, o estudo da interação social, da socialização e/ou aprendizagem social, a formação e mudança de atitudes e opiniões, sua relação com os processos de influência social e o exercício da comunicação persuasiva, a percepção social, os estereótipos e representações sociais, a conduta altruísta, a transgressora e/ou violenta, a difusão de inovações, a preocupação com a prevenção e solução de problemas sociais, são entre outros, tópicos de interesse da Psicologia Social onde pode-se observar a presença da TV, quando não sua marcada influência.

Algumas delas têm sido revisadas - e por vezes reformuladas - à luz do aparecimento de novas tecnologias, como no caso da aprendizagem observacional por modelamento simbólico via TV e sua função determinante nos processos de socialização e causação de conduta, onde a TV tem deixado mostras evidentes da sua influência.

Várias definições de Psicologia Social¹⁶⁶, sublinham aspectos particulares de um objeto de estudo e não contemplam de forma explícita o estudo do impacto dos MCM;

¹⁶⁵ "a comunicação é um dos mais penetrantes, complexos e importantes aglomerados presentes em nosso comportamento [...] As nossas vidas cotidianas são afetadas da maneira mais séria pelas nossas próprias comunicações com os outros, assim como pelas comunicações de pessoas distantes e desconhecidas. De fato, estamos vinculados por nossas mensagens e pelas mensagens dos outros. Se existe necessidade de conhecimento acerca de nosso mundo, essa necessidade estende-se a todos os aspectos do comportamento humano, especialmente a comunicação. [...] A comunicação não é um ato singular e unificado mas um processo constituído por numerosos aglomerados de comportamentos. [...] é primordialmente um ato de interação simbólica." (Littlejohn op cit. p. 18, 34,65).

¹⁶⁶ Definições de Psicologia Social; "A Psicologia foi definida como o estudo científico das atividades do indivíduo. Pode a Psicologia Social ser definida como o estudo científico das atividades do indivíduo influenciado por outros indivíduos. Esses outros podem exercer sua influência singularmente ou em grupos; podem agir diretamente pela presença no meio ambiente ou, indiretamente, através dos modos tradicionais ou desejados de comportamento, afetando ao indivíduo mesmo quando este se encontre isolado. Mesmo

"A Psicologia Social estuda as manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação [...] a interação humana constitui, pois, o objeto de estudo da Psicologia Social..."¹⁶⁷

A definição sugere que;

a- a interação humana, e mesmo a sua antecipação imaginária, possui a capacidade de gerar manifestações comportamentais.

b- tal interação é objeto primário de seu estudo.

Sujeitar-se rigidamente a esta definição, poderia questionar a pertinência do interesse desta ciência nos MCM. Porém, indo um passo além, revela-se que o exercício da comunicação, seja verbal ou não verbal, presente ou imaginária, se encontra na medula de toda interação humana. Interação pressupõe uma causação mútua de dois ou mais elementos entre si. A interação assume a existência de um código particular de sinais ou símbolos [verbais ou não] e seu emprego em uma forma de comunicação que possibilite a interação. Disto deriva-se por consequência lógica, como o estudo da Comunicação humana diz respeito à Psicologia Social.

O efeito de uma comunicação, mesmo que unilateral, como no caso dos MCM tradicionais não interativos, também constitui alvo do interesse da Psicologia Social, na medida em que envolve a participação de 'outras pessoas'. Estas, embora apresentadas simbolicamente via TV e não presenciais, empregam códigos diversos de comunicação, transmitem mensagens

quando reage [...] ele está sendo influenciado pelos outros indivíduos pelo modo como os vê [...] Se, por sua vez afeta os que o afetavam [...] podemos falar de interação, considerada por certo número de autores como a essência da Psicologia Social." (KLINEBERG, O. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1972, p.17) "A Psicologia Social é um dos campos científicos dedicados ao estudo objetivo da conduta humana. Sua atenção se centra, especialmente, na compreensão das influências que produzem regularidades e diversidades no comportamento social humano, para cujo estudo emprega a análise sistemática de dados, que se obtém mediante rigorosos métodos científicos. O caráter distintivo da Psicologia Social surge de dois fatores fundamentais; primeiro, seu interesse no indivíduo como participante nas relações sociais; segundo, a singular importância que atribui à compreensão dos processos de influência social subjacentes a tais relações." (HOLLANDER, E. **Princípios e Métodos de Psicologia Social**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1968, p.14)

¹⁶⁷Rodrigues op cit. p. 3-5.

não menos variadas e são fonte de modelos de aprendizagem social. Como tem sido amplamente demonstrado, a simples observação da conduta de outros - o que exclui a noção de interação bidirecional - possui um enorme potencial pedagógico de conduta social. Tais experiências vicárias podem ensinar, inibir ou desinibir padrões de conduta, pensamento e afeto já aprendidas, incidir na atenção e percepção seletiva de estímulos do ambiente, além de gerar respostas emocionais. Considerando a precocidade, a intensidade e o uso cultural extensivo da TV, resulta evidente o porquê do interesse da Psicologia Social no Meio.

No seu 'Handbook of Social Psychology', Aronson e Lindsey (1968, p.3) oferecem uma definição mais abrangente da disciplina:

"Com poucas exceções os psicólogos sociais consideram a sua disciplina uma tentativa de compreender e explicar como o pensamento, o sentimento, e a conduta dos indivíduos são influenciados pela **presença implícita**, fatural ou **imaginária** de outros." [grifos nossos]

Disto se desprende que a observação da conduta de 'outros', mesmo que apresentados de forma simbólica, via impressa, ou audiovisual, não presencial, e seu efeito sobre o comportamento, cognição e afeto do observador faça parte do interesse da Psicologia Social.

Como veremos a seguir as relações entre a Psicologia Social e o estudo dos efeitos dos MCM, vão além de uma coincidência de tópicos de interesse. A estas disciplinas ligam-nas fortes raízes históricas.

2.1- Antecedentes

O estudo da comunicação humana é uma das áreas de interesse das Ciências Sociais que permite ilustrar com eloquência a importância das contribuições da Psicologia Social ao

avanço do conhecimento. As raízes da Psicologia Social, tanto quanto o seu desenvolvimento compartilham com o estudo da comunicação de massa uma estreita relação.¹⁶⁸

Os psicólogos e psicólogos sociais têm se interessado pelo estudo dos efeitos sociais e comportamentais associados à aparição de cada novo meio de comunicação surgido no decorrer deste século.

“Vários psicólogos eminentes ligaram-se permanente ou transitoriamente às origens e ao desenvolvimento dos estudos da C de M. Assim é que, por volta de **1916**, Hugo **Munsterberg**, ex-discípulo de **Wundt**, [*alemão e fundador da Psicologia Experimental em 1876*], sucessor de William James no laboratório de Psicologia da Universidade de Hárvard e fundador da Psicologia Aplicada, publicou um estudo pioneiro sobre Psicologia do cinema, *The Photoplay, a Psychological Study*. Em **1919**, K. S. **Lashley**, que se tornaria famoso por suas contribuições à Psicologia Fisiológica, e J.B. **Watson**, fundador do Behaviorismo, conduziram uma das mais antigas pesquisas conhecidas sobre os efeitos do filme cinematográfico. (Lashley e Watson, **1922**)^{vi}. Os estudos sobre problemas de motivação, tipos de verbalização, conteúdo e aprendizagem em filmes cinematográficos [...] contaram com a direção de Frank **Freeman**, Psicólogo Educacional e autor de estudos clássicos sobre testes de Inteligência. [...] Na área do rádio, pesquisas psicológicas pioneiras foram levadas a cabo na década de 1930 por H. **Cantril** e Gordon W. **Allport** (**1935**)¹⁶⁹ que no Laboratório de Psicologia da Universidade de Harvard, conduziram numerosas investigações sobre fatores psicológicos e culturais relacionados com programas de rádio e respostas de audiência a estes...”¹⁷⁰[grifos nossos]

Com o emprego de seu acervo de ferramentas teóricas, metodológicas e psicométricas, se produz grande parte da evidência que redimensionou em diversas ocasiões, as noções mais

¹⁶⁸ LIVINGSTONE, S. *Making Sense of Television*. Oxford: Ed. Pergamon, 1990, p. 7.

¹⁶⁹ **Gordon Allport**, mais conhecido por seus estudos de personalidade, escreveu “The Historical Background of Modern Social Psychology”, uma famosa introdução histórica do “Handbook of Social Psychology” de Lindzey e Aronson, em 1954. “Embora Kurt Lewin fosse um dos pais da Psicologia Social, o campo estava em desenvolvimento muitos anos antes que ele se envolvesse com esta disciplina. **Gordon Allport**, Muzafer Sherif, Theodor Newcomb e Daniel Katz, entre outros, fizeram, e estavam fazendo, importante investigação.” [grifo nosso] (ROGERS, E. *A History of Communication Study: A Biographical Approach*. 1994, New York: The Free Press, p. 325)

¹⁷⁰ Pfromm Netto op cit. p.46-48.

generalizadas e unanimemente aceitas sobre o poder dos MCM, e sobre a qual se sustentam atualmente muitos dos enunciados e teorias formulados pela Psicologia Social sobre o alcance dos seus efeitos no comportamento: ¹⁷¹

“A investigação de caráter científico no estudo dos efeitos dos meios se apoiava em boa parte sobre os desenvolvimentos teórico-metodológicos da Psicologia Social.”¹⁷²
[grifo nosso]

A história da investigação dos efeitos dos MCM oferece um exemplo de tal afirmação. Nas primeiras décadas do presente século, quando predominava a noção sociológica da ‘sociedade de massa’ em íntima relação com o modelo de causação direta ‘hipodérmica ou de esponja’; “... a imagem era, por uma parte, a de uma **massa atomística** de milhões de leitores, ouvintes e espectadores de cinema preparados para receber uma mensagem, e pela outra, a mensagem como estímulo direto e poderoso para a ação que podia elicitar uma resposta imediata.” ¹⁷³ [grifo nosso]

Neste período da história da investigação sobre os efeitos dos MCM, se lhes atribuía um imenso poder, e eram **“vistos como um novo tipo de força unificadora- uma forma simples**

¹⁷¹ “...o aparecimento de métodos de pesquisa quantitativa introduziu novas idéias que influenciaram consideravelmente a análise da natureza da sociedade e divergências adicionais na teoria sociológica [...] houve também uma acumulação considerável de dados empíricos que esclarecem os processos particulares de comunicação e seus efeitos específicos.” (DeFleur, 1971, p.136.)

¹⁷² Mcquail, 1983, p. 217.

¹⁷³ Katz, E & Lazarsfeld, P.1966, p.16. A este respeito comenta Mattellart (1994, p. 74); “É a época em que prevalece a **Teoria mecanicista estímulo - resposta** em sua versão primitiva. **A força de persuasão da propaganda** por via dos meios de comunicação de massa deixava o público sem armas, reduzido ao estatuto de receptor passivo de mensagens preparados pelos especialistas de opinião [...] **Essa primeira teoria é dificilmente separável da acumulação realizada na Europa, desde o fim do século precedente, no campo da sócio-psicologia da opinião das multidões.** Em primeiro lugar, temos os trabalhos do francês Gabriel Tarde. Nos EEUU **essa nova disciplina vai se desenvolver principalmente, no departamento de sociologia de Chicago, com orientação psicológica, onde Laswell**, entre outros, trabalharam durante alguns anos. É nesse berço da sociologia americana da comunicação sob o signo do **empirismo** que, em particular, serão levadas a

de sistema nervoso - alcançando todo olho e ouvido, numa sociedade caracterizada por uma organização social amorfa e umas pobres relações sociais ”: ¹⁷⁴ [grifo nosso]

“... até finais da década de 1930, se supunha que os meios de comunicação [...] dispunham de considerável força para conformar a opinião e as crenças, mudar os hábitos da vida e moldar eficazmente o comportamento de acordo, mais ou menos, com a vontade de quem estava em condições de controlar os meios de comunicação e seu conteúdo. [...] **Estas opiniões não se baseavam em estudos científicos, mas na observação da imensa popularidade da imprensa e dos novos meios de comunicação que eram a rádio e o cinema, e sua intromissão em muitos aspectos da vida cotidiana.** [...] as pessoas sentiam-se inclinadas a crer que os meios de comunicação podiam ter um poder imenso. **No contexto destas crenças e da propensão a aceitá-las, iniciou-se a investigação de caráter científico, utilizando levantamentos e experimentos, e baseando-se em boa parte nos supostos da Psicologia Social.**” ¹⁷⁵ [grifos nossos]

Esta fase da história dos efeitos dos MCM, registra uma busca de formas mais precisas e sistemáticas de conhecimento e um **afastamento da tradição especulativa** europeia na interpretação dos efeitos dos MCM;

“Durante a década de 1930, os estudiosos manifestavam interesse pelos veículos de comunicação como tema de pesquisa, e principiaram a se **afastar das simples especulações** sobre seus efeitos **partindo para estudos sistemáticos** sobre o impacto provocado por um conteúdo particular de comunicação sobre tipos particulares de pessoas.” ¹⁷⁶ [grifos nossos]

“Nos EEUU [...] a Psicologia e a Sociologia adquiriram bases mais solidas e procuraram **escapar cada vez mais ao domínio das especulações de suas origens europeias.** Ambos setores do conhecimento interessaram-se profundamente pela pesquisa empírica. Em consequência, suas **teorias foram forçadas a receber uma comprovação mais concreta da realidade.**[...] A teoria mecanicista do E - R [...] não era mais considerada

efeito as primeiras tentativas de fazer a ‘**avaliação das atitudes.**’ ” [grifos nossos] (menciona a Robert Park e a Charles Cooley como representativos da escola de Chicago).

¹⁷⁴ Katz e Lazarsfeld op cit. p. 16.

¹⁷⁵ McQuail op cit. p. 217.

¹⁷⁶ DeFleur op cit. p. 162.

suficiente pelos teóricos gerais [...] novas teorias eram procuradas [...] o campo da comunicação de massa estava adquirindo uma base empírica”.¹⁷⁷[grifos nossos]

Neste clima intelectual, se desenvolve o primeiro programa sistemático de pesquisa sobre os efeitos dos MCM, conhecido como o programa de estudos do ‘Fund Payne’¹⁷⁸.

Os resultados deste primeiro programa de estudos sobre os efeitos dos MCM, realizado nos inícios da década dos trinta¹⁷⁹, revelou a participação de inúmeras variáveis mediadoras (muitas de íntimo cunho psicológico; tais como atitudes, preferências, diferenças individuais, fatores de aprendizagem prévio, percepção seletiva, nível de desenvolvimento cognitivo, estados motivacionais, emocionais, atencionais e memorísticos, perfis de personalidade, entre outras), que mediavam de forma significativa a relação entre os meios e o comportamento:

“A principal conclusão do relatório é que **um mesmo filme pode afetar os sujeitos diferenciadamente dependendo da sua idade, sexo, predisposições, percepções, ambiente social, experiências passadas e influências paternas, entre outros. [...] Os efeitos estariam condicionados a condutas, emoções, atitudes ou conhecimento sobre pessoas ou eventos. [...] Baseados em medidas de ativação fisiológica, argumentavam que as crianças variavam amplamente na suas reações emocionais de acordo com a estimulação, mas que tais diferenças eram causadas por uma variedade de habilidades para compreender a informação na tela associadas à sua idade [ex.; crianças mais novas tendiam a não compreender as cenas românticas às quais os adolescentes respondiam entusiasticamente] [...] variáveis cognitivas receberam atenção similar em cada um dos volumes do relatório. [...] Alguns estudos não só buscavam diferenças individuais em relação aos efeitos de curto e longo prazo, mas examinavam a retenção em relação ao**

¹⁷⁷ *ibid*, p. 161-162.

¹⁷⁸ Os 13 estudos do Fund Payne foram patrocinados por uma entidade filantrópica chamada Picture Research Council preocupada com o impacto social dos filmes sobre as crianças. Concluiu-se que os filmes eram potentes fontes de informação, atitudes e comportamentos para as crianças. Em 1960, Joseph Klapper resumiu o que se conhecia então sobre o impacto dos meios massivos. Ele concluiu que os MCM reforçavam atitudes, predisposições individuais prévias. Esta perspectiva chegaria a ser conhecida como a posição dos ‘efeitos mínimos’. Ela diminuía os efeitos nocivos potenciais dos meios. (WIMMER, D. e DOMINICK, J. *Mass Media Research an Introduction*. Belmont: Ed. Wasworth, 1991, p. 337)

¹⁷⁹ Sua exposição fará parte da resenha histórica que antecede a revisão da evidência de pesquisa em TV.

conteúdo específico da mensagem, antecipando-se à pesquisa a se realizar 50 anos depois...”¹⁸⁰ [grifos nossos]

Este programa, cujos resultados foram compilados em doze volumes, foi conduzido pelos mais proeminentes psicólogos, sociólogos, e educadores da época e assemelhado em importância ao Comitê para o estudo da violência em TV do *Surgeons' General* implantado em 1972 também nos EEUU¹⁸¹. Ele assentou as bases da investigação que se estendera até os inícios dos anos sessenta¹⁸², desvendou muitos dos mitos cultivados e aceitos sobre o poder sem limite dos meios e contribuiu significativamente para melhorar a compreensão da maneira como agem os MCM, a magnitude e o alcance da sua possível influência.

A Psicologia Social contribuiu de maneira importante neste empreendimento. Resultados reveladores se obtiveram graças a instrumentos e técnicas de medição desenvolvidos por esta disciplina¹⁸³:

“1- escalas de atitudes, construção, cotação, análise hierárquica; 2- investigações representativas, teoria e técnica de amostragem, regras da entrevista, formação dos investigadores; 3- estudo dos *panels*; 4- análise sociométrica; 5- técnica de análise da comunicação social e da informação, particularmente da análise de conteúdo; 6- entrevista não dirigida”.¹⁸⁴

De Fleur¹⁸⁵ ressalta a importância do desenvolvimento de instrumentos de medição de atributos e construtos psicológicos aplicados ao estudo dos efeitos dos MCM:

¹⁸⁰ WARTELLA, E e REEVES, B. Historical Trends in Research on Children and Media: 1900-1960. *Journal of Communication*, 1985 (sprin), vol 35, (2), p. 120 -121.

¹⁸¹ idem

¹⁸² McQuail op cit. p. 217.

¹⁸³ Stoetzel op cit. p. 24.

¹⁸⁴ Idem, p. 24.

¹⁸⁵ DeFleur op cit. p. 162.

“Quando surgiu uma variedade maior de instrumentos de pesquisa, as idéias dos pesquisadores da comunicação de massa puderam ser adequadamente comprovadas em comparação com as novas descobertas. Assim, o terreno da comunicação de massa começou a acumular um corpo de dados a partir do qual os conceitos e as afirmações podiam ser deduzidos. Mesmo assim, o terreno continuou a ser bastante influenciado pelas tendências da ciência mais geral do comportamento. [...] “Paralelamente ao reconhecimento das motivações individuais e das diferenças do aprendizado, surgiam outras descobertas sobre as **variações individuais nos traços de personalidade com a ajuda de técnicas complexas para o cálculo quantitativo de tais diferenças.** [...] Novos conceitos foram igualmente formulados pela **Psicologia Social** [...] o termo **atitude** cresceu em importância como meio de explicação das diferenças nas preferências e ações humanas. Introduzido por Znaniecki, no fim da primeira guerra mundial, esse conceito se tornou o instrumento fundamental [...] da **Psicologia Social**. A invenção de técnicas diversas bastante complexas e de cunho **matemático para medir a atitude** aumentou ainda mais a sua importância como instrumento de pesquisa e atribuiu uma ênfase maior ao estudo das **diferenças individuais** e de seus elementos associados...”¹⁸⁶[grifos nossos]

Stoetzel (1972, p. 20), reafirma a importância do desenvolvimento de tais técnicas, delineamentos e instrumentos, e confirma a estreita relação que une a história da Psicologia Social à do estudo dos efeitos dos MCM;

“Historicamente, o fator que mais contribuiu para o estabelecimento de uma ciência psicossocial independente foi o advento, no decurso da primeira metade e particularmente do segundo quarto deste século, de uma metodologia original. [...] O mérito de ter conduzido a **Psicologia Social** à condição de ciência reverte menos ao engenho inventivo na produção de técnicas especializadas (por exemplo, no nível de laboratório, a técnica das escalas de atitudes, ou no campo das pesquisas *in loco*, a técnica das sondagens), do que da audácia intelectual que permitiu conceber a possibilidade de submeter todos os domínios do comportamento humano, individual ou coletivo, mesmo os mais carregados de afetividade [...] à observação empírica e, até à experimentação [...] tanto quanto das técnicas de quantificação vindas do estudo das Atitudes, utilizando questionários e experimentos. [...] Cumpre dizer também que os progressos da **Psicologia Social** durante longo tempo foram cerceados pelo vagar com que as próprias disciplinas afins se erigiram em ciências, em particular a Psicologia, a Sociologia e a Etnologia.” [grifos nossos]

¹⁸⁶ idem, p. 167

A vocação experimentalista da Psicologia Social na investigação dos efeitos da comunicação, teria seu ápice 20 anos depois dos estudos do 'Fund Payne'. Enquanto os sociólogos 'redescobriam' a importância dos 'receptores intermediários', o psicólogo Carl Hovland, e seu grupo de estudantes, concentravam seus esforços no estudo experimental da comunicação persuasiva, formando o que se conheceria daí em diante como 'o grupo de Yale'¹⁸⁷;

"A influência da **Teoria da Aprendizagem** sobre o estudo da persuasão foi predominante em meados do século, e segue sendo notável na investigação atual. Durante a segunda guerra mundial Carl Hovland, um professor de Psicologia da Universidade de Yale, e seus associados, se empenharam em **influir na moral dos soldados e modificar as atitudes dos cidadãos face ao esforço da guerra**. Depois da guerra, ele e vários estudantes desenvolveram um **enfoque de mudança de atitude que chegou se conhecer como programa de comunicação e mudança de atitude de Yale**. Grande parte da sua obra está centrada na Teoria da Aprendizagem. Para eles a **atitude é uma aproximação tácita ou uma resposta de evitação ante um objeto. Como tal é uma reação emocional. O grupo de Yale centrou-se na opinião como agente de mudança de atitudes. Definiram a atitude como o componente cognitivo ou de conhecimento.**"¹⁸⁸[grifos nossos].

A importância do lugar que ocupa a Psicologia Social na história do estudo dos MCM é sublinhada por Schramm¹⁸⁹ ao lembrar como dois psicólogos sociais, Kurt Lewin¹⁹⁰ e Carl Hovland¹⁹¹, são considerados como 'os fundadores' do estudo moderno da comunicação :

¹⁸⁷ "Em 1953, Hovland e seus colegas, transcreveram a maior parte dos resultados do programa de Yale na sua obra 'Communication and Persuasion'. Explicaram que a mudança de atitude depende do 'ensaio' ou da 'prática' de respostas mentais e verbais. Ademais, se necessitam incentivos e motivação para alentar a aceitação de respostas novas sobre as antigas [...]. O indivíduo tem que perceber esta mudança de opinião e atitude como potencialmente gratificante (incentivos), e deve encontrar favorável (motivação) o meio ambiente da mudança (opiniões de outros, incentivos empregados, características da fonte). (Reardon op cit. p. 74). "Em seu parecer, a mensagem é persuasiva na medida em que suas propriedades são capazes de alterar o funcionamento psicológico do indivíduo e leve-lo a realizar atos desejados pelo emissor." (MATTELART, A. **Comunicação Mundo: Histórias das Idéias e das Estratégias**. Petropólis: Ed. Vozes. 1994, p. 99)

¹⁸⁸ Reardon op cit. p. 73-74.

¹⁸⁹ Schramm apud GERBNER, G. (ed) Ferment in the Field. *Journal of Communication*, 1983, Summer, vol 33, N 3, p. 8.

“Contudo os quatro acadêmicos dos quais estamos falando [...] foram tão influentes a partir dos últimos anos da década de 1930 até o final da década de 1950, que foram geralmente considerados como ‘os pais fundadores’ e quando recontamos a história do estudo da comunicação moderna costumeiramente começamos com eles. Nós estamos falando, é claro, do cientista político, Laswell; do matemático convertido em sociólogo, Lazarfeld; do psicólogo social e estudioso dos processos de grupo, Lewin ; e do **experimental convertido em psicólogo social, Hovland.**”¹⁹² [grifo nosso]

Deve-se observar também que junto ao emprego de delineamentos experimentais, a Psicologia Social tem feito um continuado esforço para “ampliar suas pesquisas até os estudos *in loco* e, de modo geral, até as situações concretas e reais”.¹⁹³

¹⁹⁰ “Kurt Lewin foi um dos mais notáveis psicólogos do nosso século. [...] Como psicólogo social interessado na natureza do comportamento individual e de grupo, ele é responsável por uma das mais influentes abordagens do estudo do comportamento. A Teoria do Campo é uma abordagem orgânica que, em sua orientação holística, é compatível com os pontos de vista sistêmicos. Lewin também era um fenomenólogo, na medida em que via o comportamento do ponto de vista da pessoa. A obra de Lewin é também importante por duas outras razões. **Acreditava que a pesquisa social deve debruçar-se sobre as questões práticas da vida das pessoas** [...] Além disso, acreditava no valor dominante da teoria [...] Lewin é considerado por muitos de seus pares como uma das mais brilhantes figuras da Psicologia contemporânea. Seus escritos teóricos e seu trabalho experimental deixaram marca indelével no desenvolvimento da Psicologia.” [grifo nosso] (Littlejohn op cit. p. 256)

¹⁹¹ Embora Hovland seja geralmente conhecido como psicólogo experimental, é notável sua estreita relação com a Psicologia Social. Além de ter escolhido como alvo de estudo as ‘atitudes’, um dos alvos de estudo da Psicologia Social [Cf. ROGERS, E. e CHAFFEE, S. Communication as Academic Discipline: A Dialogue. *Journal of Communication*. 1983, Summer, vol. 33, N. 3, p. 20], esta relação de afinidade também se manifesta no fato de que foi justamente um eminente psicólogo social, William McGuire, quem o substituiu no cargo em Yale após de sua morte. [Cf. Rogers op cit. p. 195]. Armand Mattelart (op cit. p. 73), realinha a proximidade de Hovland com a Psicologia Social: “... este cientista político, [Harold Laswell] é considerado por seu pares como um dos quatro pais fundadores da matéria. Os outros três são: Paul Lazarsfeld, de origem vienense, matemático que se tornou sociólogo, além de Kurt Lewin e Carl I. Hovland, psicólogos sociais”.

¹⁹² Schramm apud Gerbner (ed) (1983, p. 7-8)

¹⁹³ idem p. 24

2.1.1 Conclusões

A Psicologia Social contribuiu significativamente no avanço e aperfeiçoamento da investigação dos efeitos dos MCM entre a virada do século e o final da década de 40, antes da aparição da TV comercial. Suas realizações influíram decisivamente nas idéias e conceitos que predominaram no entendimento dos efeitos dos MCM, na forma como tais noções evoluíram em decorrência do descobrimento de variáveis mediadoras de íntimo cunho psicológico, nos resultados dos programas de investigação de maior impacto e por conseqüência, nos fundamentos das teorias contemporâneas sobre a interação entre a TV e o comportamento:

“As bases das conceptualizações contemporâneas sobre os efeitos dos meios deitam raízes nestas idéias pioneiras. Estas continuaram sendo enunciadas por alguns teóricos já entrado o século XX e são considerações ainda hoje válidas embora com algumas modificações e tendências contrárias.”¹⁹⁴

A revisão da literatura revela como :

- O pensamento sobre os efeitos dos meios de comunicação registrou uma considerável evolução no período que compreendeu os primeiros 50 anos do século. Partindo de concepções simples derivadas das teorias sociológicas que acompanharam as rápidas mudanças sociais impulsionadas pelo desenvolvimento industrial, da observação dos fenômenos de conduta social ligados à difusão de conteúdos a partir dos primeiros meios de comunicação - cinema e rádio [empregados para os propósitos da guerra], tais idéias ganharam progressivamente matizes cada vez mais sutis,

- O advento das técnicas de pesquisa quantitativa desenvolvidas pela Psicologia Social durante a década dos 20, dos avanços no entendimento das diferenças individuais relativas à

¹⁹⁴ DeFleur op cit. p. 153.

percepção, motivação e aprendizagem vindos da Psicologia da época, e sobretudo, dos primeiros programas sistemáticos de investigação, revelaram novas formas de entender e interpretar as relações entre os MCM e a conduta social.

Variáveis até então não consideradas, de íntimo cunho psicológico, relativas à percepção seletiva, à motivação individual, à capacidade de retenção e de aprendizagem, vieram a se incorporar às considerações sobre os efeitos dos meios ¹⁹⁵:

Nas palavras de DeFleur;

“com essas novas teorias servindo de fundo os estudiosos da comunicação tiveram que modificar as suas opiniões a respeito dos veículos. Tornou-se evidente que o público de um determinado veículo não era uma coletividade monolítica que recebia uniformemente qualquer conteúdo que lhe era dirigido. O princípio da atenção e da percepção seletiva foi formulado como uma proposição fundamental relativa ao comportamento comunicativo do indivíduo comum. A teoria da Psicologia geral havia estabelecido o conceito da percepção seletiva sobre características da personalidade individual [...] tipos diferentes de pessoas, numa determinada audiência, selecionavam e interpretavam o conteúdo da comunicação de massa de maneira bastante diversa. [...] elas recebiam certas mensagens especialmente, se relacionadas com seus interesses, se correspondiam às suas atitudes, se coerentes com suas convicções, e confirmavam seus valores e suas respostas a essas mensagens eram modificadas pela sua constituição psicológica. [...] desta maneira. o conceito fundamental de causa-efeito não é diferente, apenas mais complexo. A teoria das diferenças individuais da comunicação de massa subentende que as mensagens dos veículos contêm atributos particulares de estímulo que interagem diferenciadamente segundo as características de personalidade dos membros da audiência [...] dado que existem diferenças individuais de personalidade entre estes membros, é natural supor que haverá variações no efeito que correspondem a tais diferenças [...] assim a estrutura lógica da teoria das diferenças individuais é uma estrutura de causa - processos atuantes - efeito da mesma forma que a teoria mecanicista E-R anterior. Contudo, os processos

¹⁹⁵ “No início de 1930, havia um interesse renovado pela formação do hábito através do **aprendizado**; uma nova ênfase foi dada às **experiências objetivas no desenvolvimento das teorias do aprendizado** [...] juntamente com esse movimento intelectual, surgiu um **interesse associado a esses processos quanto às motivações**. O estudo dos efeitos do reforçamento em experiências de laboratório convenceu os psicólogos de que alguns **impulsos motivacionais podiam ser adquiridos através do aprendizado**, e que **nem todos os indivíduos são motivados exatamente pelos mesmos incentivos...**” (idem p. 168.)

atuantes são mais a consequência do aprendizado do que da hereditariedade¹⁹⁶
[grifos nossos]

Conjugada às contribuições da Sociologia, que redescobria no contexto dos fenômenos de opinião e difusão de novidades a importância do pequeno grupo e os receptores intermediários, a investigação experimental sobre comunicação persuasiva alcançava altos graus de sofisticação e de refinamento. Hovland figura como principal expoente desta área de investigação.

Esta trajetória de investigação redimensionou a importância dada aos meios de comunicação tanto a magnitude de seus efeitos, quanto a forma e condições dos seus processos de causação.

Muito embora a pesquisa realizada até 1950 tenha revelado as conclusões acima condensadas sobre os meios e seus efeitos, isto não significa que não existam ou que devam ser menosprezados. O que se descobriu é que entre o meio e o receptor se interpõem uma gama de variáveis de múltipla natureza e de peso variável para cada caso em particular, o que não equivale a dizer que os efeitos sejam de menor calibre ou objeto de desconsideração .

Como anota McQuail (1983, p. 219) na fase da teoria e da investigação na qual nos encontramos;

"... ainda buscam-se os efeitos e os efeitos potenciais, sem rechaçar as conclusões da investigação anterior, mas tendo em consideração as concepções revisadas dos processos provavelmente implicados, tanto sociais como próprios dos meios de comunicação [...] Houve uma mutação no centro de interesse: na mudança a longo prazo e na percepção mais que na atitude e na emoção; nas variáveis intervenientes do contexto, a predisposição, e motivação; nos fenômenos coletivos como climas de opinião, crenças, ideologias, pautas culturais e inclusive formas institucionais." [grifos nossos]

¹⁹⁶DeFleur op cit. p. 168-69.

Apesar de que algumas conclusões já estabelecidas até este ponto possam parecer óbvias, autores contemporâneos ainda afirmam a importância de levar em consideração as variáveis psicológicas intervenientes que foram detectadas nos anos 30.

Segundo Collins (1982, p.189 -190);

"A descoberta de nova informação na década dos 70 sobre o processamento dos materiais da TV por sujeitos-crianças de diferentes idades constituiu uma saída à longa e repetitiva história de investigação dos efeitos dos Meios sobre a socialização [...] **Fatores como atenção, compreensão, desenvolvimento social e diferenças individuais não têm desempenhado virtualmente nenhuma função nas teorias**¹⁹⁷, e no amplo corpo de investigação sobre TV e seus efeitos no desenvolvimento social, **só até o passado recente. As concepções** prevaletentes **continuam a ser que o mais significativo impacto da TV resulta das imagens fornecidas à uma massa indiferenciada de observadores.** A História recente nesta área de trabalho indica que chegou o momento de uma ótica mais balanceada. A evidência emergente sobre o processamento cognitivo fortemente indica que **os estímulos sociais fornecidos pela TV estão no centro de uma configuração causal, onde o crescimento social e cognitivo inicial determina o que o sujeito - a criança - gosta e lembra das apresentações que observou e onde as representações resultantes por sua vez mediam - intervém - na conduta e as respostas avaliativas após a exposição aos conteúdos.** Nesta perspectiva, chega a ser importante, por exemplo, não unicamente examinar como a família ou as relações entre colegas são afetadas pela TV, mas também, como estes contextos sociais contribuem no que a criança percebe, lembra e adota ao observar a TV." [grifos nossos]

A Psicologia Social, que como vimos desempenhara papel central na evolução do conhecimento sobre os efeitos do rádio e do cinema, fará também importantes contribuições no caso do estudo dos efeitos associados à TV. Passada a fase aguda do debate que rodeara a aparição de cada novo meio de comunicação¹⁹⁸, incluída a TV, aparecem os primeiros estudos

¹⁹⁷ Excepção deve ser feita com relação à Teoria do Modelamento de Bandura, que como veremos mais adiante, destaca o papel determinante de processos cognitivos mediadores - atenção, retenção, imitação e motivação - na aquisição e execução de conduta a partir de modelos simbólicos via TV.

¹⁹⁸ "... lembramos do alarme que surgiu logo depois do advento dos filmes falados, que na época motivou os estudos do *Payne Fund*, que por sua vez mostraram que os mesmos filmes podiam tanto **contribuir como prejudicar o crescimento**, reforçar os padrões sociais, ou ensinar as técnicas do crime, dependendo da pessoa que os via e as atitudes que face à eles assumia ao vê-los [...] O mesmo aconteceu com a ampla difusão do

experimentais sobre a aquisição da conduta agressiva a partir de modelos apresentados via TV, inovadoras metodologias de pesquisa sobre o cultivo de padrões de pensamento, valores e condutas associados aos conteúdos apresentados maciçamente pela TV, assim como criativas propostas dirigidas ao emprego do meio com objetivos pró-sociais.

Hoje, após 50 anos desde o aparecimento da TV comercial, conta-se com um corpo gigantesco de evidência obtida mediante o emprego de métodos rigorosos de investigação. Esta se alicerça sobre a pesquisa realizada nos primeiros 50 anos do século.

2.2. PSICOLOGIA SOCIAL: PRINCÍPIOS E DIRETRIZES.

Considerar o aporte da Psicologia Social ao estudo dos efeitos da TV implica de forma obrigatória, observar três grandes diretrizes que fazem parte de sua história, seu desenvolvimento e da orientação predominante de sua atividade até hoje. De acordo com Gergen e Gergen (1986, p. 9), são estas: o desenvolvimento da Teoria, a documentação da Teoria, e a aplicação do conhecimento à solução de problemas sociais.

2.2.1. Desenvolvimento da Teoria ¹⁹⁹

uso do rádio, conduzindo aos estudos de Esenberg e outros. O mesmo aconteceu com relação aos quadrinhos. **Agora estamos começando este ciclo com a TV. Sempre que aparece uma nova invenção social, há um sentimento de estranheza e desconfiança do novo até que chega a ser familiar**”.

¹⁹⁹ Pfromm Netto, (1976, p. 179) condensa algumas das teorias e modelos de maior ressonância na área da comunicação: “boa parte da literatura sobre comunicação está vinculada a determinados modelos ou concepções teóricas.” Alguns dos contextos teóricos mais produtivos têm sido os seguintes: (a) Teoria da Informação de Shanon e Weaver, ligada inicialmente aos aspectos eletrônicos e matemáticos da comunicação, depois estendida aos aspectos psicológicos e sociais do processo de comunicação; (b) Teorias da Aprendizagem, notadamente aquelas que concebem a aprendizagem em termos de estímulo-resposta; (c) Teorias da Personalidade, que encaram a comunicação a partir dos motivos, atitudes e características de personalidade dos receptores da mensagens; (d) Dinâmica de Grupo: análise de sistemas de comunicação em pequenos grupos, nos quais vários indivíduos se acham envolvidos como fontes e receptores de mensagens; (e) Semântica: análise simbólica das mensagens; (f) Análise Sócio-histórica: macro-análise de problemas mais

Uma teoria pode ser definida como “uma série de proposições relacionadas logicamente que descrevem e explicam uma variedade de observações”²⁰⁰. Ela basicamente representa de forma abstrata e simbólica o que se concebe como realidade.²⁰¹

Uma boa teoria especifica suas limitações e alcances, proporciona uma forma de explicar um setor da realidade²⁰², descreve o mundo em linguagem ordinária, resume o conhecimento existente, o ordena, procura a maneira mais efetiva de aplicar o conhecimento a novas situações e dá continuidade ao ciclo do inquérito experimental.²⁰³

“Uma teoria nos diz como devemos relacionar os acontecimentos no mundo. É a construção que um ser humano tem feito a respeito do mundo. Enquanto tal está sujeita a erro humano.”²⁰⁴

Não existem teorias que possam explicar a totalidade dos fenômenos. As teorias têm um alcance delimitado por certas condições ou parâmetros além dos quais não podem proporcionar explicações confiáveis.²⁰⁵

Porém, uma Teoria pode;

1- **gerar predições** sobre as complexas relações funcionais entre as variáveis, mesmo que não se fundamentem na intuição. No entanto;

“Dado que as teorias raramente estão livres de imperfeições, a pesquisa que ela estimula delimita a margem de condições sob as quais uma teoria dada desfruta de sucesso explicativo e preditivo. [...] teorias fracas são descartadas não por que elas sejam

amplos, que não visam de modo direto e imediato os aspectos da comunicação. (PFROMM NETTO, S. **Tecnologia da Educação e Comunicação de Massa**. São Paulo: Ed.. Pioneira, 1976)

²⁰⁰ GERGEN K. E GERGEN, M. **Social Psychology**. New York: Ed. Springer Verlag. 1986, p. 9.

²⁰¹ Zimbardo apud Reardon op cit. p. 70.

²⁰² *ibid.*

²⁰³ Estes apud Marx e Hillix op cit. p. 114.

²⁰⁴ Deutch e Krauss apud Reardon op cit. p. 53.

²⁰⁵ *ibid.*

falseadas mas porque elas são obscurecidas por muitas condições que limitam sua generalidade preditiva e portanto seu uso.”²⁰⁶

- 2- **integrar muitas observações empíricas** que superficialmente poderiam parecer dissímiles;
- 3- **separar as variáveis relevantes das irrelevantes, e proporcionar esquemas** para organizar as primeiras;
- 4- **explicar o funcionamento das variáveis** envolvidas no fenômeno de estudo, com freqüência postulando processos hipotéticos.²⁰⁷
- 5- como estão indissociavelmente unidas com a medição, “servem para **organizar dados** de maneira tal que possam fazer-se inferências ou transições lógicas de uma coleção de dados a outra; servem como guia para a investigação, explicação, organização e descoberta de fatos observáveis.”²⁰⁸ [grifo nosso]

Embora se reconheça como em Psicologia social, “o conhecimento acumulado pode ser ateuórico (tal como sondagens de opinião, preferências e opiniões sobre diversos tópicos), é quase consensual que a investigação desenvolvida nesta área busca principalmente testar a utilidade de um ponto de vista teórico.”²⁰⁹ “A Psicologia Social busca descrever e explicar aspectos da vida social com o emprego de afirmações conectadas lógica e claramente.”²¹⁰ “O investigador típico tende a pensar na linguagem de uma teoria e basear-se nela para explicar os resultados que obtém, mais que misturar conceitos de diferentes aproximações”.²¹¹

²⁰⁶ BANDURA, A *Social Foundations of Thought and Action*. New Jersey: Ed. Prentice-Hall, 1986, prefácio.

²⁰⁷ Zimbardo apud Reardon op cit. p. 70-71.

²⁰⁸ Deutch e Krauss apud Reardon op cit. p. 53.

²⁰⁹ Wrightsman op cit. p. 27.

²¹⁰ Gergen e Gergen op cit. p. 4.

²¹¹ Wrightsman op cit. p. 28.

Desde o aparecimento da TV comercial, há quase 50 anos, diversas teorias tentaram descrever, explicar e predizer de forma satisfatória, como a TV afeta o comportamento.²¹²

“Há uma extensa literatura científica sobre os efeitos da exposição às apresentações da TV sobre o comportamento subsequente. **Esta literatura deriva de um número de teorias do comportamento humano**, embora muitas destas tratem dos efeitos sobre o comportamento anti-social e agressivo, as implicações se aplicam a uma alta e ampla variedade de comportamento.”²¹³ [grifo nosso]

Aplicadas ao entendimento dos efeitos da TV, tais teorias divergem nos acentos dados às variáveis derivadas do conteúdo^{viii} da TV versus às do sujeito:

“As explicações teóricas para a transação entre conteúdo da TV [...] **variam num continuum** onde num extremo se situa o conteúdo da TV como força primária e no outro se encontram as características do observador. [...] Cada perspectiva teórica tem conduzido os pesquisadores a investigar uma certa série de variáveis mais que outras.”²¹⁴ [grifo nosso]

De acordo com Dorr (1986, p. 91), entre as teorias que se situam no primeiro extremo do *continuum*, encontram-se, não sem certas ressalvas e para fins expositivos, as Teorias da Aprendizagem Social²¹⁵, do Cultivo²¹⁶, da Catarse²¹⁷, Energizante²¹⁸, entre outras²¹⁹.

²¹² Remetemos ao leitor interessado em aprofundar sobre as teorias e modelos em comunicação massiva à obra de McQuail e Windah op cit.

²¹³ Comstock, et al. op cit. p. 16.

²¹⁴ Dorr op cit. p. 89.

²¹⁵ Teoria formulada pelo psicólogo Albert Bandura, será aprofundada adiante.

²¹⁶ A '**Cultivation Theory**', de George Gerbner Cf Collins, op. cit p. 179. Além de investigar os efeitos diretos da TV sobre o comportamento, a Teoria tem se centrado recentemente nos efeitos da TV sobre a realidade social dos observadores - ou o conhecimento subjetivo, as crenças individuais e as expectativas sobre o mundo. Tal seria o caso da Teoria dos Indicadores Culturais de Gerbner, mais popularmente conhecida como do 'Cultivo'.

²¹⁷ Teoria já amplamente revisada e superada, afirma que assistir a cenas que atingem 'impulsos' psicológicos, como agressão ou sexo, contribui para que o sujeito ' Descarregue' a energia associada com tais impulsos, evitando que tal descarga aconteça em interações com outras pessoas.

²¹⁸ Esta Teoria afirma que "o conteúdo agressivo ativa o observador, incrementando seu nível de energia e excitação. Após a exposição tal energia poderá se manifestar em qualquer atividade e na primeira

Em um ponto intermediário entre os dois pólos, encontraria-se a Teoria Cognitiva Neo-Associacionista do psicólogo Leonard Berkowitz.²²⁰

No outro extremo do *continuum*, onde se sublinha o papel do sujeito na determinação dos efeitos derivados da TV, se situaria a teoria dos Usos e Gratificações.²²¹ É nesta linha de pensamento onde se encontra a Teoria Construtivista (fenomenológica).²²²

Parafraseando a Dorr (1986, p. 94), o corpo da investigação sobre os efeitos da TV indica que, qualquer teoria será inadequada se observar exclusivamente um dos pólos do *continuum*. Como estratégia de pesquisa, optar por um dos pólos seria conveniente, mas não no momento de predizer como as variações no conteúdo da TV afetaram o comportamento do observador.

oportunidade que se apresentar. Desta maneira, ante uma instigação à agressão, os observadores previamente expostos a conteúdos agressivos, serão mais agressivos que os não ativados pela exposição à violência.” (Dorr op cit. p. 92)

²¹⁹ Uma categorização alternativa de teorias em C de M: Teorias das diferenças individuais, das categorias sociais, das diferenças individuais e categorias sociais, da relação social, das normas culturais e as teorias da audiência. (Cf. DeFleur. *Theories of Communication* (In: HIEBERT, R, UNGURAIT, D. e BOHN, T. *Mass Media, an Introduction to Modern Communication*. New York: Ed. McKay, 1974, p. 163,164)

²²⁰Conforme Dorr, (op cit. p. 92), esta teoria centra-se sobre os efeitos comportamentais, sem desconsiderar, no entanto, variáveis de índole cognitiva. A teoria foi desenvolvida especialmente para tratar com os efeitos da TV sobre condutas socialmente sancionadas, como agressão. Ela propõe que assistir à violência na TV, tem se mostrado como justificado e socialmente aceitável e isto altera o grau de controle que o observador tem sobre sua própria agressividade. Bandura referiu-se a este fenômeno, como o efeito de desinibição: “... já desinibidos, com maior probabilidade, os atos agressivos serão manifestados na vida cotidiana e sem exceção estes atos serão exatas imitações das condutas observadas na TV, quanto maior a similaridade entre os dois, maior a probabilidade de se manifestar conduta agressiva”.

²²¹A teoria designa um papel ativo ao observador. Ele determinaria a forma como usa a TV, o que depende da sua experiência particular e de suas preferências e necessidades. (BLUMLER, J, e KATZ, E (Eds) *The Uses of Mass Communications*. Beverly Hills: Ed. Sage, 1974)

²²² O modelo enfatiza a determinação ativa das experiências, reconhece e salienta a diversidade e a individualidade do observador, que se veria atingido ao escolher se expor a informação significativa para si próprio. (ANDERSON, J. Research on Children and Television; A critique. *Journal of Broadcasting*. 1981, n. 25, v 4, p. 395-400)

McQuail e Windahl (1984, p. 38) no seu livro sobre modelos em comunicação, no qual são também considerados modelos vindos da Psicologia Social, acusam algumas mudanças nas teorias e modelos enquanto concepções e alvos de estudo através do tempo:

1- Os modelos teóricos estariam mostrando uma tendência ao "... abandono da concepção dos efeitos diretos e gerais sobre uma audiência massiva ou um agregado", junto com "uma orientação face ao reconhecimento do papel mediador desempenhado pelos contatos pessoais na transmissão e legitimação da informação e das idéias originadas nos meios". Tal mudança refletiria o declínio da noção de 'sociedade de massa'.

2- deslocamento do acento dado aos 'efeitos diretos a curto prazo' para o estudo dos 'efeitos indiretos a longo prazo'. A noção que subjaz a esta mudança é a de que os efeitos dos MCM dependeriam mais da 'natureza das crenças difundidas', sua organização, variedade e grau de 'dependência pessoal' dos MCM como fontes de informação, do que seu efeito direto ao proporcionar a 'matéria prima' sobre os tópicos com os quais se formam opiniões, tanto quanto sua direção e valência dominante.

3- Uma mudança no 'nível de análise' adotado nas pesquisas; isto é, o estudo da 'estrutura das organizações informativas, dos sistemas globais de comunicação' e dos perfis das profissões associadas à audiência, versus o estudo dos 'comunicadores e receptores individuais'.

4- Ênfase na 'significação latente' e 'não intencional' do conteúdo, versus o estudo da comunicação 'intencional e de conteúdo manifesto'.

5- Incremento na atenção dada à audiência como 'iniciadora e interprete' no processo da comunicação.

6- Maior atenção nas 'fontes da comunicação coletiva' e não unicamente nos seus efeitos.

Tomadas em conjunto as mudanças indicariam uma tendência a aumentar o nível de análise, incluir perspectivas semiológicas e interpretativas, valorizar o papel das variáveis mediadoras nos processos de causação e assumir o 'receptor' como elemento ativo e 'seletivo'.

Embora tais tendências e flutuações nos acentos da investigação pareçam refletir mais fielmente as preocupações sociológicas, poderá se reconhecer alguma similaridade com as ocorridas dentro do estudo psicológico dos efeitos da TV. A ênfase nas variáveis mediadoras derivadas do contexto, do indivíduo e dos efeitos a longo prazo, o interesse da Psicologia Social em estender a investigação cada vez mais a ambientes naturais, a preocupação como exercício da crítica institucional e social, e a aplicação do conhecimento à solução de problemas parece justificar tal afirmação.

De acordo com Pfromm Netto (1976,p.181):

“Hoje predomina entre os especialistas a concepção segundo a qual o indivíduo exposto à CM é, em primeiro lugar, um seletor ativo de materiais de CM a que vai se expor, e mesmo durante a exposição, presta atenção seletivamente, variando em função disto, o que o indivíduo é capaz de lembrar. Além disso, o que o sujeito assimila tem diferentes efeitos em função do nível preexistente de informação, a natureza das necessidades do indivíduo e a qualidade de seu ajustamento à sua situação de vida. Portanto, não se deve colocar a questão dos efeitos da CM em termos de existência ou não desses efeitos, mas sim em termos de quanto efeito em que tipo de sujeitos, e sob que circunstâncias tais efeitos se manifestam”.

A diversidade teórica dentro do conceito de *continuum* e não de ‘mudança’, admite a diversidade, coexistência, continuidade e complementaridade entre teorias e atenua a noção de caducidade de modelos particulares que se sucedem no tempo.

A experiência parece indicar a conveniência de tal concepção. Os resultados da investigação sugerem que tanto variáveis derivadas do conteúdo da TV, do sujeito e do ambiente, tanto isoladas como integradas, deverão ser consideradas no momento de explicar a sua interação. ²²³

²²³Dorr op cit. p. 94.

2.2.2 - A Documentação da Teoria

“O psicólogo não unicamente descreve e explica, ele também tenta documentar as idéias teóricas com dados cuidadosamente coletados. Para facilitar este esforço, uma variedade de técnicas de investigação tais como experimentos, observações de campo [...] são empregadas. Com os achados de investigação, a força e a importância da teoria pode ser demonstrada”. [grifo nosso] ²²⁴

Diferentes teorias empregam diversos métodos de investigação em função das premissas conceituais e gnoseológicas nas quais se baseiam e do caráter particular dos problemas que se formulam. Os métodos de investigação se destinam à obtenção de provas sobre tais problemas “mediante procedimentos reconhecidos, de base objetiva, que permitam uma reunião sistemática de dados.” ²²⁵

Os métodos de investigação empregados no estudo dos efeitos da TV pela Psicologia Social, podem ser classificados em duas amplas categorias ^{226 227}:

- pesquisas experimentais²²⁸: subdivididas em; experimentos de laboratório, e experimentos de campo;

²²⁴ Gergem e Gergen op cit. p. 4.

²²⁵ Hollander op cit. p. 16.

²²⁶ Rodrigues op cit. p. 56-57.

²²⁷ No campo da investigação interdisciplinar em comunicação massiva são conhecidas outras classificações dos métodos de pesquisa: a- Método Experimental: que inclui delineamentos experimentais básicos [estudos fatoriais, de medidas repetidas e outros] no laboratório, no campo e delineamentos quase experimentais; b- Pesquisa de Levantamento [Survey]: descritivos e analíticos, com o emprego de questionários e entrevistas; c- Métodos Qualitativos: com entrevistas intensivas, observações de campo e estudos de caso; d- Análise de Conteúdo: descrição do conteúdo da comunicação que provê hipóteses sobre as características da mensagens, comparando o conteúdo da mídia com o ‘mundo real’, avaliação da imagem de grupos particulares em sociedades, estabelecimento de alvos de estudo de investigação; e- Estudos Longitudinais; estudos de tendência, estudos de *panel*, delineamentos experimentais longitudinais. (Wimmer e Dominick op cit. p. 84 e sgts.)

²²⁸ “Talvez o desenvolvimento de maior relevo no campo da Psicologia Social seja a gradual extensão da possibilidade de aplicação dos métodos experimentais, empíricos e quantitativos [...] Cada vez mais áreas da Psicologia Social são exploradas por técnicas que podem ser rotuladas como objetiva, experimentais e (tanto quanto possível) quantitativas”. (Klineberg op cit. p. 27-28)

- pesquisas não experimentais (ou *ex post facto*): por sua vez divididas em; pesquisas de levantamento estatístico e estudos de campo correlacionais;

Cada uma destas aproximações metodológicas, oferece um conjunto particular de vantagens e limitações. Elas diferenciam-se no tipo de variáveis e situações às que são aplicáveis, assim como na quantidade e qualidade da informação que produzem. Os métodos de investigação complementam-se mutuamente e são necessários para obter uma visão compreensiva de qualquer tópico particular de estudo relativo à TV. Para uma consideração mais detalhada das principais características de cada um destes métodos de investigação, das suas vantagens e limitações, remetemos ao leitor à bibliografia especializada em metodologia da pesquisa em Ciências Sociais.²²⁹

2.2.3 - Aplicação do Conhecimento: Solução de Problemas Sociais

“Que todos tenham em conta os verdadeiros objetivos do conhecimento e que o procurem não para prazer do espírito ou por emulação ou para alcançarem superioridade sobre os outros ou para vantagem ou fama ou poder ou qualquer dessas coisas inferiores, mas para benefício e conveniência da vida...”²³⁰

Klineberg (1972, p.28), afirma que a Psicologia Social tem adquirido com o tempo o caráter de uma ciência acentuadamente aplicada, “com implicações e aplicações práticas, no campo das relações humanas.”

Para Liebert e Schwartzberg (1977, p. 156): “...a mudança de orientação de várias sub-disciplinas dentro da Psicologia, **notavelmente a social** e do desenvolvimento, frente à aplicação da investigação a problemas de interesse humano e na busca de questões que refletem

²²⁹ Ver Kerlinger op cit.

²³⁰ Bacon, F apud RAVETZ, J. Et Augebitur Scientia (In: HARRÉ, R. **Problemas da Revolução Científica: incentivos e obstáculos ao progresso das ciências**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976, p. 69)

as necessidades [...] imediatas” [grifo nosso], se relaciona com a crescente preocupação dos cientistas do comportamento pelos problemas sociais.

A Psicologia Social, de fato, busca predizer os fatores que possam fomentar ou comprometer o bem-estar humano e coloca os resultados de suas indagações à disposição dos agentes que se ocupam de administrar e legislar:

“ Os psicólogos sociais acreditam que o estudo sistemático não está completo a menos que este conduza à ação social. Os resultados da teoria e a investigação devem ser acessíveis aos outros. As idéias teóricas devem ser colocadas em uso [...] mesmo na elaboração de políticas públicas. Quando estas idéias são postas em ação, a sua avaliação pode acontecer, pontos fracos são encontrados, e as idéias podem ser revisadas.”²³¹ [grifo nosso]

Wrightsman, (1972, p.27), concorda em que “as atividades primárias dos psicólogos sociais são a aquisição e aplicação do conhecimento aos problemas de nosso mundo”:

“... múltiplos enfoques de ação social tem sido desenvolvidos. Os psicólogos sociais agora vêem um amplo espectro de fatores que motiva o comportamento das pessoas e tentam entendê-los em toda a sua complexidade. [...] Junto ao avanço na riqueza e na complexidade da teoria social, a Psicologia Social no seu desenvolvimento, tem sido acompanhada por um interesse crescente na aplicação da teoria. [...] Este interesse na aplicação desenvolveu-se em parte como resposta aos problemas que atingem a um grande número de pessoas [...] dadas as íntimas conexões entre a Psicologia Social e tais instituições, como o governo e a indústria, muita da teoria da Psicologia Social, tem sido dirigida à solução de problemas sociais.”²³² [grifo nosso]

Além de documentar a vida social, a investigação pode desempenhar uma importante função na ajuda à predição e sugestão de rumos de ação. A sociedade enfrenta um imenso número de problemas para os quais predições importantes podem ser valiosas²³³.

²³¹ Gergen e Gergen op cit. p.4-5.

²³² Gergen e Gergen op cit. p. 7.

²³³ Ibid, p. 8.

“O comportamento social é sempre aleatório, isto dificulta a predição. Os eventos sociais sempre estão em fluxo [...] mesmo assim, com métodos apropriados, predições limitadas sobre a vida social são possíveis, e tais predições podem ser mais efetivas que a **sugestão impulsiva.**” ²³⁴ [grifo nosso]

Poucos são os governos que não assumido com seriedade e critério ético a função que deve desempenhar na sua sociedade, um meio da enorme potencialidade da TV .

A ponte entre os resultados da investigação básica em TV e sua utilização efetiva na elaboração de políticas, programas e/ou campanhas que visem a promoção e manutenção de condutas pró-sociais (que buscam o bem-estar social), pode ser desenvolvida com sucesso.

O psicólogo Albert Bandura, primeiro a demonstrar experimentalmente os efeitos da TV no comportamento imitativo das crianças nos anos sessenta, afirma a este respeito;

“Um sistema de programação pública viável²³⁵, livre de pressões comerciais, é talvez o melhor meio para melhorar e diversificar a oferta da TV. Dentro deste contexto, o desenvolvimento de uma unidade de programação deve ser criado com o propósito de desenvolver novas idéias tanto como para avaliar o impacto dos programas, especialmente nas audiências jovens.[...] **Uma estreita colaboração entre produtores e cientistas sociais poderia servir para o duplo propósito de expandir a qualidade da programação da TV e avançar no entendimento das influências da comunicação.** [...] A adoção de novos formatos pelas redes comerciais de TV pode ser acelerada com o desenvolvimento de protótipos exitosos. [...] as redes comerciais podem obter outros benefícios de um bom serviço de TV pública. Esta pode funcionar não unicamente como um lugar para testar idéias, mas para criar novos interesses para a TV comercial.” ²³⁶[grifo nosso]

Comstock (1978, p. 17) sublinha a importância da participação do cientista social na elaboração das políticas da TV comercial, na regulação da publicidade, da própria indústria da TV e na avaliação “da efetividade das políticas adotadas primariamente sobre bases legais,

²³⁴ Ibid, p. 8.

²³⁵ “... as implicações emocionais e educacionais do que tem sido oferecido na TV comercial são tão significativas quanto o que não tem sido oferecido na TV educativa, fraca, ineficiente ou não existente.” (Schiller op cit. p.38)

econômicas ou ideológicas”, sempre na ótica de seus efeitos sociais e comportamentais. Na sua opinião:

“O progresso na aplicação prática da investigação aos problemas da comunicação de massa depende da solução de três problemas; (1) **A dificuldade de generalizar a partir da investigação à vida real pode ser aliviada (a) com o emprego de múltiplos métodos de investigação, diferentes nas suas deficiências, e centrados na mesma questão, e (b) pelo posterior desenvolvimento na teoria, que implica em um amplo uso - apesar das objeções levantadas contra sua artificialidade no caso da televisão - de experimentos de laboratório.** (2) **A natureza poliglota e fragmentada do estudo científico da TV pode ser parcialmente superada com o emprego de programas de investigação coordenados por especialistas em estudos de comunicação nos quais a investigação se organize ao redor de um tema ou tópico, com particular atenção no fortalecimento da cooperação entre os investigadores, assegurando a cobertura de temas importantes, e evitando a redundância, com um programa de publicações que produzam uma difusão rápida e efetiva dos resultados para cientistas sociais e comportamentais, a indústria da televisão e o público, e com a inauguração de um serviço especializado de informação especialmente desenhado para indicar as necessidades neste campo.** (3) **A utilidade da ciência social e comportamental na elaboração de políticas [...] pode ser incrementada; (a) alterando o meio social intelectual no qual os cientistas sociais e comportamentais funcionam para provê-los com maior conhecimento sobre a forma como as produtoras operam, de forma que eles possam programar a investigação mais pertinente, e (b) alterando o meio organizacional no qual os que fazem as políticas funcionem para lhes dar maior e mais efetivo acesso à experiência das ciências sociais e comportamentais.**” ²³⁷[grifos nossos]

Ao cientista social compete a produção de conhecimento. Porém, a possibilidade de aplicar de forma construtiva os resultados de sua investigação também depende de fatores de ordem econômica, política e até ideológica a níveis institucional, social e cultural.

Desta forma, a aplicação do conhecimento acumulado na reformulação e/ou melhora da função social da TV envolve diferentes condições que são alheias à função do cientista. Para só mencionar algumas ;

²³⁶ BANDURA, A. *A Social Learning Analysis*. N.J.: Prentice-Hall, 1973, p. 281.

²³⁷ Comstock et al. op cit. p. 17.

- a criação de um movimento social amplo em direção à reformulação da função da TV na vida cotidiana. Possibilidade remota, considerando a apatia geral dos consumidores, tal como mostram diversos estudos transculturais que avaliam a atitude de grandes públicos face a TV.²³⁸
- um papel mais ativo dos governos na orientação da forma como funciona a TV pública e comercial. Conforme a literatura, são verdadeiras raridades os países que direcionam conscientemente o emprego da TV na solução de seus problemas sociais e comportamentais.
- uma mudança de atitude dos grupos que monopolizam as redes de comunicação. A irrisória 'auto-regulação' das empresas de TV em 50 anos de história faz desta, talvez a mais remota das possibilidades.
- o fortalecimento da comunicação, formação de grupos estáveis de trabalho, assessoramento e participação efetiva entre produtores e cientistas.

É óbvia a função da TV como agente educacional. A forma como seu enorme potencial pedagógico é subutilizado não deixa de surpreender a críticos e cientistas:

"No plano internacional, as necessidades informacionais quanto a qualidade são absolutamente enormes. **Há um bilhão de analfabetos no mundo. Sua educação depende do poder instrutivo da rádio e da TV mobilizados para este fim.** Embora estejamos ainda muito longe de empreender esta tarefa heróica, seria um esforço relativamente rotineiro, porquanto a metodologia e os recursos educacionais estão ao nosso dispor. O elemento em falta, a esta altura é a vontade de agir, que se expressa nos orçamentos educacionais lamentavelmente inadequados."²³⁹ [grifo nosso]

"Com a ajuda da pesquisa, temos aprendido como usar as propriedades audiovisuais únicas da televisão para atingir metas educacionais desejáveis enquanto se mantém a atenção das crianças. Temos ganhado mais controle sobre a relação entre o desenho de um segmento de programa particular e as respostas dos observadores a este programa. O que era intuitivo tem sido analisado, compreendido e tornado repetível. Ao mesmo tempo, estamos lutando para enfrentar as limitações reais da TV e aquelas que não são

²³⁸ Ver Comstock, 1989.

²³⁹Schiller op cit. p. 182.

necessariamente reais, mas que são impostas por céticos preocupados com as implicações de admitir este meio na sala de aula”.²⁴⁰

Os grandes centros produtores e difusores de programação, seu estilo empresarial e os valores que os orientam, detêm um papel protagônico no modo como a TV é formulada em regiões do mundo que carecem de capacidade de produção própria e que perante as leis do mercado, obrigam-se à importação maciça de programação estrangeira cujo conteúdo é de duvidoso valor instrutivo:

“As perspectivas de um sistema de comunicação espacial genuinamente internacional, que funcione para **satisfazer as aspirações educacionais e culturais de todo o mundo, dependem muitíssimo do grau até onde as comunicações espaciais americanas forem utilizadas para o bem social de sua própria população.** A ausência de um modelo americano, que se preocupe com uma programação significativa para o seu público nacional, priva os países em vias de desenvolvimento de um sistema avançado, no qual apoiar-se e com o qual comparar-se para avaliar seu próprio trabalho criativo. Da mesma forma, que seja revisada para levar em consideração as necessidades sociais, pode incitar as mudanças que se fazem necessárias no sistema internacional de comunicações espaciais, para que se adote uma orientação similar.”²⁴¹ [grifo nosso].

2.3 Conclusões

Desde o aparecimento da TV comercial têm sido formuladas diversas teorias sobre seus efeitos no comportamento. Estas variam no grau em que os efeitos se atribuem ao conteúdo apresentado, variáveis do contexto ou características inerentes ao sujeito como agente mediador ativo. Algumas teorias têm recebido considerável apoio empírico tanto por métodos experimentais como não experimentais. Tais demonstrações teóricas têm enormes implicações práticas. Porém, a aplicação destes conhecimentos à solução de problemas sociais com o

²⁴⁰ Fowles apud Palmer e Dorr op cit. p.30.

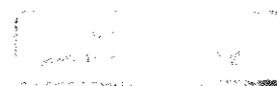
²⁴¹ibid, p. 184.

emprego da TV escapa da ação direta do cientista, mesmo que, como no caso do psicólogo social, seja esta uma de suas preocupações fundamentais.

Hoje há a disposição um grande corpo de investigação que explora a função da TV²⁴². Este não só “permite a avaliação científica da validade de algumas das afirmações em prol ou contra a TV”²⁴³, como também a possibilidade de empregá-la na solução de problemas sociais de grande calibre. A este respeito o Brasil oferece uma farta amostra. Problemas como o analfabetismo, (ou analfabetismo funcional), explosão demográfica, aumento da violência social, práticas anti-ecológicas de produção e plantio, epidemias e hábitos não-saudáveis, entre outros, poderiam ser prevenidos e/ou combatidos com uma TV orientada socialmente pela evidência da investigação científica e com a aplicação de princípios comportamentais. Porém, como veremos mais adiante, esta informação não parece desfrutar de suficiente difusão e reconhecimento no meio acadêmico brasileiro.

²⁴²Ver Comstock et al., 1978.

²⁴³Dorr op cit. p.65.



QUADRO 4: MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Um fenômeno multicausado exige a participação de estratégias e técnicas variadas. A complexidade da natureza da relação entre a TV e o comportamento sugere que a complementaridade de aproximações metodológicas se proponha como a forma idônea de estabelecer, com algum grau de segurança, se nossas conclusões sobre o efeito do meio são reais, se com base nelas poderemos fazer predições precisas, ou formular políticas de emprego da TV com fins sociais. Aplicando diversas fontes de comprovação de um mesmo fenômeno, em diversas condições ambientais, com uma variedade de sujeitos e culturas, formas de medição, avaliação e contrastação de resultados atendem-se de maneira mais confiável a tais requerimentos.

○ que se apresenta a seguir, é um breve resumo das características gerais dos métodos de investigação que são também empregados no estudo dos efeitos da TV. Para quem se inicia na pesquisa ou desconhece os elementos básicos da forma científica de adquirir conhecimento remetemos à bibliografia de aprofundamento.

Métodos experimentais

Experimentos de laboratório

As pesquisas experimentais, controlam a apresentação de uma experiência ou evento, amiúde criadas e manipuladas pelo experimentador [chamada de variável(s) independente(s)] e posteriormente medem seus eventuais efeitos sobre algum aspecto do comportamento [variável(s) dependente(s)]²⁴⁴.

○ principal objetivo é "determinar se mudanças na variável independente produz alterações na variável dependente; isto é, determinar se há uma relação causal entre as duas".²⁴⁵

Nos delineamentos experimentais, "designar aleatoriamente sujeitos a dois ou mais grupos para submetê-los a experiências contrastantes, [...] contribui para fazer inferências relativamente confiáveis sobre as causas de quaisquer diferenças obtidas entre eles..." (Dorr, 1986, p 67).

Este tipo de pesquisa implica um alto grau de controle e precisão. ○ experimentador desenha a situação especificamente para seus propósitos, define as variáveis de seu interesse e controla outras variáveis cuidadosamente, para evitar que estas últimas, que não são de seu interesse, influam na variável dependente; em outras palavras, para assegurar-se de que unicamente a variável independente pode ter causado as diferenças e assim eliminar interpretações alternativas dos resultados.²⁴⁶

"Um experimento é um estudo no qual uma ou mais variáveis independentes são manipuladas e no qual a influência de todas ou quase todas as variáveis relevantes possíveis não pertinentes ao problema de investigação são reduzidas a um mínimo. [...] Os pesquisadores isolam a pesquisa numa situação

²⁴⁴ Cf Rodrigues (op cit. p. 56) e Liebert (op cit. p. 38).

²⁴⁵ Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 38.

²⁴⁶ Idem.

física delimitada, manipulando e medindo variáveis sob condições cuidadosamente controladas e delimitadas".²⁴⁷

Deve-se enfatizar que um experimento de laboratório "não é um intento de duplicar situações da vida real. [...] O experimento de laboratório é um intento de isolar fatores que podem com frequência ocorrer juntos na vida real, de variar uns e controlar outros, de forma que possa ser observado claramente a maneira como cada um opera"²⁴⁸, de purificar ao máximo a manifestação de determinadas variáveis afim de verificar a sua relação com outras.²⁴⁹

"Os desenhos experimentais provêm uma prova segura de se as mensagens da TV afetam aos observadores ou não [...]; são desejáveis, dado que eles permitem inferências causais confiáveis; isto é, elas tornam relativamente seguro afirmar que quaisquer diferenças entre os grupos que apareçam são causadas pelas diferenças manipuladas experimentalmente numa experiência precedente. A análise experimental clarifica os determinantes e mecanismos através dos quais eles operam e sugere refinamentos teóricos que nos aproxime ao entendimento do fenômeno a ser estudado..."²⁵⁰

Experimento de campo

Resulta claro que o experimento de laboratório é limitado em termos do tipo de informação que provê. Observar a conduta de ver TV em ambientes onde esta não acontece costumeiramente, pode ocultar aspectos importantes que eventualmente poderiam explicar de maneira mais completa, a forma como a TV age sobre o comportamento. A artificialidade da situação experimental torna difícil generalizar os resultados à situações e pessoas da vida real.²⁵¹

Sob tais premissas, os investigadores têm se aproximado dos ambientes naturais onde as pessoas assistem à TV. "Os experimentos de laboratório, não devem ser feitos obrigatoriamente no laboratório, ocasionalmente eles podem ser conduzidos em ambientes da vida real."²⁵²

"Os experimentos de campo caracterizam-se por estudar um fenômeno psicossocial no ambiente natural em que ele tem lugar. Difere do estudo de campo no sentido de que neste último o pesquisador não cria a variável independente cujo efeito quer observar, enquanto que no experimento de campo há manipulação prévia da variável ou das variáveis independentes e subsequente observação de seus eventuais efeitos. [...] O experimento de laboratório tem em comum com o experimento de campo, o fato do pesquisador também manipular com antecedência as variáveis independentes para observar os seus efeitos. Dele difere, todavia, pelo fato da verificação experimental ter lugar no ambiente artificial do laboratório."²⁵³

²⁴⁷ Kerlinger op cit. p. 125.

²⁴⁸ Wrightsman op cit. p.50.

²⁴⁹ Rodrigues op cit. p. 72.

²⁵⁰ Bandura op cit. prefácio.

²⁵¹ Kerlinger op cit. p. 129.

²⁵² Wrightsman op cit. p. 50.

²⁵³ Rodrigues op cit. p. 57-58.

O experimento de campo, cria diferentes condições experimentais antes das observações relativas à variável dependente, e uma vez superadas as restrições que impõem as características do ambiente natural onde este será executado. ²⁵⁴

Este método de investigação, tem muitas das vantagens do experimento de laboratório e todas das do estudo de campo. Ele é o que apresenta as maiores vantagens "pois não tem as dificuldades inerentes aos métodos *ex pos facto* e tem a vantagem de analisar o fenômeno de estudo tal como ele ocorre no ambiente natural." ²⁵⁵

"O estudo experimental de campo combina a aproximação naturalista do estudo Correlacional com as vantagens do controle experimental, e assim provê evidência importante sobre a relação causal entre a violência televisionada e a agressão..." ²⁵⁶

Métodos não Experimentais

Os estudos de campo solucionam muitos dos problemas inerentes à investigação de laboratório. Eles não têm as restrições no tempo de exposição à TV, nem situações artificiais de observação, e podem empregar medidas da variável de interesse. "Nos estudos correlacionais, os eventos que ocorrem naturalmente são simplesmente medidos.." ²⁵⁷ Vejamos algumas de suas características :

"Nos **delineamentos não experimentais** os sujeitos não são designados aleatoriamente às experiências contrastantes. Com apropriados controles, **os delineamentos não experimentais** também nos informam sobre as causas dos efeitos, mas deixam sempre uma interrogação sobre a função da TV. A força de um desenho não experimental reside nas possibilidades que oferece de inferir efeitos 'do mundo real'. [...] Os **desenhos não experimentais** são desejáveis porque eles permitem grande **validade ecológica**, isto é, eles permitem escolher medidas e condições de investigação realistas, circunstâncias muito similares àquelas que se vivem na vida diária. [...] Dado que os desenhos experimentais requerem considerável controle das experiências dos sujeitos, é com frequência difícil torná-los muito realistas. Com desenhos não experimentais ao contrário, se pode estudar os sujeitos comodamente no que assistem em seu dia-a-dia, quem assiste programas ou comerciais com determinado conteúdo, quem assiste por dias, meses ou anos, quem vê dentro de seus próprios lares ou escolas e quem mostra ou não efeitos da TV como naturalmente eles podem ocorrer na vida cotidiana. [...] Métodos mais ecologicamente válidos oferecem maior segurança do que as experiências e as conseqüências cotidianas estão sendo estudadas. Métodos ecologicamente menos válidos incrementam a possibilidade de que eventos ocorram ou sejam adulterados por outros eventos, mas eles são pouco representativos da vida diária dos sujeitos. Para apreender mais, se procuram desenhos e métodos que ofereçam tanto inferência causal confiável como a maior validade ecológica possível." ²⁵⁸[grifos nossos]

²⁵⁴ *ibid*, p. 66-67.

²⁵⁵ *ibid*, p. 67.

²⁵⁶ Liebert, Neale e Davidson *op cit.* p. 83.

²⁵⁷ *ibid*, p. 69.

²⁵⁸ Dorr *op cit.* p. 67-69.

Pesquisa de levantamento / Estatístico-descritivo

A pesquisa de levantamento utiliza um número elevado de pessoas, mesmo que elas constituam freqüentemente, apenas uma amostra do universo pesquisado.²⁵⁹ Por definição este tipo de pesquisa emprega a técnica de 'pergunta', mais que, observar ou experimentar.²⁶⁰ Desta forma, questionários aplicados pessoa - pessoa, por telefone ou correspondência, são utilizados para coletar os dados. A técnica de panel em que uma amostra de pessoas é selecionada (através de cuidadosos processos de amostragem probabilística ou não probabilística) e entrevistada periodicamente, é também muito utilizada no estudo da evolução da opinião pública durante um período de tempo sobre algum evento ou situação.²⁶¹

Rodrigues (1973, p. 61) resume as características essenciais desta aproximação metodológica: "os pesquisadores escolhem uma amostra de pessoas capazes de fornecer informações relevantes ao problema que estudam, constroem instrumentos capazes de com eles obter dados relativos ao problema de seu interesse, analisam estes dados, os quais dizem respeito a efeitos de variáveis não manipuladas, a partir destes dados e de outras informações obtidas, eles remontam a possíveis variáveis capazes de explicar o que foi verificado [...] pesquisas deste tipo mostram a rigor, uma associação entre variáveis e não uma associação temporal entre as mesmas."²⁶²

Os programas de TV prosperaram ou faliram baseados no levantamento que avaliava a sua popularidade entre o público. Os resultados de importantes eleições são previstos com considerável exatidão dias antes, graças a este método de pesquisa.²⁶³

As pesquisas de levantamento permitiram avaliar importantes aspectos sobre a violência em TV. A forma e a intensidade de seu uso, a quantidade e distribuição da programação violenta, as características sócio-demográficas da audiência que consome violência, as variações e tendências da programação entre diferentes países, entre outros.

Estudos Correlacionais

"O método correlacional se emprega para determinar se duas ou mais variáveis estão relacionadas, isto é, se estas mudam ou co-variam juntas.[...] O grau de relação entre as duas séries de pontuações avalia-se mediante uma prova estatística. Após computar a relação entre as duas medidas, ele poderá fazer inferências para os indivíduos que compuseram a amostra. Um investigador que coleta dados sobre a quantidade de TV violenta que vêem um grupo de jovens e a quantidade de agressão que eles mostram na escola, só poderá afirmar que as duas variáveis estão relacionadas [não que uma é a causa da outra] se as provas estatísticas assim o confirmarem." [grifo nosso] (Liebert, 1973, p. 69-70)

²⁵⁹Rodrigues op cit. p. 58.

²⁶⁰Wrightman op cit. p. 44.

²⁶¹Rodrigues op cit. p. 61.

²⁶²idem.

²⁶³Tedeschi e Lindskold op cit.p. 60.

CAPÍTULO 3

PRINCIPAIS ÁREAS DE ESTUDO

3.1 Os Primórdios

Muito do esforço dos psicólogos sociais na área da comunicação, tem sido encaminhado na busca sistemática de variáveis e processos mediadores/determinantes do tipo e da magnitude dos efeitos da exposição a diversos conteúdos da TV. Parte considerável dos resultados nesta área de pesquisa tem sido amplamente documentada.²⁶⁴

“A pesquisa psicológica em TV tem início em 1949 e se fortalece até 1960, com intervalo de um ano em 1957.”²⁶⁵ A literatura começa com estudos sobre o uso que as crianças fazem do meio e sua preferência por diferentes tipos de programação.²⁶⁶

²⁶⁴ COMSTOCK, G. e RUBINSTEIN, E. (Eds). *Television and Social Behaviour*. Washinton. D.C.: US Government Printing Office, vol. I,II,III,IV,V. 1972.

²⁶⁵ Cf Wartella e Reeves op cit. p. 125. Porém, existem relatos de investigação anterior: “um dos primeiros estudos acerca do efeito da TV sobre as atividades nas horas de folga, foi feito por Coffin (1948), que noticiou uma diminuição da freqüência ao cinema e aos eventos esportivos...” (Hovland apud Steinberg, 1966, p. 576-578.)

²⁶⁶ Um estudo dos principais tópicos de interesse público sobre TV e crianças realizado por Klapper et. al (1953), junto a líderes de opinião (juristas, psicólogos, produtores de programas de TV infantil, educadores, etc.), e mediante a análise do conteúdo dos artigos aparecidos em publicações populares entre 1949 a 1952, revelou que até 1953 o debate sobre os efeitos da TV, girara sobre três grandes temas de concentração; - o impacto a curto prazo derivado da quantidade de tempo que as crianças dedicam à TV, assim como o associado à influência da programação violenta.- o desejo generalizado de melhorar a programação da TV dirigida às crianças, e a promoção da TV educativa, que não aparecera até 1954. - a especulação de psicólogos, psiquiatras, e educadores sobre os efeitos a longo prazo decorrentes da alta exposição à TV. Tal preocupação flutuava entre o efeito nocivo da apresentação prematura dos conflitos do mundo adulto e o decremento de atividades sociais, cognitivas e outras ‘não passivas’ nas crianças.É importante considerar os resultados deste estudo dado que, como se notava anteriormente, o rumo do debate público sobre os efeitos da TV, determinou em grande parte a agenda de investigação nas Ciências Sociais. Como veremos posteriormente, tais tópicos confirmam ainda hoje, parte do debate sobre o alcance do meio no comportamento.

O primeiro estudo sobre os efeitos da TV buscava o estabelecimento das preferências de programas nos adolescentes²⁶⁷ e é similar à maioria dos estudos em TV realizados nos primórdios de 1950.

O que é freqüentemente referido como a marca da investigação sobre o impacto da TV nas crianças (Schramm, Lyle, e Parker; *TV in the Life of our Children*) não aparece até 1960, sendo precedido por uma considerável quantidade de pesquisa. Vejamos alguns exemplos:

Witty (1954, p. 321-335), relaciona algumas áreas que ocupavam as atividades de pesquisa naquele momento: "(1) problemas avaliáveis em TV; (2) programas favoritos de crianças e jovens; (3) programas favoritos de pais e professores; (4) Programas recusados por crianças e adolescentes; (5) programas que gostariam ser vistos com maior freqüência; (6) efeito da TV sobre o sucesso acadêmico; (7) problemas associados com a TV; (8) usos educacionais da TV." O autor conclui que os estudos sugerem que o forte interesse das crianças pela TV pode provar ser uma responsabilidade ou uma vantagem. "Professores e pais devem trabalhar juntos para assegurar uma orientação". (Lewis, P., 1949, p. 159-161)

Num relato apresentado no "quarto estudo anual de programas de rádio e TV para crianças da associação nacional para uma melhor rádio e TV"²⁶⁸, se revela como a produção corrente de programas de crime para crianças aumentara 4 vezes desde 1951. "Enquanto programas de crime com temas tais como assassinato, tortura, sadismo e suspense mórbido têm dominado amplamente a programação para crianças, outros excessos nesta área tem sido deplorados".

Merlo (1954, p. 290) oferece "exemplos clínicos de adições reais à TV [...] suas conseqüências psicológicas são discutidas e a necessidade de um estudo da ação patogênica deste novo meio de comunicação é enfatizada".

²⁶⁷ LEWIS, P. TV and Teenagers. *Educational Screen*. 1949, n. 28, p.159-161.

Gilbert (1954, p.225), relata como “depois de permitir que 40 observadores ajustassem a saturação de fotos coloridas numa tela de TV num quarto obscuro até ‘satisfatório’, se estabelecia uma preferência pelas cores menos saturadas...”

Outro estudo²⁶⁹, analisou os programas de TV comercial originados em New York. “Foram analisados em termos de tempo, conteúdo e formato. Dados sobre o tempo do programa, tipo de programa, audiência e momento do dia, são relacionados, centrando-se principalmente sobre a tabulação de atos de violência.”

Em 1954, Schramm “provia fundamentação no treinamento de pessoal para a investigação internacional em comunicação [...] tratava problemas da natureza da comunicação, como a atenção é ganha, como o significado é transferido, como as atitudes e opiniões se desenvolvem e mudam, a função da pertença a um grupo, conceitos, estrutura social e problemas da comunicação internacional”.

Hovland ²⁷⁰resumia: “alguns dos maiores estudos e relacionava um grande número de evidências empíricas aos princípios básicos da análise da comunicação”. A primeira grande seção revisava “estudos sobre materiais impressos, cinema, rádio e TV. A segunda seção tratava de fatores que influenciam os efeitos, como o comunicador, o meio, e o receptor.”

Uma outra pesquisa²⁷¹ com uma amostra de 3559 sujeitos em New Haven, mostrava que 69% dos pais geralmente aprovavam os programas para crianças tal como eram apresentados, enquanto 26% os desaprovava. Os resultados variavam em função do nível de escolaridade dos pais; entre os pais com alta escolaridade unicamente 54% aprovavam a

²⁶⁸“Crime pattern in television filmes for children shown in annual study”. *Film World*, 1954, n. 10, p.416.

²⁶⁹ Realizado pela Purdue Opinion Panel. “Four Years of New York TV”. 1951-1954. Urbana, ill; National Association of Educational Broadcasters, 1954 p. 92

²⁷⁰ Hovland apud Lindsey e Aronson op cit. p. 1062-1103.

²⁷¹ Realizada pela National Council of Churches. “Parent’s opiniões of TV”. *Film World*, 1954, 10.280-314.

programação corrente. O estudo também incluía informações sobre tempo de uso, preferências de programação, e sugestões dos pais para uma nova programação.

Outra pesquisa encontrou²⁷² "... apoio para a hipótese de que aquelas famílias cujo equipamento cultural antes da introdução da TV era compatível com o comportamento requerido para seu uso, a aceitavam em maior grau que outras. Os 'aceitadores', se caracterizavam por ter interrompido sua educação a nível de primeiro grau, por um pequeno ingresso médio e por possuir padrões recreacionais passivos tais como escutar rádio e assistir ao cinema [...] a evidência de que a TV é primariamente um aparelho recreacional pode dar sentido a futuros estudos relativos à adoção de uma inovação".

"... como ilustração do tipo de investigações que estão sendo feitas, destaca-se a de Wibe (1952)²⁷³, que tem por objeto as **reações públicas à transmissão pela TV, dos julgamentos de crimes e atos de corrupção na cidade de NY.** [...] Uma pergunta que está sendo formulada pelos pesquisadores da TV é a seguinte: como se comparam a TV e o rádio na **eficiência da produção de vendas?** [Mencionam-se diversas investigações preliminares, que indicavam a superioridade da TV] [...] Outra pergunta que se faz na pesquisa sobre a TV é até **que ponto esse novo meio altera o padrão da família típica.**" [grifos nossos]

Nesta primeira década da investigação psicológica sobre os efeitos da TV, destacam-se duas características principais;

"1- Há uma quantidade surpreendente sobre crianças e TV. [...] 2- Há uma esmagadora similaridade entre as investigações de diferentes períodos e entre novas tecnologias anteriores à TV substituindo-se como objeto de interesse ." ²⁷⁴

Apesar dos seus esforços, os investigadores reconheciam a distância que os separava do entendimento cabal dos efeitos da TV. Em 1954, Hovland afirmava ;

²⁷² SAXON, G. Cultural compatibility of the adoption of Television. *Social Forces*, 1954, n. 33, p. 166-170.

²⁷³ Hovland apud Steimberg, 1966, p. 576.

“... não existe **nenhum esquema satisfatório ou teoricamente derivado disponível sobre a categorização dos efeitos dos meios.**” [grifo nosso]

Dez anos depois, Weiss²⁷⁵, em seu artigo clássico sobre os efeitos dos MCM reafirmava esta opinião. No seu critério:

“... isto não só revela as lacunas na investigação mas impõe uma ordem racional sobre diversos tipos de investigação. Entretanto, salientes diferenças e similaridades são mais enfaticamente iluminadas e se fixa um limite sobre a discussão vácuca no que diz respeito ao que os meios podem ou não fazer. Além disso, o confronto resultante pode ser de utilidade para provar e sugerir teoria.” [grifo nosso]

Schramm (1973, p. 108), concorda em que:

“Há um diminuto conhecimento científico da situação em que se espera que a comunicação funcione; a comunicação de massa é pouco experimentada e sua mecânica não é totalmente compreendida nas sociedades em desenvolvimento”.

Nesta primeira década sublinhava-se com insistente freqüência a possibilidade e a necessidade de usar o meio de forma positiva para a sociedade:

“As possibilidades da TV no campo da instrução são enormes, e existem inúmeros estudos que mostram a maneira pela qual pode ser usada para transmitir informações. [...] As forças militares estão começando a estudar as possibilidades do novo meio em seus programas instrutivos. [...] Como meio instrutivo em salas de aulas é duvidoso que existam quaisquer diferenças importantes entre ela e os filmes de cinema. Em condições naturais podem esperar-se diferenças interessantes. Enquanto prossegue, sem dúvida, a pesquisa relativa aos efeitos da TV sobre crenças, opiniões e atitudes, pouca coisa desse trabalho foi dada ao público até agora.”²⁷⁶[grifo nosso]

De fato, as tentativas para usar a televisão como ferramenta de ensino começaram logo após sua introdução comercial ao final da década de 40 e inícios de 50. O principal interesse

²⁷⁴ Wartella e Reeves op cit. p. 125.

²⁷⁵ Weiss apud Lindsey e Aronson op cit. p. 80.

²⁷⁶ Hovland apud Steimberg, 1966, p. 576-77.

pelo meio derivava da sua habilidade para atingir simultaneamente um grande número de pessoas²⁷⁷.

Schramm (1962) e Kumata (1960) conduziram revisões compreensivas dos estudos sobre a TV como ferramenta pedagógica. Eles apontaram algumas conclusões:

“(a) somente em algumas poucas áreas bem definidas a televisão educativa produz uma aprendizagem superior às técnicas tradicionais; (b) os efeitos tornavam-se aparentes geralmente com estudantes brilhantes que eram ajudados pela instrução da televisão; (c) enquanto alguns estudantes mostraram efeitos positivos a curto prazo com a instrução da TV, não há consenso sobre a sua efetividade na retenção a longo prazo; (d) a ‘motivação’ era de primeira importância no processo de aprendizagem; (e) as melhoras provavelmente não se relacionavam com tópicos que usavam exemplos concretos (ex, Ciência e Matemática). Em resumo, a instrução televisiva era útil para certo tipo de ensino, mas, em geral, esta não era nem mais nem menos efetiva que a instrução pessoa-a-pessoa.”²⁷⁸

Em Psicologia, com o aparecimento da TV comercial, virtualmente todo tipo imaginável de conteúdo tem sido sujeito de ao menos um estudo²⁷⁹.

Mesmo sendo desconhecido do grande público, hoje existe um grande corpo de investigação sistemática explorando a função da TV na vida das pessoas; “... isto permite uma avaliação científica da validade de algumas destas afirmações em prol ou em contra da TV, conduzindo finalmente a uma compreensão mais balanceada das possibilidades do meio, seus logros e erros.”

O acervo de conhecimentos é particularmente sugestivo (ver Anexo 1). Os tópicos abarcam uma extensa variedade; crianças e TV²⁸⁰, agressão e conduta transgressora²⁸¹,

²⁷⁷ WATKINS, B. e HUSTON-STEIN, A, Wright, J. Effects of Planning Television Programming (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 30)

²⁷⁸ Watkins, Huston, Wright (In: Palmer e Dorr op cit. p. 50)

²⁷⁹ Dorr op cit. p. 66.

²⁸⁰ COMSTOCK, G e PAIK, H. **Television and the American Child**. Califórnia: Ed. Academic Press Inc., 1991.

política²⁸², condutas pró-sociais²⁸³, emprego preventivo²⁸⁴, difusão de novidades²⁸⁵, persuasão²⁸⁶, formação e mudança de atitudes²⁸⁷, conduta aditiva²⁸⁸, atividade e impacto sobre a saúde²⁸⁹, suicídio²⁹⁰, comunicação não verbal²⁹¹, publicidade²⁹², adolescentes²⁹³, formação de estereótipos sociais²⁹⁴, expectativas de realidade²⁹⁵, aspectos cognitivos do processamento e recobro da informação²⁹⁶, formação e mudança de opiniões e atitudes²⁹⁷,

²⁸¹ Freedman op cit. 1992.

²⁸² LEMERT, J. Do the television presidential debates help inform voters? *Journal of Broadcasting and electronic media*. 1993 (win), Vol. 37 (1), p.83-94.

²⁸³ ALLEN, E. Strategies for the 1990's: Using the media for good. (In: ZILLMANN, D. e JENNINGS, B. (Eds). *Media, Children and the Family*. New Jersey: LEAS Communication Series, 1994)

²⁸⁴ BROWN, J. e WALSH-CHILDERS, K. Effects of media on personal and public health. (In: JENNINGS, B. e ZILMAM, D. (Eds) *Media Effects; Advances in Theory and Research*. New Jersey: LEAS Communication Series, 1994)

²⁸⁵ Bandura op cit. 1986.

²⁸⁶ WARTELLA, H. e MIDDLESTANDT, S. The evolution of the models of mass communication and persuasion. *Health communication*, 1991, Vol 3 (4), p. 205-215.

²⁸⁷ WIEGMAN, O. Communication modality and attitude change in a realistic experiment. *Journal of Applied Social Psychology*. 1989 (Jul), Vol19 (10), p.828-840.

²⁸⁸ LORHC, E et al. Program context, sensation seeking, and attention to televised anti-drug public service announcements. *Human communication research*. 1994 (mar), Vol 20 (3), p.390-412.

²⁸⁹ TUCKER, L. Television, teenagers, and Health. *Journal of Youth and Adolescence*, 1987, n. 16 (2), p. 415-425.

²⁹⁰ GARNER, H. An adolescent suicide, the mass media and the educator. *Adolescence*, 1975 (Sum), Vol 10 (38), 241-246.

²⁹¹ FRIEDMAN, H. et al. Nonverbal communication on television news; the facial expressions of broadcasters during coverage of a presidential election campaign. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1980 (Sep), Vol 6 (3), p. 427-435.

²⁹² PRATKANIS, A e ARONSON, E. *Age of propaganda; the every day use and abuse of persuasion*. NY: Ed Freeman, 1992.

²⁹³ CHAFFEE, S. e TIMS, A. Interpersonal factors in adolescent television use. *Journal of Social Issues*. 1976 (Fal), Vol 32 (4), p. 98-115.

²⁹⁴ EVULEOCHÁ, S e UGBAD, S. Stereotypes, counter stereotypes, and black television images in the 1990's. *Western Journal of Black Studies*. 1989 (win), Vol 13 (4), p. 197-205.

²⁹⁵ Gerbner et al., 1978.

²⁹⁶ WICKS, R. Improvement over time in recall of media information; an exploratory study. *Journal of broadcasting and electronic media*. 1992 (Sum), v. 36 (3), p. 287-302.

grupos minoritários e sua representação em TV ²⁹⁸, interação social²⁹⁹, padrões de uso³⁰⁰, notícias³⁰¹, vida familiar³⁰², efeitos sobre a sexualidade³⁰³, entre outros.

Embora muitos destes temas de investigação tenham surgido cedo, só a acumulação e replicação de evidências, e o emprego de delineamentos altamente criativos, tornaram possível a construção do conhecimento adquirido, mesmo que em muitas instâncias, achados ou expectativas iniciais tenham sido revertidos.^{304 305}

Dorr (1986, p.66) ³⁰⁶ nos oferece uma visão panorâmica dos acentos nos tópicos de investigação até a década de oitenta;

"Nos primórdios de 1950, realizaram-se muitos estudos sobre a efetividade da TV para ensinar às **crianças informação acadêmica tradicional e habilidades**. Nos inícios de 1960 se observou um significativo incremento da investigação. Esta centrou-se principalmente sobre o grau em que a TV influencia as **atitudes e condutas agressivas das crianças**. [...] Finalmente nos inícios de 1970 a investigação se orientou sobre o grau no qual a TV influencia as **atitudes sociais das crianças, as cognições sociais e as condutas sociais positivas**. [...] **Através destas décadas, os efeitos em outras áreas de**

²⁹⁷ GUNTER, C. Attitudes toward media coverage of social groups. *Public Opinion Quarterly*, 1992 (Sum), v. 56 (2), p. 147-167.

²⁹⁸ DODD, D. et al. Content análises of women and racial minorities as news magazines cover persons. *Journal of Social Behavior and Personality*. 1988, v. 3 (3), p. 231-236.

²⁹⁹ PERSE, E. e RUBIN, A. Chronic Loneliness and television use. *Journal of Broadcasting e and Electronic Media*, 1990 (Win), v. 34 (1), p. 37-53.

³⁰⁰ CONWAY, J. e RUBIN, A. Psychological predictors of television viewing motivation. *Communication research*. 1991 (Aug), v. 18 (4), p. 443-463.

³⁰¹ GRIFFIN, M. Looking at TV News; Stratégies for Research. *Communication*. 1992 (oct), v. 13 (2), p. 121-141.

³⁰² LARSON, M. Family communication on prime time television. *Journal of broadcasting and Electronic Media*. 1993 (Sum), v. 37 (3), p. 349-357.

³⁰³ OLIVER, M. Contribution of sexual portrayals to viewer's responses to graphic horror. *Journal of broadcasting and electronic media*, 1994 (Win), v. 38 (1), p. 1-17.

³⁰⁴ "Toda ciência considerada em seu estado presente mergulha as raízes na totalidade da tradição. Embora o desenvolvimento da tradição não tenha sido obrigatoriamente progressivo e contínuo, sua marcha na realidade foi interrompida e aos arrancos." (Stoetzel op cit. p. 3).

³⁰⁵ Comstock (1975, p. 25)

³⁰⁶ Dorr op cit. p.66.

conteúdo, tais como política, administração, publicidade comercial e cultura popular, têm sido também investigados embora em menor grau". [grifos nossos]

Outras áreas que têm recebido atenção neste período são; "a- padrões de exposição à TV em pessoas jovens; b- a forma como elas respondem à TV; c- natureza da experiência de observação; e d- efeitos da TV sobre valores, atitudes e condutas." ³⁰⁷

No ano de 1978, após revisar "mais de 2500 livros, artigos, relatos e outros documentos" ³⁰⁸ que "tentavam cobrir a totalidade da literatura científica relevante em língua inglesa" ³⁰⁹, George Comstock e sua equipe apontavam quatro temas principais, até então, objeto de investigação intensiva. São estes; efeitos anti-sociais, efeitos pró-sociais, efeitos da publicidade em TV e socialização política.

Comstock e sua equipe dedicaram o último capítulo de sua obra à elaboração de uma agenda de investigação futura dirigida ao "... exame científico do impacto social da Televisão." ³¹⁰ Baseando-se em entrevistas com eminentes cientistas da época, Comstock e sua equipe ordenam tais tópicos em função do grau de interesse que têm suscitado. Esta 'agenda de investigação' tentava ilustrar as prioridades na pesquisa futura (caso estas tendências persistissem no tempo), e considerando uma série de fatores relacionados como; apoio financeiro, necessidades, interesses e treinamento dos investigadores, entre outros. Cada área de investigação se acompanha de uma série de questionamentos que em seu critério deviam ser explorados. São estas:

1. TV e socialização:

Interesse nos possíveis efeitos negativos e a possibilidade de incrementar qualquer influência positiva a partir de TV.

³⁰⁷ Comstock (1975, p 25)

³⁰⁸ Comstock et al. 1978.

³⁰⁹ idem.

³¹⁰ ibid, p. 489.

1.1. Efeitos socialmente desejáveis;

- Detectar os aspectos da programação que incrementam a probabilidade de que os observadores os tomem como modelos para seu próprio comportamento.
- Estabelecer se a forma da dinâmica psicológica envolvida nos efeitos pró-sociais é similar ou não àquela envolvida nos efeitos anti-sociais .

1.2 Socialização de roll;

- Explorar a influência da TV nas aspirações e expectativas ocupacionais, considerando também o gênero sexual.

1.3 Socialização Política;

- Examinar o grau em que a TV contribui na formação de crenças, valores, expectativas, intenções de voto e participação política efetiva.

1.4 Conduta Anti-social;

- Determinar as circunstâncias ambientais e processos psicológicos que incrementam a probabilidade de que a TV violenta contribua à agressão ou à conduta anti-social, tanto quanto às condições e circunstâncias que possam mitigar tal efeito.
- Aprofundar nos processos envolvidos na relação entre TV violenta e conduta anti-social: estados de ativação, dessensibilização à violência real, diminuição das reações atitudinais e comportamentais.

1.5 - Efeitos da Publicidade

- Responder em que grau os comerciais alimentícios promovem práticas dietéticas inconvenientes, nocivas, consumo de drogas ou suplementos desnecessários. Em que grau tais comerciais promovem a pressão de consumo sobre os pais e empregam estratégias persuasivas para aumentar a qualidade, natureza e benefícios do produto

1.6 Aprendizagem Cognitiva

- Estabelecer as conseqüências positivas ou negativas da exposição à TV sobre: leitura, habilidades verbais, habilidades perceptuais não verbais, aquisição de conhecimento e habilidades socialmente valorizadas.

1.7- TV entre outros agentes de Socialização

- Verificar a influência da TV comparada à de outros agentes de socialização como; pais, escola e comunidade. Que aspectos fazem da TV uma influência importante. Que tipo de conduta paterna ou condições familiares neutraliza ou favorece a influência da TV.

1.8 - Padrões de uso da TV

- Descrever de maneira mais completa a experiência de assistir à TV. Como esta varia em função de idade, sexo e grupo étnico. Que variáveis do contexto, ambientais ou sociais estão envolvidas.

2- TV e Política (Notícias e assuntos públicos/efeitos sobre as crenças políticas e o comportamento)

- Esclarecer que tipo de apresentação de eventos atinge o público, em que forma e intensidade ocorrem distorções tendenciosas, como a TV interage com outras influências na conduta de voto, como incide nas prioridades dadas pelas pessoas a certos tópicos, como esta influencia as crenças sobre fatos históricos que se prolongam no tempo.

3- TV e Populações Especiais [minorias étnicas e sócio-econômica, idosos e mulheres]

- Considerando que tais grupos são altos consumidores de TV, quais são os fatores que motivam seu uso? De que forma diferem gostos, preferências, auto-percepções, efeitos? A programação atende à suas necessidades?

4- Efeitos Psicológicos e Comportamentais

- Determinar em que grau a TV consegue ativação fisiológica, se os conteúdos apresentados explicam ou não os efeitos comportamentais. Que fatores psicológicos e ambientais estariam relacionados com um tipo de efeito particular. Que similaridades e/ou diferenças se encontram entre efeitos pró-sociais e anti-sociais .

5- Usos e Gratificações da TV

- Precisar os motivos e reforços envolvidos no uso extensivo da TV. Como eles variam em função do conteúdo e as características do observador. Em que grau as expectativas e motivos do observador influenciam suas atitudes, conhecimento e o comportamento.

6- Análise e Monitoramento do Conteúdo de Entretenimento

- A TV só pode ser avaliada se conhecermos seu conteúdo. Estabelecer quais são os temas recorrentes e as mensagens relacionadas à conduta socialmente desejável, assim como o tratamento que recebem certos setores da população.

7- Operação e Administração da TV

- Para compreender a influência do conteúdo apresentado deve-se saber como a TV opera, quais são os seus determinantes e prioridades como indústria. Na área das notícias, que fatores determinam sua composição e que alternativas podem ser propostas ao atual sistema de programação.

8 - Sistemas comparados de Meios

- Identificar as similaridades e diferenças na estrutura da mídia, sua organização, controle e conteúdo da programação, tendências de distribuição e fluxo entre diversos países e culturas.

9 - TV e Sociedade

- Delinear o lugar da TV como instituição entre outras instituições sociais, as implicações e obrigações sociais da programação. Que implicações terá o desenvolvimento de novas tecnologias como a TV a cabo ou a TV paga na possibilidade de escolha da programação?

Tentando estabelecer se as tendências da pesquisa apontadas por Comstock em 1978 coincidem com a produção científica da Psicologia Social anglo-saxônica realizada em TV no período compreendido entre 1950 e 1990, realizou-se uma revisão bibliográfica³¹¹ e um levantamento complementar em base de dados.³¹²

Feita esta comparação, pode-se afirmar, de forma geral, que há uma coincidência parcial nas tendências e prioridades das áreas de concentração de pesquisa.³¹³

Palmer e Dorr (1980, prefácio, XV), fazem uma breve retrospectiva da investigação psicológica em TV:

³¹¹ Levantamento bibliográfico realizado manualmente nos *Psychological Abstracts* da APA (Associação Americana de Psicologia), na seção *Social Psychology*. Dadas suas dimensões e características, não faz parte dos anexos aqui incluídos.

³¹² PSYCLIT CD-Room: contém os *Abstracts* da APA e compila a produção dos periódicos especializados mais reputados dos EEUU. Inclui artigos de autores de países da Europa, Ásia, América Latina e Austrália, resumos de dissertações (*Dissertations Abstracts*), capítulos de livros, assim como novidades e resenhas de textos em Psicologia Social e Televisão. (ver Anexo 1)

³¹³ A área de concentração 'Atitudes e Opiniões' inclui aspectos da investigação denominados por Comstock como 'política e/ou socialização política'. De forma similar, a seção, 'Estereótipos e Representações Sociais' reflete em parte o referido por aquele autor como 'TV e Populações Especiais', embora a ênfase dada por Comstock se centre na forma como estas populações fazem uso da TV e no grau em que seu conteúdo se orienta face suas necessidades particulares. Na seção 'Meios comparados' mais que uma comparação transcultural entre a forma como operam os sistemas de TV, encontramos uma ênfase no estudo da forma como as inovações tecnológicas tais como, TV a cabo, vídeo, TV paga e computador, diferem, alteram e/ou interagem com a TV convencional. Alguns dos modelos e teorias que tentam explicar os processos psicossociais que mediam os efeitos da TV, matéria da seção 'Teorias e Modelos', equivaleriam à seção 'Efeitos Psicológicos e Comportamentais'. Os denominados 'Padrões de uso' seriam semelhantes à seção 'Socialização - Padrões de uso' e ao chamado 'Usos e Gratificações'. Dentro da seção 'Crianças e Adolescentes' encontramos aspectos da categoria 'Socialização de *Roll*'. Da mesma forma, o relativo à 'Violência e Suicídio' estaria representado na categoria 'Socialização anti-social'. As categorias 'Publicidade', 'Cognição e Percepção Social', que receberam seções individuais nesta revisão, se ajustam aos tópicos, 'Publicidade' e 'Aspectos cognitivos', incluídos dentro da seção 'Socialização' de Comstock.

“Historicamente os usos instrutivos da TV foram os primeiros a comandar a atenção de investigadores e políticos. Em meados dos anos sessenta percebemos que a programação de entretenimento podia também ensinar, e por uma variedade de razões, voltamos nossa atenção primeiramente à capacidade instrutiva da violência televisiva e o que poderíamos fazer a este respeito. Ultimamente, começamos a considerar a publicidade comercial dirigida às crianças. [...] Nas três áreas, há produção em andamento e investigação com relevância potencial [...] tanto para a produção como para a política.”³¹⁴

Estes autores afirmam que a pesquisa psicológica sobre TV e crianças, tem se concentrado em três grandes áreas principais; Ensino, Violência e Publicidade:

“... três aspectos do conteúdo da televisão - ensino, violência e vendas. Em contraste com alguns outros temas [...] estes três aspectos têm pesquisa ativa e bases de políticas públicas. Eles têm uma história, um presente e um futuro...”³¹⁵

Lefkowitz e Huesman (In: Palmer e Dorr, 1980), oferecem uma categorização alternativa da pesquisa sobre os efeitos da TV nas crianças:

“O mais recente trabalho relacionado com crianças pode ser classificado em quatro categorias [...] não necessariamente excludentes entre si [...] a- agressão; b- socialização e valores; c- respostas fisiológicas; e d- afeto. Ordenados pelo volume de investigação em cada tema, os estudos em agressão são de longe preponderantes.”³¹⁶

É razoável esperar que o interesse da Psicologia Social se aglutine em algumas das áreas de pesquisa mencionadas anteriormente, em virtude de circunstâncias históricas, pressões sociais, escolas de pensamento, núcleos de pesquisa com preocupações específicas, políticas de financiamento, e até ‘modas’ nas Ciências Sociais.³¹⁷

No prefácio do livro *Television as a Social Issue: Applied Social Psychology Annual*³¹⁸ onde se reúnem autores³¹⁹ responsáveis por parte das mais reconhecidas contribuições feitas

³¹⁴ Palmer e Dorr (eds.) op cit. Prefácio, xv, xvi.

³¹⁵ idem Prefácio, xv.

³¹⁶ Lefkowitz, M e Huesman, R “Concomitants of Television Violence in Children.” (In: Palmer e Dorr op cit. p. 164)

³¹⁷ Cf. McQuail op cit. p. 216-218.

³¹⁸ OSKAMP, S. (ed) *Television as Social a Issue; Applied Social Psychology Annual*. Newbury Park: Ed. Sage, 1989.

pela Psicologia Social ao estudo da TV, Phyllis Katz afirma que os três maiores temas relacionados com a programação da TV estudados pela Psicologia Social são:

- 1- A prevalência do conteúdo violento da TV e seus potenciais efeitos,
- 2- Os programas Pró-sociais, e
- 3- As apresentações estereotipadas de grupos sociais.

Em concordância com os objetivos propostos e de forma sucinta e introdutória, conforme o caráter do trabalho, procede-se no capítulo seguinte com a apresentação das principais conclusões às quais a Psicologia, e particularmente a Psicologia Social, têm chegado na área dos efeitos da TV sobre os comportamentos anti-sociais e pró-sociais. A exposição da evidência em cada área será dividida de acordo com o tipo de pesquisa empregada, seja esta experimental, ou não experimental.

3.1.1 Conclusões

A revisão da literatura anglo-saxônica sobre os efeitos da TV realizada até este momento, revela:

- Uma forte tradição de pesquisa em Psicologia Social sobre os efeitos da TV.
- O caráter paradigmático dominante de tal pesquisa notadamente científico.
- O alto nível de qualidade e rigor metodológico da investigação.
- A intensa difusão de tal conhecimento, como testemunham o grande número de publicações de artigos em periódicos especializados, dissertações, resenhas, capítulos e livros.
- A imensa variedade de tópicos relacionados com a TV cobertos pela investigação sistemática nesta área.

³¹⁹Para mencionar alguns deles: George Comstock, Elihu Katz, Aimée Dorr, Ellen J. Langer, Ronald Milawsky, Thomas Rogers, Dorothy e Jerome Singer, Timothy Wirth, Ellen Wartella, Seymour Feshback,

- Tais tópicos aglutinam-se em algumas áreas de interesse que monopolizam a atenção dos psicólogos sociais.

- As áreas dominantes de investigação sobre os efeitos da TV são; a- efeitos da violência via TV, b- Aquisição de comportamento pró-social e suas aplicações à solução de problemas sociais, c- representações e estereótipos sociais.

QUADRO 5: ESTEREÓTIPOS DO IDOSO NA TELEVISÃO

O termo E. tem recebido distintas acepções desde sua criação por Walter Lippmann, em 1922. Para Lippmann os E. eram como "... retratos em nossas mentes que usamos para apreender o mundo ao redor"³²⁰. Conceitualizações posteriores assumiam o E. como uma crença exagerada associada a uma determinada categoria social³²¹. Esta forma de entender os E. em termos de categorias sociais tem prevalecido, porém, associado a fenômenos de grupo. Hoje os cientistas sociais entendem os E. como, "conceitos ou categorias nas quais colocamos a outras pessoas. [...] Uma categoria é um estereótipo quando os membros de uma cultura ou uma subcultura acreditam de forma inquestionável que um conceito particular caracteriza os membros de um grupo em geral..."³²²

Os psicólogos sociais concebem o E. como um "tipo especial de esquema ou referencial cognitivo" formado por "informação e crenças sobre grupos específicos, muitas de natureza negativa."³²³ "Como a maioria (se não todos) os psicólogos sociais acreditamos que os estereótipos são universais, usados por todo ser humano no processamento de informação sobre o ambiente social.[...] são generalizações sobre grupos sociais - características que são atribuídas a todos os membros de um grupo dado, sem considerar as variações que devem existir entre os membros de esse grupo. [...] A falta de consideração das diferenças entre os membros de um grupo estereotipado converte os estereótipos em 'sobregeneralizações' e como tais são sempre no mínimo algo distorcidos..."³²⁴ Os E. atendem a diversas funções: a- interpretar e processar a informação social.³²⁵; b- agilizar o processamento da informação relacionada a um E. particular³²⁶; c- orientar a atenção a

Jonathan Freedman, W Russell Neuman, entre outros.

³²⁰ SEITER, E. Stereotypes and the media: A Re-Evaluation. *Journal of Communication*. 1986, Spring, vol 36, n.2 p. 14-26.

³²¹ ALLPORT, G. *The nature of Prejuice*. Boston: Ed. Addison Wesley. 1954, p. 191.

³²² Gergen e Gergen op cit. p. 115-116

³²³ BARON R., BYRNE, D., SULS, J. *Exploring Social Psychology*. Boston: ED. Allyn and Bacon, 1989, p. 111, 113.

³²⁴ Babad, Birnbaum e Benne, 1983 apud Seiter, op. cit, p. 15.

³²⁵ Baron, Byrne e Suls op cit. p. 111, 113

³²⁶ idem.

tipos específicos de informação (usualmente a informação que é consistente com eles); d- determinar o que se lembra (usualmente se recobra informação que é consistente com eles³²⁷); e- afirmar crenças a ponto de torná-las resistentes à mudança. (E. fortemente arraigados podem induzir os indivíduos a se envolverem em esforços para refutar crenças ou informações inconsistentes com eles, talvez lembrando fatos que sejam consistentes com seu esquema)³²⁸; f- justificar nossa conduta em relação à uma determinada categoria/ grupo social.³²⁹

Os E. afetam fortemente as formas nas quais processamos a informação que recebemos do ambiente social cotidiano. Quando a orientação dos E. é negativa "o afeto é de desagrado e inclusive de hostilidade". Neste caso, o E. equivaleria a manter uma atitude negativa em relação com o objeto ou grupo social. Os E. estão entre as mais importantes fontes de preconceito³³⁰. O processo de categorização social envolvido nos E., contribui para que "facilmente crenças e sentimentos contrastantes" sejam comumente atribuídos a membros de outros grupos³³¹. Allport (1954, p. 189) acreditava que os E. "não são em si mesmos uma explicação à discriminação [...] [mas que] desempenham uma parte importante do preconceito [...] embora não o abarquem"³³². Outros autores afirmam que o E. é o principal mecanismo de sustento dos preconceitos. Uma vez que as pessoas concordem com os rótulos preconceituosos, tais rótulos chegam a ser resistentes à mudança..."³³³ Os preconceitos têm conseqüências observáveis na vida cotidiana: "seus efeitos são danosos [...] coisa lógica, já que o preconceito é inerentemente anti-social, ou pelo menos, não apoia os melhores interesses da sociedade. É provável que também ofenda a grande parte dos sistemas éticos melhor desenvolvidos."³³⁴ Os E. contribuem na formação de atitudes negativas, preconceitos e predisposições comportamentais negativas frente a pessoas e grupos.

Allport (1954 p. 190) atribuiu a origem dos E. a experiências negativas com pessoas que posteriormente são generalizadas a grupos de características similares. Porém, aclarou que tais expectativas negativas frente a grupos ou pessoas podem ocorrer na ausência de fatos ou experiências concretas que as suportem. De fato "os estereótipos não necessariamente são baseados em experiências diretas com membros dos grupos estereotipados. **Eles podem ser aprendidos a partir de outros ou dos MCM**".³³⁵

Os E. têm sido associados aos meios massivos desde seu surgimento³³⁶: "...há uma razão adicional e excessivamente importante para sua existência [...] [do E.] é a de estar socialmente

³²⁷ idem.

³²⁸ idem.

³²⁹ Allport op cit. p. 191.

³³⁰ Baron, Byrne Suls op cit. p. 111, 113.

³³¹ idem

³³² Allport op cit. p. 189.

³³³ Gergen e Gergen op cit. p116.

³³⁴ WHITTAKER, J. *La Psicología Social en el Mundo de Hoy*. México. Ed. Trillas, 1984, p.334-335.

³³⁵ Babad, Birnbaum e Benne apud, Seiter op cit, p. 15.

³³⁶ Sieter op cit. p. 19.

apoiado, continuamente revivido e 'martelado' por nossos MCM - novelas, histórias breves, materiais de jornal, rádio e televisão." ³³⁷ Obras recentes confirmam esta relação: "o maior interesse com a apresentação de estereótipos em TV é que o resultado de tais representações pode ser a aquisição pela audiência, de atitudes negativas face a certos grupos e a solidificação de estereótipos sexuais e raciais". ³³⁸

O interesse nos E. pela mídia se deriva, em grande parte, do pressuposto de que sua apresentação pode formar e/ou manter impressões distorcidas de grupos na audiência. "Se a TV é usada por muitos como teste de realidade [...] então as apresentações estereotipadas chegam a ser reais e o comportamento na vida real é orientado pelas expectativas derivadas destes estereótipos." ³³⁹ A teoria da aprendizagem social mostrou como crianças podem adquirir atitudes negativas frente a grupos sociais específicos ao ser expostas a tais respostas por parte de outros (pais, amigos, ou outros modelos) ou por ser especificamente reforçados por manifestá-las: "muitos psicólogos acreditam que a TV, e outros meios, têm fortes influências formativas sobre as idéias e o comportamento das crianças [...] os programas de TV para crianças são planejados para ter o máximo impacto e atração. [...] uma análise detalhada do conteúdo de livros e programas de TV sugere que apesar dos esforços conscientes para evitar ensinar preconceitos, os escritores de mídia dificilmente conseguem evitar revelar seus valores." ³⁴⁰

A formação de E. a partir da representação distorcida ou tendenciosa de grupos e indivíduos na TV, atinge a auto-imagem das pessoas alvo: "... as conseqüências dos estereótipos negativos da mídia podem ser mais perigosas. Existe considerável evidência de que a auto-imagem é com freqüência determinada pelas expectativas de outros no mesmo meio social. Assim, através das apresentações da mídia e as expectativas de outros, os estereótipos negativos podem ser um importante fator na formação de auto-imagens negativas dentro de um grupo estereotipado..." ³⁴¹ Jefres e Lyon, (1979,p116) ³⁴² confirmam os efeitos deletérios que os E. podem ter sobre a auto-imagem: "as imagens da mídia podem ser importantes [...] dado que a auto-imagem tem revelado ser grandemente determinada por avaliações recebidas de outras fontes, incluídas a mídia. [...] uma pessoa responderá favoravelmente à uma avaliação positiva que satisfaz suas necessidades de auto-estima e responderá desfavoravelmente à uma avaliação negativa." Rodrigues (1979,p. 119) anota como "com o advento da comunicação em massa, as imagens preconcebidas e as generalizações indevidas, em relação a pessoas ou grupos, têm sido reforçadas" fazendo-se mais resistentes à mudança: "uma vez que se tornem suficientemente popularizadas, essas imagens adquirem existência autônoma. Muitos não se

³³⁷ Allport op cit. p. 200.

³³⁸ Shuetz e Sprafkin apud. Seiter op cit. p. 19.

³³⁹ TAN, A. e TAN, G. Television Use and Self-esteem of Blacks. *Journal of Communication*. 1979, Winter, vol 29, n. 1, p. 129-135.

³⁴⁰ Gergem e Gergen op cit. p. 135.

³⁴¹ Tan e Tan op cit. p. 129-135.

³⁴² JEFRES, L. e KYON, H. White Etnics and their Media Images. *Journal of Communication*, 1979, vol 29, n.1, p. 116.

preocupam em saber se tal ou qual imagem realmente se ajusta ao grupo ou às pessoas em causa, nem procuram contrastá-la com a situação real. O mito torna-se uma realidade, uma exceção.”³⁴³

Seiter (op cit.), afirma que os investigadores em mídia, cientes de que o E. pode significar “representações de realidade que são falsas, e por implicação, imorais”, têm-se ocupado de documentar a sua frequência de aparição nos MCM. A análise de conteúdo da TV que tem observado a frequência com que **mulheres e minorias étnicas e raciais** aparecem em TV e em que tipo de papéis, é um exemplo da anterior afirmação.

Entre os grupos ditos minoritários, alvo frequente de representações estereotipadas na TV, são os **idosos**. “Os estilos de vida associados com diferentes estágios do ciclo da vida são papéis aprendidos numa cultura. As imagens da idade avançada cultivam nosso conceito de envelhecimento e os papéis da idade que assumimos. A TV, como principal distribuidor de imagens [...] de nossa cultura popular, mostra lugares do mundo, pessoas e papéis [...] (a TV) representa nosso mais comum, constante e vivido ambiente de aprendizagem.”³⁴⁴

Uma pesquisa³⁴⁵ implementou uma análise de conteúdo de amostras de programação [dramas] apresentados tanto no horário nobre como nos fins de semana. Simultaneamente, avaliou-se a atitude e opinião para determinar como as concepções da realidade social são afetadas pelos hábitos de exposição à TV. A amostra completa incluía 1365 programas e 16.688 caracteres/personagens. A primeira parte da pesquisa revelou que:- a idade é um forte determinante, e quem aparece mais na TV é quem tem maior poder aquisitivo. Enquanto a população real de pessoas abaixo de 18 anos nos EEUU constituem 30% da população, eles aparecem representados com 8% ‘no mundo da TV’. Entretanto, pessoas entre os 25 a 45 anos, conformam mais da metade da ‘população dramática’. - aqueles acima de 65 anos, que compreendem perto de 11% da população real, só aparecem 2,3% do total da programação estudada. - o estudo também revelou que “a população que conforma o horário nobre da TV pode ser bem vista como um espelho da audiência referida pela indústria como ‘horário demográfico nobre’. As mulheres em TV envelhecem mais rápido. Na medida em que a mulher envelhece, elas são selecionadas para papéis que decrementam suas possibilidades românticas [...] - caracteres mais velhos são tratados com desrespeito comparados com qualquer outro grupo etário. Perto de 70% dos homens idosos e mais de 80% das mulheres idosas não são mantidas em alta estima ou tratadas com cortesia, um padrão muito diferente era encontrado para as personagens jovens. De forma similar uma grande proporção de caracteres idosos ao comparados com os novos, são apresentados como excêntricos ou tontos. Uma grande proporção de mulheres idosas, comparadas com os homens, [...] são apresentadas como carentes de senso comum, atuando de maneira excêntrica ou bizarra. Esta diferença entre gêneros não era saliente em outros grupos de idade. Na segunda parte da pesquisa, Gerbner pergunta: quais são as lesões que os observadores adquirem do mundo do drama em TV sobre envelhecer ou ser idoso em nossa sociedade? Os resultados

³⁴³ RODRIGUES, A. **Estudos em Psicologia Social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979, p. 119.

³⁴⁴ GERBNER et al. Aging With Television: Images on Television Drama and Conceptions of social Reality. **Journal of Communication**. 1980, Winter, vol 30, n1, p. 37-38.

³⁴⁵ Idem.

mostraram que: - há uma relação positiva significativa entre a quantidade de exposição à TV e as concepções sobre idosos. - quanto mais as pessoas vêem TV, especialmente jovens, mais elas tendem a perceber os idosos de forma predominantemente negativas ou desfavoráveis. Os espectadores 'assíduos' acreditam significativamente, mais que os espectadores 'leves', que as pessoas idosas são caducas. Aqueles que vêem mais TV acreditam que as pessoas (especialmente as mulheres), envelhecem cedo na vida. Outros achados sugerem que a TV cultiva imagens negativas da velhice. Os 'assíduos' são mais propensos a pensar que os idosos não são liberais e adaptáveis, não são brilhantes ou alertas [...] tais resultados foram encontrados em outros estudos com adolescentes. Nestes estudos não foi encontrada nenhuma associação entre ver TV e qualquer imagem positiva de pessoas idosas. Os espectadores assíduos acreditam que os idosos não são saudáveis, economicamente desfavorecidos, não ativos sexualmente, teimosos, etc.; De forma similar, a TV parece contar aos jovens que a velhice, especialmente nas mulheres, chega cedo na vida. Os pesquisadores insistem que estes fatos têm profundas conseqüências para tudo o que acontece no mundo da velhice, do emprego, da violência e do sexo. A população da TV é estruturada para prover uma relativa abundância de mulheres jovens para homens velhos, mas não o contrário. "A TV perpetua um padrão inequitativo e desleal - embora convencional".

Pesquisas de audiência têm revelado que o público retrata os idosos como "distraídos, fisicamente inertes, mente fechada, inefectivos, sexualmente acabados [...] com saúde decadente, sem apropriado cuidado médico e sem suficiente dinheiro para sobreviver [...] vários estudos tem confirmado esta imagem estereotipada".³⁴⁶ "Além de contribuir para o prejuízo e a discriminação por parte da população jovem, os gerontólogos temem que tal *ageist* estigmatizante possa contribuir com as disfunções associadas à idade. [...] O culto ao ideal jovem tem sido especialmente notado na publicidade da TV americana, que tem sido acusada de distorcer a efetividade das pessoas idosas. [...] pesquisas têm encontrado que as mesmas atitudes sobre a idade foram apresentadas por usuários assíduos e leves e não usuários de TV.³⁴⁷ A TV relaciona negativamente com o auto-conceito e pode refletir um incremento na alienação da sociedade"³⁴⁸. Estudos de análise de conteúdo apontam como as apresentações dos idosos em TV são altamente estereotipadas; os autores afirmam que a TV "... tem o potencial para moldar as formas nas quais os idosos se vêem a si mesmos, enquanto indivíduos e como membros da sociedade. [...] dado que a visão do mundo e as auto-percepções são baseadas em grande parte na interação e auto-comparação com outros, particularmente através da auto-designação a grupos de referência, a TV pode chegar ser um referente social para muitos indivíduos idosos cujas interações sociais são restritas, e seu autoconceito pode ser particularmente afetado pela natureza do que eles vêem e percebem na TV"³⁴⁹. A TV tem se convertido crescentemente na única oportunidade de entretenimento que os idosos podem dar a si mesmos, no esforço por sobreviver em seu ambiente.³⁵⁰ A função da TV como agente de formação, manutensor e difusor de E. de velhice,

³⁴⁶ Real, Anderson e Harrington op cit. p. 81.

³⁴⁷ Idem.

³⁴⁸ Korzenny e Nuendorf op cit. 71-80.

³⁴⁹ idem, p. 71

³⁵⁰ idem.

agrava-se ao considerar a intensidade da exposição à TV na terceira idade (ver anexo Padrões de Uso na Terceira Idade). Os efeitos negativos sobre a auto-estima têm sido relacionados ao gênero e a grupos raciais. "Já que os negros são, com frequência, apresentados negativamente ou são quase inexistentes nos programas de entretenimento da TV, podem ser aprendidos auto-conceitos negativos [...]. Existe evidência de que este tipo de efeitos são elicitados por estereótipos femininos negativos."³⁵¹ "Se a identificação de um grupo étnico for associada à uma imagem negativa nos meios massivos, pode-se esperar avaliações negativas do desempenho dos meios [...] a comunicação via mídia ou de contato individual pode [...] influenciar tanto mais fortemente a pessoa que se identifica com sua herança."³⁵²

3.2 TV e Comportamento anti-social

Rowland ³⁵³, localiza as raízes da investigação sobre violência na mídia na era progressista da reforma social, antes da primeira guerra mundial. Em 1951, após a introdução da TV nos Estados Unidos e dada a abundância de histórias de crime e de detetives na programação comercial, a Associação Nacional de Programadores Educativos conduziu uma série de pesquisas. Os resultados indicaram que nessa época "o crime e os programas de horror compreendiam 10% do tempo da programação em quatro grandes cidades americanas."³⁵⁴

Em 1954, o subcomitê do senado dos Estados Unidos ao examinar as causas da delinqüência juvenil, deu início a uma investigação sobre o efeito da violência na televisão. Dois anos depois, o estudo concluía que "**a violência em TV pode ser potencialmente nociva para os jovens espectadores.**" ³⁵⁵[grifo nosso]

³⁵¹ Tan e Tan op cit. p. 129-135.

³⁵² Jefres e Kyon op cit. p. 116.

³⁵³ Rowland apud Warttela e Reeves op cit. p. 127.

³⁵⁴ Rubinstein (In: Palmer e Dorr op cit. p. 114)

³⁵⁵ idem.

Um dos primeiros estudos em grande escala foi feito na Inglaterra por Himmelweit, Oppenheim, e Vince (1958):

"Este foi um exame compreensivo dos efeitos da televisão sobre as crianças. Um de seus achados, a partir de uma amostra de 1800 crianças britânicas, foi o de que as histórias de crime e detetives **não tornavam as crianças mais agressivas**. Notou-se, no entanto, que os programas de violência não eram benéficos e que eles tomavam uma quantidade desproporcional do tempo que assistiam."³⁵⁶ [grifo nosso]

Dois anos depois, em uma abrangente revisão da investigação sobre os efeitos da comunicação massiva Klaper (1960) concluía que a relação entre delinqüência juvenil, violência e crime na mídia não tinha recebido a devida atenção. O autor notava que a mídia provavelmente reforçava tendências, 'boas ou más' no observador.³⁵⁷

As primeiras publicações que abordam o efeito da TV sobre a delinqüência juvenil norte-americana e o impacto da TV educativa aparecem em 1960³⁵⁸:

"A posição de Klapper foi parcialmente apoiada pelas conclusões da primeira grande pesquisa americana sobre televisão e seus efeitos em crianças (Schramm, Lyle e Parker, 1961). A partir de uma amostra de 6000 crianças na América e no Canadá, estes investigadores **concluíram que as crianças que não eram já agressivas de alguma forma, e que não confundiam fantasia com realidade seriam provavelmente menos influenciadas pela violência**. Especificamente sobre o tema da delinqüência juvenil, **eles concluíram que uma relação familiar distorcida provavelmente seria em maior medida precursora da delinqüência ao comparada com o ato de ver violência em televisão**."³⁵⁹ [grifos nossos]

Em 1963, o *Television Research Committee*, criado para coordenar investigações sobre a influência da TV e outros meios nas atitudes dos jovens, viu-se diante do fato de que não somente não existiam estudos completos, mas também que, além disso, havia uma notável falta

³⁵⁶ idem.

³⁵⁷ idem.

³⁵⁸ Eurasquin, Mantilla e Vazquez, op cit. p. 20.

³⁵⁹ Rubinstein op. cit. p. 114.

de interesse ³⁶⁰. Nesse ínterim, pesquisas feitas entre 1961 e 1964 indicavam que a quantidade de violência em TV tinha incrementado e que uma grande parte era apresentada durante o tempo que a audiência era formada em sua maioria por jovens. ³⁶¹

Passado um ano, em 1965, outro relatório do subcomitê do senado norte-americano confirmou que a quantidade de violência em TV não tinha sido reduzida desde 1961 e que **“o crime televisivo e a violência estavam relacionados a condutas anti-sociais entre observadores jovens...”**³⁶² [grifo nosso]

Nesse mesmo ano a UNESCO publica a primeira compilação bibliográfica internacional sobre o tema, vinte anos após ter sido iniciada a exploração comercial sistemática da comunicação por TV. Nesse momento já estavam distribuídos pelo mundo mais de 150 milhões de televisores; 4,5 para cada 100 mil habitantes. [Eurasquin, 1983,p. 20]

“O seguinte maior evento no exame da violência em televisão foi precipitado pela seqüência de assassinatos do Presidente John Kennedy, do senador Robert Kennedy, e do reverendo Dr. Martin Luther King, Jr. [...] **A comissão Eisenhower** [...] operou sob o escrutínio público, e foi dado muito pouco tempo para completar sua tarefa [...] apesar disto a comissão proveu uma importante pesquisa de campo.” ³⁶³ [grifo nosso]

Entre os cientistas engajados nesta empresa estava George Gerbner, como investigador principal no campo. Gerbner preparou uma cuidadosa análise de conteúdo que documentava a extensão da violência em TV:

“O relatório da equipe concluiu que ver violência em TV ensina ao observador como se envolver em condutas violentas e uma série de recomendações foram desenvolvidas para fazer a TV menos nociva ao observador. Entre estas recomendações estava a ambiciosa proposta de um ‘centro para o estudo da mídia’ que servisse como um agente

³⁶⁰ Eurasquin, Mantilla e Vazquez op. cit. p.20.

³⁶¹ Rubinstein op. cit. p. 114

³⁶² idem.

³⁶³ Rubinstein (In: Palmer e Dorr op cit. p. 115)

independente monitorando o desempenho da mídia e realizando pesquisas sobre seus efeitos sociais”. [grifo nosso]³⁶⁴

Em março de 1969 o subcomitê do senado sobre Comunicações instaura o conhecido programa de estudos do *Surgeon's General*, com a participação de um seletivo grupo de cientistas. O objetivo desta empresa era realizar um estudo científico para estabelecer se a violência em TV produzia ou não conduta anti-social em crianças. “Um milhão de dólares foi destinado a esta investigação. [...] Completado o programa em dezembro de 1972, a literatura científica sobre o tema viu-se acrescida em 50% .”³⁶⁵

A partir deste ponto, grande parte dos esforços de pesquisa continuaram sendo dirigidos ao estabelecimento da influência do meio sobre o comportamento social das pessoas jovens. Estas são provavelmente as mais suscetíveis. Nisto concordam público, acadêmicos, políticos, e indústria de TV, embora esta última seja compreensivelmente relutante em admitir que a violência em TV possa afetar a qualquer pessoa, mesmo crianças.³⁶⁶

Vinte e cinco anos depois de que a psicóloga britânica Hilde Himmelweit afirmara que “há poucos fatos avaliáveis sobre a conduta das crianças e as suas reações ao assistir TV”³⁶⁷, uma revisão bibliográfica compilou cerca de 2500 citações em língua inglesa sobre crianças e TV.^{368 369}

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ Idem p. 116-117.

³⁶⁶ DORR, A e KOVARIC, P. “Some of the People Some of the Time- But What People?” (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) op cit. 1980)

³⁶⁷ HIMMELWEIT, H., OPPENHEIM, A. e VINCE, P. *Television and the Child*. London: Oxford University Press, 1958.

³⁶⁸ Murray apud Dorr op cit. p. 7.

³⁶⁹ Em 1975, 60% da literatura sobre TV e comportamento humano dos mais de os 2.300 itens de pesquisa, centrava o seu interesse sobre seus efeitos em pessoas jovens. (Comstock, 1975, p. 25- 36).

Assim a TV tem se convertido no principal ponto da atenção científica (e popular) no estudo do desenvolvimento, mais que qualquer outra força de socialização excetuando a família e a escola.³⁷⁰

“O advento da televisão há mais de uma geração atrás tem certamente mudado a natureza da infância [...] Agora aceitamos o fato de que é uma parte integral da vida das crianças e desta forma, uma parte muito real da sua educação”.³⁷¹

Não há um tópico relacionado à TV ao qual a Ciência tenha dedicado mais atenção que sobre seus efeitos em crianças e adolescentes.^{372 373}

Estudos transculturais tanto na Europa, Ásia e Ocidente, mostram que, em muitos países esta tendência têm emergido mesmo com substanciais variações nas estruturas da programação disponível, forma de propriedade e controle das redes, e regulação de tipos particulares de conteúdo³⁷⁴. Desde a década de oitenta esta ênfase tem se mantido. Tal crescimento fenomenal da pesquisa e a divulgação³⁷⁵ refletem a crença da comunidade acadêmica na importância social e no desafio intelectual deste tema. Esta convicção continua hoje.³⁷⁶

“A maior parte da investigação tem se centrado na TV como um provedor de ‘informação’ que pode afetar as idéias, sentimentos, crenças, atitudes e condutas das crianças. Os conteúdos de TV são criados primariamente para informá-las, educá-las, ou

³⁷⁰ COLLINS, W. Effects of TV on Social Development. *International Journal of Behavior and Development*. 1982, n. 5, p 171.

³⁷¹ FOWLES, B. Current Emphases and Issues in Planned programming for children (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) op cit. p. 30)

³⁷² Comstock 1975, p.25.

³⁷³ Comstock, 1978, p.13.

³⁷⁴ Collins op cit. p 171.

³⁷⁵ Tal como poderá se observar no cap. 4, o Brasil não parece fazer parte deste movimento crescente de investigação.

³⁷⁶ Dorr op cit. p. 7.

persuadi-las. Os pesquisadores têm perguntado se isto acontece, em que quantidade, com que êxito, e porque..."³⁷⁷

A violência em TV tem recebido atenção especial da Psicologia Social por diferentes motivos. Pelo alto índice³⁷⁸ de apresentação de conteúdo violento na programação na grande maioria dos países onde esta opera comercialmente, pela relevância social do tema³⁷⁹, mas também porque :

" a relação entre televisão violenta, agressão e conduta anti-social, é um tópico que revela a força e a fraqueza das ciências social e comportamental, e ilustra muitos dos problemas no delineamento de generalizações aplicáveis a eventos futuros a partir de circunstâncias limitadas a estudos específicos." ³⁸⁰

Os psicólogos sociais têm se aproximado do estudo da violência em TV empregando toda a gama de técnicas e procedimentos metodológicos que a Ciência coloca à sua disposição. A aplicação dos diversos métodos de investigação provê uma visão mais completa dos efeitos da violência televisiva, na medida em que os alcances e limitações particulares/inerentes a cada estratégia de pesquisa se sobrepõem e complementam. Isto garante maior segurança no momento de formular conclusões e eventuais previsões. Sob esta premissa, organizamos a exposição.

³⁷⁷ *ibid*, p. 60.

³⁷⁸ "A criança média americana ao se formar no segundo grau terá assistido a mais de 13.000 mortes violentas em TV. Dada a desmedida quantidade de potencial exposição das crianças à violência em TV, nos preocupamos com que eles cheguem a ser [...] dessensibilizados, e inoculados à violência não unicamente na TV, mas na vida real também." Gerbner et al. op cit. p. 178.

³⁷⁹ É de amplo conhecimento o fato de que a violência social, em suas mais variadas formas, é um dos problemas que mais preocupam as sociedades modernas. [...] A possibilidade de que os MCM e em especial a TV possa contribuir a aumentar os índices de violência, tem mobilizado os esforços de críticos e pesquisadores desde sua aparição. O entretenimento violento estaria atentando contra o bem-estar psicológico e social de pessoas em países os mais diversos, em vez de propiciar o convívio e harmonia sociais. Considerando a intensidade do uso da TV e a frequência com que se veiculam atos de violência, é razoável esperar que de isto se derivem efeitos nocivos. Como se verá posteriormente uma enorme quantidade de pesquisa confirma esta expectativa.

³⁸⁰ Comstock et al. op cit. p. 13.

Dada a enorme complexidade do tema e o caráter descritivo deste trabalho, antecipamos que seu tratamento não será exaustivo; buscar-se-á apenas apresentar algumas das conclusões que têm recebido maior respaldo empírico nesta área de estudo. Tal procedimento será aplicado na exposição dos efeitos pró-sociais da TV.

No entanto, convém ressaltar que apesar da intensa tradição de pesquisa, os efeitos da violência televisiva continuam sendo um dos mais controvertidos na área dos MCM³⁸¹. Parte de tal debate será considerada no final desta seção.

A investigação sobre violência na mídia pode ser classificada em função da metodologia empregada:

“O recente trabalho sobre violência na mídia pode ser classificado de muitas maneiras. A distinção mais importante envolve a natureza dos efeitos a ser explorados. [...] Estas últimas investigações podem por sua vez ser divididas em termos de se usam metodologia correlacional ou experimental, e se centram-se principalmente na demonstração de resultados ‘macros’ ou na análise de processos subjacentes que podem conduzir a tais resultados.”³⁸²

Ou em função dos processos aos quais são atribuídos sua influência sobre o comportamento social:

“Vários pesquisadores têm postulado pelo menos cinco tipos de processos: a- aprendizagem observacional de condutas apresentadas em TV; b- redução por catarse³⁸³ dos impulsos dos observadores para executar certas condutas como resultado de observar

³⁸¹ Oskamp (ed.) op cit. p. 141.

³⁸² LIEBERT, R. e SCHWARTZBERG, N. Effects of Mass Media. *Annual Review Psychology*, 1977, vol 28, p. 156.

³⁸³ “A hipótese da catarse é difícil de considerar seriamente dada a acumulação em anos recentes de diferente evidência explicativa. Observações longitudinais de 10 anos de duração [...] não têm mostrado evidência de que ver violência possa reduzir a probabilidade de condutas agressivas. Os resultados de correlações cruzadas e análises de regressão que surgem a partir destes estudos tornam não plausível que este ‘impulso agressivo’ possa estimular a ver violência em TV [...] há pouca evidência convincente de que tais observações decrementem a probabilidade de condutas agressivas. Assim, nossa discussão se concentrara na aprendizagem observacional mais que sobre a catarse.” (Lefkowitz e Huesman *Concomitants of Television Violence Viewing in Children* [In: Palmer e Dorr op cit. p. 171])

outros executando-as; c- mudanças de atitude geradas por material violento apresentado em TV; d- mudanças nas respostas fisiológicas e emocionais [...]; e- reforçamento de condutas observadas como resultado da exposição dos observadores a reforço vicário.”³⁸⁴

Esta revisão centrará seu interesse em uma das teorias de maior alcance e repercussão na Psicologia Social contemporânea, a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura. Ela concentrou-se inicialmente no estudo sistemático do comportamento agressivo a partir de modelos apresentados em TV, dando origem a uma profícua linha de investigação³⁸⁵. A perspectiva teórica da Aprendizagem Social, predomina ainda hoje na análise dos efeitos da TV violenta e é talvez, a principal representante do estudo experimental dos seus efeitos³⁸⁶.

A seguir algumas das evidências obtidas nesta linha de pesquisa.

3.2.1. Experimentos de laboratório

“Os estudos pioneiros sobre agressão³⁸⁷ em TV foram conduzidos pelo psicólogo Albert Bandura e seus estudantes nos primórdios dos anos sessenta”³⁸⁸. Estes experimentos representam a primeira pesquisa moderna a demonstrar que a conduta de um observador (crianças, adolescentes

³⁸⁴ idem.

³⁸⁵ “Após os famosos estudos [...] de Bandura nos anos sessenta, muitos investigadores têm se interessado no poder da mídia para instigar imitação direta e imediata de atos de agressão modelada em formatos de televisão e filmes. Crescentemente, no entanto, os investigadores reconheceram, que formas mais generalizadas de desinibição de conduta agressiva podem ocorrer como resultado da exposição à violência na mídia, e desta forma resulta de grande interesse a desinibição de categorias gerais de comportamento agressivo. (Liebert e Schwartzberg op cit. p. 156)

³⁸⁶ Freedman, apud Oskamp op cit. p. 147-148.

³⁸⁷ Bandura define a Agressão como, “...um comportamento destrutivo e danoso que é socialmente definido como agressivo sobre a base de uma variedade de fatores, alguns residem no avaliador mas que no executor”. (Bandura op cit. p. 8.)

³⁸⁸ BANDURA, ROSS e ROSS “Transmission of Agression Through Imitation of Agressive Models”. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1961, n. 63, 575 -582. / BANDURA e ROSS “Imitation of Film - Mediated Agressive Models.” *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1963a, 66, 3-11./ BANDURA e ROSS “ Vicarious reinforcement and imitative learning”. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1963b, 66, 601- 607.

ou adultos) pode ser influenciada simplesmente pela observação do comportamento de outros, mesmo que apresentados via TV ³⁸⁹.

Bandura, (1973, p. 72) faz uma descrição de seus primeiros experimentos:

"A transmissão social da agressão através da força do exemplo tem sido mais claramente demonstrada em situações experimentais controladas. Tipicamente estes estudos fazem uso de um paradigma de modelamento originalmente empregado por Bandura, Ross e Ross (1961) no qual crianças observam modelos comportando-se de uma forma física e verbalmente agressiva ante uma grande figura de plástico inflada. Já que estes estudos estão principalmente interessados em aspectos de aprendizagem, os atos agressivos modelados são aqueles que raramente são, se alguma vez, executados por crianças que não têm sido expostas às execuções do modelo. [...] Estas condutas fisicamente agressivas são acompanhadas por peculiares comentários hostis. Seguidamente à exposição da influência do modelamento, se dá às crianças a oportunidade de executar o que elas têm aprendido em uma situação que contém uma variedade de materiais que podem ser usados tanto para propósitos agressivos quanto não agressivos. Os efeitos de aprendizagem são medidos mediante a filmagem da conduta espontânea das crianças ou ao lhes solicitar que reproduzam todas as atividades modeladas agressivas e comentem o que possam lembrar (Bandura, 1965). A última medida provê o melhor índice de aprendizagem observacional dado que as pessoas geralmente aprendem mais do que espontaneamente executam".

Uma descrição do procedimento empregado nos primeiros experimentos sobre aprendizagem de conduta agressiva a partir da observação de modelos via TV, realizados por Bandura é oferecida por Dorr (1986, p.72);

- 1- uma criança em idade pré-escolar é conduzida individualmente por um estudante graduado (co-investigador).
- 2- à criança é solicitado que espere um breve espaço de tempo (enquanto o pesquisador termina algum trabalho).

³⁸⁹ Dorr op cit. p. 72.

3- durante a espera a criança observa um filme que contém ações agressivas. (O filme em questão, é um 'super 8' projetado sobre a tela de um TV com o som proveniente de uma máquina gravadora).

4- o filme mostra estudantes brincando agressivamente e de forma incomum com brinquedos³⁹⁰, que incluíam um grande palhaço de plástico pendurado no teto, ao qual batiam no nariz, enquanto gritavam 'soco'.

5- a criança é então conduzida a uma pequena sala e convidada a brincar com brinquedos altamente atrativos, que incluem o palhaço de plástico e outros brinquedos, tanto agressivos como não agressivos.

6- a criança é deixada a sós, para brincar por um período de 10 min.

7- as ações e verbalizações da criança são registradas por observadores ocultos por um espelho de uma via.

O padrão de comportamento básico encontrado nestes experimentos se ajusta à seguinte descrição:

"Quando o comportamento das crianças na sala de jogo era comparado, crianças que tinham observado um filme agressivo comportaram-se mais agressivamente que as crianças que não tinham assistido ao filme agressivo. Elas executaram muito mais condutas e verbalizações agressivas copiadas fielmente do filme e manifestaram maior quantidade de ações e verbalizações agressivas. O delineamento experimental esclarecia a causa de tais diferenças." ³⁹¹

³⁹⁰ A imitação direta de agressão na mídia não se dirige exclusivamente à demonstração de hostilidade com brinquedos ante objetos inanimados. "Um número de estudos tem indicado que crianças podem também imitar atos de agressão da mídia contra seres humanos presentes." (Liebert e Schwartzberg op cit. p. 156)

³⁹¹ Dorr op cit. p. 72.

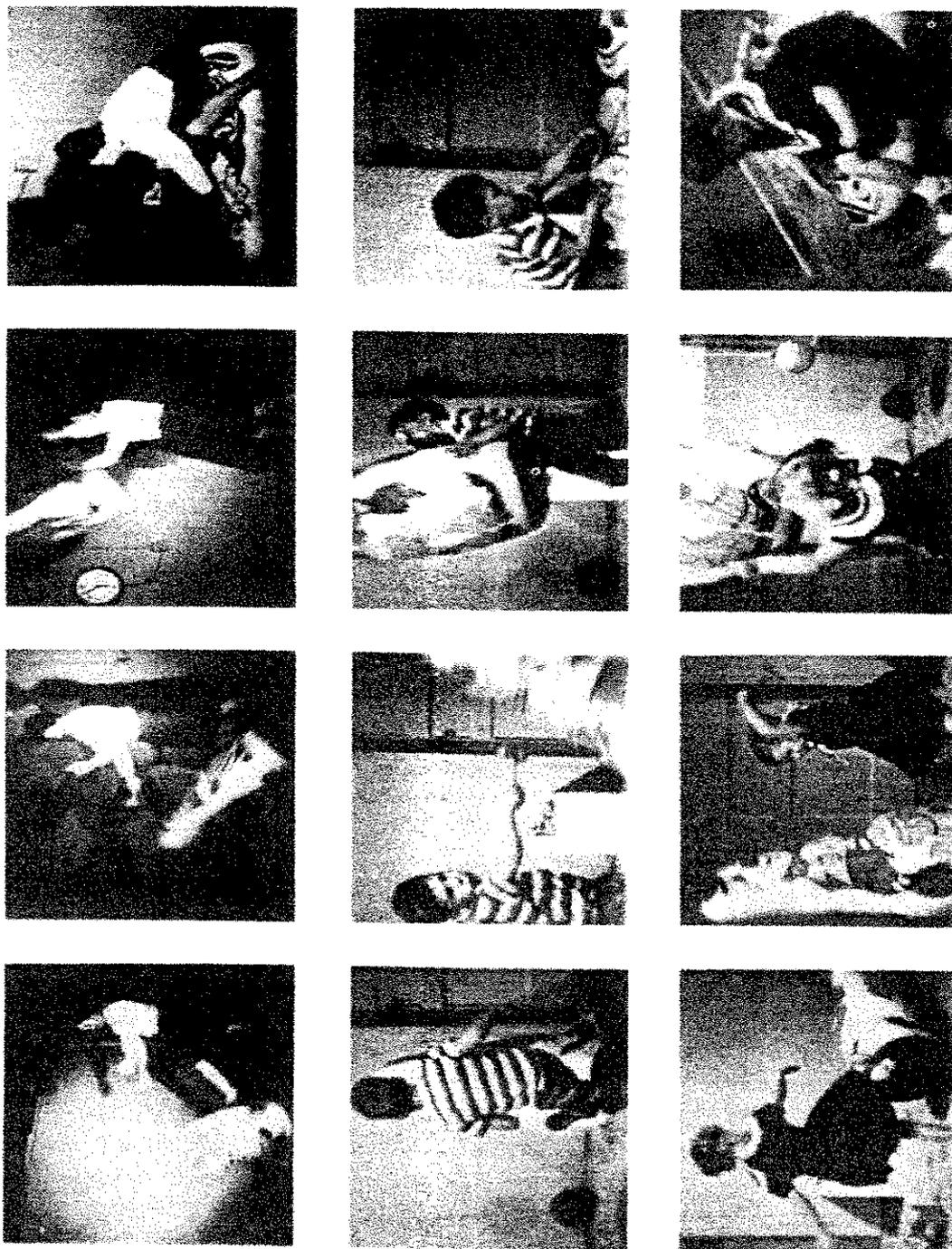


Fig. 1- Reprodução de conduta agressiva após a observação de um modelo num filme
(Bandura Ross e Ross, 1963)

QUADRO 6 : TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL: PROPÓSITOS

Muito embora Bandura cedo afirmasse seu centro de interesse no desenvolvimento da Teoria e não da função social de um meio de comunicação particular, e suas premissas e propósitos extrapolassem o estudo dos efeitos da TV, as conotações teóricas e práticas de suas investigações na área da aprendizagem ultrapassaram os domínios da Psicologia - Clínica e Educacional - para se constituir em um dos principais pilares da pesquisa científica sobre os efeitos da TV em Psicologia Social:

"A teoria de Bandura [...] constitui a Teoria mais compreensiva da aprendizagem imitava existente em Psicologia Social desde a Teoria clássica de Miller e Dollard. [...] O suporte empírico que (Bandura) oferece para seu conceito de aprendizagem vicário sem ensaio através de modelamento é simplesmente impressionante". (Sháv e Constanzo, 1970, p 68). Bower e Hilgard (1981, p.345) afirmam: "A Teoria da Aprendizagem Social provê uma melhor síntese integrativa do que a teoria da aprendizagem moderna contribuindo à solução de problemas práticos. Esta também provê um contexto compatível dentro do qual situar as teorias de processamento - de informação, de compreensão de linguagem, memória, imaginaria e solução de problemas.[...] A teoria da Aprendizagem Social pode prover as bases do consenso para muita da pesquisa em aprendizagem na próxima década". A seguir, alguns objetivos sublinhados por Bandura : A- **Prover um corpo teórico unificado para a análise do desenvolvimento, modificação do pensamento e a conduta humana** mediante um conjunto de princípios de aprendizagem social que dão maior ênfase às variáveis sociais. (Bandura, 1963 p.11)

"Tentamos ampliar e modificar os princípios existentes na Teoria da Aprendizagem e assinalar princípios adicionais para explicar mais adequadamente o desenvolvimento e a modificação das respostas sociais humanas [...] tentaremos explicar todo tipo de conduta social em termos de fenômenos antecedentes de estimulação social, tais como, as características de comportamento dos modelos sociais, aos quais a criança tem sido exposta, as contingências de reforço de sua história de aprendizagem e os métodos de instrução empregados para desenvolver e modificar sua conduta social. Embora não neguemos a importância das variáveis constitucionais no desenvolvimento da personalidade, não tentaremos examinar em detalhe o seu papel, somos da opinião de que é mais frutífero por enquanto o estudo das influências da aprendizagem social." (Bandura ,1977, p. 54)

"Este volume apresenta um corpo teórico para analisar a motivação humana, o pensamento e a ação desde a perspectiva da cognição social." (Bandura, 1986, prefácio) B- **Integrar o enfoque sócio-comportamental** com os resultados de investigações bem controladas em diversos campos como, a psicologia evolutiva, social, experimental e a psicopatologia assim como da antropologia, e a sociologia. (Bandura, 1963, p. 11) "Neste livro eu tentei analisar o funcionamento humano a partir de uma ampla perspectiva social, isto requer o desenvolvimento de uma pesquisa de nosso próprio campo. [...] É uma tarefa formidável, dada a imensa literatura nas várias sub-especialidades do funcionamento humano, e dado que suas determinantes transcendem os limites arbitrários das disciplinas acadêmicas." (Bandura, 1986, prefácio) C- **Demonstrar que os princípios da aprendizagem social podem explicar** a aquisição e manutenção de respostas que se desviam das normas sociais e que são aplicáveis tanto na prática clínica como na socialização das crianças. (Bandura, 1963, p.12) D- **Enfatizar o papel que desempenha a imitação** e as pautas de reforço no

desenvolvimento de modos de conduta socialmente aceitáveis e censurados. (Bandura, 1963, p. 56) E- Considerar detalhadamente os mecanismos da aprendizagem observacional e os **processos de difusão social**. (Bandura, 1986, prefácio) F- Estudar a **continuidade da aprendizagem social da infância à idade adulta** e a importância que têm as experiências de aprendizagem da infância e adolescência - tanto no lar como nas situações extra familiares - para provocar, moldar e manter pautas de conduta que seguem se manifestando, embora, com modificações, em períodos posteriores da vida. (Bandura, 1963, p. 12)

Liebert (1973, p. 157) após revisar a evidência disponível até essa data sobre os efeitos da exposição a modelos via TV, concluía:

“Na base da avaliação de muitas linhas de evidência convergentes, envolvendo mais de 50 estudos que têm incluído mais de 10. 000 crianças e adolescentes normais de todas as origens possíveis, o peso da evidência é claro: os efeitos do ensino demonstrativo e a instigação que a televisão agressiva tem sobre os jovens são de suficiente importância para merecer uma intervenção imediata”.

De acordo com Pfromm Netto (1987, p.72), os resultados da pesquisa realizada até hoje nesta área, confirmam as ‘previsões pessimistas e preocupantes’ relacionadas com a exposição das crianças a programas violentos de TV e constituem a base da argumentação em prol da ‘redução das manifestações agressivas na TV.’

Esta evidência sugere que observar modelos violentos na TV pode gerar quatro efeitos básicos.³⁹² Bandura os explicaria extensivamente no transcurso das quatro décadas em que sua obra tem se desenvolvido e refinado:

³⁹²Quatro subprocessos incidem na Aprendizagem Observacional, a- atenção; determina que aspectos da situação de modelamento recebem atenção. b- de retenção; envolve a codificação verbal e imaginária da informação que será armazenada e utilizada no futuro. c- reprodução motora/ habilidades condutuais; relativa à capacidade de traduzir as atividades observadas em ações motoras abertas. d- motivacionais: baseadas na observação das contingências de reforço que se derivam da conduta do modelo, provêm o incentivo para a adoção e execução das condutas observadas. Estes processos determinam o curso, a quantidade e a qualidade da aprendizagem a partir da observação de modelos.

1- Adquirir novos padrões de pensamento, afeto e conduta

Observando a conduta de outros (modelos) e as conseqüências que esta produz, o indivíduo aprende uma parte considerável de seu repertório de conduta e seu comportamento social. “Grande parte da aprendizagem observacional ocorre sobre a base da observação casual ou direta de conduta e como esta é executada por outros em situações cotidianas.”³⁹³

O repertório de padrões de pensamento, afeto e conduta a ser aprendidos mediante o modelamento é virtualmente ilimitado. A aquisição da conduta acontece “simplesmente olhando o que o modelo faz, ainda que não procure ativamente e espontaneamente imitar ao mesmo tempo o comportamento do modelo”³⁹⁴, e sem precisar de reforço direto ou incentivos externos.

Segundo Bandura (1986, p.49), “a Aprendizagem Observacional se revela mais claramente quando modelos exibem novos padrões de pensamento e conduta que os observadores ainda não possuem mas que, após a observação, eles podem reproduzir de forma similar”.

Desta forma, e graças ao vasto espectro e abundância de comportamento violento modelado na TV, “as pessoas podem aprender uma variedade de formas de agressão mesmo na ausência de exemplos e de instrução direta tanto no lar como na subcultura imediata...”³⁹⁵ A partir de tais exemplos os observadores ainda poderão desenvolver e/ou adaptar novas formas de conduta violenta ou estratégias de ação.

O efeito da aquisição de novos padrões violentos a partir de modelos apresentados via TV, verifica-se também para apresentações de violência ‘não dramática’ veiculada com extrema freqüência pelos telejornais³⁹⁶:

³⁹³ Bandura op cit. p 39-40.

³⁹⁴ PFROMM NETTO, S. *Psicologia da Aprendizagem e do Ensino*. São Paulo: Ed. EDUSP, 1987, p. 71.

³⁹⁵ Bandura, 1977, p 39-40.

³⁹⁶ bibliografia sobre efeitos associados a notícias em TV (ver anexo 1)

"Há várias formas pelas quais os noticiários de violência podem servir como instrumento de influência [...] se os relatos televisivos transmitem informação detalhada sobre atos e estratégias de agressão, eles podem contribuir na difusão dos mesmos métodos que relatam através da instrução que provêm..."³⁹⁷

2- Inibir ou desinibir condutas

"Os relatos dos episódios violentos pela mídia não só revelam o uso de armas destrutivas e táticas agressivas, mas também podem influenciar os limitantes da agressão pela apresentação das conseqüências da violência." ³⁹⁸

Ao se envolver em determinadas circunstâncias ou executar ações específicas, o modelo pode estimular ou inibir a apresentação de condutas no observador. As conseqüências observadas das ações do modelo servem para informar o sujeito sobre a executabilidade e os riscos de agir da mesma maneira. Desta forma, o sujeito pode antecipar eventuais conseqüências que podem se derivar da execução das condutas observadas, prescindindo de se expor diretamente à situação e de executar ele próprio a ação em questão.

Se as conseqüências de agir agressivamente são positivas, facilitam a obtenção de fins, são elogiadas ou aprovadas socialmente, ou simplesmente não são acompanhadas de nenhuma contingência desagradável ou perda de privilégios e vantagens para o modelo, o efeito da observação tenderá a desinibir a expressão de comportamento violento no observador. O contrário acontecerá se as conseqüências observadas de se comportar de forma violenta são negativas:

"Ver o sucesso de outros pode funcionar como um motivador para ativar expectativas nos observadores de que eles podem ganhar reforços similares por execuções análogas. Adicionalmente, a avaliação de pessoas e atividades podem ser significativamente alteradas com base nas conseqüências observadas. Ordinariamente observar castigo tende a depreciar os modelos e sua conduta, enquanto os mesmos modelos podem ser uma

³⁹⁷ Bandura, 1986, p. 292.

³⁹⁸ Bandura, 1973, p. 283

fonte de emulação quando as suas ações são admiradas. Porém, os agressores podem ganhar, mais que perder, *status* aos olhos de seus companheiros quando eles são castigados por um estilo de conduta valorizado pelo grupo, ou quando eles agredem contra práticas institucionais que violam valores professados pela sociedade”.³⁹⁹

“...os relatos de atos violentos que a mídia faz, podem influenciar os limitantes da agressão dependendo de como se apresentem as conseqüências. Dado que cada ponto de audiência significa milhões de dólares de retorno publicitário, as imagens que acompanham os noticiários são selecionadas para atrair e manter os observadores, tanto quanto para informar...”⁴⁰⁰

As implicações que se desprendem de tal evidência, assumem dimensões preocupantes se consideradas à luz da convergência dos resultados da análise do conteúdo da programação da TV comercial em um grande número de países :

“A análise dos programas televisivos revela que a conduta violenta é apresentada, na sua maioria, como permissível, exitosa, e relativamente limpa [...] os testemunhos das apresentações dramáticas de violência tenderão a aprovar tal comportamento ou se juntar aos assaltos mais que buscar soluções alternativas. A violência não só mostra que compensa, mas que é de amplo uso entre os super-heróis, que acabam com seus adversários de forma rápida e mecânica como se assassinar seres humanos não tivesse grande importância”.⁴⁰¹

Estas conclusões são confirmadas por uma variedade de estudos do conteúdo da programação em diversos países:

- a- A violência na TV é premiada ao menos tantas vezes quantas é castigada.
- b- Os bons e os maus violam a lei com a mesma freqüência e empregam igualmente a violência para obterem pretensos 'bons' fins.

³⁹⁹ BANDURA, A Social Learning Theory of Aggression. *Journal of Communication*. Summer, 1978, vol.28, (3), p. 22.

⁴⁰⁰ Bandura, 1986, p. 292.

⁴⁰¹ idem.

c- O emprego de meios ilegais e violentos para alcançar as metas perseguidas é premiado mais freqüentemente que o emprego de meios legais, socialmente corretos, não violentos. Isto é especialmente patente nos programas destinados às crianças.

d- A TV não oferece outra alternativa igualmente 'bem sucedida' para superar as dificuldades, os conflitos que são comuns em nossa vida e em nossa sociedade.⁴⁰²

Estes resultados realçam a importância da discussão sobre os efeitos da apresentação de 'violência dramatizada' em TV, sobre o comportamento social.

De forma inversa tem se estabelecido que:

"Sob condições onde a agressão estimulada via TV, é firmemente desaprovada ou cria novas sanções sobre a conduta danosa, **os efeitos instigativos da TV são diminuídos por castigos ambientais**. A rede de efeito do modelamento agressivo pode ter uma alteração pouco notável ou **mesmo declinar na incidência das ações agressivas**. Já que as influências do modelamento são mediadas por controle de estímulos, a predição dos resultados pode estar na situação específica. A agressão televisiva que é suprimida por ambientes proibitivos, pode ser exibida quando o risco de castigo é pequeno."⁴⁰³
[grifos nossos]

3- Facilitar a apresentação de condutas já aprendidas

"Os tipos de modelos que prevalecem dentro de uma situação social, determinam em parte que qualidades entre muitas alternativas, são seletivamente ativadas".⁴⁰⁴

A execução de condutas por um modelo sobre as quais não há fatores inibitórios (ex: quando a conduta violenta é mostrada como socialmente aceitável) eleva a probabilidade de que o observador reproduza a conduta observada ou execute uma resposta similar. Este efeito aplica-se a condutas que já pertencem ao repertório do sujeito, isto é, que já tenham sido aprendidas.

⁴⁰² Eurasquin, Mantilla e Vazques op cit. p. 46-47.

⁴⁰³ Hicks apud Bandura e Walters op cit. p. 146.

⁴⁰⁴ Bandura, 1986, p. 292.

Dada a intensa apresentação de modelos na programação cotidiana da TV, considerando que sob uma parte dominante do comportamento violento modelado não pesam restrições ou conseqüências inibitórias, e em virtude dos altos índices dos padrões de exposição a tal material durante lapsos de tempo que atingem anos⁴⁰⁵, é razoável prever a ocorrência de um efeito 'facilitador' traduzido no incremento da probabilidade de apresentação de comportamento violento no observador.

4- Orientar a atenção a estímulos particulares

"A conduta do modelo não funciona unicamente como instigador para atos similares, esta também direciona a atenção do observador a objetos particulares ou aspectos ambientais que outros favorecem".⁴⁰⁶

Como resultado, o observador poderá usar os mesmos objetos e estratégias transgressoras ou violentas de novas formas e para novos propósitos.

Nos primeiros experimentos, Bandura lembra como crianças que observaram um boneco sendo golpeado com um pau não se limitavam a empregá-lo da mesma forma, mas, de maneiras alternativas. Isto não ocorria em crianças que não tinham observado um modelo agressivo usando o instrumento agressor.

"a conduta do modelo canaliza a atenção do observador face a estímulos particulares ou direciona o observador dentro de contextos nos quais geram condutas similares."⁴⁰⁷

Assim, a Aprendizagem Observacional não se limita às condutas ou estratégias violentas apresentadas na TV. Embora o meio, com freqüência, introduza formas altamente

⁴⁰⁵ Observa-se que os conteúdos da violência em TV, omitindo ligeiras flutuações, têm se mantido relativamente estáveis.

⁴⁰⁶ Bandura, 1986, p. 50.

⁴⁰⁷ *ibid.*

inovadoras de agressão⁴⁰⁸, os observadores poderão desenvolver variações ou usos alternativos das estratégias ou ações apresentadas. Um exemplo de tal efeito encontraria-se nas ondas de atos terroristas, extorsões e modalidades criminosas⁴⁰⁹ que se popularizam após ser modeladas nas séries 'de entretenimento' ou nos telejornais. Variações que configuram padrões nitidamente identificáveis com as modeladas na TV ou suas reproduções idênticas, são adotadas na comissão de atos criminosos.⁴¹⁰

5- Ativar respostas emocionais

"A TV pode influenciar profundamente o estado de ativação do observador e alterar sua conduta afetiva e emocional".⁴¹¹

Observar modelos que expressam reações emocionais pode produzir ativação emocional nos espectadores. A ativação pode alterar a intensidade e a forma da conduta subsequente e potencialmente condicionar situações e ambientes a tais reações.⁴¹²

Num de seus primeiros livros⁴¹³, Bandura escreve:

"Uma série de experimentos [...] demonstra que quando se castiga a um modelo em presença de um observador, este tem reações condicionadas de medo.[...] respostas de medo⁴¹⁴ podem se adquirir mesmo quando o próprio observador não recebe o castigo."

⁴⁰⁸ Bandura e Walters op cit. p. 102-103.

⁴⁰⁹ Convém lembrar a onda de assaltos a bancos e transportadoras de dinheiro onde as estratégias seguiam os padrões extraídos de tais apresentações televisivas.

⁴¹⁰ Bandura exemplifica lembrando a onda de extorsões a aerolíneas em diversas partes do mundo dos meses após o aparecimento do programa da TV; "Doomsday Flight" onde os extorcionistas conseguiam seus propósitos com a ameaça de uma bomba barométrica localizada no interior de uma aeronave. Algumas extorsões foram pagas por aerolíneas comerciais para obter a localização de bombas durante vôos.

⁴¹¹ ZILLMAN, D. Television Viewing and Physiological Arousal. (In: BRYANT, J. e ZILLMAN, D. (Eds) **Responding to the Screen; Reception and Reaction Processes**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1991, p. 103.)

⁴¹² Bandura, 1986, p 50.

⁴¹³ Bandura e Walters op cit.

⁴¹⁴ A resposta emocional era medida mediante um galvanômetro que registrava a condução elétrica da pele.

A observação de atos de violência não só induz respostas emocionais de medo, mas estados de ativação que predispoem a execução de condutas violentas:

“Conteúdos de televisão excitante de uma ampla variedade de tipos (da qual a violência é só um exemplo) podem provavelmente ativar ou estimular condutas que de outra maneira não seriam expressadas ou manifestados em baixo nível”.⁴¹⁵

“O contágio de condutas [...] e outras formas de conduta de massas [...] refletem sem dúvida um aumento dos efeitos mútuos de modelamento, provocação e desinibição em situações em que os observadores participantes estão excitados emocionalmente.”⁴¹⁶ Exemplos cotidianos poderiam ser observados nos múltiplos confrontos, transgressões, agressões e até assassinatos entre espectadores de esportes violentos. (Ex: futebol, jockey, etc.) Ante o modelamento de violência contínua por parte dos jogadores, a resposta emocional do observador⁴¹⁷ elevaria a probabilidade de incorrer em condutas violentas.

Num artigo mais recente Tavis afirma;

“Embora alguns investigadores duvidem que o entretenimento violento em TV tenha um efeito significativo a longo prazo na esmagadora quantidade de seus observadores, [...] há uma extensa e convincente evidência de que os esportes o geram.[...]O efeito usual é um incremento na ira [*anger*], mas alguns estudos também encontram grande violência, destrutividade e mesmo tendências bélicas.”⁴¹⁸

O grau de excitação emocional do observador incide na ‘influência social’ que possa conseguir o modelo. Ao comparar as respostas de três grupos de sujeitos a um filme cômico, mediante a observação de sua conduta e auto-relatos, investigadores estabeleceram que os

⁴¹⁵ Comstock op cit. p. 28.

⁴¹⁶ Bandura e Walters op cit. p. 94.

⁴¹⁷ Embora em conjunção com fatores associados ao grupo de referência, e a disponibilidade de ferramentas de agressão ou ausência de inibidores - fiscalização policial - entre outros.

⁴¹⁸ Tavis apud Oskamp op cit. p. 194.

sujeitos que receberam adrenalina via endovenosa antes do filme, 'se divertiram mais', se comparados com os grupos de controle ⁴¹⁹:

"... há múltiplas provas de que a excitação emocional, provocada por situações de estresse ou pelo uso de drogas, aumenta a probabilidade de que se modifique a conduta social e que a estimulação proporcionada pelo modelo determina a magnitude e o sentido destas mudanças de conduta". ⁴²⁰

O autor resume os efeitos que podem derivar do modelamento simbólico ⁴²¹, isto é, da exposição a 'modelos plásticos' (apresentados via TV) ⁴²²:

"Os modelos fazem mais que **ensinar novos** estilos de **pensamento e conduta**. As influências do modelamento podem **fortalecer ou debilitar inibições** sobre condutas que os observadores tenham aprendido previamente. As restrições comportamentais são mais fortemente desenvolvidas pela observação das conseqüências experimentadas pelos modelos. Ver modelos punidos tende a **inibir condutas** similares em outros. Inversamente, observar outros se envolver em atividades ameaçadoras ou proibidas sem conseqüências aversivas pode reduzir inibições nos observadores. Tais efeitos desinibitórios são mais fortemente revelados em aplicações terapêuticas dos princípios do modelamento. [...] As ações de outros podem também servir como guias sociais para **elicitar condutas preexistentes**. A resposta de **facilitação** se distingue da aprendizagem observacional em que nada novo é aprendido, e da de desinibição, em que a conduta é socialmente aceitável e desta forma está livre de restrições. Na resposta de facilitação, as ações modeladas funcionam simplesmente como incitações sociais. [...] As influências do modelamento têm efeitos adicionais, embora estes sejam menos importantes. A conduta dos modelos pode **orientar a atenção a objetos particulares** entre alternativas disponíveis. Como resultado os observadores podem usar os mesmos objetos amplamente, embora não necessariamente na mesma maneira. [...] finalmente, observar expressões afetivas produz **ativação emocional**, que tende a incrementar a responsividade. A ampla evidência revela assim que, as influências do modelado podem servir como instrutoras, inibidoras, desinibidoras, facilitadoras, incrementadoras - adicionadoras - de estímulos, e ativadores emocionais." ⁴²³[grifos nossos]

⁴¹⁹ Schater e Wheeler apud Bandura e Walters op cit. p. 94.

⁴²⁰ Bandura e Walters op cit. p. 94.

⁴²¹ Bandura, 1977, p. 49-50.

É conveniente notar que, embora as conclusões de Bandura derivem quase exclusivamente de estudos experimentais, os investigadores acreditam que tenham implicações para a 'vida real', visto que os resultados de outras pesquisas não experimentais revelam correlações positivas entre observar violência e a agressão na 'vida real'.

Uma pesquisa realizada na década de 80 confirma a relevância de tais achados e sua relação com a violência na 'vida real' :

" O temor de que a TV tenha incrementado o crime nos Estados Unidos é de fato bem fundamentado. Pela primeira vez, um estudo avaliou diretamente como a introdução da televisão afetou o crime e sugeriu fortemente que a televisão incrementa o furto. Embora não sejam conclusões definitivas sobre o efeito da TV em outros crimes, parece garantido que o impacto da TV seja forte sobre crimes menos sérios como furto comparados com crimes mais sérios como assassinato, assalto agravado ou roubo [...] a televisão está agora rapidamente se espalhando dentro de países do terceiro mundo [...] e a programação norte-americana forma uma parte importante do regime da TV. Podem estas regiões esperar um incremento nos crimes [...] uma vez que a TV tenha sido introduzida?" ⁴²⁴

Desta forma a evidência de que as pessoas podem aprender tanto de modelos simbólicos como de modelos presentes indica que a TV é uma importante fonte de influência social. ⁴²⁵

Alguns fatores relacionados com os tipos e atributos das apresentações de violência incidem na ocorrência de conduta agressiva. Comstock ⁴²⁶, menciona os seguintes:

a- Os desenhos animados de caráter violento, podem conduzir à execução de conduta agressiva no observador tanto quanto programas de caracteres vivos. Ambos incrementam a probabilidade de execução de conduta violenta.

⁴²⁴ HENNIGAN, K. et al. Impact of the Introduction of Television on Crime in the United States: Empirical Findings and Theoretical Implications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1982, vol. 42, n. 3, p. 461-477.

⁴²⁵ Bandura, 1977, p 39-40.

⁴²⁶ COMSTOCK, G. Types of Portrayal and Aggressive Behavior. *Journal of Communication*. 1977, v.27, 3, p.189-198.

b- A exposição repetida a modelos, 'desenhos' ou 'humanos', não elimina a possibilidade de que uma nova exposição incremente a probabilidade de ocorrência de conduta agressiva:

"Os participantes de cada experimento têm uma história típica de exposição à televisão. Como resultado toda demonstração de incremento de execução agressiva atribuível a ver violência em televisão é também uma demonstração de um efeito imunizante derivado e uma prévia exposição extensiva à apresentações violentas".⁴²⁷

c- A execução de agressão não depende de uma frustração atípica, embora a frustração facilite a sua apresentação. Experimentos têm mostrado efeitos sem o emprego de frustração.

d- "Embora o 'efeito' de alguns experimentos possam ser de jogo agressivo mas não anti-social, as implicações sobre a contribuição da televisão violenta à agressão anti-social permanecem."⁴²⁸ Embora se argumente que bater num boneco de plástico não constitua uma agressão real, não se altera o fato de que em certas circunstâncias a exposição a violência em TV pode elicitar a execução de agressividade em pessoas jovens, de que tal aquisição de conduta violenta possa ser empregada depois numa situação real, de que é uma forma não ambígua de medir a agressão, e de que um considerável número de experimentos com o emprego de bonecos obtêm resultados paralelos.

e- A probabilidade de execução de violência num observador se incrementa quando:

- a agressão é justificada ou socialmente aceitável, motivada pela malícia ou conveniência;
- é reforçada ou não produz conseqüências aversivas para o modelo;
- a similaridade entre os ambientes simbólicos e reais é maior;
- se apresenta o modelo violento com características similares ao observador;

⁴²⁷ idem

⁴²⁸ idem.

- se mostram as interações violentas como motivadas por uma tentativa de causar dano à outra pessoa;
- se apresenta a interação violenta de forma realista mais que ficcional;
- se apresenta material altamente excitante, de toda índole;
- as ações dos modelos de violência não são criticadas por uma fonte alheia à apresentação.

f- A exposição à TV pode dessensibilizar as pessoas mais jovens a responder à violência em seu ambiente. Porém, convém notar que as crianças não são as únicas vulneráveis à influência da violência na TV. Kniveton e Stephenson (1973)⁴²⁹, encontraram que “a propensão das crianças a imitar modelos agressivos era uma característica persistente”:

“... a televisão também aumenta a freqüência e a intensidade do comportamento e da linguagem de natureza violenta entre **pessoas adultas**, e pode desenvolver nas pessoas em geral uma visão distorcida do grau de perigo ou de risco existente no mundo [...] adultos submetidos a uma ‘dieta’ constante de violência televisiva tornaram-se de ânimo progressivamente mais hostil e agressivo, agiram mais agressivamente com familiares, com colegas de trabalho e amigos, e passaram a ser menos tolerantes em relação a pequenas frustrações.”⁴³⁰ [grifo nosso]

Dorr e Kovaric⁴³¹, parecem concordar com este fato:

“Daqueles estudos que examinam o impacto diferencial da violência em TV sobre observadores de diferentes idades, seis não encontraram impacto diferencial [...] **Nenhuma idade em particular parece ser imune**. Similarmente, nenhuma idade particular parece ser mais ou menos agressiva que outra. A maioria dos estudos revisados até aqui não encontram diferenças significativas por si [...] Assim encontramos que **todos os grupos de idade são capazes de ser afetados pela exposição à violência em TV, mas nenhum grupo de idade parece ser mais claramente agressivo que os outros** [...] nossa conclusão sobre as diferenças de idade na exposição à violência televisiva é ambígua. Temos alguma evidência de que na pré-adolescência e no início da adolescência, os

⁴²⁹ apud Lefkowitz e Huesman (In: Palmer e Dorr op cit. p. 164)

⁴³⁰ Pfromm Netto, 1980.

⁴³¹ In: Palmer e Dorr op cit. p. 188.

jovens estão mais dispostos a ver violência que os adolescentes mais velhos [...] e alguma evidência que contradiz diretamente isto”.⁴³² [grifos nossos]

g- A disponibilidade de armas ou ferramentas, oportunidade de incorrer em violência, presença de um alvo particular, e outros fatores situacionais. Tais fatores situacionais não diminuem a importância do lugar da TV na ocorrência de violência.

É consensual na comunidade acadêmica a idéia de que a TV **exerce hoje uma grande influência nas pautas de conduta social**. Por tal motivo as implicações que se desprendem dos estudos experimentais sobre aprendizagem observacional da agressão são de enorme interesse na discussão objetiva sobre os efeitos da programação violenta.

Bandura e sua equipe demonstraram que observar violência em TV tem efeitos concretos no comportamento social imediato e ulterior. Tais resultados têm sido confirmados em sujeitos das mais variadas características idiossincráticas e sócio-demográficas, numa ampla gama de situações e ambientes. Desta forma, os efeitos derivados da exposição a modelos na TV, levantam importantes implicações sociais se considerados à luz de fatores inerentes ao conteúdo e à forma predominantes da TV comercial ⁴³³.

A expansão da gama de modelos disponíveis

“O advento da TV tem expandido enormemente a variedade de modelos disponíveis para a criança em crescimento. Enquanto os seus predecessores, especialmente aqueles nos lares de classe média, tiveram uma oportunidade limitada de observar agressão brutal, a criança moderna tem presenciado inumeráveis punhaladas, pancadas, estrangulamentos, e menos espalhafatosas mas igualmente destrutivas formas de crueldade mesmo antes que eles tenham alcançado a idade de ir para o jardim...” ⁴³⁴[grifo nosso]

⁴³² Dorr e Kovaric (In: Palmer e Dorr op cit. p. 188)

⁴³³ Bandura, 1977, p. 39-40.

⁴³⁴ ibid.

Antes da aparição dos MCM, crianças e adultos realizavam sua aprendizagem social observando os modelos disponíveis em seu ambiente imediato. Membros da família, figuras de autoridade na escola, e outros membros que se distinguiam na sociedade eram apontados como os modelos de conduta. O controle das fontes de socialização às quais eram expostas as crianças era viável, dado que os pais e educadores estavam em condições de escolher os modelos que, em sua opinião, mais convinham para o adequado desenvolvimento e o convívio social.

O aparecimento da TV alteraria drasticamente esta situação. A grande variedade de 'modelos plásticos ou simbólicos' ⁴³⁵ que ela veicula, restringe a possibilidade de que pais e educadores escolham a que tipo de modelos gostariam que suas crianças fossem expostas;

Nas palavras de Bandura:

"Outra fonte influente de aprendizagem social em qualquer idade é o abundante e variado modelamento simbólico provido pela TV, filmes, e outros meios visuais. O advento da TV tem expandido enormemente a gama de modelos disponíveis para as pessoas. Enquanto antes as influências de modelamento eram amplamente limitadas ao comportamento na própria comunidade imediata, nos dias de hoje diversos estilos de comportamento são trazidos às pessoas dentro do conforto de seus lares através do veículo da televisão. Tanto crianças como adultos adquirem atitudes, padrões de pensamento, inclinações emocionais, e novos estilos de conduta através do modelamento simbólico." ⁴³⁶[grifos nossos]

Numa obra ulterior, Bandura reafirma a importância da observação de modelos simbólicos no relativo a outro aspecto fundamental da socialização: o desenvolvimento do 'juízo moral':

"Os pais, é claro, não são a fonte exclusiva de juízos morais e conduta das crianças. Outros adultos, pares, e modelos simbólicos desempenham também uma função influente

⁴³⁵ Estes podem ser apresentados via imprensa ou se distribuir "... nos filmes, na TV e outras exibições audiovisuais." (Bandura e Walters op cit. p. 59)

⁴³⁶ idem p.60.

[...] para o desenvolvimento da criança. **O modelo televisionado, que dramatiza um vasto número de conflitos morais, constitui outra parte integrante da aprendizagem social. O modelamento simbólico influencia o desenvolvimento de juízos morais pelo que apresenta como conduta aceitável ou repreensível e pelas sanções e justificações aplicadas a este.**⁴³⁷ [grifo nosso]

Desta forma, afirma Bandura, “com o incremento no uso de modelamento simbólico, pais, parentes, professores e outros modelos tradicionais podem ocupar papéis menos proeminentes na aprendizagem social...”⁴³⁸

Potencial Instrucional do Meio

Um dos subprocessos básicos nos quais se apoia a aprendizagem observacional refere-se aos níveis de atenção que as atividades modeladas possam suscitar.

A quantidade e a qualidade da aprendizagem dependem do nível de atenção que o observador mantenha sobre a(s) atividade(s) modelada(s).

A capacidade da TV para manter altos níveis atencionais constitui um fator potenciador dos seus efeitos sobre o observador. Bandura explica:

“O processo básico do modelamento é o mesmo de se o comportamento é conduzido através de palavras, imagens, ou ações ao vivo”. Diferentes formas de modelamento, porém, não são sempre igualmente efetivas. É com frequência difícil comunicar através de palavras, a mesma quantidade de informação contida numa imagem ou demonstrada ao vivo. Adicionalmente, **algumas formas de modelamento podem ser mais poderosas que outras em comandar a atenção. Crianças ou adultos, nesta matéria, raramente têm que ser forçados a ver TV, enquanto que relatos orais ou escritos das mesmas atividades podem não manter a sua atenção por muito tempo.** Os modos simbólicos descansam fortemente sobre requisitos cognitivos para seus efeitos. Observadores com habilidades conceituais ou verbais sub-desenvolvidas, provavelmente se beneficiarão mais de demonstrações condutuais que do modelamento verbal.”⁴³⁹[grifo nosso]

⁴³⁷Bandura, 1977, p. 44.

⁴³⁸ ibid, p. 39-40.

⁴³⁹ Bandura, 1977, p.40.

Associando as propriedades pedagógicas das apresentações audiovisuais da TV com a aprendizagem de condutas e estratégias violentas temos:

“Há várias formas nas quais transmitir violência pode produzir **efeitos sociais**. **Os relatos detalhados de atividades têm potencial instrucional**. Análises prévias de contágio da agressão, embora complicadas por muitos determinantes, dão algum apoio à opinião de que a **cobertura dos meios massivos de distúrbios sociais civis podem assumir a forma de agressão coletiva e inadvertidamente contribuir à disseminá-la.**” ⁴⁴⁰ [grifos nossos]

“... os observadores podem aprender a partir dos jornais, entre outras coisas, como explodir bombas *molotov*, manejar um cortador ameaçadoramente, e as etapas que se requerem para seqüestrar uma aeronave exitosamente. Embora os meios impressos disseminem informação sobre os atos de violência, a **TV tem um grande potencial para influenciar o comportamento porque esta representa os eventos mais vivamente e concretamente**. Além disso, a maioria das pessoas aprende sobre novos incidentes vendo TV mais que na leitura de revistas ou jornais. (Schramm, Lyle and Parker, 1961). O poder das imagens é confirmado por Barrow e Westley (1960), que acreditam que **observadores jovens aprendem mais da TV que de uma versão de novos eventos transmitidos pelo rádio.**” ⁴⁴¹[grifos nossos]

O índice de exposição a modelos violentos

Já no início, apresentaram-se algumas estatísticas relativas à intensidade dos padrões de uso da TV. Mencionava-se como o meio é usado com freqüência como ‘babá eletrônica’ desde os primeiros dias de vida. O número de aparelhos espalhados na casa, os padrões de uso dos próprios membros da família⁴⁴², o incremento no tempo de ócio dedicado à TV, a

⁴⁴⁰ *ibid*, p. 39-40.

⁴⁴¹ *ibid*, p. 39-40.

⁴⁴² “...três séries de dados refletem a opinião pública frente à televisão [...] a televisão há caído na estima pública manifesta. As pessoas vêm mais, mas a têm em menor estima.[...] grande parte do público permanece favorável à televisão. Uma considerável maioria assume a televisão como interessante, excitante, informativa, maravilhosa e imaginativa. Perto da metade dirá que é ‘geralmente excelente’. E mais uma vez perto da metade dirá que está melhorando [...] no entanto, tem ocorrido um declínio definitivo na satisfação do público desde 1960. Poucas pessoas apoiarão tais afirmações hoje. Um número crescente acredita que a televisão está

incorporação de atividades alheias durante a exposição ao meio (comer, atividades manuais, conversar, entre outras), contribuem para elevar e manter altos índices de exposição à TV:

“Dado que a maioria dos jovens passam muito tempo expostos a modelos plásticos, sobretudo através da TV [...], **estes modelos desempenham um papel fundamental na conformação da conduta e na modificação das normas sociais**, com o qual exercem grande influência na conduta de crianças e adolescentes.”⁴⁴³ [grifo nosso]

A influência dos modelos violentos não atinge apenas pessoas jovens na aquisição de conduta social. Como veremos mais adiante, outras linhas de investigação têm chegado a conclusões que respaldam e ampliam as formuladas por Bandura em outras faixas etárias. As conclusões da pesquisa dos ‘indicadores culturais’ de Gerbner, revelam que altos padrões de exposição à TV correlacionam positivamente com uma série de manifestações comportamentais em usuários de diversas faixas etárias. Eles mostram uma relação positiva entre o grau de exposição à TV e diversas crenças de vulnerabilidade e risco ao mundo exterior, ansiedade, desconfiança a estranhos, senso de perigo, entre outros, em virtude dos altos índices de exposição a conteúdos violentos na programação comercial.⁴⁴⁴ Tais afirmações têm recebido confirmação com o emprego de estudos correlacionais⁴⁴⁵.

As pesquisas têm observado como crenças, expectativas, e atitudes face a grupos minoritários em usuários assíduos, mostram notáveis diferenças ao comparadas nos mesmos critérios com usuários moderados. Tais alterações correlacionam positivamente com altos níveis de exposição à TV.

piorando [...] a lição até aqui é que a opinião pública sobre o meio é um pobre preditor do consumo que o público faz dele.” (Comstock, 1989, p. 64)

⁴⁴³ Bandura e Walters op cit. p. 59.

⁴⁴⁴ O perfil predominante de programação é importada de, ou obedece a padrões de produção norte-americanos (nos quais tem se estabelecido uma forte dose de modelamento violento).

⁴⁴⁵ Cf Gerbner op. cit.

O incremento da experiência vicária como fonte de aprendizagem

"A televisão é hoje a agência central da ordem estabelecida - a cultura comum - e como tal serve principalmente para manter, estabilizar e reforçar - não subverter - as condutas, crenças e valores convencionais [...] a realidade socialmente construída dá um retrato coerente do que existe, do que é importante, como as coisas se relacionam, e do que é correto [...] a televisão hoje serve a esta função em seu uso quase universal de demonstração da realidade social." ⁴⁴⁶

De forma crescente, tanto nas regiões rurais como nas grandes aglomerações urbanas onde vivem grande parte da população mundial, as pessoas têm contato direto só com um pequeno setor do ambiente durante o curso de suas vidas diárias:

"Conseqüentemente as suas percepções da realidade social são fortemente influenciadas por suas experiências vicárias, o que eles vêem, ouvem e lêem nos meios massivos. Quanto mais as imagens de realidade das pessoas derivam do ambiente simbólico dos meios, maior o seu impacto social." ⁴⁴⁷ [grifo nosso]

Os estudos do conteúdo revelam que o ambiente simbólico da TV comercial oferece de forma predominante padrões similares quanto à demografia, estrutura de ação, e até tipo de personagens. É assim como na visão de Gerbner;

"São as características gerais e dinâmicas do mundo da TV, mais que programas específicos, as que provavelmente cultivam as perspectivas mais penetrantes e orientações dos usuários assíduos. Assim para compreender, e mesmo descobrir, a substância dos tópicos envolvidos no processo do cultivo, devemos saber algo sobre a natureza da influência dominante e do contexto institucional de sua criação..."

A conjunção dos fatores; alta exposição à TV, incremento de experiência vicária simbólica e conteúdo da programação, é abreviada por Bandura:

⁴⁴⁶ GERBNER, G. e GROSS, L. The Violent Face of Television and Its Lessons (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 151)

⁴⁴⁷ Bandura, 1977, p 39-40.

“Durante o curso de suas vidas diárias, as pessoas têm contato unicamente com um pequeno setor de seu ambiente físico e social. Em suas rotinas eles viajam pelas mesmas rotas, visitam os mesmos lugares, vêem essencialmente o mesmo grupo de amigos e associados de trabalho. Conseqüentemente, as pessoas formam suas impressões das realidades sociais com as quais eles têm pouco ou nenhum contato, das representações televisivas da sociedade. Dado que o mundo da Televisão está fortemente povoado de pessoas más e inescrupulosas, as pessoas podem distorcer o conhecimento sobre o mundo real. Assim, investigadores em comunicação têm encontrado que televidentes assíduos confiam menos nos outros e sobrestimam suas possibilidades de ser criminalmente vitimados em comparação com os telespectadores ‘leves’. Os assíduos em sua maioria vêem a sociedade como mais periculosa independente de seu nível educacional, sexo, idade, e quantidade de leitura de jornal”.⁴⁴⁸

A este respeito Collins⁴⁴⁹ comenta que; “as influências do cultivo sobre muitos aspectos dos valores sociais não surpreendem, já que um número de análises de conteúdo executadas cuidadosamente oferecem vasta evidência de que muitos papéis sociais e relações são homogeneamente apresentados.”

A extensão geográfica da sua difusão

Contando com que no atual momento existam em funcionamento cerca de 900 milhões de aparelhos de TV no mundo⁴⁵⁰, que tais aparelhos encontram-se espalhados na quase totalidade do globo terrestre, disseminados indiscriminadamente entre culturas⁴⁵¹ e classes sociais, níveis educativos, faixas etárias, grupos étnicos e religiosos, que a popularidade do

⁴⁴⁸ Bandura e Walters op cit.

⁴⁴⁹ Collins op cit. p.179-181.

⁴⁵⁰ Em 1991, haviam 853 milhões de aparelhos de TV no mundo. (Almanaque Mundial 1995, São Paulo. ed. Abril.)

⁴⁵¹ Em um estudo transcultural sobre o impacto da TV, particularmente da TV violenta, em comunidades previamente não expostas; “... crianças altamente expostas incrementaram em atitudes violentas enquanto crianças pouco expostas decrementaram suas atitudes negativas. Assim a introdução da TV na comunidade resultou no aumento da agressividade nas crianças com alto grau de exposição à TV ao comparadas com a comunidade de crianças de baixo grau de exposição. Este estudo e um similar [...] mostram que a quantidade

meio, embora com leves flutuações, parece se manter constante⁴⁵², que as estimativas de consumo e difusão são ainda gigantescas, toda e qualquer consideração aos efeitos associadas ao modelamento simbólico serão do maior interesse para as ciências sociais :

“A maior significância do modelamento simbólico está no seu tremendo poder multiplicativo, a diferença do ‘aprender fazendo’, que requer formar ações em cada indivíduo por experiências repetidas, na aprendizagem observacional um único modelo pode transmitir novos padrões de conduta simultaneamente a um vasto número de pessoas em locais amplamente dispersos [...] vista da eficiência de uma exposição pública extensiva ao modelamento televisionado, os meios massivos desempenham um influente papel na formação de conduta e atitudes sociais...”⁴⁵³ [grifos nossos]

○ livre acesso a modelos simbólicos violentos

“... tanto crianças quanto adultos sem consideração à sua origem social tem oportunidades ilimitadas para aprender a partir de modelos televisionados, estilos agressivos de solução e toda uma gama de conduta criminosa dentro do conforto de seus lares...”⁴⁵⁴

Este aspecto se liga intimamente com a ausência de uma postura crítica e falta de interesse na discussão e regulação dos padrões de uso do meio. Estudos revelam que a grande maioria dos pais de família acreditam que a TV ‘está bem do jeito que é’⁴⁵⁵. É razoável sugerir que tal fato não contribui para que pais e figuras de autoridade regulem ou fomentem o uso seletivo do meio.

A importância da participação dos pais na regulação dos padrões de uso do meio é ilustrada por um estudo realizado por Singer e Singer (1981). Com o fim de estabelecer se

de TV assistida provou ser uma variável potencialmente crítica na elucidação da relação entre violência em TV e a conduta agressiva.” (Lefkowitz e Huesman (In: Palmer e Dorr op cit. p. 166)

⁴⁵² Cf Comstock, 1989, p. 63-74.

⁴⁵³ Bandura, 1977, p 39-40.

⁴⁵⁴ ibid.

⁴⁵⁵ Cf Comstock, 1989.

orientar a um grupo de pais no fomento de padrões construtivos de uso da TV, incidia no tempo de exposição de suas crianças à TV, na sua 'imaginação' e nas 'habilidades cognitivas', os pesquisadores implementaram um programa de treinamento de um ano de duração. Durante este lapso eram comparados os grupos de treinamento de pais e grupos de controle. "Os resultados indicaram uma diminuição da agressão no grupo onde os pais estimulavam jogos mais imaginativos ou cognitivos nas suas crianças, assim como um aumento no número de condutas pró-sociais após um ano..."⁴⁵⁶

A investigação discutida até aqui mostra que :

"... o modelamento agressivo eleva o nível de agressão mostrado por outros [...] Sujeitos que observam um modelo punitivo, apresentam maior quantidade de agressão, enquanto aqueles expostos ao modelo não agressivo executam relativamente pouca agressão [...] da mesma forma, a agressão pode ser reduzida em observadores pela exposição a modelos que se comportam de uma forma não agressiva, ou controlada ao enfrentar uma provocação..."⁴⁵⁷ [grifo nosso]

"A televisão é um efetivo tutor. Tanto estudos controlados de laboratório e de campo, nos quais à crianças e adolescentes é mostrado um cardápio violento e não violento, revelam que a exposição à violência filmada assume a forma de agressão e tipicamente incrementa a agressividade interpessoal na vida cotidiana [cita vários estudos cujos resultados suportam estas afirmações]. Adultos que levam uma vida de crime melhoram suas habilidades criminais moldando seu comportamento após os estilos engenhosos apresentados nos meios massivos [...] sendo um efetivo tutor, a TV pode fomentar qualidades humanitárias, tanto como conduta nociva. Os programas que apresentam atitudes positivas e conduta social fomentam a cooperação e ou altruísmo [*sharing*], e reduzem a agressão interpessoal."⁴⁵⁸

Num de seus últimos livros, publicado em 1986, Bandura escreve;

⁴⁵⁶ SINGER, J. e SINGER, D. **Some Hazards of growing up in a Television Environment: Children's Aggression and Restlessness.** (In: OSKAMP, S. (Ed) **Television as a Social Issue;** Applied Social Psychology Annual. Califórnia: Ed. Sage, 1989, p. 180.

⁴⁵⁷ Bandura, 1973, p. 126 e 147.

⁴⁵⁸ idem

“Em resumo, as influências do modelamento podem servir como instrutores, inibidores, desinibidores, facilitadores, incrementadores de estímulos e ativadores de emoção. Embora as diferentes funções do modelamento possam operar separadamente, elas com frequência trabalharão concorrentemente, assim por exemplo, ao **representar novos estilos agressivos**, os modelos servem tanto como instrutores, quanto como desinibidores ao se castigar uma nova conduta modelada. Um exemplo novo pode tanto ensinar como eliciar atos similares...”⁴⁵⁹[grifos nossos]

Depois de quatro décadas, é verdadeiramente notável a produção de evidência empírica confirmando seus enunciados. Ela provém de delineamentos de laboratório, de campo, a nível transcultural e inclusive interdisciplinar (diversas comprovações têm sido confirmadas por antropólogos e sociólogos), numa ampla variedade de sujeitos e condutas alvo.

“... após 2500 investigações, os pesquisadores têm chegado a um consenso sobre os efeitos dos meios massivos em laboratório, sob certas circunstâncias, os sujeitos expostos a apresentações de violência tipicamente mostram mais conduta agressiva ao comparados com grupos de controle.”⁴⁶⁰

Dorr (1986, p. 73), escreve:

“A força especial do trabalho de Bandura está em que ele demonstrou de forma não ambígua, que com os métodos usados, o comportamento agressivo das crianças é influenciado ao ver programas de ‘televisão’ nos quais o comportamento agressivo é representado.”

Com o emprego da investigação experimental de laboratório, tem-se avançado no estudo dos efeitos da violência apresentada via TV:

“Os estudos de laboratório têm incrementado grandemente nosso entendimento da relação entre a exposição à violência televisiva e a conduta agressiva dos jovens. Temos visto demonstrações de que as crianças apreendem, e com frequência usam, novos atos que elas observaram na televisão ou em formatos similares, e que a violência em televisão

⁴⁵⁹ Bandura, 1986, p. 50.

⁴⁶⁰ PHILLIPS, D e HENSLEY, J. When Violence is Rewarded or Punished: The Impact of Mass Media Stories on Homicide. *Journal of Communication*, 1984, (Sum), v.34 (3),p. 101-116.

pode ademais exercer efeitos desinibitórios sobre muitas respostas que podem ser pensadas como agressivas. **Os estudos de laboratório, têm mostrado repetidamente e consistentemente que observar violência em TV pode fazer que as crianças firam a outros com maior probabilidade, que sejam mais agressivas no seu jogo, e selecionem com mais probabilidade a agressão como resposta preferida em situações de conflito. [...] No discurso científico estes achados, podem ser vistos como uma forte evidência de uma relação causa-efeito...**" ⁴⁶¹ [grifo nosso]

3.2.2 Experimentos de Campo

Como mencionava-se anteriormente, "a melhor maneira de demonstrar o efeito causal da violência na TV pode ser com experimentos conduzidos em ambientes naturais." ⁴⁶².

A mudança do laboratório para os ambientes naturais obedece à intenção de saber se as conclusões obtidas no laboratório podem ser generalizáveis a situações reais. ⁴⁶³

Desafortunadamente estes experimentos "exigem uma grande quantidade de tempo, energia e dinheiro, assim como uma grande dose de paciência e persistência e o tipo de personalidade que pode organizar arranjos complexos." ⁴⁶⁴ Desta forma não surpreende o escasso número de estudos realizados.

Vejamos um exemplo deste tipo de estudo. Steuer et al (1971) ⁴⁶⁵ compararam os efeitos de programas agressivos e neutrais sobre comportamentos agressivos de crianças de idade pré-escolar em ambientes naturais. Uma vez constituídos os grupos de comparação - com sujeitos, colegas de ambos sexos, de diferentes raças e estratos sócio-econômicos - e formados pares tomando como critério a quantidade de tempo que gastavam vendo TV em casa, mediram durante dez sessões de observação o grau em que ocorria comportamento agressivo. A seguir, as crianças na condição TV violenta observavam durante 11 dias um único programa

⁴⁶¹ Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 68.

⁴⁶² Freedman, apud Oskamp op cit. p. 149.

⁴⁶³ Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 68.

⁴⁶⁴ Freedman, apud Oskamp op cit. p. 141.

⁴⁶⁵ Steuer et al. apud Oskamp op cit. p. 149.

agressivo tomado da programação comercial, enquanto seu par de comparação assistia a programas não-violentos. Posteriormente, observou-se o jogo das crianças, registrando a agressão física interpessoal. Ao comparar os grupos, os resultados mostraram diferenças significativas; crianças que observaram programas de TV violenta se mostraram mais agressivas ao comparadas com as que assistiram a programas 'neutros'.⁴⁶⁶

Loye et al (1975)⁴⁶⁷, relatam resultados congruentes com o anterior. O estudo realizado com 725 casais adultos comparou só efeitos da exposição a diferentes conteúdos de TV após uma semana de observação. Os casais foram designados a diferentes grupos: a- alto conteúdo pró-social; b- alto conteúdo violento; c- conteúdo neutro de entretenimento leve; d- conteúdo misturado (tanto pró-social como violento); e- conteúdo natural. Em todos os grupos as mulheres registravam os padrões de exposição ao conteúdo selecionado durante uma semana. Os resultados revelaram incrementos significativos no animo agressivo no grupo exposto à programação violenta.

Os resultados, desta forma, confirmam as conclusões obtidas em ambientes de laboratório, porém, também nesta modalidade metodológica encontramos resultados conflitantes. Alguns autores afirmam que os experimentos de campo realizados até o momento, confirmam a evidência sobre a qual se postula uma relação causal entre a exposição à violência em TV e a conduta agressiva:

"Têm sido realizados numerosos experimentos bem delineados nos quais crianças são expostas diariamente à agressão televisionada comercialmente versus conteúdos não violentos por um **extenso período de tempo**. A quantidade de agressão que as crianças mostram nas suas interações cotidianas durante este período de tempo é sistematicamente observada e registrada. **Os resultados** destes estudos de caso **essencialmente corroboram aqueles das investigações de laboratório**. [...] [os investigadores]

⁴⁶⁶ Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 83-84.

⁴⁶⁷ LOYE, D, GORNEY, R, STEELE, G. An Experimental Field Study. *Journal of Communication*. 1977, v. 27, n. 3, p. 205-216.

encontram que uma exposição repetida a desenhos agressivos, incrementa a agressividade física das crianças, enquanto conteúdos não violentos não produzem alteração na agressão interpessoal. [...] Empregando um delineamento similar, se estabeleceu que os efeitos da exposição à agressão televisada persistem após descontinuar a apresentação de programas violentos..."⁴⁶⁸[grifos nossos]

Outros minimizam o valor das conclusões obtidas nos experimentos de campo, e argumentam que os resultados obtidos neste tipo de pesquisa não são suficientes para respaldar os adquiridos com a estratégia do laboratório:

"Apesar do pequeno número de experimentos de campo, efeitos consistentes e fortes poderiam nos ajudar a resolver o tema. Desafortunadamente, os resultados nem são consistentes nem fortes [...] Poucos estudos têm encontrado que sujeitos expostos a programas violentos mostrem maior agressão comparados com sujeitos que viram programas não violentos [...] Assim, há experimentos de campo que produziram um leve apoio para a hipótese causal. O único estudo no qual se pensa usualmente para apoiar a idéia do efeito causal [...] foi conduzido por Friedrich e Stein (1973)[...] desafortunadamente este obteve efeitos não significativos de agressão [...] outros estudos [...] não apoiam a idéia da hipótese causal [...] ou apoiam-na levemente.[...] É importante observar que nenhum destes estudos obteve resultados fortes, consistentes e definitivos..."⁴⁶⁹

Convém ressaltar que a grande maioria dos investigadores não aderem às anteriores afirmações. Embora reconheçam as limitações metodológicas associadas a possíveis fontes de variação e níveis de significância estatística dos experimentos de campo, eles concordam em que a evidência obtida até o momento é sugestiva o suficiente não só para postular a existência de uma estreita relação entre TV e a conduta violenta, mas para justificar a adoção de ações concretas a nível da programação comercial. Após uma revisão da literatura Singer e Singer⁴⁷⁰, concluem:

⁴⁶⁸Bandura, 1973, p. 143.

⁴⁶⁹Freedman, apud Oskamp op cit. p. 150-151.

⁴⁷⁰Singer e Singer, apud Oskamp op cit. p. 181.

"Em suma, enquanto os experimentos de campo apresentam enormes problemas logísticos e de controle, o corpo de dados de tais estudos de novo apontam a influência potencial da TV sobre o comportamento agressivo, também indicam que ver programas pró-sociais pode incrementar o afeto positivo, a partilha, a imaginação e a cooperação. As maiores revisões dos estudos nestas áreas indicam que as crianças podem e de fato aprendem conduta sociais da TV [...] O potencial do aprendizagem demonstrado tanto por estudos de laboratório como experimentais de campo, está conduzido principalmente face a exemplos de comportamento violento, que caracterizam muito da programação regular da TV." ⁴⁷¹

3.2.3 Pesquisas não experimentais

No intuito de estabelecer se os resultados obtidos no laboratório se verificam em contextos naturais, os investigadores empregam os métodos não-experimentais que, embora mais vulneráveis às influências externas e fatores que fogem do controle direto do pesquisador, oferecem a oportunidade de observar a influência do meio tal como ocorre 'na vida real':

"Comstock notou que uma história violenta será imitada mais provavelmente no laboratório se esta se apresenta como real, excitante, reforçante e justificada e se o perpetrador parece tentar danar deliberadamente a sua vítima. Em vista dessas observações deve-se querer examinar os efeitos dos eventos da vida real que espelham essas qualidades." ⁴⁷²

Os resultados da maioria dos estudos realizados têm indicado que "uma alta exposição à TV, especialmente à programas mais violentos está positivamente correlacionada com conduta agressiva concorrente e subsequente." ⁴⁷³

3.2.3.1 Pesquisas Correlacionais

"A maioria dos investigadores na área da TV concordam com a necessidade de suplementar os experimentos de laboratório e de campo com estudos correlacionais que

⁴⁷¹ *ibid.*

⁴⁷² Philips e Hensley *op cit.* p101-116.

⁴⁷³ *ibid.*, p. 182.

examinem o vínculo entre os padrões naturais de ver TV no lar, e a evidência, tanto de observação direta como de respostas de colegas sobre o comportamento das crianças na escola e no lar.”⁴⁷⁴

O estudo que mais se estendeu sobre o tempo tem sido o dirigido por Leonard Eron et al (1984). Os dados deste estudo envolvem uma observação contínua dos sujeitos que tem se estendido por 20 anos.⁴⁷⁵

Bandura (1973, p. 144) fazia a seguinte descrição deste estudo:

“Como parte de um grande **estudo de campo** que explorava os determinantes sociais da agressão, Eron (1963) **correlacionou** os hábitos de ver TV das crianças com a sua tendência a se comportar agressivamente, sendo qualificados por seus colegas. As crianças que preferiam programas de TV que continham um alto nível de violência mostravam significativamente mais agressão interpessoal que aquelas que regularmente assistiam a programas baixos em violência. [...] a evidência revela que o **fator crítico é o conteúdo** do que as crianças estão observando, não a quantidade de exposição à estimulação televisiva. [...] Em outro estudo conduzido dez anos depois, Eron e seus colegas (1972), relatam **correlações longitudinais** que ajudam a clarificar a direção das relações causais. Uma alta exposição à violência em TV à idade de 8 anos, está positivamente relacionada com a agressividade interpessoal nos sujeitos na idade de 19. Isto indica que a exposição habitual à violência promove hábitos agressivos...” [grifos nossos]

Em 1971, Chaffee e McLeod chegaram a conclusões similares após demonstrar que “significativas correlações entre a quantidade de violência assistida e a agressividade, persistem mesmo controlando variáveis sócio-econômicas potenciais, nível intelectual de funcionamento, e fatores de relacionamento familiar. Preferências de modelo e disposições comportamentais, estão mais provavelmente interrelacionadas reciprocamente com a vida real que para os modelos na TV. Isto é, agressores podem atender seletivamente a modelos agressivos, que por sua vez, formam e desinibem modos agressivos de conduta.”⁴⁷⁶

⁴⁷⁴ ibid.

⁴⁷⁵ ibid.

⁴⁷⁶ Bandura, 1973, p. 144 e Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 78-79.

Robinson e Bachman (1972)⁴⁷⁷ realizaram uma pesquisa correlacional dirigida a estabelecer o tipo de relação entre TV violenta e comportamento agressivo. Eles estudaram os hábitos de ver TV de mais de 1500 adolescentes. Estabeleceram o número médio de horas por dia em que assistiam à TV, assim como seus quatro programas favoritos. O índice de violência era calculado sobre a quantidade de violência contida em tais programas. A seguir, a amostra foi dividida em quatro grupos que variavam entre nenhuma e alta preferência pela violência. A medida de agressão se obteve mediante um instrumento (listagem de verificação ou *Check list*) composto por oito perguntas sobre manifestação de agressão física e verbal, uso de armas, entre outros. Os resultados de tal levantamento mostraram que, nos três grupos, os sujeitos que relatavam alguma preferência por programas violentos, foram significativamente mais agressivos que os sujeitos que não incluíam programas violentos dentro de suas preferências. Os autores, após fazer algumas ressalvas em função de variáveis relacionadas com a educação dos pais, raça, e níveis prévios de agressão, concluíram que a violência que observavam na TV, provavelmente servia como facilitadora ou reforçadora para os sujeitos que pontuavam alto em agressão.⁴⁷⁸

Um outro estudo realizado com um grupo de 63 crianças de pré-escolar e escola elementar num período de 6 anos onde se examinaram os valores dos pais, práticas disciplinares, classe social, controle de uso da TV e fatores ambientais associados à TV (como; número de aparelhos de TV no lar, padrões de usos dos pais, TV a cabo, etc), encontrou que a agressão das crianças e a conduta disruptiva na escola, eram preditas pela exposição intensa à TV.⁴⁷⁹

Num dos últimos relatórios na investigação longitudinal de Eron, se corroboram as indicações de que “uma alta exposição à TV entre os 9 e 10 anos leva a predizer a conduta

⁴⁷⁷ Robinson e Bachman apud Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 74.

⁴⁷⁸ Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 74.

agressiva, incluídos atos anti-sociais e abuso infantil na idade de 30. Um estudo subsequente [...] com uma amostra de estudantes de escola elementar também provê evidência de uma associação entre ver TV e conduta violenta num lapso de vários anos.”⁴⁸⁰

Um **estudo longitudinal** de 5 anos de duração, realizado por McCarthy, Langer, Gersten, Eisemberg, e Orzeck (1975) com 732 crianças “... claramente apóia a hipótese de que a violência em televisão está relacionada com a agressão [...] conflitos com os pais, brigas e delinqüência estavam positivamente correlacionados com o peso das pontuações de violência em TV.”⁴⁸¹

Em outra linha de pesquisa correlacional, Philips e Hensley (1984)⁴⁸² examinaram a relação entre a cobertura dos MCM e aqueles tipos de morte que mostram um forte componente psicológico e social. Um primeiro estudo “mostrou que suicídios nos EEUU entre 1947 e 1968 incrementaram significativamente justo após uma história de suicídio ser fortemente publicitada”, [como no suicídio de Marilyn Monroe]. O incremento ocorria principalmente na área geográfica onde o suicídio era mais intensamente publicitado. Um segundo estudo realizado por estes pesquisadores encontrou o mesmo padrão no período de 1972 a 1976. Um terceiro estudo da mesma equipe que empregou estatísticas de homicídios entre 1973 e 1978 revelou que após a transmissão das lutas dos pesos pesados pelo campeonato, o número de homicídios incrementou em 12,46%. As lutas mais publicitadas tendiam a ser seguidas por grandes incrementos inusuais de homicídios.

“Em todos estes estudos quanto maior a publicidade sobre a história pelos meios massivos, maior o incremento ulterior da mortalidade. Tomados em conjunto, a evidência

⁴⁷⁹ Singer e Singer apud Oskamp op cit. p. 183.

⁴⁸⁰ *ibid*, p. 182.

⁴⁸¹ McCarthy, et al. apud Lefkowitz e Huesman (In: Palmer e Dorr op cit. p. 165)

⁴⁸² Phillips, e Hensley op cit. p. 101-116.

destes estudos sugere que algumas histórias dos meios massivos dispararam incrementos imitativos de violência fatal.”⁴⁸³

Após analisar os padrões de mais de 140.000 suicídios, acidentes e homicídios, chegaram à conclusão de que: “... o número de homicídios nos Estados Unidos incrementa significativamente após as histórias[...], nas quais a violência é reforçada, e decrementa significativamente após histórias sobre tentativas de assassinato e execuções, nas quais a violência é castigada.”⁴⁸⁴

Revisando os resultados de várias pesquisas de campo correlacional sobre violência, Bandura conclui:

“Efeitos correlacionais associados à conduta social ao ver TV [...] em condições naturais, provê uma evidência suplementar sobre os efeitos da TV. Dados os grandes índices de violência e conduta agressiva usada nestes estudos, é difícil estimar quanto as relações obtidas se aproximam de uma relação real. A sua consistência porém, é notável. Vários projetos baseados em grandes amostras que representam diferentes comunidades, níveis de idade e sexo têm **obtido correlações positivas entre a quantidade de violência e a agressividade interpessoal.**[...] **Quanto maior a exposição à violência televisiva, maior a probabilidade das crianças usarem conduta agressiva, sugeri-la como uma solução a um conflito interpessoal, ou vê-la como efetiva...**”⁴⁸⁵[grifos nossos]

3.2.3.2 Pesquisas de levantamento (*Surveys*)

Os estudos de Levantamento ou *Surveys* de ‘efeitos de contágio’, isto é, incrementos no índice de suicídio, atos de violência e condução perigosa em adultos após a cobertura extensiva de tais eventos pela mídia [...] provêm alguns dos mais claros exemplos de que ver TV pode estar associado com séria violência subsequente na vida diária.”^{486 487}

⁴⁸³ *ibid.*

⁴⁸⁴ *idem.*

⁴⁸⁵ Bandura, 1973, p. 143.

⁴⁸⁶ Singer e Singer, apud Oskamp (ed.) op cit. p.178.

"A maioria de tais estudos tem usado questionários incorporando medidas de exposição ao meio [tais como ver TV violenta ou exposição à pornografia] e medidas de papel e lápis de atitudes ou condutas anti-sociais.[...] Muitos estudos recentes tem incluído medidas de variáveis sociológicas e demográficas que indicavam a relação entre exposição e conduta anti-social. Os resultados são freqüentemente expressos como uma série de correlações." ⁴⁸⁸

Com o propósito de ilustrar a importância desta modalidade de pesquisa faremos referência à forma como tem sido empregada pela escola dos 'indicadores culturais' de Gerbner. Inclui-se aqui parte das conclusões que se baseiam em uma trajetória de três décadas de estudo minucioso do conteúdo da programação comercial da TV norte-americana e seu efeito no 'cultivo' de 'percepções da realidade' de usuários, mais e menos assíduos ao meio. As conclusões que serão aqui incluídas dirão respeito aos efeitos derivados dos conteúdos apresentados. Tais conclusões, condensadas em um número de artigos publicados no 'Journal of Communication' ⁴⁸⁹, têm grande importância para entender e avaliar os efeitos da violência via TV em ambientes naturais. Os seus resultados complementam as investigações controladas na medida em que oferecem a oportunidade de estabelecer se as conclusões e generalizações feitas a partir das observações controladas, tanto de laboratório como de campo, são aplicáveis em contextos naturais em grande escala.

Há uma coerência entre as imagens sobre a realidade 'do mundo da TV' e o da vida e a sociedade? Como são refletidas estas imagens nas idéias e valores mantidos pela audiência?

⁴⁸⁷ Num artigo onde um investigador tem acesso a documentos 'segredos' de uma produtora de programas infantis para TV, pode-se observar com clareza, a forma como um produtor típico 'negocia' com os realizadores a quantidade e intensidade das cenas violentas. Embora a resposta típica dos produtores de programas violentos de TV seja a de negar, ignorar ou diminuir a existência de efeitos nocivos associados a tal conteúdo, o exemplo citado ilustra uma aberta preocupação com a 'dosagem' de violência a ser apresentada, o que seria desnecessário se a violência via TV, como alegam os porta-vozes das redes, não causasse efeitos sobre a audiência. Isto sugere que a atitude padrão de membros da indústria produtora de TV violenta se apóia em argumentos nos que não acreditam. (TAVRIS, C. Beyond Cartoon Killings: Comments on Two Overlooked Effects of Television. [In: OSKAMP, S (ed) op cit. p. 189.]

⁴⁸⁸ Wimmer e Dominick op cit. p. 341.

Como se aplicam à conduta cotidiana as concepções sobre a vida real e os 'ensinamentos' de conduta simbólica apresentadas em forma ficcional? A audiência acredita que o mundo funciona como se vê na TV? Gerbner e sua equipe trabalham tais perguntas sob a hipótese de que 'os usuários assíduos' da TV, aqueles que se expõem mais ao meio, são mais propensos a entender a realidade social em termos dos 'fatos da vida' que assistem na TV. Os resultados do programa de investigação confirmam tais pressupostos.

Os usuários assíduos⁴⁹⁰ comparados com os usuários moderados nos mesmos grupos sócio-demográficos, tendem a responder em termos do 'mundo da TV', isto é:

- acreditam que têm mais chance de ser envolvidos em episódios violentos, que a maioria das pessoas são egoístas, levam vantagens sobre os outros, e não são confiáveis;⁴⁹¹
- justificam o emprego de violência física 'quase sempre';
- temem sair sozinhos de casa à noite na própria vizinhança de sua cidade;
- tomam mais medidas de precaução, tais como, compra de cães de guarda, armas de fogo e diversas ferramentas de proteção;
- tendem a se identificar com posturas mais pessimistas sobre a natureza humana;
- prevêm com maior incidência o envolvimento de seu país em guerras num período de 10 anos.

Embora o efeito do 'cultivo' entre os grupos mude dependendo de variáveis sociais e individuais⁴⁹², estudos adicionais mostram que sistemas de valores e de crenças sobre papéis

⁴⁸⁹Gerbner et al., 1976, 1977, 1978. (Ver Bibliografia.)

⁴⁹⁰ "A audiência da televisão não é somente o público mais heterogêneo sempre reunido, mas também o menos seletivo. A maioria dos espectadores assistem pelo relógio e não pelo programa. Assistir é um ritual governado por estilos de vida e tempo. Diferentes tipos de programas servem à mesma fórmula básica desenhada para reunir espectadores com o propósito de vender ao menor custo. [...] os **espectadores assíduos assistem a tudo**. Diferentes momentos e segmentos de programas se complementam e se reforçam mutuamente na forma como apresentam aspectos do mesmo mundo simbólico". (Gerbner e Gross [In: Palmer e Dorr op cit. p. 150])

sexuais, da estrutura familiar, e as imagens sobre os idosos estão sujeitos aos efeitos do 'cultivo' dos programas de TV.⁴⁹³

Gerbner⁴⁹⁴ resume os resultados obtidos por este programa de pesquisas:

- Sistemáticas análises de conteúdo da TV comercial dos EEUU realizados ao longo de anos, demonstram distorções sistemáticas da realidade em relação com família, trabalho, papéis, envelhecimento, morte, agonia, ensino, violência e delito.

- Estes estudos têm provido evidência maciça, sistemática e coerente, de que a exposição à TV está significativamente associada com a apresentação de concepções sobre a realidade social que refletem parte dos padrões de fatos e ações mostrados no mundo do drama em TV.

- Os relatos recentes estendem os resultados dos estudos iniciais, revelando que estes padrões incluem fortes percepções de perigo, desconfiança, alienação e expectativas de violência.

- Novos dados indicam que a tendência a justificar a violência, esperar envolvimento em guerras, desejar que o governo tome conta dos assuntos mundiais, e assumir ações de proteção pessoal específica, estão também associados com o uso da TV.

- A TV faz diferentes contribuições à percepção de diferentes grupos sociais. Não se pode esperar que estas diferenças repliquem a estrutura de poder mostrada na TV, porque muitos outros fatores entram na configuração geral das forças relativas à vida real. Porém, elas podem e de fato, 'cultivam' percepções e ações na direção dos padrões mostrados no mundo do drama em TV. Uma análise mais refinada destes padrões diferenciais de cultivo será tarefa de investigação futura.

⁴⁹¹ Há efeitos significativos de cultivo entre o horário nobre e a programação diurna sobre o nível de desconfiança interpessoal que mostram os usuários. (Gerbner, 1978, p. 206)

⁴⁹² Gerbner et al. 1978, p. 206.

⁴⁹³ *ibid.*

Num artigo posterior⁴⁹⁵ Gerbner realça:

— “Uma e outra vez temos encontrado que as concepções, crenças, e valores de telespectadores assíduos diferem sistematicamente daquelas dos usuários leves nos mesmos grupos demográficos. As diferenças tendem a refletir tanto as coisas que existem, como a forma como elas funcionam no mundo da TV. Algumas vezes estas diferenças se mantêm entre quadros, significando que aqueles que vêem mais TV com maior probabilidade - em todos ou na maioria dos grupos - dão ‘respostas de TV’ às nossas perguntas. Mas em muitos casos os padrões são mais complexos. Temos encontrado que ver TV pode estar relacionado de formas diferentes, mas consistentes, a diversos grupos de situações de vida e enfoques do mundo. [...] A mais significativa e recorrente conclusão de nosso estudo de longa data é que há um correlato entre ver TV e um acentuado e desbalanceado senso de perigo e risco no meio de um mundo egoísta. [...] Ver TV parece também contribuir com os supostos e as imagens dos adolescentes sobre os procedimentos e atividades que impõe a lei.[...] Os adolescentes que assistem muita TV tendem a expressar desconfiança nas pessoas e acreditar que elas são egoístas [...]. Os resultados provêm considerável apoio à conclusão de que os espectadores assíduos percebem a realidade social de forma diferente que os espectadores mais moderados, mesmo quando outros fatores são mantidos constantes. Há uma considerável variação entre grupos na latitude e magnitude destes padrões: o grau em que as contribuições da TV é mediada, incrementada ou diminuída por poderosas forças pessoais, sociais e variáveis culturais, assim como por outras fontes de informação. Já que as variações permanecem positivas em quase todos os casos, a quantidade de exposição à TV faz uma diferença consistente nas respostas destes adolescentes...”

QUADRO 7: A TEORIA DO ‘CULTIVO’ POR G. GERBNER

“...emprega duas estratégias de investigação. Chamamos a primeira de sistema de análise de mensagens e a segunda análise do cultivo. Ambas se relacionam com- e ajudam a desenvolver - uma concepção de posição institucional e histórica da TV, suas funções e papéis. Para o sistema de análise de mensagens registramos e analisamos grandes amostras semanais de dramas da programação da TV e o temos feito desde 1967. Submetemos estas amostras semanais de dramas da TV a uma análise de conteúdo rigorosa e detalhada para delinear confiavelmente características específicas do mundo da TV. Consideramos estes como as lições potenciais da TV e as usamos como fonte de perguntas para a segunda parte da investigação. Na ‘análise do cultivo’, examinamos as respostas de telespectadores assíduos e leves a estas perguntas referidas face ao mundo real. [...] Queremos determinar se aqueles que gastam mais tempo com a TV, com maior probabilidade respondem a estas questões de formas

⁴⁹⁴ Gerbner et al, 1978, 176-206.

⁴⁹⁵ Gerbner et al., 1979, p. 177-196.

que reflitam as lições potenciais do mundo da TV (a 'resposta da TV') comparados com os grupos que vêem menos TV, mas são porém, comparáveis (em termos de importantes características demográficas) com os usuários assíduos. Temos usado o conceito de 'cultivo' para descrever as contribuições da TV as concepções do observador. O 'cultivo diferenciado' é o termo que utilizamos para distinguir, em porcentagens, a 'resposta da TV' dentro de grupos comparáveis de telespectadores assíduos e leves. Repetidamente encontramos que as concepções, crenças, e valores de telespectadores assíduos diferem sistematicamente daquelas dos usuários leves nos mesmos grupos demográficos. Essas diferenças tendem a refletir tanto as coisas que existem, como a forma como elas funcionam no mundo da TV. Algumas vezes se mantêm entre quadros, significando que aqueles que vêem mais TV, com maior probabilidade - em todos ou na maioria dos grupos - dão 'respostas de TV' às nossas perguntas. Mas, em muitos casos os padrões são mais complexos. Temos encontrado que ver TV pode estar relacionado, de formas diferentes mas consistentes, a diferentes grupos de situações de vida e enfoques do mundo. Temos chamado ao mais geral destes padrões de *mainstream*. Esta corrente dominante pode ser pensada como uma comunidade relativa de enfoques e valores que expõem as características e dinâmicas que o 'mundo da TV' tende a cultivar. [...] Em outras palavras, diferenças encontradas nas respostas de diferentes grupos de usuários podem estar associadas com outras características políticas, sociais e culturais nestes grupos, podem estar diminuídas ou mesmo ausentes nas respostas dos usuários assíduos nos mesmos grupos. Nosso conceito de cultivo se refere ao processo pelo qual características e dinâmicas do conteúdo da TV, que são as partes mais estáveis e repetitivas do ritual, aparecem entre diferentes tipos de programa. A razão é que os usuários assíduos vêem mais de todo tipo de programas. A utilidade para o observador determina os índices do programa e os padrões de observação. Além disso, nosso sistema de análise de mensagens encontrou que características gerais como demografia, estrutura de ação e até personagens, são similares na maioria dos programas. Desta forma são estas características gerais e dinâmicas do mundo da TV, mais que os programas específicos as que provavelmente cultivam as perspectivas mais penetrantes e orientações dos usuários assíduos. Assim, para compreender, e mesmo descobrir, a substância dos tópicos envolvidos no processo do cultivo, devemos saber algo sobre a natureza da influência dominante e do contexto institucional de sua criação. Viver com a TV significa crescer num ambiente simbólico configurado por instituições clientelistas. A criação deste ambiente é um processo altamente controlado. A TV comercial está efetivamente isolada do acesso público, distante da participação pública via consumidor de mercado direto, defendida do governo público pelas atuais interpretações da primeira emenda, e ainda publicamente licenciada e protegida nos termos que rendem ao meio ao governo de corporações privadas. O mecanismo econômico que guia este governo é a publicidade, e a dedução de impostos por despesas de negócios, imputadas a todos os consumidores independentemente do uso que façam do meio. Os patrocinadores pagam a TV e outros meios para atrair consumidores e prover outros serviços através de notícias e o entretenimento [...] a concorrência pela maior audiência possível a menores custos leva ao cultivo dos gostos mais convencionais, obscurecem os conflitos medulares [...] e apresentam imagens divergentes ou desviadas na sua maioria tentadoras, medrosas ou anulantes [...] Estas pressões e funções institucionais sugerem o cultivo de apresentações e orientações relativamente 'moderadas', ou 'médias' [...] Em suma, os resultados se baseiam no

banco de dados do sistema de mensagens de indicadores culturais e centram-se na programação nobre da TV [...] Este é animado por cerca de 300 personagens semanais, em sua maioria de tipos dramáticos e suas semanalmente repetitivas atividades dramáticas.” (Gerbner, 1982, p. 104-105)

3.3 Resultados em perspectiva histórica

A revisão da literatura sobre o tema da violência e a TV revela como a grande maioria dos psicólogos, cientistas sociais e da saúde que têm escrito e pesquisado a respeito, concordam que a violência em TV está diretamente relacionada com a agressão. Sucessivos programas sistemáticos de pesquisa de forma consensual apóiam esta afirmação. Suas conclusões centrais serão expostas com base em Wimmer e Dominick (1991) ⁴⁹⁶.

Himmelweit, Openheim e Vince (1958) concluíram que: “... a constante manifestação de agressão nas séries de crime e detetives, tanto por criminosos como por oficiais da lei, deve impactar aquelas crianças sensíveis a tais temas”. ⁴⁹⁷

Schramm, Lyle, Parker (1961) afirmaram que:

“A violência em TV pode estimular a agressão em crianças já frustradas e agressivas. Desta forma, em alguns, não em todos os casos, a televisão pode tanto sugerir o recurso da violência e ajudar a construir a tendência à agressão. [...] Quando a agressão numa situação da vida real tem suficiente peso, a criança lembra como os atos agressivos foram feitos na televisão.” ⁴⁹⁸

No final da década de 50 e início da de 60, Bandura e Berkowitz mostraram que a conduta agressiva pode ser aprendida observando o conteúdo violento da mídia e que o efeito de estimulação era mais provável que o catártico.

⁴⁹⁶ Wimmer, e Dominick op cit. p. 337-338.

⁴⁹⁷ apud Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 71

⁴⁹⁸ Schramm Lyle e Parker apud Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 87.

Em 1965, um subcomitê do senado dos EEUU que estudava a relação entre televisão e delinqüência juvenil concluiu que o crime e a violência em TV estavam relacionados com condutas agressivas entre observadores jovens.

Nesta época se institui a 'Comissão Einsenhawer'. Esta conclui que a violência em TV ensina ao observador como se envolver em violência.

O comitê científico sobre televisão e comportamento social patrocinado pela *Surgeon's General* estabeleceu que: "há uma convergência de evidência amplamente substancial sobre a causação a curto prazo de ver violência entre crianças. [...] ver violência antecede manifestações a longo prazo de conduta agressiva [...] Esta convergência constitui uma evidência preliminar de uma relação causal." Porém, "no tempo em que a investigação da *Surgeon's General* (1972) em televisão e violência começava em 1969, perto de 50 experimentos tinham sido publicados demonstrando que a exposição a apresentações violentas incrementava as pontuações nas medidas de agressão imediatamente após sua observação..."⁴⁹⁹

"A investigação da *Surgeon's General* aportou mais. Embora depois alguém sugerisse que havia suficiente evidência registrada para indiciar a TV (Bogart, 1972), as evidências experimentais davam provas persuasivas mas insuficientes para os efeitos sobre a conduta na vida real [...] Seria ingênuo interpretar tal estado de coisas como evidência nula [...] mesmo sendo cético em que os efeitos vão além do jogo das crianças, há ainda razões de interesse dado que o jogo em si mesmo pode ser perigoso e rude, e certamente serve como um campo de provas para futuros padrões de comportamento. **Mesmo se os efeitos raramente transgridem os limites da agressão interpessoal tolerável dentro de uma ação proscrita, pode se questionar se um abrasivo adicional é um bem social.**"⁵⁰⁰
[grifo nosso]

Em 1972, Jesse Steinfeld, então diretor da *Surgeon's General*, referindo-se aos 5 volumes de pesquisas do relatório final, afirmava sobre as conclusões do estudo:

⁴⁹⁹ COMSTOCK, G. New Emphases in Research on the Effects of Television and Film Violence (In: Palmer e Dorr op cit. p. 131 e 143)

⁵⁰⁰ idem.

“Embora o relatório da comissão tenha sido cuidadosamente redigido em linguagem cautelosa e própria das Ciências Sociais, está claro para mim que as relações causais entre violência na TV e comportamento anti-social são suficientes para justificar ação corretiva apropriada e imediata [...] desnecessárias se fazem mais investigações. Agora é o momento de agir.”⁵⁰¹

Após a publicação dos relatórios da *Surgeon's General*, vários estudos foram realizados; “... a maioria dos estudos de laboratório tem provido evidência inequívoca de uma relação positiva entre assistir violência e a agressão...”⁵⁰²

A constatação contínua da relação entre TV e violência era já sentida em 1975, quando a Fundação Ford patrocinava a maior conferência sobre o ‘futuro das prioridades da investigação sobre televisão e crianças’. Nesta ocasião:

“... relativamente pouca atenção foi dada à investigação da violência em televisão, sob a premissa de **que esta questão científica tem sido contestada e outros aspectos de investigação entre televisão e crianças merecem maior atenção**. A razão para esta conclusão é que muitos estudos apontam para esta relação. Há convergência em que [...] **há uma relação causal entre violência em televisão e conduta agressiva ulterior**. Estudos realizados posteriormente tendem a confirmar esta conclusão.” [grifos nossos]⁵⁰³

Em 1982, uma atualização do relatório da *Surgeon's General*, que considerava a trajetória de resultados de pesquisa até essa data registrou: “há consenso na comunidade acadêmica de que a violência em televisão causa conduta agressiva.”⁵⁰⁴

Nesse mesmo ano, o Instituto Nacional de Saúde Mental dos EEUU publicou o documento: *Televisão e Comportamento: Dez anos de Progresso Científico e Implicações para os oitenta*⁵⁰⁵. Nas conclusões lia-se:

⁵⁰¹ Cf. Pfromm Netto, 1980, p. 33.

⁵⁰² Lefkowitz e Huesman (In: Palmer e Dorr op cit. p. 165)

⁵⁰³ Rubinstein (In: Palmer e Dorr op cit. p. 121)

⁵⁰⁴ Wimmer e Dominick op cit.

⁵⁰⁵ Pearl, Bouthilet e Lazar apud Comstock, 1989, p. 198.

“O consenso entre a maior parte da comunidade de investigadores é que **a violência na TV conduz à conduta agressiva em crianças e adolescentes que observam os programas**. Esta conclusão se baseia em experimentos de laboratório e estudos de campo. Nem todas as crianças chegam a ser agressivas [...] mas as correlações entre violência e agressão são positivas. [...] A violência em televisão está fortemente correlacionada com a conduta agressiva como qualquer outra variável comportamental que tenha sido medida. A investigação tem se deslocado da pergunta de se há ou não um efeito à busca de explicações para o efeito.” [grifo nosso]

Em 1983, o psicólogo John Murray,⁵⁰⁶ após entrevistar mais de 100 cientistas sociais que publicaram artigos, livros ou relatórios sobre o tema da agressão na TV, encontrou que 80% dos cientistas concordavam moderada ou fortemente com estas conclusões.

“Virtualmente todo texto que trata sobre o assunto, incluindo particularmente textos de introdução à Psicologia [...] e Psicologia Social [...] afirmam com vários graus de certeza que **a evidência apóia esta relação causal**. Alguns livros rodeiam um pouco, dizendo que a evidência não é conclusiva, enquanto outros dizem que é conclusiva, porém a maioria afirma que é [a evidência] bastante forte. [...] Dúzias de artigos e capítulos publicados assumem de forma mais ou menos definitiva que a investigação demonstra a relação causal entre TV violenta e a agressão. [...] Recentemente o conselho que representa a Associação Psicológica Americana (1985) confirmou a sua crença na esmagadora natureza da evidência.”⁵⁰⁷ [grifo nosso]

A tendência da comunidade científica a afirmar a presença de uma relação causal entre a TV violenta e o comportamento anti-social, é reforçada pelos resultados das investigações feitas fora do laboratório, em contextos naturais transculturais diversos, com grandes amostras de população de características idiossincráticas variadas:

“Vários estudos de campo [...] têm mostrado que a exposição à **violência televisionada incrementa a agressividade interpessoal** [...] - apresentam-se numerosos incidentes nos quais as pessoas moldam sua conduta diretamente dos modelos televisionados mostrados

⁵⁰⁶ idem.

⁵⁰⁷ Freedman apud Oskamp op cit. p. 145.

[...] crianças têm perdido a vida tentando emular os atos heróicos das superestrelas televisionadas...”⁵⁰⁸[grifo nosso]

“...os estudos de campo são geralmente consistentes com a literatura experimental, embora os dados de campo certamente subestimem os efeitos dada sua grande dificuldade logística e limitações de controle. Os resultados destes estudos a nível longitudinal levam a crer na existência de um impacto cumulativo no lapso de vida em que se assiste à TV. Nós **devemos concluir que uma intensa exposição à TV coloca as crianças em risco de incrementar a sua agressão e sua impaciência, com todas as conseqüências negativas cognitivas e sociais de tal padrão de comportamento.** [...] Aqueles de nós que temos estado ativos por mais de 15 anos estudando uma variedade de aspectos da televisão de uma maneira razoavelmente científica, não podemos deixar de estar impressionados com a significância deste meio [...] no desenvolvimento das crianças.”⁵⁰⁹[grifos nossos]

Entre os especialistas nesta área há consenso: “... a violência em TV produz conduta agressiva...”⁵¹⁰

“A maioria dos *experts* no campo concordam agora em **que há clara evidência de uma relação positiva entre violência em TV e conduta agressiva posterior.** Revisões compreensivas de literatura desde aquelas da comissão Eisenhower e do programa da *Surgeon's General* se afirmam claramente nesta posição. Subseqüentemente muitos *experts* têm confirmado esta conclusão após examinar os resultados. Comstock (1976), Rubinstein (1978), e Watt e Krull (1977) estão entre aqueles que têm reafirmado esta conclusão.”⁵¹¹ [grifo nosso]

Não só os cientistas sociais e do comportamento tem-se preocupado com a influência deletéria da TV violenta sobre o comportamento anti-social. A comunidade médica [infelizmente, não a brasileira] também tem feito contribuições importantes de pesquisa. Pfromm Netto, (1980. p. 34) condensa as principais conclusões sobre violência e TV publicadas no

⁵⁰⁸ Bandura, 1973, p. 102.

⁵⁰⁹ Singer e Singer, apud Oskamp op cit. p. 185.

⁵¹⁰ Rubinstein (In: Palmer e Dorr op cit. p. 120)

⁵¹¹ idem.

New England Journal of Medicine após uma retrospectiva de investigação realizada pelo *Journal of American Medical Association*:

"1) A vida normal e feliz em família, propiciada por pais amorosos, inteligentes, que atuam com maturidade plena e não são violentos, não atenua os efeitos da violência televisual. 2) A violência na televisão pode plasmar atitudes e padrões de comportamento permanentes nas pessoas. Um consumo elevado de televisão durante a infância apresenta, freqüentemente, correlação positiva com comportamento violento após o termo dos estudos secundários. 3) As crianças tendem mais a pautar seu comportamento pelo que vêem em filmes e programas de televisão do que a seguir instruções verbais de uma pessoa real e fisicamente presente. 4) As crianças expostas à violência exibida em filmes e programas de televisão retêm, durante meses, a lição aprendida nessas exibições, inclusive o uso de brinquedos agressivos, ainda que não tenha ocorrido um reforço subsequente. 5) Existe uma relação entre a quantidade de violência que a criança assiste na televisão e a quantidade de violência que revela no seu comportamento. 6) As crianças deixam-se plasmar pela agressividade exibida no programa de TV a que acabam de assistir, ainda que se lhes acene, concomitantemente, com brinquedos não agressivos como, por exemplo, lápis de cor ou miniaturas de jogos de chá. 7) Os aficionados a programas violentos tendem mais a administrar choques elétricos a indivíduos desvalidos do que os espectadores de programas não violentos. 8) A exposição a um único desenho de conteúdo destrutivo pode aumentar a agressividade de uma criança nos folguedos. Este efeito manifesta-se logo após uns poucos minutos de exposição da crianças ao desenho animado. 9) As crianças que assistem regularmente a uma grande quantidade de programas de televisão manifestam sinais de ansiedade e irritabilidade. Relatórios de dentistas mostram que essas crianças freqüentemente passam a ranger os dentes a ponto desse hábito demandar atendimento profissional. 10) A violência nos programas televisuais pode fazer com que certas crianças dupliquem a agressividade que exibiam antes da exposição a esses programas de televisão. 11) Há estudos que comprovam, igualmente, a influência que os espetáculos violentos da televisão exercem sobre os adultos. Num estudo sobre a agressão em casais [...] os adultos que viram programas violentos aumentaram seus sentimentos agressivos tanto para consigo mesmos como em relação ao cônjuge e, também, passaram a agir mais agressivamente.[...] podemos concluir, pois, com os autores citados, que a violência gera violência, que as crianças aprendem pelo exemplo e que o mais eficiente dos exemplos é o da violência a título de diversão." ⁵¹²

⁵¹² Pfromm Netto, 1980, p 30-40.

Embora a evidência na qual se apóiam as conclusões obtidas com a aplicação das diferentes estratégias de pesquisa expostas anteriormente seja contundente, há quem as questione e alimente vigoroso debate.

Dorr, (1986, p. 83) classifica a discussão sobre o efeito da TV violenta em três grandes áreas :

- 1- O tamanho dos efeitos,
- 2- A especificidade de tais efeitos,
- 3- As características da população afetada.

1- O tamanho dos efeitos

Tem se argumentado que os efeitos da exposição a conteúdos violentos via TV são socialmente **insignificantes**. Nesta linha de discussão não se questiona a validade das pesquisas que revelam efeitos derivados da exposição ao conteúdo violento da TV, mas, se algum efeito apreciável ocorre no mundo real. Noutras palavras o que se pergunta é: qual é a generalidade, consistência ou validade ecológica⁵¹³ dos resultados das investigações? São os efeitos encontrados aplicáveis à vida cotidiana das pessoas?

“...a maioria das pessoas concorda em que o conteúdo da TV pode algumas vezes afetar apreciavelmente as crianças sob condições experimentais controladas cuidadosamente, mas discordam nas suas implicações para a vida cotidiana.”⁵¹⁴

Os críticos defendem que os efeitos derivados da TV explicariam uma ínfima parcela do comportamento, das atitudes e das informações na vida cotidiana, que as diferenças nestes critérios entre aqueles que vêem muita ou pouca TV é tão pequena que não podem ser considerados como socialmente relevantes.

⁵¹³Validade ecológica refere-se à possibilidade de generalizar diretamente o conhecimento científico, obtido em experimentos controlados, à situações sociais complexas do mundo real. (Tedeschi e Lindskold op cit. p.53)

Outro aspecto da mesma questão é o de que a influência da TV explicaria o comportamento social na mesma medida em que o fariam outros agentes de socialização (família ou escola, por exemplo) e que o papel de nenhum destes sobre a conduta é proeminente.

A Psicologia Social, hoje assume a TV como um **potente agente de socialização**, uma verdadeira fonte paralela de padrões de pensamento, afeto e conduta⁵¹⁵. Convém lembrar que o propósito dos estudos experimentais não é o de demonstrar efeitos no 'mundo real' ou 'imitar o ambiente natural', mas isolar todas suas possíveis influências numa situação que permita observar o tipo de relação causal entre duas variáveis. Como apontam Singer e Singer (1989, p.179) identificar tal relação já é um avanço importante.

"Os estudos experimentais têm considerável importância teórica para entender como a conduta agressiva é estimulada. Eles, é claro, não podem demonstrar que as crianças que são observadores assíduos no lar serão mais propensas à agressão **na interação social diária. Mas eles constituem um ponto teórico crucial: [...] é inegável que a imitação da agressão, a ativação, ou a redução da inibição da agressão, são todos possíveis resultados de ver TV naturalmente**, especialmente quando os programas estão cheios de atos de violência em ficção, desenhos ou notícias." [grifo nosso]

Neste sentido Comstock declara :

"A quantidade de estudos com resultados consistentes provê considerável confiança sobre a relação entre televisão violenta e a agressão subsequente, **mas os estudos não provêm evidência direta de se a Televisão contribui ampla ou geralmente a um sério comportamento anti-social.**" ⁵¹⁶[grifo nosso]

a- O caráter temporal dos resultados obtidos;

O principal argumento é o de que as pesquisas de laboratório podem produzir incrementos momentâneos nas medidas de agressão. Isto é, que o comportamento agressivo

⁵¹⁴ Dorr op cit. p.83.

⁵¹⁵ Embora, como bem sublinham Liebert Neale, Davidson (op cit), a escola está sem nenhum planejamento, qualificação ou critério.

⁵¹⁶ Comstock et al. 1978, p. 14.

observado após a manipulação não se manterá durante um lapso de tempo considerado socialmente relevante.⁵¹⁷

A maioria dos estudos de laboratório não são delineados para estabelecer a quantidade de tempo pelo qual se mantém a conduta agressiva que se manifesta após a exposição à TV violenta. Embora por vezes se tomem medidas de agressão posteriores à sessão experimental, aceita-se que tal decisão se adota como uma forma de adquirir informações complementares sobre as quais é impossível supor relações causa-efeito, dado que o sujeito está exposto à ação de eventos em seu ambiente natural e à alterações devidas ao passar do tempo que vão além da manipulação experimental.

Vimos como estudos de caráter longitudinal que freqüentemente se realizam em cenários naturais, em forma de experimentos de campo ou correlacionais, têm observado a permanência dos efeitos da exposição à violência em TV:

"... mesmo com correlações ou equações preditivas relativamente modestas, o vínculo entre um excessivo uso da TV e a agressividade nas crianças deve ser tomado seriamente quando consideramos os milhões de crianças que a vêem regularmente. A agressão na creche ou no jardim de infância pode em si mesma não colocar a sociedade em risco, mas vastos dados sugerem que crianças que mostram tais condutas estão rapidamente em dificuldades e são alienados por professores e companheiros. **Os estudos longitudinais clarificam que uma infância birrenta e fanfarrona está correlacionada com a violência adulta e o comportamento anti-social e auto-destrutivo...**"⁵¹⁸[grifo nosso]

2- Especificidade do efeito

Este ponto de debate envolve diversas questões;

- O grau no qual os efeitos da TV se limitam a poucas circunstâncias específicas.

Cedo Bandura já observava como fatores situacionais podem agir como limitantes ou 'inibidores'

⁵¹⁷ Freedman, apud Oskamp op cit. p. 146.

⁵¹⁸ Singer e Singer, apud Oskamp op cit. p. 178.

da agressão em ambientes naturais. As pessoas não só aprendem como executar as condutas observadas após sua execução por um modelo, mas as características do ambiente e a situação onde a emissão de tal conduta pode obter conseqüências específicas. Cabe lembrar que tais conseqüências atuam em última instância como a base de informação que o sujeito emprega para decidir ou não a emissão de uma determinada conduta.

"Os efeitos não são nunca precisos dado que a agressão da vida real está fortemente influenciada por fatores situacionais. Embora isto não signifique que a ausência de um **efeito imediato**, não direcione ou demore o impacto quando a conduta em questão pode ser mais propícia..."⁵¹⁹ [grifo nosso]

Uma das ressalvas mais enfáticas feitas por Bandura diz respeito ao tempo que separa a observação de modelos e a execução da conduta. O lapso estaria em relação à diferença entre aprender novas condutas e executá-las. A aquisição pode dar-se em ausência de ensaios e reforçamento direto. A sua execução dependeria da conjunção de fatores psicológicos e situacionais. Disto deriva-se que a latência entre a apresentação do estímulo e a emissão da conduta pode ser variável sem que por isto 'o impacto' da exposição à violência seja necessariamente menor.

Outro item em discussão é o grau em que a conduta observada é uma cópia do que tem sido apresentado na TV ou uma derivação desta. Como via-se anteriormente, a aquisição de condutas a partir do seu modelamento leva à possibilidade de novas aplicações do comportamento observado, e usos de objetos empregados em novas formas de agressão.

Tais ressalvas realçam a importância das variáveis mediadoras tanto de índole psicológica como situacional em relação à subseqüente apresentação da agressão após sua observação na TV:

⁵¹⁹ Comstock et al. 1978, p. 14.

"... entre os conceitos ou condições sobre os quais um efeito condutual parece ser contingente estão o **estado da ativação fisiológica**, as **conseqüências percebidas** da conduta em questão, a **percepção de realidade** ou '**autenticidade**' da **apresentação na TV**, as **alternativas para comportar-se na situação** imediata, a **saliência do comportamento em questão**, o momento e circunstâncias particulares, e a **oportunidade para executá-las**. Obviamente não há uma resposta fácil à pergunta de se assistir ao apresentado influencia o comportamento. Porém, sintetizando o grande e variado corpo de evidência é possível desenvolver um modelo explicativo único..."⁵²⁰ [grifo nosso]

3- Características da população afetada

Este ponto centra-se no grau no qual os efeitos da TV ocorrem para todos os sujeitos e não para um grupo em particular, como no caso de pessoas socialmente desadaptadas, emocionalmente carentes, altamente agressivas ou outras características inusuais. De fato, a evidência mostra como mesmo quando se encontram diferenças estatísticas entre os grupos experimental e de controle, **tais diferenças não se aplicam a todo indivíduo particular, em virtude das características individuais inerentes a cada sujeito:**

"Steuer (1971), mostra que 4 entre 5 crianças expostas à violência em TV chegam a ser mais agressivas com os colegas, comparadas com as que viram programas não agressivos. Porém, **elas variaram consideravelmente no nível e na proporção dos incrementos da agressão**. Algumas mostraram incrementos imediatos, enquanto outras requeriam múltiplas exposições antes que os efeitos sobre o comportamento fossem evidentes. [...] Quando a taxa de agressão incrementa por uma longa exposição à conduta violenta, a elevação pode refletir o incremento do impacto cumulativo da TV ou os observadores podem estar adotando soluções agressivas que eles viram modeladas e que produziam bons resultados se usadas com maior freqüência..."⁵²¹ [grifo nosso]

Uma recente revisão da volumosa literatura sobre TV e agressão, encontrou pouca evidência de que unicamente certos tipos de crianças foram influenciadas. Apenas se verificou

⁵²⁰ ibid, p. 16.

⁵²¹ Bandura, 1973, p. 146.

uma tendência de meninos a ser mais influenciados pelos conteúdos violentos apresentados via TV em comparação com as meninas.⁵²²

“A TV é um efetivo condutor de informação de uma ampla variedade de conteúdos a observadores de diversas faixas etárias, habilidades e estratos sociais, origens étnicas e geográficas.”⁵²³

Isto era confirmado por Comstock, já em 1978:

“No estudo da **violência** na TV realizado até hoje, tanto no laboratório como em cenários naturais, de forma longitudinal e transversal, com o emprego de amostras de **grande diversidade ideográfica, sócio-demográfica, e transcultural, a evidência obtida é contundente e uniforme.** [...] **A conclusão mais cientificamente justificável, dada a evidência disponível, é que o entretenimento violento na televisão incrementa a probabilidade de conduta agressiva subsequente por parte de crianças e adolescentes.**”⁵²⁴[grifo nosso]

Formular conclusões sobre um tema tão complexo pode ser temerário e tanto mais para quem apenas se inicia no estudo dos efeitos da TV. Por tal motivo e feitas as críticas e ressalvas mais significativas sobre os resultados da investigação, cumprimos com transcrever as conclusões de investigadores de reconhecida trajetória:

“Extensivas revisões da literatura [...] concluem que ver TV em excesso, especialmente de conteúdo mais violento, pode ter influência sobre o comportamento aberto das crianças. Esta conclusão tem sido confirmada pelos autores e o conselho assessor do recente reporte da *Surgeon's General* sobre TV e comportamento (Pearl et al, 1982). [...] O corpo da evidência conduz a crer que **há uma relação causal entre uma alta exposição à TV e a conduta agressiva aberta em crianças e adolescentes.**”⁵²⁵ [grifo nosso]

“Os achados combinados de experimentos de laboratório, estudos controlados de campo, e investigações correlacionais provêm substancial testemunho de que ver

⁵²² Collins e Korac op cit. p.171-193.

⁵²³ ibid.

⁵²⁴ Comstock et al. 1978, p28.

⁵²⁵ Singer e Singer op. cit. p. 173.

violência tende a fomentar a agressividade. A investigação que clarifica as relações causais, incrementa mais que diminui, o nível de controvérsia quando as práticas gananciosas da indústria mostram alguns efeitos adversos. Os interesses de grupo chegam a ser incompreensivelmente apreensivos sobre as implicações dos achados da investigação para a política social. Embora os temas continuem a ser debatidos vigorosamente em termos da verificação empírica, neste estágio a disputa é mais uma questão política que científica.”⁵²⁶ [grifo nosso]

“A investigação discutida demonstra que o modelamento agressivo eleva o nível de agressão mostrado por outros. Inversamente a agressão pode ser reduzida em observadores pela exposição a modelos que se comportam de uma forma não agressiva, ou controlada ao enfrentar uma provocação...”⁵²⁷ [grifo nosso]

“Em suma, o impacto da violência televisiva pode ser melhor predito tomando em conta as habilidades de agressividade preexistentes nos observadores, seus controles de agressão, e a proporção de reforçamento positivo e negativo ganha pela conduta agressiva em interações diárias. Uma causação múltipla pode ser melhor desvendada com uma exposição à TV variada experimentalmente, em conjunção com reforço experimental e extinção ou castigo da agressão com sujeitos que se diferenciam em habilidades de agressão e inibição. Expor-se a um modelo de violência apresentado em formas que legitimam seu uso, não unicamente incrementa a probabilidade de conduta agressiva, mas também tende a incrementar a preferência por brinquedos agressivos, [...] estados de ânimo contrastantes e selecionar estratégias agressivas de solução de problemas apesar dos conflitos...”⁵²⁸

“A evidência é que a televisão pode incrementar a agressão **ensinando** aos observadores atos hostis previamente desconhecidos, geralmente **encorajando** de diversas formas ou uso da agressão, e **estimulando** o comportamento agressivo tanto **de forma imitativa como distinta do observado.**”⁵²⁹ [grifos nossos]

⁵²⁶ Bandura, 1973, p. 148.

⁵²⁷ Isto é revelado num estudo de Baron e Kepner (1970), que médio a punitividade de estudantes após ter observado um modelo castigando severamente a um insulto, respondendo a ele de uma forma não agressiva, ou não tendo observado modelo algum.[...] os estudantes que observaram o modelo punitivo mostraram a **maior quantidade de agressão, em quanto aqueles expostos ao modelo não agressivo executaram relativamente pouca agressão e foram significativamente inferiores neste respeito que os estudantes que não observaram reação de outros** [...] Baron (1971) apresenta evidência adicional sugestiva de que sob múltiplas influências de modelamento, a presença de um modelo controlado pode contra-atacar os efeitos instigadores de um modelo agressivo.” (Bandura, 1973, p. 126.)

⁵²⁸ Bandura, 1973. p. 147.

⁵²⁹ Comstock et al.1978, p. 14.

A resposta definitiva a tais questionamentos, só realinha a importância e a necessidade da pesquisa. Entretanto, o peso das conclusões obtidas parecem de suficiente contundência e relevância para que os estudiosos do tema façam recomendações explícitas e se pronunciem sobre medidas e estratégias relativas às ações dirigidas a neutralizar ou minimizar os efeitos nocivos da exposição à violência via TV. Rubinstein (1983)⁵³⁰ formula as seguintes;

“A evidência sugere a necessidade de incrementar a ênfase no ensino de habilidades críticas para ver TV em crianças. [...] o relatório do NIMH demonstra a importância de ver a TV como uma forma contínua de educação informal. Precisa-se de maior criatividade por parte da indústria e maior discriminação por parte do observador. O ensino de habilidades críticas e o interesse dos pais no que as crianças assistem são especialmente importantes.”

Por sua vez, Dorr e Kovaric⁵³¹ formulam as seguintes recomendações preventivas:

- 1- Controlar a quantidade de TV em casa.
- 2- Controlar o conteúdo que possa ser apresentado na TV.
- 3- Controlar a parte do dia no qual certos conteúdos possam ser apresentados.
- 4- Orientar membros do grupo para alterar seus padrões de uso.
- 5- Alterar ou adicionar ao conteúdo da TV para que seja menos impactante (Ex: aclarar quais eventos são fantasia)
- 6- Ensinar aos membros do grupo a ser menos suscetíveis aos efeitos da exposição à violência televisiva.
- 7- Ensinar aos membros do grupo a ser menos agressivos em geral.
- 8- Mudar os ambientes dos membros do grupo de forma que as oportunidades e instigações à agressão sejam diminuídas.”

“A História inteira da violência em televisão está ainda inacabada. O impacto da investigação publicada é crescente. Mesmo que a política não tenha mudado grandemente, **a questão original tem sido contestada: a televisão violenta é nociva ao observador...**”⁵³² [grifo nosso]

⁵³⁰ RUBINSTEIN, E. Television and Behavior: Research Conclusions of the 1982 NIMH report and their policy implications. *Journal of American Psychologist*, 1983, jul, vol. 38, n. 7, 820-825.

⁵³¹ Dorr e Kovaric (In: Palmer e Dorr op cit. p. 195)

⁵³² RUBINSTEIN, E. Television Violence: A Historical Perspective. (In: PALMER e DORR, (eds) op cit. p. 125)

3.4 TV e Comportamento Pró-social

A função da TV como importante fonte paralela de socialização e de influência social foi melhor dimensionada uma vez estabelecida sua forte relação com a conduta violenta. Como era de se esperar, os investigadores orientaram seus esforços ao estudo do potencial dos exemplos positivos via TV na aprendizagem de conduta pró-social:

"O fato de que a violência na mídia possa instigar comportamento agressivo tem levado muitos pesquisadores à hipótese de que exemplos apropriados da mídia podem também incrementar várias formas de 'conduta pró-social'..."⁵³³

"O impacto do conteúdo pró-social é uma área nova e surgiu do reconhecimento de que os mesmos princípios que fundamentam o aprendizado de atividades anti-sociais, devem se aplicar a um comportamento mais positivo..."⁵³⁴

Em 1975, Comstock e Lindsey⁵³⁵, após uma revisão exaustiva da literatura, encontraram que a pesquisa sobre TV e comportamento pró-social era vista por um grande número de estudiosos como uma prioridade para o futuro. Isto levou ao prognóstico de que a produção nesta área teria um grande crescimento nas décadas seguintes. Tais expectativas foram confirmadas, embora parcialmente, anos depois. Wimmer e Dominick, (1991, p.337 e 340) constataram que embora a investigação sobre os efeitos pró-sociais da TV tivesse sido 'popular', passados 30 anos de seu início, a atividade de pesquisa decrementou na década de 80.⁵³⁶

⁵³³ Liebert e Schwartzberg op cit. p. 162.

⁵³⁴ Wimmer e Dominick op cit.

⁵³⁵ Comstock e Lindsey, apud Liebert e Schwartzberg op cit. p. 164.

⁵³⁶ "A falta aparente de uma relação forte entre estas variáveis, junto a ausência de um acordo geral sobre a definição de conteúdo pró-social, desencorajou os pesquisadores a escolherem esta área. De qualquer forma há uma média de um estudo por ano entre 1986 e 1989 nos Communication Abstracts muitos deles sendo análises de conteúdo." (Wimmer e Dominick op cit. p.337 e 340)

A grande maioria dos estudos nesta área examina os possíveis efeitos pró-sociais de séries comerciais específicas de TV, principalmente em crianças, dentro da perspectiva da Teoria da Aprendizagem Social.⁵³⁷

Entendem-se como comportamento pró-social as "...ações que provêm benefícios a outras pessoas e não parecem ser motivadas pelo desejo do benfeitor em obter reforçamento imediato para si mesmo."⁵³⁸ Outros autores empregam o termo para sublinhar o contraste com o comportamento anti-social⁵³⁹, se referir a condutas socialmente desejáveis⁵⁴⁰, ou enfatizar o componente altruísta que existe em muitas situações de ajuda.⁵⁴¹

Algumas das condutas que têm sido consideradas na pesquisa em TV são: "altruísmo, controle de impulsos agressivos, adiamento de gratificações, persistência na tarefa, expressão de sentimentos, reparação por conduta errada, resistência à tentação, empatia"⁵⁴², entre outras.

A TV comercial veicula de fato uma grande variedade de exemplos sociais considerados geralmente como positivos pela sociedade⁵⁴³:

"... há exemplos de esforços cooperativos, de ajuda, e de caridade em muitos dos programas de hoje. Mesmo programas essencialmente violentos oferecem instâncias de ação pró-social. Nós sabemos relativamente pouco sobre os efeitos destes exemplos, como eles aparecem no contexto presente. Mas nós sabemos também, por recentes

⁵³⁷ Liebert e Schwartzberg op cit. p. 162.

⁵³⁸ Tedeschi, e Lindskold op cit. p.412.

⁵³⁹ Gergen e Gergen op cit. p. 194.

⁵⁴⁰ Comstock et al.1978, p. 14.

⁵⁴¹ O termo foi cunhado por Augusto Comte, referindo-se a uma forma de benevolência que se oporia ao egoísmo; "atualmente, na psicologia Social, a expressão *comportamento altruísta* designa condutas que se caracterizam pela intenção de ajudar ou beneficiar outra pessoa (ou pessoas), sem expectativa de recompensa." (KRUGER, H. **Temas Básicos de Psicologia Social**. São Paulo: Ed. Pedagógica 1986, p. 58) "Altruísmo é uma ação que beneficia outra pessoa e é realizada sem expectativa de reforço externo." (Gergen e Gergen op cit. p. 194),

⁵⁴² WICKS, R., RUBINSTEIN, E, e LIEBERT, R. Positive Social Learning. *Journal of Communication*. 1975, v. 25, n. 4, p. 89.

⁵⁴³ Idem p 88-95.

estudos tanto no laboratório como no campo, que a televisão tem um vasto potencial para inculcar lições positivas ...”⁵⁴⁴ [grifo nosso]

O potencial pró-social de séries da TV comercial já era observado por Sprafkin, Liebert e Poulos na década de setenta⁵⁴⁵. Eles empregaram episódios intactos da série ‘Lassie’ e mostraram que a exposição a um episódio que contém um exemplo de ajuda dramática, incrementava, em crianças, a probabilidade de ajudar a outros em situações similares às apresentadas. Os mesmos investigadores também demonstraram que um anúncio de televisão especialmente desenhado para prover aspectos de modelamento de conduta interpessoal cooperativa, efetivamente incrementava a cooperação entre as crianças que o observavam.

Empregando episódios comerciais da mesma série comercial e tendo a ‘ajuda’ como tema predominante, Collins e Getz (1976), “encontraram que crianças de quarto a décimo grau foram mais cooperativas com um colega após assistir a um programa de ação e aventura que continha solução cooperativa de problemas, que após ver programas neutros ou agressivos....” Isto levou os pesquisadores a concluir que “... além de compreender as mensagens pró-sociais as crianças também mostram um incremento na conduta pró-social em tarefas de laboratório após assistir programas pró-sociais feitos comercialmente.”⁵⁴⁶

3.4.1 Aprendizagem da Conduta Pró-social

Tedeschi e Lindskold (1975), propõem dois mecanismos básicos de aprendizagem de conduta pró-social; um baseado na história de reforço:

“Pode-se considerar que o comportamento pró-social consiste em **hábitos aprendidos**. Tem se argumentado que toda resposta é um produto da história de reforçamento da pessoa e das condições de estímulos correntes. De acordo com a lei básica de reforçamento, toda resposta que é reforçada provavelmente se repetirá quando as

⁵⁴⁴ Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 89.

⁵⁴⁵ apud Liebert e Schwartzberg op cit. p. 164.

⁵⁴⁶ Collins e Getz apud Watkins, Huston, Wright (in: Palmer e Dorr op cit. p. 59.)

circunstâncias elicítantes reaparecerem. Erros consistentes em reforçar uma resposta aprendida reduzem a probabilidade de sua ocorrência e podem ainda conduzir à sua extinção (a eliminação da resposta do repertório condutual do indivíduo) [...] A conduta pró-social [...] pode ser estabelecida através de reforçamento e mantida por uma consistente associação com reforçadores. Assim, qualquer instância particular de conduta pró-social não reforçada pode parecer a um observador que desconhece a história de reforçamento do ator, estar não relacionada com suas motivações próprias...”⁵⁴⁷[grifo nosso]

e outro a partir da observação de modelos de comportamento em TV.⁵⁴⁸ Estas duas teorias de aprendizagem, a baseada no reforço e a do modelamento, são mutuamente complementares e contribuem para explicar a aquisição da conduta pró-social.⁵⁴⁹

3.4.2 TV e Modelamento da conduta pró-social

Os mecanismos e processos pelos quais um observador ‘aprende’ conduta pró-social a partir de seu modelamento via TV, são os mesmos já descritos na sessão relativa à aquisição de conduta violenta. Observar a conduta de um modelo pode ativar normas sociais no observador, ensinar-lhe novas respostas e indicar os resultados associados com vários tipos de conduta. Um modelo que é reforçado por seu comportamento é imitado pelos observadores.⁵⁵⁰

3.4.2.1 Experimentos de Laboratório

Os estudos de laboratório têm revelado que uma variedade de ações positivas podem ser facilitadas pela observação de modelos televisionados. Algumas destas investigações criam situações com as quais as pessoas se deparam no seu dia-a-dia, ver alguém sendo premiado ou

⁵⁴⁷ Tedeschi e Lindskold op cit. p423.

⁵⁴⁸ Wicks, Rubinstein, Liebert op cit. p 88-95.

⁵⁴⁹ Tedeschi e Lindskold op cit. p.423.

⁵⁵⁰ ibid. p. 424-425.

castigado ao se comportar de uma forma particular, ou observar um indivíduo cujas ações e afirmações nem sempre coincidem.⁵⁵¹

Vejamos alguns exemplos:

Bandura e Kupers (1964), se interessaram na influência de modelos paternos na forma como suas crianças auto-avaliam sua execução e a medida em que se reforçam por ela. Enquanto um grupo de crianças "... observava um modelo que se recompensava escassamente e só quando conseguia uma alta execução em uma tarefa, outro grupo de crianças observava um modelo que se recompensava freqüentemente por um pobre desempenho...."⁵⁵²

Os resultados mostraram que :

"... as crianças adotavam o critério fixado pelo modelo que eles observavam. Quando os pais expressam satisfação e se recompensam por baixos níveis de execução, suas crianças podem fazer o mesmo. Quando os pais mostram altos níveis de execução e raras vezes são indulgentes consigo mesmos com favoráveis auto-avaliações aplicando altos níveis de reforço, suas crianças podem ser mais precisas em estabelecer os níveis para a sua própria execução."⁵⁵³

Bryan e Walbeck⁵⁵⁴ investigaram os efeitos de duas técnicas de ensino: instrução direta e através de programas de TV simulados, sobre a **conduta de compartilhar** de jovens de terceiro e quarto graus com o seguinte procedimento:

- Os sujeitos eram levados individualmente a um ambiente onde se registrava seu desempenho numa brincadeira de bola.
- Se pontuavam alto, recebiam um certificado de prêmio que podiam trocar por dinheiro ou presentes.
- Os participantes eram informados que poderiam doar os seus presentes a uma causa caritativa se eles quisessem.

⁵⁵¹ Liebert, Neale, Davidson op cit. p. 91-92.

⁵⁵² Tedeschi e Lindskold op cit. p.253.

⁵⁵³ ibid.

- Após cada sujeito brincar por um tempo, assistia a um programa de TV de outros jovens do mesmo sexo jogando a mesma brincadeira.
- O modelo se comportava então de forma 'generosa' (doando um terço de seus ganhos) ou de forma 'egoísta'.
- Para dois grupos o modelo falava sobre compartilhar, pregava sobre a generosidade ou a avareza, enquanto a um terceiro grupo não manifestava nada.
- Depois de ver o programa, a cada criança individualmente era dada a oportunidade de doar parte de seus ganhos .

Este teste de conduta pró-social revelou: "que crianças que observaram um modelo caridoso na TV foram significativamente mais propensas a compartilhar que aquelas que viram o modelo ganancioso, independente da natureza dos discursos. No seu laboratório, Bryan testou 550 crianças entre 1° à 5° graus provenientes de diversas áreas geográficas. Estes achados foram confirmados por muitos estudos que mostraram influências positivas similares com modelos altruístas e egoístas ao vivo." ⁵⁵⁵

Usando essencialmente o mesmo procedimento, Stein e Bryan⁵⁵⁶ demonstraram que um modelo visto na TV pode induzir condutas de autocontrole. Garotas de terceiro e quarto graus viam uma seqüência que mostrava um colega modelo brincando um jogo de bola;

- A metade dos sujeitos assistiam à um modelo habilidoso que ganhava com freqüência, enquanto a outra metade assistia à um modelo não habilidoso que perdia freqüentemente.
- Em cada caso, o modelo era instruído para se reforçar, de acordo com uma regra rigorosa, obtendo uma série de fichas cada vez que alcançava uma alta pontuação.

⁵⁵⁴ apud Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 90.

⁵⁵⁵ idem.

⁵⁵⁶ idem.

- As crianças foram subdivididas em 4 grupos de acordo com as verbalizações do modelo e a prática da regra. Ou ela pregava e praticava a regra, pregava e quebrava a regra não praticando-a, ou era inconsistente no que dizia e fazia.

- Cada criança brincava por sua vez. A medida de adesão à regra era o número de fichas que a criança pegava em ensaios não exitosos.

Os resultados mostraram que, “aqueles que observaram um modelo que pregava e praticava adesão à regra seguiram à risca a regra de auto-reforço, mais que aqueles que observavam um modelo que pregava e praticava transgressões à regra. As crianças que observaram um modelo inconsistente eram as que mais quebravam a regra.”⁵⁵⁷

Outra pesquisa revelou como condutas de ‘autocontrole’ [resistência à tentação] podem também ser influenciadas por exemplos da TV:

- Uma criança é colocada numa situação na qual pode transgredir uma norma para ganhar um reforço.

- Ela tem a opção de resistir ou não à tentação com a qual se depara.

- Os experimentadores colocavam garotos de 5 anos de idade dentro de um cômodo equipado com muitos brinquedos atrativos e um dicionário.

- Na seguinte etapa, as condições eram divididas em 3 grupos;

a- Um grupo onde se observava um filme no qual um garoto [modelo] que brincava com brinquedos proibidos [transgressão] era aprovado pela sua mãe que se juntava a essas atividades.

b- Outro grupo onde, as crianças observavam um filme no qual o modelo era repreendido por sua mãe .

c- Um grupo de controle que não assistia nenhum filme.

⁵⁵⁷ Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 90-91.

- Cada criança era então deixada a sós enquanto observadores ocultos registravam o tempo que a criança levava antes de começar a brincar com os brinquedos proibidos e o tempo que gastava brincando com eles.

Os resultados mostraram que :

“... aqueles que observaram o filme do modelo castigado esperaram muito mais antes de transgredir a regra e gastaram menos tempo brincando com os brinquedos, comparados com os garotos nos outros grupos. De fato, a maioria daqueles do grupo modelo castigado não brincaram com os brinquedos proibidos, enquanto que as crianças do grupo modelo reforçado brincaram com os brinquedos proibidos mais e mais rapidamente que nos outros grupos.”⁵⁵⁸

Liebert, Neale e Davidson (1973,p.91), descrevem mais um estudo, desta vez sobre os efeitos de modelos televisionados sobre a adesão à regra.

- Meninos de 5, 7 e 9 anos de idade observavam na TV um modelo [colega]. Ele afirmava que iria seguir uma regra: não brincar com certos brinquedos, ou afirmava que ele quebraria a regra. De novo:

“... os garotos que observavam o modelo desviado brincaram com os brinquedos proibidos mais que aqueles expostos ao modelo não desviado. Os garotos que observaram o modelo obediente, exemplar, brincaram com os brinquedos menos que os sujeitos que não viam o modelo. Assim o modelo televisionado incrementou o comportamento por si próprio independente do que o modelo disser.”⁵⁵⁹

Tedeschi e Lindskold (1975, p. 427), enumeram algumas das variáveis que se associam à aquisição e execução de conduta pró-social a partir de modelos em TV:

- As exortações de um modelo podem elicitar afirmações verbais dos observadores advogando por comportamento generoso, mas elas não afetarão sua conduta atual. [...] Os observadores farão o que o modelo faz, não o que ele diz.

⁵⁵⁸ idem, p. 91.

⁵⁵⁹ Wolf apud Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 91.

- A imitação de conduta pró-social ocorre quando um modelo advoga verbalmente por uma causa generosa, se envolve em condutas pró-sociais consistentes com suas afirmações, ou reforça ao observador por manifestar respostas similares.

- Quanto maior seja o custo de executar condutas pró-sociais imitativas, menos efetivo o modelo será em elicitá-las.

- Modelos agradáveis (simpáticos ou desejáveis) elicitam maior imitação quando a conduta em questão é reforçada.

- Os efeitos do *status* do modelo, a experiência e seu prestígio sobre a imitação de conduta pró-social têm sido pouco investigados.

Bandura complementa: “modelar soluções pró-sociais a conflitos, provê aos observadores opções construtivas que tendem a reduzir a sua dependência de táticas combativas...”⁵⁶⁰ Quanto à latência e manutenção temporal das respostas imitativas afirma:⁵⁶¹

- Os efeitos do modelamento têm sido revelados geralmente dentro de curtos períodos de tempo e tipicamente na mesma forma de resposta.

- Alguns estudos mostram que crianças que observam ou realizam condutas caritativas ou ambas, mostram um decremento da sua quantidade de condutas pró-sociais no tempo.

As respostas imitativas se limitam à situação específica onde se deu o modelamento?

“A menos que possa ser demonstrado que a conduta pró-social aprendida por modelamento ocorrerá em outras situações e bem distantes da aprendizagem original, é possível interpretar os efeitos do modelamento como associados a estados temporais do imitador ou a características específicas da situação do modelamento original.”⁵⁶²
[grifo nosso]

Lovelace e Huston (1982, p. 93-106) discutem as vantagens e desvantagens de três métodos de apresentação de conteúdo pró-social em TV. Os programas eram desenhados para

⁵⁶⁰ Bandura, 1973, p. 280.

⁵⁶¹ Tedeschi e Lindskold op cit. p. 427.

transmitir conteúdos pró-sociais a crianças de três anos em diante. O método mais efetivo foi a apresentação de conduta pró-social sem nenhuma forma de comportamento anti-social contrastante.

“... os efeitos sobre a conduta pró-social podem ser eclipsados e distorcidos se os mesmos personagens são mais agressivos. Liss e Reinhardt (1979) encontraram que as crianças que assistiam a uma versão de *Superfriends* na qual havia tanto temas pró-sociais como tratamento violento do vilão, foram mais agressivas que aquelas que assistiam a versão pró-social ‘pura’ e menos agressivas que o grupo que assistiu só violência. Aparentemente a natureza pró-social de alguns personagens que foram também agressivos serviu para justificar sua conduta agressiva e fazê-la digna de emulação.”⁵⁶³

Estratégias de resolução de conflitos podem ser efetivamente transmitidas se é apresentada uma variedade de modelos mostrando ações pró-sociais, se à resolução pró-social é dado suficiente tempo e atenção, e se as condições de observação são adequadas. Efeitos de generalização a situações externas se conseguem mostrando pessoas ordinárias numa variedade de ações cotidianas trabalhando juntas ou ajudando-se mutuamente. Formatos de histórias dramáticas são menos potentes para influenciar o comportamento das crianças. Em muitas ocasiões, ensaios após a exposição ao programa pró-social, discussão e jogos relacionados com ele podem incrementar os efeitos do programa de TV. A terceira técnica, apresentação de conflitos não resolvidos pode ser útil na aula e em situações terapêuticas onde o adulto pode orientar após a observação e discutir e sugerir atividades, desconhecendo-se os efeitos de situações não supervisionadas.⁵⁶⁴

As conclusões destas investigações, embora ‘aplicáveis-à-vida’, são também alvo de críticas sobre a base de que são estudos de laboratório.⁵⁶⁵

⁵⁶² *ibid.*

⁵⁶³ Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 59.

⁵⁶⁴ LOVELACE, V. E HUSTON, A. Can television teach prosocial behavior? *Journal of Prevention in Human Service*. 1982 (Fal-Win), vol. 2, n. 1-2, p. 93-106.

⁵⁶⁵ Liebert, Neale e Davidson op cit. p.91-92.

3.4.2.2 Experimentos de campo

Um programa desenvolvido nos anos 60 por uma companhia Canadense, *Misterogers's Neighborhood* suscitou a realização de um estudo de campo.⁵⁶⁶ A maioria das investigações sobre esta série de TV foi desenhada para provar hipóteses sobre as formas nas quais as crianças aprendem conduta pró-social a partir da TV, mais que avaliar os efeitos das próprias séries.⁵⁶⁷

Watkins, Huston, Wright⁵⁶⁸ fazem a seguinte descrição da série de TV:

"Neste programa, um adulto amigável apresenta ao observador temas tão emocionais como a infância, o nascimento de um irmão, sentimentos de raiva e solidão. Cooperação, cuidado, ajuda, empatia, bondade, persistência numa tarefa, auto-aceitação e outras atitudes e condutas pró-sociais são demonstradas em vinhetas ao vivo e [...] com bonecos e atores de fantasia. Mr Rogers fala diretamente ao observador, usa o singular 'você é o meu amigo', mais que o plural. Se refere ao programa como uma visita à criança, e emprega outras técnicas desenhadas para dar aos observadores o sentimento de uma comunicação individual com ele."

Para examinar os efeitos de tais apresentações os pesquisadores:

- Observaram as crianças na aula e em situações de jogo.
- Cada criança era observada por 9 semanas, (3 semanas antes da intervenção, 4 semanas durante e 2 semanas depois).
- A cada dia de escola as crianças assistiam ao programa de *Misterogers*, desenhos agressivos, ou programas neutros.
- Além dos registros de conduta agressiva, os observadores também registravam três categorias de conduta pró-social: persistência (ex. independência e recusa de ajuda), conduta pró-social interpessoal (ex. cooperação, habilidades sociais maduras) e autocontrole (ex. obediência à regra).

⁵⁶⁶ Stein e Friedrich apud Liebert, Neale e Davidson op cit. p.92-93.

⁵⁶⁷ Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 57.

⁵⁶⁸ Idem.

Os resultados revelaram que;

- crianças que assistiram TV pró-social incrementaram sua persistência numa tarefa e melhoraram o comportamento pró-social interpessoal (cooperação, alimentação, e similares)⁵⁶⁹;
- as crianças na condição pró-social incrementaram seu auto-controle enquanto aquelas na condição agressiva o decrementaram.⁵⁷⁰
- "...as crianças na condição pró-social não mostravam incrementos na agressão ante situações frustrantes, pelo contrário à maior frustração, maior manifestação de conduta pró-social..."⁵⁷¹
- "...as crianças na condição modelo agressivo mostravam uma redução na conduta pró-social diante de situações frustrantes."⁵⁷²
- O *status* sócio-econômico e o nível intelectual dos sujeitos, influenciaram que lições pró-sociais foram aprendidas.⁵⁷³

Outras pesquisas sugerem uma relação complexa entre o *status* sócio-econômico e o rendimento acadêmico em crianças. Num deles descobriu-se que :

"... assistir TV diariamente no máximo 2 horas aproximadamente, tende a se associar com um melhor desempenho acadêmico. Assistir mais que este limite conduz a decrementos no desempenho."

Dorr (1986, p. 113) atribui este fenômeno a que experiências de TV podem resultar academicamente relevantes em ambientes de baixa classe social e "adicionar experiências acadêmicas relevantes às suas vidas, por exemplo níveis gramaticais e narrativas bem estruturadas.[...] Em pequenas doses a TV pode enriquecer a vida destas crianças. Em amplas

⁵⁶⁹ Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 57.

⁵⁷⁰ Stein e Friedrich apud Liebert, Neale e Davidson op cit. p.92-93

⁵⁷¹ idem.

⁵⁷² idem.

⁵⁷³ idem.

doses esta tomará tempo de experiência academicamente relevante que elas poderiam adquirir de outra forma.”⁵⁷⁴

Collins⁵⁷⁵ encontrou que entre alunos de sétima a décima série, a exposição a modelos adequados produz grande ajuda e suporte para um colega, comparados à modelos agressivos em TV ou a programação que não apresenta modelos relevantes. Mais importante ainda, eles também encontraram que quando as cenas de conflito envolvem modelos positivos, os observadores são ativados. Esta ativação pareceu energizar as respostas construtivas, mostrando desta forma a operação conjunta das hipóteses de ativação e aprendizagem social.

Outros estudos experimentais em situações naturais levados a cabo com pré-escolares, também observaram que a TV pode ter efeitos pró-sociais. Investigadores têm demonstrado que “... a exposição de crianças a duas semanas de programação não violenta, mostra uma redução nas respostas afetivas disruptivas ou negativas comparadas com as crianças expostas à uma programação de controle ‘neutral’.[...] A demonstração de tais efeitos pró-sociais em cenários naturais é importante porque clarifica a influência de um conteúdo de programa particular sobre o comportamento ulterior...”⁵⁷⁶

Os estudos têm revelado incrementos similares na conduta pró-social usando observações tanto de laboratório como naturalistas. Em muitas ocasiões no entanto, as mudanças se limitaram a certas categorias de comportamento, a subgrupos dentro da amostra estudada ou a grupos que recebiam ensaios e ajuda adicional na compreensão do programa de televisão.⁵⁷⁷

A investigação tem identificado vários fatores culturais, sociais e de personalidade que estão envolvidos na aquisição de conduta pró-social. “As demandas das normas culturais, a aprendizagem prévia ou estados internos presentes do potencial benfeitor, a sua interpretação

⁵⁷⁴ Dorr op cit. p. 113.

⁵⁷⁵ In: Liebert e Schwartzberg op cit. p. 164.

⁵⁷⁶ Singer e Singer, apud Oskamp op cit. p. 180.

⁵⁷⁷ Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 57.

da situação imediata, a presença de outras pessoas, e as características da pessoa a ser ajudada, tem indicado facilitar ou inibir o comportamento pró-social...”⁵⁷⁸

3.4.3 Algumas Séries Pró-sociais e Educativas

Na década de 70 houve um incremento notável na produção de séries desenhadas para ensinar atitudes e condutas pró-sociais:⁵⁷⁹

“Séries tais como *Inside/out* and *Ripples* foram programas produzidos para a escola [...] séries multiculturais como *Vegetable Soup* e *Villa Alegre*, tanto para o lar como para a escola; redes comerciais produziram séries como *Fat Albert* and *The Cosby Kids*, e o serviço de programação pública séries como, *Misterogers Neighborhood*, *ESAA*, e *Sesame Street* entre outras.[...] [estas séries] indicaram a amplitude das metas educacionais que a TV queria abarcar”.

Séries como Vila Sésamo (*Sesame Street*), como a sua sucessora Companhia Elétrica (*Electric Company*), se dirigiam a um alvo específico: o ensino de habilidades para crianças com dificuldades de leitura nos primeiros graus:

“... três estratégias de leitura básica eram enfatizadas: (a) combinação e discriminação de fenômenos; (b) reconhecimento e processamento de certos grupos de letras como unidades distintas, e (c) busca de padrões e textos por unidades que podem afetar a pronúncia. Com os observadores de *The Electric Company* se pretendia discriminar vogais de consoantes, buscar estruturas típicas de palavras, ensinar estratégias de leitura por significado, e usar o contexto da frase para determinar o significado de uma palavra ambígua...”⁵⁸⁰

Palmer e Dorr⁵⁸¹ sintetizam os resultados destes programas:

- As crianças podem aprender habilidades intelectuais a partir de produções de TV desenhadas tanto para entreter como para instruir.

⁵⁷⁸ Tedeschi e Lindskold op cit. p.412.

⁵⁷⁹ Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 57.

⁵⁸⁰ Idem p. 55.

- A TV é um efetivo professor para crianças com dificuldades, e crianças a partir de três anos de idade.
- Assistir em casa é recomendável para a aprendizagem de habilidades pré-acadêmicas, mas não para a aprendizagem de habilidades de leitura em crianças em idade escolar elementar.
- Algumas habilidades como reconhecimento de números e letras são aprendidas mais efetivamente que outras.
- Em todos os casos a aprendizagem de séries televisivas é melhorada quando os materiais de ensino suplementar e /ou adultos interessados estejam disponíveis.

Nesta área dos efeitos da TV também tem se questionado se as mudanças comportamentais se generalizam à vida cotidiana:⁵⁸²

"... crianças aprendem conceitos como cooperação e com freqüência imitam o comportamento televisionado se elas são colocadas em situações como as da televisão, mas não tem se encontrado generalização dos efeitos sobre seu comportamento social."⁵⁸³

Watkins, Huston, Wright ⁵⁸⁴ explicam que os efeitos mais pronunciados têm sido observados quando crianças são colocados em situações idênticas ou muito similares àquelas que mostram cooperação, ou em ambientes de laboratório onde o programa de televisão pode ser inusualmente saliente.

Outros exemplos de programas comerciais de conteúdo pró-social produzidos pela TV alemã são descritos por Eurasquin, Mantilla e Vazquez (1983, p.53):

⁵⁸¹ idem.

⁵⁸² "Um estudo de campo correlacional sobre a observação de televisão pró-social e conduta natural, proveu pouca evidência de generalização de efeitos.[...] Outro estudo correlacional no qual assistir em casa se relacionava a auto relatos de conduta pró-social indicava relações positivas mais leves entre assistir à TV pró-social e o comportamento..." Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 59.

⁵⁸³ Leifer, Paulson apud Palmer e Dorr op cit. p. 59.

⁵⁸⁴ apud Palmer e Dorr op cit. p. 60

Um deles “Série sobre as Séries”⁵⁸⁵, foi concebido como “uma tentativa de neutralizar o fascínio produzido sobre os telespectadores pelas séries, ao mesmo tempo que eram revelados alguns dos mecanismos que incidem sobre esse fascínio, assim como seus conteúdos de realidade ou manipulação.”⁵⁸⁶

“... se analisavam os conteúdos de um dos gêneros favoritos das crianças com um critério similar ao seguinte: nos *westerns* norte-americanos produzidos pela TV, até o próprio argumento é portador de publicidade e propaganda; eles são realizados em série, como uma fábrica, e as reações que gerarão ‘até o suor das mãos’ estão testadas e garantidas desde o princípio até o final da película.”⁵⁸⁷

Em outro, uma série de desenhos sobre os *vikings*, evitava-se estritamente toda apologia à violência, fato notável, como bem coloca o autor tratando-se de uma série protagonizada por *vikings*, ‘estereótipos freqüentes do guerreiro violento’:

“... o protagonista é uma criança, inclusive um tanto medrosa, fisicamente pouco dotada para o combate, pelo que se vê obrigada a solucionar todos os conflitos em que se vê envolvida pela reflexão e elaboração de planos inteligentes, astúcia e raciocínio frente à violência. [...] por fim, caberia sublinhar que se evita o didatismo explícito que amiúde faz fracassar outras histórias.”⁵⁸⁸

Em outra iniciativa alemã, empregou-se a TV como meio de correspondência entre crianças de diferentes países. Além da Alemanha, participaram da experiência o Brasil e o Irã:

“Em cada país as crianças se agruparam ao redor de um realizador e apresentaram perguntas sobre os temas que tinham vontade que fossem tratados pelos outros [...] depois de ter realizado pequenos documentários sobre as questões elementares, trocaram os filmes, que projetaram as crianças de outros países. Elas respondem mostrando sua vida cotidiana e formulam novas perguntas.”⁵⁸⁹

⁵⁸⁵ Criado pela equipe Verena Doelker-Tobler da TV Alemã.

⁵⁸⁶ Erasquim, Mantilla e Vazquez op cit. p. 53.

⁵⁸⁷ *ibid.*

⁵⁸⁸ *idem* p. 95.

⁵⁸⁹ *ibid.*, p. 98.

Algumas variações tem se desenvolvido orientadas por uma preocupação na solução de problemas a nível comunitário:

"Em países como o Canadá existe o 'videógrafo', **equipamentos de imagem a serviço do cidadão** para que este possa expressar os seus problemas que, mais tarde serão conhecidos através dos canais locais de TV. Em Barcelona funciona o 'serviço de vídeo comunitário' que, com subvenção governamental, leva aos restaurantes e aos centros culturais as produções realizadas pelos próprios vizinhos." ⁵⁹⁰ [grifo nosso]

Um eloqüente exemplo da efetividade da aplicação de princípios teóricos derivados da investigação básica em Psicologia Social (Teoria da Aprendizagem Social de Bandura), na solução de problemas sociais estruturais em grande escala, num contexto terceiro mundista, com o emprego da TV, é reproduzido a seguir:

"Sabido (1981), **relata aplicações engenhosas de princípios da Aprendizagem Social no México que estão desenhadas para promover amplas mudanças sociais através do modelamento televisivo.** O projeto visara o problema do analfabetismo. Num **esforço para reduzir o analfabetismo generalizado**, o governo lançou um programa nacional de auto-instrução. Pessoas com habilidades de leitura eram estimuladas a organizar grupos de auto-instrução nos quais elas poderiam ensinar outros a ler com material instrutivo que havia sido desenvolvido para este propósito. Porém, estes apelos nacionais produziram uma resposta social desanimadora. Sabido então selecionou a **novela, a qual tinha um amplo e fiel seguimento, como o melhor formato para alcançar e motivar pessoas com problemas de analfabetismo.** A principal linha da história das séries dramáticas centravam-se sobre as experiências interessantes e informativas do grupo de auto-instrução. [...] **O programa incorporou os principais fatores conhecidos para incrementar o impacto do modelamento.** Para capitalizar sobre um modelamento prestigioso, o ator de novela mais famoso foi selecionado para o papel de instrutor. Atores no papel de aprendizes foram selecionados para representar diferentes segmentos da população **a fim de incrementar mas ainda a influência positiva do modelamento televisivo através de similaridade do modelamento.** Os adornos musicais e melodramáticos davam intensidade dramática à estória. Como motivador vicário adicional, as séries dramáticas mostraram os benefícios substanciais da alfabetização para o auto-desenvolvimento e para a eficiência nacional e a estima. Os epílogos resumiam as mensagens modeladas colaborando com a

⁵⁹⁰ *ibid*, p. 147.

codificação simbólica da informação para a sua representação na memória. É de pouco valor motivar pessoas se elas não são providas com orientações apropriadas e suportes sociais para a ação. **Para facilitar as mudanças promovidas pela mídia, as séries com frequência usaram ambientes da vida real mostrando atores obtendo material instrucional de um centro de distribuição vigente e eventualmente formando-se na cerimônia de graduação no padrão de formatura vigente.** Os epílogos informaram os observadores deste programa nacional de auto-educação e os animara a se beneficiar dele. [...] Um estudo prévio de entrevista tinha revelado várias auto-crenças negativas que tinham dissuadido pessoas de envolver-se no programa nacional. Muitos acreditavam que as habilidades de leitura podiam se adquirir unicamente na juventude, outros acreditavam que lhes faltava as capacidades para manejar uma habilidade tão complexa. Estas crenças dissuasórias foram modeladas pelos atores e corrigidas pelo instrutor[...] nas séries os modelos superavam os obstáculos para se auto-dirigir aprendendo e ganhando controle progressivamente e auto-estima [...] **milhões de observadores assistiram às séries confiantemente. Na avaliação dos efeitos comparados com os não observadores, os que assistiram estavam muito mais informados sobre o programa de alfabetização nacional e expressaram atitudes muito mais positivas para ajudar a outro a aprender. A taxa de participação no programa nacional de auto-instrução era de 99.000 no ano anterior à apresentação das séries, 840.000 durante o ano da apresentação, e 400.000 no ano seguinte à sua exibição.**[...] Um formato similar de modelamento televisivo contribuiu para promover um amplo programa de planejamento familiar [...] os registros dos centros de planejamento revelaram um incremento de 32% no número de novos usuários de anticoncepcionais sobre o número de usuários no ano anterior às séries televisivas. [...] O projeto de Sabido associou explicitamente o modelamento simbólico a serviços comunitários..."⁵⁹¹ [grifos nossos]

3.4.4 Conclusões

Os exemplos citados permitem afirmar que:

- as crianças podem aprender padrões positivos de pensamento, afeto e comportamento pró-social apresentados via televisão muito cedo e pelos mesmos mecanismos e processos pelos quais adquirem repertórios violentos e transgressores⁵⁹².

⁵⁹¹ Sabido apud Bandura, 1986, p. 147-148.

⁵⁹² Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 59.

- condutas como; altruísmo, cooperação, persistência, adesão a normas, ajuda, expressão de sentimentos, adiamento de gratificações, controle de impulsos agressivos, são algumas das quais os observadores podem aprender a partir de modelos em TV.

“Os [...] estudos feitos até a data indicam que as apresentações da TV incrementam a probabilidade de certos tipos de comportamentos diferentes à agressão [...] Crianças e adolescentes aprendem a partir da TV de uma variedade de formas. Tanto conhecimento como condutas são sujeitos à influência da TV...”⁵⁹³

- é possível agradecer à criança sem necessidade de recorrer à violência, elas também são sensíveis a outros tipos de modelos⁵⁹⁴. Programas especificamente elaborados sobre princípios psicológicos, “podem ser altamente desfrutáveis por crianças e jovens enquanto transmitem efetivamente ações positivas para eles e produzem benefícios significativos para a sociedade:”⁵⁹⁵

“O valor de entretenimento dos programas televisivos não sofre de maneira alguma com a redução da violência como bem de consumo [...] programas que usam a violência como principal meio para capturar audiências podem ser colocados fora do negócio por pessoas que ofereçam alternativas mais interessantes. A influência do exemplo exitoso não pode ser melhor ilustrada que na programação para crianças [...] A aparição de Vila Sésamo nas estações não comerciais demonstrou que um programa que é instrutivo tanto quanto divertido pode atrair grandes audiências de crianças com o respaldo dos pais.”⁵⁹⁶

Pfromm Netto (1990, p. 4) coloca a discussão no contexto brasileiro:

“Temos hoje excelentes fontes para orientar os rumos de uma programação infantil ou juvenil em vias mais construtivas ou pelo menos não deformantes, de diversão sadia, ao mesmo tempo atrativa, com ação, aventura e humor. Existem provas cabais de que, se maus programas (e também maus comerciais, hoje abundantes em nossa tevê) podem envenenar a mente da criança, bons programas são comprovadamente eficazes para ajudá-

⁵⁹³ Comstock et al. 1978, p. 14.

⁵⁹⁴ Erasquim, Mantilla e Vazquez op cit. p. 97.

⁵⁹⁵ Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 158.

⁵⁹⁶ Bandura, 1973, p. 281.

la a crescer e ser feliz, para desenvolver nela a cooperação, a confiança, o altruísmo, o respeito mútuo, a tolerância, a consciência de responsabilidades sociais, a socialização civilizada - enfim, os efeitos que os especialistas denominam 'efeitos pró-sociais'. Mas programas deste último tipo são cada vez mais raros, em meio ao autêntico lixo televisual que a TV Brasileira vem despejando em nossos lares [...] lá fora, dezenas de organizações se encarregam de analisar e avaliar os possíveis efeitos desses programas, vídeos ou filmes recomendando-os ou desaconselhando-os. Não há nada de semelhante no Brasil, mas temos de tudo em matéria de programação.[...] reitero aqui a observação de que o público desconhece, no Brasil, a grande maioria dos bons programas infantis produzidos no exterior”.

- há tempos se reconhece que os programas pró-sociais, se vinculados às necessidades e estruturas da educação formal e sendo desenhados especificamente para ensinar, são efetivos na consecução das suas metas⁵⁹⁷. Porém, tal como lembra Pfromm Netto (1976 p. 132), também de longa data a TV brasileira parece desavisada;

“Está hoje provado até a saciedade que a televisão ensina, que ensina com alta eficiência e que esse ensino apresenta resultados muito positivos em termos de retenção e transferência do aprendizado [...] a despeito do extraordinário potencial educativo da televisão, é ainda pequeno, no Brasil, o uso deste meio para a instrução ou treinamento sistemáticos”.

Catorze anos depois, a respeito da programação educativa e programação infantil, Pfromm Netto observa:

“Sobre esses dois assuntos existe vastíssima literatura científica que, [...] permanece mais ou menos ignorada em nosso país, na mídia, nos meios acadêmicos e nas próprias entidades que se dedicam a um e outro tipo de programação. O que teimosamente ainda se mantém entre nós é a improvisação, o palpite, o 'achismo'. Afirmções mais ou menos gratuitas, argumentação primária e superficial, sem qualquer embasamento científico, opiniões que não correspondem aos fatos disponíveis nestes domínios ocupam o lugar que deveria ser preenchido por conhecimentos e práticas solidamente fundamentados em teorização e pesquisas científicas. Notem que estou me referindo aqui à pesquisa

⁵⁹⁷ ROCKMAN, S. Realities of Change (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) *Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling*. New York: Academic Press, 1980, p. 83-97)

científica com P maiúsculo, pesquisa quantitativa, objetiva e sistemática, transmissível, cumulativa, do tipo preditivo, causal e determinista.”⁵⁹⁸

- embora as crianças⁵⁹⁹ algumas vezes apliquem o que observam a seu próprio comportamento, ainda deve ser esclarecida a proporção das mudanças comportamentais que se generalizam além das situações específicas ou contextos sugeridos pelos programas de televisão ou além do ambiente no qual as crianças vêem tais programas.⁶⁰⁰ Adultos também podem se beneficiar de campanhas pró-sociais via TV baseadas em sólidos princípios psicológicos. O uso de formatos comerciais de alta popularidade, como a telenovela, podem contribuir de maneira importante à mobilização de grandes massas populacionais na prevenção e ou solução de problemas de grande envergadura, como o analfabetismo, o crescimento populacional desmedido, e mesmo a violência social.⁶⁰¹ Isto coloca de manifesto mais uma vez a importância de estreitar a colaboração e participação dos cientistas sociais com os realizadores e programadores interessados no emprego social, criterioso e ético da TV.

McQuail (1983, p. 278-279), expõe com eloquência no trecho que se reproduz a seguir, o potencial pró-social que detém os MCM :

⁵⁹⁸ PFROMM NETTO, S. A Televisão Pública: A Programação Educativa e Infantil. (In: **Anais do Seminário Televisão Pública, um novo conceito**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 1990, p. 1)

⁵⁹⁹ “Quais são os valores, as convicções, a atitude perante os semelhantes, os padrões, a visão do mundo, a filosofia de vida, a Ética que, voluntária ou involuntariamente, estamos transmitindo ao público infantil e que crianças estão incorporando a suas personalidades, á sua maneira de viver? [...] A tevê, excelente meio de ensino que é, pode fazer não só com que o aluno aprenda o certo como também induzi-lo a assimilar muito bem os erros e as noções confusas, os procedimentos inadequados, as tolices, mentiras, desinformação, pseudo-informação [...] além de influir nas suas atitudes e valores.”. (Pfromm Netto op cit. p.6 e 12)

⁶⁰⁰ Watkins, Huston, Wright apud Palmer e Dorr op cit. p. 59.

⁶⁰¹ Em 1976, a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa produz no Rio de Janeiro uma novela dramática de nome “João da Silva”, que incluía conteúdo educativo. (PFROMM NETTO, S. e ANGELINI, A. Impact of Brazilian Television on Children and Education. **Education Studies and Documents**. 1981, No. 40, Paris: Unesco, p. 46)

“Os meios de comunicação não necessariamente subvertem a outros agentes sociais mas podem complementar ou aumentar seu poder. Por exemplo, **podem ampliar as oportunidades educativas e culturais; elevar os ‘níveis culturais e dar maior difusão a informação dentro da sociedade; colaborar e dar identidade e autoconsciência aos grupos locais, étnicos, políticos e culturais; fomentar as boas relações entre as sociedades; e favorecer a mudança econômica e social. Em resumo os meios de comunicação podem se considerar uma força ‘pró-social’...**”[grifo nosso]

CAPÍTULO 4

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DOS EFEITOS DA TELEVISÃO NO BRASIL⁶⁰²

Qual é o aporte brasileiro ao estudo científico dos efeitos da TV? Em que proporção tais investigações utilizam o método científico? Que parcela desse conhecimento provém da Psicologia Social? Qual o tipo predominante de pesquisa produzida nesta área, no âmbito acadêmico do país? Predomina a pesquisa de 'reflexão teórica', histórica, crítica, dissertativa, ou a metodológica empírico-positivista?

Embora a resposta a estas perguntas excedam os limites deste trabalho e configurem por si mesmas matéria de outras investigações, considerou-se pertinente apresentar um mapeamento, mesmo que inacabado, da forma que assume o estudo dos efeitos da TV no Brasil.⁶⁰³ ⁶⁰⁴ Tal preocupação, como foi dito, surge já nos inícios da revisão bibliográfica preliminar ante a dificuldade de obter informação objetiva produzida por autores brasileiros nesta área.

Uma das figuras mais representativas da investigação psicológica dos MCM no Brasil escrevia já em 1972:

⁶⁰² "No Brasil, os primeiros programas de televisão foram ao ar em 1950, em São Paulo, com a inauguração da TV Tupi - Difusora, emissora pioneira do país e da América do Sul. Em 1954 calculava-se em 120.000 o número de aparelhos de televisão em funcionamento no Brasil; doze anos depois, esse número passava a ser de dois milhões e 200 mil televisores; e em 1975, estima-se em dez milhões o total de lares com aparelhos de televisão em todo o país." (Pfromm Netto, 1976, p. 151)

⁶⁰³ "No Brasil os primeiros esforços de pesquisa em comunicação de massa forma levados a cabo por um educador e psicólogo paulista, Manuel B. Lourenço Filho. Durante a década de 1920, Lourenço Filho fez pesquisas sobre reações de crianças a filmes cinematográficos e leituras de adolescentes. Investigações importantes foram realizadas na década de 40 sobre cinema e leitura infantis por Katzenstein e Freitas (1941, 1949); por Guinsberg (1949), sobre anúncio; e por um grupo de pesquisadores do INEP, sobre histórias em quadrinhos (1944, 1945)." (Pfromm Netto, 1976, p. 178-179)

⁶⁰⁴ "Introdução à Psicologia Social" de Arthur Ramos (1936) parece ser o primeiro livro brasileiro de Psicologia a consagrar capítulos aos MCM, sob os títulos 'opinião pública' e 'Censura e Propaganda'. (Pfromm Netto, 1972, p. 44)

"No Brasil, é escassa (para não dizer inexistente) a literatura científica sobre **comunicação e comunicação de massa**. E, no entanto, poucos países apresentam, em termos de realidade atual e perspectivas futuras, um quadro tão favorável à expansão dos meios de comunicação de massa como o que aqui se observa. [...] **A contribuição brasileira para a teoria e pesquisa psicológicas em comunicação e comunicação de massa é insignificante**. Não vai além de três ou quatro dezenas o total de trabalhos publicados. Talvez isto se deva ao desenvolvimento relativamente pequeno da pesquisa psicológica no país. Faltam pesquisadores qualificados, os cursos destinados à preparação de psicólogos são uma conquista recente, **não se atribui a devida importância à contribuição científica que a Psicologia pode prestar e assim por diante**. A quase inexistência de pesquisas brasileiras sobre comunicação e comunicação de massa e a precariedade do que tem sido feito em outros âmbitos de investigação no país (sociologia, jornalismo e escolas de comunicação), contrastam vivamente com uma realidade individual e social cujas conseqüências e implicações são desconhecidas: a realidade do consumo maciço de rádio, TV e cinema, [...] impressos [...] por grande parte da população brasileira. [...] **Por mais justificável que seja, em Psicologia, apoiarmo-nos em pesquisas, generalizações e aplicações realizadas no exterior, é evidente que as peculiaridades, problemas e perspectivas brasileiras neste setor estão a exigir investigação científica - e, particularmente, investigação Psicológica.**"⁶⁰⁵ [grifos nossos]

Mais adiante o autor reafirma:

"O histórico, a natureza e as características atuais da literatura em Psicologia da comunicação de massa foram delineados na primeira parte deste século. Não obstante a existência de contributos de valor, **a CM não parece ter recebido dos Psicólogos brasileiros a atenção que merece**, como setor de trabalhos teóricos, pesquisa e aplicação. Na escassa literatura em língua portuguesa a esse respeito, predominam as traduções - e geralmente traduções de obras e artigos de pouco valor científico. Com a criação e o funcionamento recentes dos cursos de Psicologia, de jornalismo e de comunicação no país, é possível que a abordagem **científica** dos processos de comunicação e CM [...] se torne mais freqüente em nosso meio, em correspondência com o consumo cada vez maior dos MCM que é previsto para as próximas décadas."⁶⁰⁶ [grifos nossos]

Depois de 21 anos, o mesmo autor reitera :

⁶⁰⁵ Pfromm Netto, 1972, p. 12 e 19.

⁶⁰⁶ ibid, p. 142.

“Lamentavelmente os resultados dessas investigações nunca tiveram entre nós a divulgação que merecem. Como na maioria dos casos se trata de pesquisas realizadas no exterior, é necessário recorrer a livros, revistas e anais de congressos e reuniões redigidos em idiomas estrangeiros - uma bibliografia que diga-se de passagem, é hoje vastíssima, abrangendo desde pesquisas pioneiras, realizadas nas primeiras décadas deste século, sobre os filmes cinematográficos e seus efeitos sobre crianças e adolescentes, até a literatura dos anos 90, mais centrada na TV e no vídeo [...] **nos últimos anos a literatura científica sobre TV e criança tornou-se muito mais refinada, complexa e profunda** [...] ao mesmo tempo, as provas colhidas no laboratório, em pesquisas de campo, em delineamentos quase-experimentais e por meio de outras técnicas de investigação passaram a fornecer um quadro de constatações mais consistentes, abrangentes e preocupantes sobre a influência da TV...”⁶⁰⁷ [grifos nossos]

Marques de Melo (1984) no “Inventário da Pesquisa em Comunicação no Brasil (1883-1983)”⁶⁰⁸, se propôs a compreender “... todos os processos de mediação simbólica, seja os que se caracterizam pela reprodução tecnológica e pela difusão coletiva (imprensa, rádio, televisão, cinema, disco, cassete, cartaz, fotografia, telecomunicações, informática etc.) [...] e incluir “todos os estudos sistemáticos que seguem os padrões acadêmicos convencionais ou que utilizam os assim chamados métodos científicos.”

Com base no levantamento realizado para este fim, este autor afirma:

- Os programas universitários na área, dedicam atenção “aos sistemas de produção e difusão cultural e aos fenômenos sociais inerentes à produção simbólica, observando-os, refletindo-os, criticando-os.”

- A pesquisa em comunicação não se verifica unicamente na universidade, mas em empresas, órgãos governamentais, instituições civis, sendo a sua natureza “conjuntural ou cíclica”.

⁶⁰⁷ PFROMM NETTO, S. *Televisão, uma escola, mas de quê? Os efeitos da TV no aproveitamento escolar*. São Paulo: Ed. Artpress, 1993, p. 2.

⁶⁰⁸ MARQUES DE MELO, J. *Inventário da Pesquisa em Comunicação no Brasil; (1883-1983)*. São Paulo: Ed. INTERCOM, 1984, introdução.

- Atividades permanentes de investigação que são realizadas pelos “próprios meios de comunicação ou as organizações que agenciam anúncios (propaganda/relações públicas)”, têm um fim exclusivamente instrumental, e se dirigem “à tomada de decisões no âmbito da produção ou da veiculação [...] ficando restritas aos problemas que ajudam a resolver”. Tais informações “permanecem sob a égide do sigilo e portanto não se incorporam ao registro do conhecimento público sobre os fenômenos de comunicação”.

Já em 1973, o mesmo autor declarava a este respeito:

“com referência aos veículos de comunicação, pode-se dizer seguramente que **não há tradição de pesquisa em nosso país**. Algumas investigações que se realizam eventualmente têm a finalidade de servir à resolução de problemas imediatos - queda de circulação, sucesso do concorrente, pressão dos anunciantes etc.- mas passada a crise, a preocupação pela pesquisa é relegada a um segundo plano.”⁶⁰⁹ [grifo nosso]

“São raros os estudos que ultrapassam a realidade organizacional dos patrocinadores privados e se oferecem à reflexão coletiva e à crítica dos cientistas da área”.

-Há uma **“considerável parcela de conhecimento sobre os fenômenos brasileiros de comunicação em universidades e centros de pesquisa norte-americanos [...] o volume de conhecimento era três vezes maior que aquele processado pelos próprios brasileiros e aqui disponível para o acesso das novas gerações de estudiosos.”**[grifo nosso]

○ inventário, composto por 1312 itens de pesquisa (com seus respectivos resumos) mostrou apenas 49 estudos que têm como objeto direto de análise a TV. (Ver Anexos)

Matos (1990), numa retrospectiva da investigação sobre a TV no Brasil (que compreende o período de 1950 a 1990), relata:

⁶⁰⁹ MARQUES DE MELO, J. (coord). *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa*. Petrópolis :Ed. Vozes, 1973, p.100.

1- “Apesar da TV ter começado a operar no Brasil em setembro de 1950, este veículo só passou a ser objeto do estudo acadêmico a partir da década de 60...”⁶¹⁰

2- “Na década de 70, quando a televisão já havia se estabelecido no país como o mais ativo e importante veículo da indústria cultural, constata-se um considerável aumento na quantidade de pesquisas...”⁶¹¹

3- “Examinando o material bibliográfico sobre a TV, pode-se constatar que a maioria dos trabalhos produzidos no Brasil apresentam **análises e descrições sobre como este veículo se desenvolveu, influenciou ou foi utilizado pela classes dominantes.**” [grifo nosso]
A seguir, o autor cita Marques de Melo (1980, p.11);

“É considerável, sobretudo nos últimos anos, os trabalhos acadêmicos que vislumbram **numa postura crítica**, os problemas nacionais de comunicação. Ou seja, que os analisam numa ótica não necessariamente coincidente com as classes dominantes.”⁶¹² [grifo nosso]

4- “Nas pesquisas produzidas na primeira metade da década de 80, verifica-se, apesar da insistência dos pesquisadores em analisar aspectos trabalhados em décadas passadas, uma tendência no sentido de aprofundar no conhecimento sobre a recepção das mensagens televisivas pelo público.”⁶¹³

5- “Apesar da produção bibliográfica brasileira sobre a TV já ser bastante expressiva, constata-se ainda, **escassez de autores que se dedicam ao estudo de aspectos ainda não examinados ou que já foram, mas, de maneira superficial...**”⁶¹⁴ [grifo nosso]

⁶¹⁰ MATTOS, S. *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história (1950-1990)*. s.l.: Ed. ABAP, 1990, p.37.

⁶¹¹ *ibid.*

⁶¹² Ver também, MARQUES DE MELO, J. (Org) *Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas*. São Paulo: Ed.. Cortez/Intercom, 1983, p. 34-42.

⁶¹³ Mattos op cit. p. 38.

⁶¹⁴ *ibid.*

6- Mattos, classifica a “bibliografia acadêmica/profissional disponível no país sobre a televisão brasileira”, da seguinte forma: “aspectos históricos, aspectos sociais, aspectos políticos, aspectos econômicos, informações complementares.”

7- Ante a ausência da categoria, ‘aspectos psicológicos’, ou ‘psicossociais’, examinamos a descrição do item ‘aspectos sociais’. Nenhuma pesquisa que descreva as contribuições da Psicologia Social ao estudo dos efeitos da TV, é mencionada. Tampouco, faz-se referência a estudo algum que aborde o problema de investigação ou discuta suas conclusões a partir de evidências obtidas pelas Ciências Sociais, com o emprego de metodologia da Ciência. Exceção deve ser feita à obra do Professor Samuel Pfromm Netto (1972)⁶¹⁵ ⁶¹⁶, onde salienta-se o notável domínio da história da Psicologia e um louvável esforço por divulgar a tradição e a relevância da contribuição científica que a Psicologia tem a dar ao estudo dos efeitos da comunicação de massa⁶¹⁷.

Consideramos de alguma utilidade oferecer uma breve revisão da literatura brasileira em TV [ainda que produzida em quase a sua totalidade em área distintas à Psicologia Social e com abordagens diferentes do método da Ciência], ao leitor leigo e outros pesquisadores, mesmo alheios à Psicologia que se iniciam no estudo da TV no Brasil.

Com tal fim, procuramos por catálogos especializados na produção brasileira em comunicação [por sinal escassos] e livros de autores nacionais que compilassem, condensassem, ou comentassem, a trajetória da investigação na área da TV.

Adicionalmente, acessamos as poucas bases de dados informatizadas das instituições universitárias mais reputadas do país que contêm a produção acadêmica (teses, dissertações,

⁶¹⁵ Pfromm Netto, 1972.

⁶¹⁶ *ibid*, 1976.

⁶¹⁷ Entre as investigações de base empírica realizadas no Brasil sobre a TV nota-se o trabalho “**A Televisão e o Quadro de Referência Sócio-cultural: o público dos telepostos de São Luís do Maranhão**”. São Paulo. Usp/ECA, 1972 - Tese de Doutorado (CAMARGO, N. de) onde se estuda o impacto da implantação dos ‘telepostos’ sobre os quadros de referência sócio-cultural no Maranhão.

livros, artigos - em imprensa ou periódicos especializados, trabalhos relacionados em Anais de congressos e seminários - a nível de Mestrado e Doutorado) em Psicologia, Psicologia Social, e Comunicação.

Os resultados do levantamento bibliográfico destas fontes é anexado ao final do trabalho. Já que nossa procura remeteu-se também às fontes originais, o leitor possivelmente encontrará citadas algumas obras em diferentes anexos. Considerou-se pertinente manter tal disposição para facilitar o acesso do leitor interessado às obras em suas respectivas instituições.

Até a presente data foram revisados as seguintes fontes:

- **Catálogo de publicações da USP em CD-ROOM (1934 - mai/1995)**

Instituto de Psicologia (IP): (ver Anexos)

- Dissertações de Mestrado
- Teses de Doutorado
- Publicações e eventos

- Escola de Comunicações e Artes (ECA) (ver Anexos)

- Dissertações de Mestrado
- Teses de Doutorado

- **UNIBIBLI (1966-1996)** (ver Anexos)

Corresponde à produção de livros, Teses e Dissertações de Mestrado e Doutorado das Universidades USP/ UNICAMP/ UNESP, encontraram-se um total de 121 trabalhos sobre a TV. (Ver Tabela 1)

- **Catálogos da Associação Nacional de Pesquisa na Pós-graduação em Psicologia ANPP (1993-1996)** (ver Anexos)

Produção científica a nível de Mestrado e Doutorado em Psicologia que registra a produção das Universidades relacionadas na Tabela 2.

Tabela 1. Resultados Preliminares da Investigação em TV no Brasil

Fonte	Categoria	Total Produções	Total TV
USP/IP	Mestrado	585	7
USP/IP	Doutorado	413	5
USP/IP	Publicações e Eventos	3111	8
ECA/USP	Mestrado	662	27
ECA/USP	Doutorado	293	11
UNIBIBLI ⁶¹⁸	Livros (USP, UNESP e UNICAMP)	699	122

Tabela 2. Teses e Dissertações sobre TV no Brasil (ANPP - 1993-1996)

ANPP (Mestrado e Doutorado)	Teses e Dissertações (1993 - 1996)
Instituto Metodista de Ensino Superior	
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1
Pontifícia Universidade de São Paulo	1
Universidade de Brasília	
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	
Universidade Federal do Espírito Santo	
Universidade Federal de Minas Gerais	1
Universidade Federal do Pará	
Universidade Federal da Paraíba	1
Universidade Federal de Pernambuco	
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	
Universidade Federal de Rio de Janeiro	
Universidade Federal de São Marcos	
Universidade Gama Filho	
Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto	
Universidade de São Paulo	1
Total	7

⁶¹⁸ Tendo como tema a Televisão, de um total de 3111 trabalhos (que incluem partes de dissertações, teses e monografias de Mestrado e Doutorado, publicações de artigos na imprensa, revistas populares e especializadas, apresentados em congressos, encontros e seminários nacionais e internacionais), encontraram-se referidos apenas 8 artigos.

Tabela 3- Número de trabalhos por área de concentração

Área de Concentração	Número de Trabalhos
Crianças e Adolescentes	13
Educação	40
Representações sociais	5
Política	15
História	19
Telenovelas	21
Interpretativo - Crítica	24
Aspectos Sociais	17
Econômico - Publicitário - Marketing - Propaganda	16
Telenotícias	7
Aspectos Estéticos	6
Meios Comparados	6
Estudos de Audiência	4
Estudos de Conteúdo	8
Outros	11
TOTAL	212

4.1 Conclusões

Tal como pudemos constatar até este ponto da revisão bibliográfica, e em consonância com a opinião de alguns autores:

- A divulgação, estudo e realização de investigação científica sobre os efeitos da TV são pouco conhecidos e praticados, mesmo nos meios acadêmicos brasileiros a nível de pós-graduação.

- O vasto corpo de conhecimentos e informações produzido pela Psicologia Social em outros países sobre a TV, seus efeitos e aplicações pró-sociais, não parece ser de fácil acesso, nem desfrutar de adequada divulgação e reconhecimento em nosso meio.

- A revisão parece confirmar as conclusões obtidas por Mattos e Marques de Melo; grande parte da literatura encontrada assume, de forma quase dominante, o que se há denominado como 'pesquisa crítica', discurso mordaz, ou simplesmente exercício da retórica.

- Até este ponto da revisão bibliográfica, nos deparamos com um número muito reduzido de obras redigidas por autores brasileiros sobre os aportes da investigação científica ao estudo dos efeitos da TV e uma quantidade menos expressiva ainda, por não dizer quase inexistente, de relatórios ou artigos de investigação que empreguem metodologia científica na construção e afirmação de seus enunciados, feitos dentro da perspectiva da Psicologia Social sobre os efeitos da TV.

"É preciso lamentar que, salvo uma ou outra honrosa exceção, as comunidades científica, educacional e televisiva brasileiras permaneceram mais ou menos indiferentes perante as provas que se avolumaram, e provas rigorosas, objetivas, sobre os efeitos negativos da tevê na criança. Pior ainda. Em não poucos casos, membros dessas comunidades têm até participado de um bizarro coro formado por representantes das emissoras comerciais, distribuidores, psicanalistas, comunicólogos e anunciantes segundo os quais a tevê, afinal de contas, não passa de um divertimento inofensivo. Essa afirmação não raro é acrescida da assertiva de que a exposição à violência, sadismo, horror, torpeza, cinismo, deboche, obscenidade e cruza até que faz bem às crianças, pois elas assim melhor se preparam para viver num mundo hediondo em que terão forçosamente que viver mais tarde. Tudo isso não passa de rematada tolice, mas vem sendo repetido em artigos de jornais e revistas, em reportagens e entrevistas, em livros e até em textos universitários, como se se tratasse da verdade definitiva." ⁶¹⁹

⁶¹⁹ Pfromm Netto, 1990, p. 3.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

Algumas das razões que explicam o interesse e a preocupação de leigos e cientistas na maneira como a TV funciona na sociedade moderna são: o gigantismo da sua extensão geográfica, o tamanho de sua audiência, os altos índices de exposição ao meio no curso da vida, seu impacto sobre hábitos, tempo de lazer e atividades cotidianas alternativas, a dimensão dos capitais que são veiculados por seu intermédio, sua predominância sobre outros MCM como fonte principal de informação e de entretenimento, suas enormes perspectivas de expansão, o incremento de seu uso associado a acessórios eletrônicos, e principalmente, seu enorme potencial pedagógico e capacidade para influir no comportamento social.

A evidência

O estudo científico em Psicologia e Psicologia Social sobre os efeitos do conteúdo da TV no comportamento social, remonta a uma antiga tradição histórica. A Psicologia Social produz importantes contribuições teórico-metodológicas na área dos 'efeitos dos MCM'. Tais bases conceituais e procedimentais obedecem às mais rigorosas diretrizes e preceitos da investigação científica. Os resultados de tal empreendimento, hoje cada vez mais complexos e sofisticados, são obtidos com o emprego de uma variedade de técnicas de observação, métodos sistemáticos de pesquisa e técnicas de análise quantitativa e qualitativa, com sujeitos de uma vasta variedade de características idiossincráticas, sócio-demográficas e culturais.

A Psicologia tem considerado virtualmente todo tipo de conteúdo veiculado pela TV comercial desde seu aparecimento há cinco décadas. Este propósito envolve o exame objetivo de uma ampla gama de variáveis, e a aplicação de um arsenal de estratégias de pesquisa à luz

de diversos enfoques teóricos. Os resultados deste esforço continuado vêm sendo difundidos desde então, em um número gigantesco de publicações periódicas, textos acadêmicos, dissertações, manuais compilativos, publicações oficiais e redes computadorizadas de dados. Objeto de sua particular preocupação tem sido o impacto do meio sobre crianças e jovens. De forma lamentável tal acervo de conhecimentos é - em grande parte - desconhecido do meio acadêmico brasileiro.

Tomando em conjunto o produto da pesquisa psicológica sobre os efeitos da TV pode-se afirmar que o meio é um efetivo condutor de informação de indistinto caráter, e agente de formação, difusão, manutenção e modificação de uma extensa gama de padrões de **pensamento, afeto e conduta** em observadores de diferente gênero, faixa etária, nível educativo, condição sócio-econômica, credo religioso, origem racial, étnica e cultural.

A atividade da pesquisa da Psicologia Social sobre os efeitos da TV, tem-se concentrado de maneira predominante no estudo de três grandes áreas. Em ordem de extensão estas são; a - os efeitos do conteúdo violento sobre o comportamento social; b - o potencial pró-social da TV; c - sua relação com os estereótipos e as representações sociais de grupos raciais e minoritários. Este trabalho centrou-se nos dois primeiros itens.

Um vasto corpo de evidência empírica produzido tanto com o emprego de métodos experimentais quanto não experimentais, numa variedade de sujeitos, ambientes, culturas, respalda e complementa os primeiros resultados obtidos no início da década de sessenta sobre o efeito dos modelos violentos apresentados na TV. Isto é, a observação de violência em TV (tanto fictícia; filmes ou desenhos animados, como real; documentários e telejornais) pode ensinar novos padrões de pensamento, afeto e comportamento, inibir ou desinibir condutas, informar ao sujeito sobre a executabilidade e riscos de agir de uma forma específica, facilitar a apresentação de condutas já aprendidas, elaborar novas respostas com base em objetos e situações observadas e ativar respostas emocionais. Estes efeitos se traduzem no incremento da

probabilidade de execução imediata ou demorada das condutas exibidas pelos modelos observados. Ou seja, a TV pode modelar o comportamento agressivo.

Outras linhas de pesquisa indicam também que a intensa e continuada observação de violência televisionada pode alterar as concepções, valores e crenças, 'cultivar' respostas de medo a situações e pessoas desconhecidas, a desconfiança a outros, a tendência a justificar o uso da violência como forma de resolução de problemas, a adoção de medidas preventivas violentas de defesa, as idéias pessimistas sobre a natureza humana, o emprego de formas estereotipadas de juízo social sobre pessoas, grupos, papéis e condições sociais, as expectativas de envolvimento em atos violentos e as concepções e interpretações similares às defendidas nos conteúdos televisionados.

Os resultados da pesquisa apontam que a probabilidade de ocorrência da conduta violenta após sua observação na TV incrementa quando, entre outros fatores, a agressão é apresentada como socialmente aceitável, não produz conseqüências negativas, os modelos e cenários ambientais se assemelham aos do meio do observador, o material é altamente excitante, não é reinterpretado ou processado criticamente por outro observador, e há livre acesso a armas ou objetos potencialmente destrutivos.

Tal probabilidade aumenta ou decresce em função da história prévia de agressão do sujeito, seus controles de agressão, repertório de estratégias de resolução de problemas, reforços ou eventos negativos associados à emissão de conduta agressiva no dia-a-dia, reinterpretação crítica dos eventos apresentados, entre outros fatores.

De forma análoga, observar modelos pró-sociais em TV em que o comportamento apresentado pode ser considerado altruísta, de cooperação, compartilhamento, ajuda a outros; em que o indivíduo se abstém de acessar recompensas imediatas, mostrando solidariedade, expressando afeto e cuidado, persistindo em tarefas, aderindo a uma norma estipulada, participando em atividades culturais e educativas construtivas, adotando técnicas de controle de

natalidade, estudando, adotando formas não violentas de resolução de problemas, entre outros, incrementa a probabilidade de que o observador venha a adotar e/ou manifestar tais condutas.

○ aumento da probabilidade de adoção e/ou execução de condutas pró-sociais a partir de modelos positivos aumenta quando, entre outras variáveis, o modelo é agradável e/ou atrativo, goza de prestígio, advoga e se envolve em condutas pró-sociais consistentes com as suas convicções; o observador é recompensado por se comportar de forma positiva; os custos materiais e psicológicos do comportamento pró-social não são excessivos; a oportunidade de discutir e de agir positivamente se oferece prontamente; a opção positiva se mostra sem a concorrência de alternativas de conduta violentas ou destrutivas; as condutas positivas se associam a situações e contextos reais, são fomentadas por grupos de apoio e se conta com a orientação de um adulto significativo.

Pode-se, portanto, afirmar de maneira genérica que, sendo o conteúdo da TV violento ou pró-social, incrementa-se a probabilidade de que seu efeito sobre o comportamento social seja a manifestação imediata ou demorada de conduta transgressora e/ou violenta ou de conduta socialmente desejável respectivamente, em relação direta ou indireta ao comportamento modelado e ao ambiente no qual o comportamento foi observado.

"A televisão provavelmente deve ser considerada o maior agente de socialização, embora com freqüência sua influência seja indireta e contingente com relações interpessoais e outros fatores." ⁶²⁰ [grifo nosso]

A agenda de pesquisa sobre os efeitos da TV vem enfatizando a importância de aprofundar os processos e variáveis mediadoras mais que insistir na demonstração - já redundante - da relação entre o meio e o comportamento violento. Variáveis do sujeito tais como: características de personalidade, nível intelectual, educativo e econômico, estados internos de ativação, história de aprendizagem social, grupos de referência, contexto cultural,

alternativas ambientais, presença de outras pessoas, modelos disponíveis no seu ambiente imediato, permanência do efeito no tempo, entre outras, estão sendo melhor esclarecidas. No entanto:

"... o corpo cumulativo da investigação tem mostrado que a televisão é uma importante influência tanto positiva como negativa [...] Todas estas evidências têm produzido uma consciência crescente do problema básico e da necessidade da mudança..." ⁶²¹ [grifo nosso]

A necessidade de mudança

"O assombro e a inquietude mostrados por outras nações estão bem fundamentados, considerando a evidência massiva de que a apresentação de modelos de comportamento pode formar diversas classes de condutas incluídos estilos lingüísticos, juízos morais, padrões de auto-gratificação, altruísmo, habilidades cognitivas, inibições, responsabilidade emocional, conduta transgressora, atitudes, gostos e preferências, tanto quanto formas agressivas de resposta." ⁶²² [grifo nosso]

A demonstração empírica da estreita relação entre o conteúdo da TV e o comportamento social tem sido considerada na formulação de políticas de planejamento e regulação. Porém, os dados parecem indicar que poucos são os governos que têm assumido com seriedade e critério ético, a função que deve desempenhar na sua sociedade um meio com o potencial da TV ^{623 624 625}.

⁶²⁰ Comstock et al, 1978, p. 14.

⁶²¹ Rubinstein (In: Palmer e Dorr op cit. p. 125)

⁶²² Bandura, 1973, p. 273.

⁶²³ "... na Alemanha Ocidental, praticamente todos já se convenceram de que brutalidade e violência na televisão fazem mal às crianças. O México banuiu, ainda há pouco, várias séries de programas de televisão que contêm grande dose de agressividade, dos gêneros policial, espionagem ou 'western'." (Pfromm Netto, 1976, p. 131)

⁶²⁴ Nos EUA, o senado vem discutindo seriamente a volta à regulamentação nesse tópico. Um dos grandes entraves a serem resolvidos é a questão da 'liberdade de expressão', a da 'criatividade artística', entre outros... O que coloca claramente a questão do 'limite de permissividade' em emissões que atingem

Envolvendo seletos grupos de pesquisadores e especialistas, importantes recursos (tanto públicos como privados) já foram investidos (infelizmente não ainda no Brasil) na realização de programas de pesquisa destinados a estabelecer a relação entre o meio e o comportamento social, prioritariamente sobre o comportamento violento. Convém sublinhar que, em grande parte, são fatores alheios à atividade científica os responsáveis pela instauração de tais programas de pesquisa. Forças sociais organizadas (associações de pais e mestres, instituições religiosas, fundações culturais etc.) forçaram diversos governos à formação de comitês de investigação integrados por cientistas sociais especializados e de demonstrada competência, com a finalidade de estabelecer tipos e magnitudes dos efeitos sociais associados aos conteúdos veiculados pela TV e formas de orientar o meio para fins sociais construtivos .

Como Schiller, (1976, p. 181) já manifestava:

"Para tornar a nova tecnologia das comunicações um benefício democrático requer-se, acima de tudo, a pressão popular contínua e agressiva, simultaneamente em várias frentes... [...] Os governos federal e estadual devem ser responsabilizados pela maximização social deste recurso.⁶²⁶ A pressão da comunidade pode modificar estas regras." [grifo nosso]

Talvez a constatação cotidiana da suplantação ⁶²⁷de valores, tradições, costumes e padrões estéticos que dão sustento à identidade cultural⁶²⁸ própria⁶²⁹ a flagrante distância que

indistintamente indivíduos em várias fases de formação. (CAMARGO, N. de e PINTO, V. **Communication Policies in Brazil**. Paris: The UNESCO Press, 1975)

⁶²⁵ "O interesse nos efeitos anti-sociais da TV se mantém vigente patrocinadas por subcomissões de investigação nos EEUU, Canadá e Inglaterra, que usam a pesquisa em Ciências Sociais como base para suas recomendações." (Wimmer e Dominick op cit. p. 339).

⁶²⁶ Promovendo campanhas em prol da saúde e o bem estar psicológico da comunidade, desenvolvendo e aplicando critérios de regulação dos que dependam a concessão de licenças de funcionamento, visando que os proprietários das redes ofereçam uma programação socialmente mais construtiva e enriquecedora, apoiando a TV pública educativa.

⁶²⁷ "Um estudo feito pela Unesco, durante dois anos, em 50 países de todas as latitudes e ideologias concluiu que a 'grande maioria' dos 900 milhões de telespectadores dos cinco continentes passam dia e noite vendo 'enlatados' estrangeiros. São esmagadoras as cifras dessa invasão político-ideológica, cujo peso é

separa as necessidades e interesses dos países que monopolizam a produção da TV com os das sociedades que a importam; a incontestável efetividade pedagógica da TV registrada pelo observador cotidiano; o alarmante incremento dos índices de violência social (por vezes em estreita relação com a instigação constante de modelos de conduta agressiva apresentados na TV comercial), tenham mobilizado os grupos sociais para a necessidade de avaliar com objetividade o tipo de TV que mais convém à sua comunidade;

"Uma possível conclusão seria que os M de C, adequadamente respaldados pelas fontes da autoridade legítima e o apoio popular, podem conseguir objetivos sociais positivos..."⁶³⁰ [grifo nosso]

A história da TV parece indicar que não há evidência contundente nem conhecimento suficientemente preciso que, de forma isolada, garanta uma reformulação de políticas sociais de uso ou no mínimo, uma mudança de postura de seus proprietários:

"A evidência [...] de que tanto as apresentações violentas como pró-sociais tem um grande grau de impacto quando elas são especialmente planejadas, sugere que, se **os realizadores assim o desejarem**, o entretenimento em televisão poderia não ter grande influência comportamental..."⁶³¹ [grifo nosso]

Ante a impossibilidade prática de reformular o caráter nitidamente comercial da TV, e a notada posição desvantajosa dos canais 'públicos', intervenções como a de Sabido no México,

absoluto num processo cada dia mais agudo de massificação dos instrumentos de comunicação." (palavras do ex-ministro Quandt de Oliveira apud Camargo, 1978, p.29)

⁶²⁸ Países como o Canadá e França, do Oriente Médio e Ásia, teimam em resistir à 'penetração cultural norte-americana' via TV.

⁶²⁹ "...A televisão comercial esta impondo aos jovens e crianças de nosso país uma cultura que nada tem a ver com a brasileira. A televisão, segundo os especialistas, esta agindo como instrumento de substituição de padrões culturais brasileiros por outros, alheios à realidade nacional...". (Quandt de Oliveira apud Camargo, 1970, p.30)

⁶³⁰ McQuail op cit. p. 278-279.

mostram a opção de investir em propostas pró-sociais que sejam compatíveis com os interesses 'industriais' das redes de TV. A história da TV mostra claramente como a filantropia e o senso de responsabilidade social não fazem parte dos princípios que orientam a esmagadora maioria de realizadores, produtores e distribuidores de TV comercial. Enquanto a TV pública não estiver em condições de concorrer com o poder econômico das grandes redes comerciais e a proposta de uma TV pró-social não seja rentável o suficiente para 'comovê-las', continuaremos a suportar a violência e a grosseira espectacularidade que as redes comerciais preferem importar e produzir ;

"... no Brasil, distribuidores e programadores fazem muitas vezes uma espécie de seleção às avessas, oferecendo aos pequenos uma programação na qual os maus desenhos animados, os maus programas, a grosseria, a pobreza artística, a estultice, a gritaria, o material de baixa qualidade sob todos os aspectos constituem a regra geral e não a exceção." ⁶³²

Embora as descobertas da pesquisa possam "...servir de guia para um melhor exercício da comunicação, no qual as atividades dos M de C se planifiquem tendo em conta muito mais de perto as necessidades, as capacidades e os interesses de quem se espera beneficiar..." ⁶³³, não é menos certo e lamentável que "o caminho para o uso social da tecnologia passa pelo terreno difícil de grupos empresariais, classes privilegiadas e dirigentes auto-satisfeitos..." ⁶³⁴

Tavris⁶³⁵ esclarece que "... não é que falem escritores, idéias ou alternativas à violência. A razão é que nossos *shows* dependem unicamente de índices de audiência. Qualquer forma de arte que dependa unicamente dos índices de audiência sofrerá uma falta de imaginação e variedade, e terminará incitada ao infame menor denominador comum".

⁶³¹ Comstock (in: Palmer e Dorr op cit. p. 143)

⁶³² Pfromm Netto, 1990, p. 3-4.

⁶³³ McQuail op cit. p. 278-279.

⁶³⁴ Schiller op cit. p. 169.

⁶³⁵ apud Oskamp op cit. p. 193.

A Mudança no Brasil

No Brasil, grupos sociais organizados que busquem a reformulação da função social da TV poderão enfrentar uma variedade de obstáculos:

- A impotência para criar um clima geral de debate baseado nos resultados da investigação científica mais que no discurso exaltado.
- A ínfima difusão dos resultados da investigação séria em setores distintos aos círculos acadêmicos. (Nos quais vale ressaltar, já é paupérrimo.)
- A aparente indiferença e satisfação⁶³⁶ da população⁶³⁷ ante a forma e função que a TV assume no Brasil, talvez em relação com as características etárias e de escolaridade da grande massa que compõe a sua audiência, além do cultivo (de longa data) do chamado 'pobre gosto' popular em virtude do baixo nível de qualidade da programação⁶³⁸.
- A resistência ao tipo padrão de argumentação do discurso anti-televisivo - cuja fundamentação escapa, muitas vezes, ao espectador comum:

⁶³⁶ "Por anos os pais criticaram os dramas seriados e comerciais de fim de semana por nada aportar às suas crianças, mas pouco faziam para desalentá-las de assistir..." (Bandura, 1973, p. 281)

⁶³⁷ Nelly de Camargo coloca de manifesto como para a grande maioria da população brasileira, as 'sugestões e decisões' sobre medidas em matéria de política de comunicação, "caem no vazio já que essa parcela expressiva da população muitas vezes não dispõe de um instrumental conceitual[...] que a capacite a entender as razões porque tais medidas emanadas dos centros de decisão são ou não necessárias e quais as suas conseqüências. Por isso, ou não tem opinião ao respeito, ou adotam a primeira formulação que lhes pareça coerente. Frequentemente desistem de pensar no assunto e se alienam dos problemas". (Camargo N. de [In: Amaral, R. op. cit p. 35])

⁶³⁸ "No caso brasileiro, 53% da população tem menos de 20 anos de idade. Se somamos a esta parcela de adultos jovens - as pessoas com 20 a 30 anos de idade - teremos cerca de 78% da população do país. Eis aqui um dado de irrecusável importância para a compreensão das características da TV brasileira. Trata-se de um televisão maciçamente destinada a crianças, adolescentes e jovens adultos. Outra característica significativa de público é o grau de escolaridade.[...] de acordo com o recenseamento de 1970, entre as pessoas com dez ou mais anos de idade, 36% não tinham qualquer instrução; 50% contavam com quatro ou cinco anos de escolarização. Vê-se pois que a produção e emissão da maioria dos programas de televisão deve visar aos 86% dos brasileiros com zero a cinco anos de escolarização formal, este dado assume maior gravidade quando se considera como regra geral que, à baixa escolaridade, geralmente se associam padrões bastante limitados de discriminação e bom gosto e baixo nível cultural." (Pfromm Netto, 1980, p 30-40)

“Deve-se ressaltar, ainda, a incomensurável distância existente entre as abordagens sérias, objetivas, bem fundamentadas dos problemas sociais, suas causas e seu tratamento, de um lado e, de outro, certos clichês, *slogans* de contestação ou fórmulas fáceis que pouco ou nada contribuem para a análise serena das variáveis completas que interagem na causação, prevenção e controle dos problemas a que nos referimos aqui.”⁶³⁹

- A ausência de investigação de qualidade que avalie a TV comercial brasileira e ofereça evidência adicional que fortaleçam tais reivindicações.
- A carência de propostas alternativas de uso que compatibilizem os interesses do arcabouço industrial^{640 641}, que é o no que se resume finalmente a essência da TV comercial, com as estratégias de maximização de sua função social derivadas da investigação básica e aplicada de comprovada efetividade:

“Se os M de C respondem exclusiva e fundamentalmente às forças do mercado não é provável que predominem os tipos de objetivos [pró-sociais] mencionados, simplesmente porque o mercado consumista não costuma criar tais demandas, nem as definições dos M de C [...] se prestam muito a estes usos intencionados. Intentos de aplicar os M de C à ‘objetivos sociais positivos’, originados tanto dentro como fora deles, estão sujeitos a severas limitações...”⁶⁴²

- A falta de um código lúcido e efetivo de controle em matéria de TV. Abusos e deturpações cometidos pela indústria da TV originam-se da ausência de normas e códigos éticos básicos de regulação, que obriguem as redes comerciais a assumir a função social que corresponde a todo

⁶³⁹ idem.

⁶⁴⁰ Como lembra Reardon (1983 p.210); “embora os M de C e especialmente a TV, possam melhorar desde um ponto de vista estilístico e responder às necessidades da população a que servem, é preciso lembrar que são empresas lucrativas...”

⁶⁴¹ No ano de 1990 a mídia movimentou mais de 150 bilhões de dólares em investimentos publicitários. Hiebert e Reuss (eds) (1988) p. 13

⁶⁴² McQuail, 1983, p. 278-279.

meio de comunicação. Obviamente, esta é a função de órgãos governamentais responsáveis pelas políticas e planejamento básico no campo das comunicações.⁶⁴³

- A inaudita surdez e despreparo dos órgãos⁶⁴⁴ encarregados de administrar e legislar sobre TV e o seu mais profundo desconhecimento e/ou desconsideração das evidências produzidas pelos cientistas sociais sobre o poder da TV para influir na aquisição, manutenção e modificação de padrões de pensamento, atitudes e condutas, em observadores das mais dissimiles características. A este respeito Nelly de Camargo (1978,p. 27), escreve:

“Muito freqüentemente, os responsáveis pelo desenvolvimento futuro da tecnologia são pouco conscientes das profundas implicações políticas, econômicas e sociais das decisões que tomam. Este perigo está presente também na área da comunicação. A menos que tal perigo seja removido, desenvolvimentos futuros no campo da comunicação poderão produzir conseqüências que não foram previstas nem desejadas ...”⁶⁴⁵

Um fenômeno das proporções da TV não pode ser desconsiderado, menos ainda, pelas instituições que têm sob sua responsabilidade vigiar pelo desenvolvimento econômico e cultural, o bem estar social e psicológico da comunidade e os fatores que possam eventualmente fomentá-lo ou comprometê-lo. A TV ocupa um lugar estratégico na busca destes objetivos. No entanto, a realidade mostra que até agora a função social do meio tem sido desconsiderada de forma inverossímil. Cabe então perguntar:

⁶⁴³ Nelly de Camargo em “Política de Comunicação do Brasil” (UNESCO Press, Paris, 1974) estuda a legislação brasileira na época, e, principalmente, as posições assumidas pelo ministro das comunicações de então Euclides Quandt de Oliveira que lucidamente analisa a influência dos MCM e suas conseqüências políticas, educacionais e morais.

⁶⁴⁴ A respeito da competência e idoneidade dos políticos e administradores, nos quais repousam em último termo as decisões relacionadas à ciência e à tecnologia, Carl Sagan escreveu: “...dos 535 membros do Congresso dos Estados Unidos, raramente 1% chegou a ter alguma formação científica significativa no século XX. O último presidente cientificamente alfabetizado foi talvez Thomas Jefferson”. (Sagan, 1997, p.22.). Que poderíamos dizer dos que decidem políticas de comunicação no Brasil?

⁶⁴⁵ CAMARGO, N. DE Política de Comunicação: Tecnologia e as Perplexidades do desenvolvimento (In: AMARAL, R. (org.) *Comunicação de Massa, o impasse brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1978)

“Que benefício traz a uma comunidade possuir um equipamento de capacidade miraculosa, se este é posto ao serviço da mediocridade, da irrelevância ou da subjugação?...” ⁶⁴⁶ [grifo nosso]

A Universidade

O emprego social construtivo da TV, como ferramenta de valor estratégico, exige informação precisa sobre seus alcances e limitações. Discursos, ‘palpites’ e ‘especulações’ em pouco ou nada contribuem para esta empresa. A instituição responsável pela produção de conhecimento objetivo e aplicável à solução de problemas sociais é a Universidade, notadamente a pública. Porém, de maneira preocupante, a revisão de uma parte emblemática da produção da pós-graduação brasileira revelou uma desconsideração generalizada, quando não uma recusa aberta, ao enorme corpo de evidência empírica sobre a TV. Grande parte dos trabalhos produzidos se inserem no discurso especulativo-opinativo ou na retórica ideológica. A experiência mostra que um debate construído sobre tais princípios condena o estudo dos efeitos do meio à esterilidade. Como já explicava De Fleur (1971, p.23) :

“Embora os cientistas sociais ainda não tenham alcançado uma compreensão perfeita do impacto que esses veículos estão provocando nos aspectos psicológicos, morais, econômicos, políticos, criadores, culturais ou educacionais da vida do homem comum, eles principiaram a reunir os dados básicos da pesquisa que nos ajudarão cada vez mais a entender esses problemas. A expansão das ciências sociais, como matérias que empregam métodos quantitativos, e da lógica da Ciência, [...] **dedicaram-se ao estudo objetivo da função dos veículos de massa dentro de nossa sociedade.** À medida que um número maior de pesquisadores volta a sua atenção para este terreno, podemos esperar que as **deduções decorrentes dessas pesquisas irão fornecer uma compreensão mais perfeita da relação entre os veículos de massa e as sociedades onde operam.** Na sua maior parte, as discussões em torno desse assunto no passado não possuíam uma estrutura imparcial e objetiva”. [grifos nossos]

⁶⁴⁶ Schiller op cit. p. 172.

As abordagens anticientíficas (que não poucas vezes ganham a receptividade das editoras e são fomentadas inclusive no interior da Universidade pública), longe de construir conhecimento sobre bases sólidas, contribuem para a desinformação, a difusão de mitos e pseudo-verdades que raiam a irresponsabilidade e mostram o absoluto desconhecimento da natureza e dos resultados da atividade de pesquisa sistemática nas Ciências Sociais. Estas se alavancam em um vasto corpo de informação objetiva que vem sendo refinado e sofisticado há décadas.

Cabe aqui a triste tarefa de constatar a precariedade da contribuição da Psicologia Social brasileira no estudo dos efeitos sociais e comportamentais da TV. A contribuição brasileira é em extremo reduzida, sendo praticamente insignificante se comparada à luz da desenvolvida em países europeus e norteamericanos. Esta distância é motivo de preocupação de acadêmicos e profissionais interessados na maximização da função social do meio, capacitados para ponderar o valor do extenso corpo de informação de alta qualidade, hoje objeto de inexplicável descaso.

“É preciso deixar suficientemente claro que, de fato, existem instrumentos adequados e acessíveis para um esforço realista de investigação que possa ampliar e aprofundar nosso conhecimento sobre o papel da TV na nossa sociedade. Estes instrumentos podem ser bem utilizados e seu uso deve ser bem recebido e adequadamente subvencionado...” ⁶⁴⁷ [grifo nosso]

Uma rápida consideração do caráter e conteúdo dominantes da programação comercial do país⁶⁴⁸, mostra o mais absoluto desconhecimento e/ou desconsideração pelas recomendações mais elementares derivadas dos resultados da pesquisa sobre os efeitos da TV.

⁶⁴⁷ Halloran op cit. p. 60.

⁶⁴⁸ Em 1972 um terço da TV comercial brasileira já era constituída por programas importados, principalmente dos EEUU, muitos deles caracterizados por violência, atos criminais, também nos quadrinhos. (Pfromm Netto e Angelini op cit. p. 45)

Com louváveis exceções (como a TV Cultura), a TV brasileira oferece um exemplo excelente de tudo o que o veículo não deveria ser.

"Não está, entretanto, bem determinado quanto daquilo que uma televisão como a brasileira oferece ao público apresenta de perigo ou risco para o indivíduo e a sociedade". ⁶⁴⁹ [grifo nosso]

Este fato é tanto mais lamentável se considerado o tamanho dos problemas sociais que o país possui, sendo que, uma TV sensível a prioridades sociais, mais que comerciais, poderia contribuir a solucionar. As dimensões da função social da TV são mais profundas:

"administrada como órgão público ou privado a televisão não deixará a comunidade mundial como a encontrou. Sua influência que já se faz sentir, deixará marcas profundas com a passagem do tempo. O problema com o qual nos defrontamos é o da configuração do mundo que desejamos habitar..."⁶⁵⁰ [grifo nosso]

As perguntas

A pesquisa científica sobre a TV no Brasil está por ser feita. O espaço que a separa da realizada noutros países é considerável e aumenta cada vez mais ante os olhos impávidos da Universidade, do Estado e da sociedade desinformada. Estes fatos levantam múltiplos questionamentos paralelos de distinta ordem: as raízes do predomínio do estilo retórico especulativo das Ciências Sociais na Universidade pública brasileira; os fatores que explicam a manutenção desta postura anticientífica; as conseqüências para o estudo objetivo dos efeitos da mídia e a difusão da informação objetiva dentro e fora da Universidade e sobre o vínculo entre órgãos reguladores dos MCM e a comunidade acadêmica; a competência de tecnocratas e traçadores de diretrizes encarregados de regular e legislar o funcionamento da TV brasileira; o cumprimento da regulamentação pelas redes comerciais; a suficiência da cota de serviço social

⁶⁴⁹ Pfromm Netto, 1976, p. 131.

imposta à TV comercial, visto o tamanho dos problemas que a sociedade brasileira enfrenta; a opinião da sociedade ao respeito da TV que consome; seus padrões de uso; os obstáculos educativos sócio-econômicos que se opõem para envolvê-la na discussão e mobilização por uma TV social no país, para mencionar só alguns.

“...deve a sociedade permanecer indiferente frente ao impacto da TV na vida de todos nós, e particularmente na formação de nossas crianças e jovens? [...] há alguma esperança de que as tendências até agora manifestadas pela televisão se modifiquem espontaneamente, e um senso cada vez maior de responsabilidade social venha a caracterizar as decisões sobre a programação das nossas emissoras? Caso contrário o que pode e deve ser feito pelas organizações e cidadãos mais responsáveis?”⁶⁵¹

Embora tais perguntas esperem por respostas, a Ciência conta com informação de qualidade e contundência suficientes para alertar a comunidade internacional sobre os possíveis efeitos deletérios da TV e indicar estratégias que maximizem seu funcionamento em prol da sociedade e o bem estar humanos:

“Os relatórios dos seminários internacionais tem enfatizado a idéia de que os meios de comunicação de massa podem promover o desenvolvimento do indivíduo, a coesão e o progresso dos países, bem como a compreensão e a paz internacionais, apresentando a cada povo uma imagem mais autentica e mais complexa da vida de seu próprio povo e da vida dos outros povos. Ou então, podem tornar-se o novo ópio das massas, provocando a degradação dos valores e sendo um instrumento de dominação cultural”.⁶⁵²

Como nota Kerlinger (1980, p.17), parece muito difícil usar a evidência empírica como hábito. “Se não o fosse, muitos dos problemas sociais que enfrentamos poderiam ser resolvidos, admitindo-se a existência de boa vontade e motivação adequada”. As ferramentas da Ciência e o conhecimento já acumulado permitem o emprego eficiente da TV na solução de problemas sociais. Países como Brasil poderiam se beneficiar desta tecnologia. Nenhum outro

⁶⁵⁰ Schiller op cit. p.168.

⁶⁵¹ Pfromm Netto, 1980.

meio de comunicação conhecido oferece tantas possibilidades para contribuir na solução de problemas estruturais e estratégicos em países em vias de desenvolvimento. Analfabetismo, explosão demográfica e prevenção da violência, para mencionar só alguns, podem ser enfrentados mais eficientemente com o emprego da TV.

Pfromm Netto, (1980, p. 38) realça a urgência da reformulação da função social da TV uma vez que, de forma inequívoca e exaustiva, a Ciência tem estabelecido a imensa capacidade pedagógica do meio e sua influência estratégica sobre o comportamento social ;

“... a televisão pode confirmar ou alterar o quadro de valores das pessoas, manter ou modificar sua visão do mundo, suas idéias e suas ações; influir poderosamente nos destinos de um povo ou solapar tranqüilamente seus costumes, sua cultura, seus padrões de dignidade, de decência, de humanidade. Não há pois assim um só aspecto da vida humana que não esteja sendo plasmado, de um modo ou de outro, em maior ou em menor grau, pela televisão, hoje em dia. **Cabe-nos decidir se devemos permitir que tudo permaneça como está ou se é chegada a hora de agir, antes que seja tarde demais**”.⁶⁵³
[grifo nosso]

Retomando a epígrafe deste estudo, a construção de um mundo melhor passa pela reavaliação do que hoje temos. Se a TV é uma parte medular do mundo que hoje conhecemos, não é menos certo que em muito pode contribuir ao melhoramento do que deixaremos.

⁶⁵² Camargo (In: Amaral, R. op. cit. p. 28)

⁶⁵³ Pfromm Netto, 1980, p. 38.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

ⁱ Neste sentido um estudo comparativo sobre o uso da TV com o de outros aparelhos mais úteis nos EEUU verificou que "...nem os automóveis ampliaram o tempo dedicado a viagens, nem os eletrodomésticos ampliaram o tempo de arrumação da casa, com a potência com que a TV incrementou o consumo da comunicação [...] ao menos no sentido temporal, a TV tem tido maior influência na estrutura da vida diária do que todas as demais novidades aparecidas no presente século. Talvez por isto no estado de Nova York a TV está incluído entre os bens que não podem ser penhorados, da mesma forma que outros móveis de primeira necessidade, como cadeiras, mesas, camas e utensílios de cozinha". (Robinson apud Liebert, Neale e Davidson op cit. p. 11.)

ⁱⁱ "...a voz da TV é a voz da indústria cultural, que por sua vez é a voz da grande indústria *uniformizadora* [...] uma cultura uniforme, reiterativa, empobrecedora, este é o resultado da ação da TV [...] os seus produtores não parecem preocupados com aspectos éticos. [...] A pressão incessante da mídia [...] molda uniformemente não só os gostos estéticos - geralmente medíocres, coagidos e embolados - como também os hábitos, todo tipo de costumes, inclusive os usos lingüísticos [...] tende a eliminar tudo o que de disperso e diverso pode haver no âmbito individual e particular, ou, inclusive, em áreas étnicas e grupais." (Erasquin, Mantilla e Vazquez op cit. p. 106.)

ⁱⁱⁱ "Pois bem, se se reconhece que inclusive o espectador adulto mal pode escapar do cerco montado pela ofensiva permanente dos meios, que dizer da criança, cujos gostos estéticos estão ainda em formação? Se, insistindo nisso, o tipo de programas que esta criança recebe não só carece de valores estéticos dignos de menção, mas sim, pelo contrário, correspondem a **modelos culturais alheios a seu ambiente**, esta mensagem traz como conseqüência, num prazo presumivelmente não muito amplo, a **ruptura com as próprias tradições culturais e na verdade, a alienação futura da cultura própria desta criança**. [...] A nova cultura que os meios de comunicação estão gerando, não corresponde a uma evolução espontânea dos hábitos artísticos e lúdicos da criança [...] mas sim a uma estratégia interesseira, cujos objetivos são a imposição de um determinado modelo de vida, o que inclui - naturalmente - determinados **gostos culturais** concretos, estreitamente e relacionados com isso, a **incorporação imediata à cadeia de consumo**." (Erasquin, Mantilla e Vazquez op cit. p.88)

^{iv} [sobre a comunicação na sociedade americana]: "... tecnicamente avançada é socialmente retardada por um mecanismo institucional que **preserva pontos de vista e hábitos**, muito além de sua utilidade e aplicabilidade. Paradoxalmente, o setor mais moderno da economia - o das comunicações eletrônicas - comumente serve de **guardião-chefe dos padrões atrasados de comportamento**. Ainda assim, é compreensível o esforço dos meios de comunicação coletiva em fortalecer o status quo. O '*establishment*' da TV, em seu caráter e estruturas, é, o microcosmo do organismo social maior. Dificilmente poderia não estar engajado na sobrevivência deste. O caso de empresas monolíticas comandarem a infra-estrutura informacional está de acordo com a manutenção da distribuição de poder na economia em geral. Se a TV apresenta uma interminável parada de violência e trivialidade, não serão estes reflexos fiéis do ambiente social geral?" [grifos nossos] (Schiller op cit. p.167)

^v "À nível social temos que admitir que - queiramos ou não - nos desenvolvemos num mundo em que impera a TV.[...] No caso concreto dos educadores, fica claro que vamos nos defrontar com o fato de que a maioria de nossos alunos são consumidores assíduos de programas de TV. Se o combate contra a própria TV à nível

de qualidade está, pois, perdido, torna-se possível [...] tratar de diminuir a taxa de consumo [...] o número de horas dedicadas a assistir programas. [...] **É preciso examinar e compreender quais são os mecanismos pelos quais o fenômeno TV adquire em nossa sociedade as proporções tão insólitas que alcança.**" [grifo nosso] (Erausquin, Mantilla e Vazquez op cit. p. 23.)

^{vii} "Os pequenos grupos tais como a família ou a equipe de trabalho, são as unidades naturais da sociedade. Grande parte do trabalho do mundo é feito dentro de seus limites. Os pequenos grupos contêm os elementos essenciais de um sistema social. Neles encontramos a interdependência da cooperação e a divisão do trabalho, finalidades e normas comuns a todos, assim como os processos de controle e liderança. Temos boas razões para supor que as condições do campo social mais amplo atingem aos indivíduos através de seus contatos cotidianos com a família, com os amigos e companheiros. A comunicação e a discussão ocorrem nestes contatos concretos; neles se tomam decisões e se exercem pressões para a ação numa ou outra direção. Mesmo numa sociedade com meios de comunicação para o grande número, os pequenos grupos são um elo indispensável entre os indivíduos e as vastas condições sociais. A interpretação das notícias e as decisões de ação política ocorrem em geral nos agrupamentos locais e relativamente íntimos da vida cotidiana." (Asch op cit. p. 422)

^{viii} "O autor faz referência à obra por ele relacionada na bibliografia respectiva como; **A Psychological study of Motion Pictures in relation to venereal disease campaigns.** Washinton; U.S interp. Social Higiene Board, 1922: " Um dos **primeiros estudos do impacto dos filmes cinematográficos sobre as atitudes e também sobre o comportamento manifesto foi o de Lashley e Watson (1922).** O conselho interdepartamental dos Estados Unidos cometeu-lhes a investigação do efeito educativo e informativo, sobre o público, de um filme usado em várias campanhas de controle, repressão e eliminação de doenças venéreas. O filme estudado, *Fit to Win*, empregava um tratamento dramático para pintar as conseqüências das doenças venéreas e da continência nos **soldados da primeira guerra mundial.** A fita foi exibida aproximadamente a 5000 indivíduos. (...) O filme foi realmente eficaz na transmissão de informações sobre doenças venéreas. As respostas aos questionários indicaram um aumento temporário do medo de moléstias venéreas. Mas os fatos não revelaram nenhuma diminuição, mais tarde, na exposição à ação das moléstias venéreas." [grifos nossos] (Hovland apud Steinberg op cit. p. 569)

^{ix} "Partindo dos descobrimentos da investigação, é possível resumir certo número de pontos chaves. Em **primeiro lugar o conteúdo** dos meios de comunicação tende a sobre-representar o 'topo' social: As pessoas e profissões com maiores ingressos, status e poder. Isto ocorrem nas notícias, que concedem maior acesso às fontes oficiais, os especialistas e os dirigentes..., e na ficção, que apresenta personagens de alta posição... Ao mesmo tempo os meios de comunicação tendem a se desviar na outra direção, e apresentar uma quantidade desproporcional de desvios e elementos perturbadores. Em **segundo lugar**, tanto na localização das notícias como dos sucessos imaginários, há uma 'tendenciosidade' quantitativa a certos países e lugares favorecidos: Especialmente os EEUU, Europa ocidental e cidades internacionalmente destacadas. O mapa do mundo dos meios de comunicação é muito distinto do verdadeiro mapa do mundo (Gerbner e Marvani, 1977). Em **terceiro lugar**, o conteúdo dos meios tende a utilizar estereótipos das minorias e de grupos marginais, como as mulheres, os grupos étnicos, os militantes sindicais, os pobres e os imigrantes [...] Se bem que estes estereótipos contêm uma parte de realidade, sua estreiteza, sua repetição, e sua exclusividade devem contabilizar-se em último termo como uma limitação, se não como um desvio da realidade. Em **quarto**

lugar, os meios tendem a difundir muitos mitos sobre situações e comportamentos que, por razões similares, é provável que distorçam alguma verdade histórica ou humana. Este poderia ser o caso dos mitos bélicos, o da fronteira norte americana, o do nacionalismo, o da sexualidade. Em quinto lugar, o conteúdo dos meios, ao selecionar os acontecimentos, concentra-se nos dramáticos e violentos. Deste modo, os delitos violentos contra as pessoas recebem maior atenção que os tipos mais habituais de delitos, e isto sucede com uma frequência enganosa, sobretudo nas histórias fictícias da TV. (Gerbner e Gross op cit. 1976). Para terminar, ao informar sobre relações laborais, as greves têm muita mais proeminência que as demais ações. [...] Não é raro encontrar que estas e outras tendências se interpretem como provas de que os meios de comunicação tendem a apoiar a ordem estabelecida e os valores consensuais..." (McQuail op cit. p. 166-67).

REFERÊNCIAS

- ALLEN, E. Strategies for the 1990's: Using the media for good. (In: ZILLMANN, D. e JENNINGS, B. (Eds). **Media, Children and the Family**. New Jersey: LEAS Communication Series, 1994)
- ALLPORT, G. **The nature of Prejuice**. Boston: Ed. Addison Wesley. 1954.P. 189
- ALLPORT, G. The Historical Background of Modern Social Psychology. (In: LINDZEY, G. e ARONSON, E. (Eds). **The Handbook of Social Psychology**. Vol 1. Massachusetts: Ed. Addison - Wesley, 1968, p. 680)
- ALMANAQUE MUNDIAL (1995) São Paulo: Ed. Abril.
- ANDERSON, J. Research on Children and Television; A critique. **Journal of Broadcasting**. 1981, n. 25, v 4, p. 395-400.
- ASCH, S. **Psicologia Social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.
- BABAD, E., BIRNBAUM, M. E BENNE, K. The Social Self: Group Influences on Personal Identity. Beverly Hills: Ed. Sage, 1983.
- BANDURA, A. **A Social Learning Analysis**. N J: Prentice-Hall, 1973.
_____ **The Social Learning Theory**. New Jersey: Ed. Prentice-Hall, 1977.
_____ Social Learning Theory of Aggression. **Journal of Communication**. Summer, 1978, vol.28, (3), p. 12-29.
_____ **Social Foundations of Thought and Action**. New Jersey: Ed. Prentice-Hall, 1986.
- BANDURA, A., ROSS, D. e ROSS, S. Transmission of Aggression through Imitation of Aggressive Models. **Journal Abnormal Social Psychology**, 1961, n. 63, p. 575-582.
- BANDURA, A. e ROSS, D. Imitation of film-mediated aggressive models. **Journal Abnormal Social Psychology**, 1963a, n. 66, p. 3-11.

-
- Vicarius Reinforcement and Imitative Learning. **Journal Abnormal Social Psychology**, 1963b, n. 66, p 601-607
- BANDURA, A. e WALTERS, R. **Aprendizaje Social y Desarrollo de la Personalidad**. 10 ed. Madrid: Ed. Alianza, 1990.
 - BARON, R., BYRNE, D. e SULS, J. **Exploring Social Psychology**. Boston: Ed. Allyn and Bacon, 1989.
 - BLUMLER, J, e KATZ, E (Eds) **The Uses of Mass Communications**. Beverly Hills: Ed. Sage, 1974.
 - BOGART, L. Social Sciences in the Mass Media. (In: **Behavioral Sciences and the Mass Media**. [s.l]: Ed. FTC. Sage Foundation. 1968, p. 153-174)
 - BROWN, J. e WALSH-CHILDERS, K. Effects of media on personal and public health. (In: JENNINGS, B. e ZILMAM, D. (Eds) **Media Effects; Advances in Theory and Research**. New Jersey: LEAS Communication Series, 1994)
 - BRYANT, J. e ZILLMANN, D. (eds) **Responding to the Screen: Reception and Reation Processes**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.
 - CAMARGO, N. de **A TV e o Quadro de Referência Sócio-cultural: o público dos telepostos de São Luís do Maranhão**. São Paulo. Usp/ECA, 1972 (Tese de Doutorado)
-
- Política de Comunicação: Tecnologia e as Perplexidades do desenvolvimento (In: AMARAL, R. (org.) **Comunicação de Massa, o impasse brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1978)
- CAMARGO, N. de e PINTO, V. **Communication Polices in Brazil**. Paris: The UNESCO Press, 1975.
 - CHAFFEE, S. e TIMS, A. Interpersonal factors in adolescente television use. **Journal of Social Issues**. 1976 (Fal), Vol 32 (4), p. 98-115.

- COLLINS, W. Effects of TV on Social Development. **International Journal of Behavior and Development**. 1982, n. 5, p.179-181.
- COLLINS, W. e KORAC, N. Recent Progress in The Study of the Effects of Television viewing on Social Development. **International Journal of Behavioral Development**, 1982, n 5, p. 171-193.
- COMSTOCK, G. e RUBINSTEIN, E. (Eds). **Television and Social Behaviour**. Washinton. D.C.: US Goverment Printing Office, vol. I.II.III,IV,V. 1972.
- COMSTOCK, G. The evidence so far, The effects of TV on children and adolescents. **Journal of Communication**. 1975, v.25, 4, p. 25-34.
- _____ Types of Portrayal and Aggressive Behavior. **Journal of Communication**. 1977, v.27, 3, p.189-198
- _____ **The Evolution of American Television**. London: Ed. Sage, 1989.
- _____ New Emphases in Research on the Effects of Television and Film Violence (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980)
- COMSTOCK, G., CHAFFEE, S., KATZMAN, N., MCCOMBS, M. e ROBERTS, D. **Television and Human Behavior**. New York: Columbia University Press, 1978.
- COMSTOCK, G e PAIK, H. **Television and the American Child**. Califórnia: Ed. Academic Press Inc.,1991.
- CONWAY, J. e RUBIN, A. Psychological predictors of television viewing motivation. **Communication research**. 1991 (Aug), v. 18 (4), p. 443-463.
- DEFLEUR, M. **Teorias da Comunicação Massiva**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar,1971.
- _____ Theories of Communication (In: HIEBERT, R, UNGURAIT, D. e BOHN, T. **Mass Media; an Introduction to Modern Communication**. New York: Ed. McKay, 1974)

- DODD, D. et al. Content análises of women and racial minorities as news magazines cover persons. **Journal of Social Behavior and Personality**. 1988, v. 3 (3), p. 231-236.
- DORR, A. **Television and Children: A Special Medium for a Special Audience**. Beverly Hills: Ed. Sage, 1986.
- DORR, A e KOVARIC, P. "Some of the People Some of the Time- But What People?" (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980)
- DUNNETT, P. **The World Television Industry: An economic analysis**. Londres: Ed. Routledge, 1990.
- EMERY, E., AULT, P. e AGEE, W. **Introdução à Comunicação de Massa**. São Paulo: Ed. Atlas, 1971.
- EURASQUIN, A., MANTILLA, L., VAZQUEZ, M. **Os Teledependentes**. São Paulo: Ed. Summus, 1983.
- EVULEOCHÁ, S e UGBAD, S. Stereotypes, counter stereotypes, and black television images in the 1990's. **Western Journal of Black Studies**. 1989 (win), Vol 13 (4), p. 197-205.
- FERRAZ SAMPAIO, M. **História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1984.
- FRANÇA, J. et al. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- FREEDMAN, J. Television Violence and Agression, What the Evidence Shows. (In: OSKAMP, S. (Ed) **Television as a Social Issue**, Applied Social Psychology Annual. Califórnia: Ed. Sage, 1989, p. 144-162).
- FREEDMAN, J. Television Violence and aggression: What psychologists should tell the public. (In: **Psychology and Social Policy**. NY: Ed. Hemisfery, 1992, p.179-189)

- FRIEDMAN, H. et al. Nonverbal communication on television news, the facial expressions of broadcasters during coverage of a presidential election campaign. **Personality and Social Psychology Bulletin**, 1980 (Sep), Vol 6 (3), p. 427-435.
 - FOWLES, B. Current Emphases and Issues in Planned programming for children (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 30)
 - GARNER, H. An adolescent suicide, the mass media and the educator. **Adolescence**, 1975 (Sum), Vol 10 (38), 241-246.
 - GERBNER, G. (ed) Ferment in the Field. **Journal of Communication**, 1983, Summer, vol 33, N 3.
 - GERBNER, G. Growing up with television: The cultivation perspective. (In: JENNINGS e ZILLMANN (Eds). **Media Effects; advances in theory and research**. NJ: LEAS Communication Series. 1994)
 - GERBNER, G. e GROSS, L. Living with Television: The Violence Profile. **Journal of Communication**, 1976, Spring, p. 173-199.
-
- The Violent Face of Television and Its Lessons (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 149-162)
- GERBNER, G., GROSS, L., ELEEY, M., JACKSON-BEECK, M., JEFFRIES-FOX, S. e SIGNORIELLI, N. TV Violence Profile No 8: The Highlights. **Journal of Communication**, 1977, Spring, p. 171-180.
 - GERBNER, G. e GROSS, L., ELEEY, M., JACKSON-BEECK, M., JEFFRIES-FOX, S. e SIGNORIELLI, N. **Violence Profile No 8: Trends in Network Television Drama and Viewer Conceptions of Social Reality, 1967-1976**. Annenberg School of Communications, 1977, March, p. 171-180.

- GERBNER, G., GROSS, L., SIGNORIELLI, N., JEFFRIES-FOX, S. e JACKSON-BEECK, M. Cultural Indicators: Violence Profile No 9. **Journal of Communication**. 1978, Summer, vol 28, N 3, p.176-207.
- GERBNER, G., GROSS, L., SIGNORIELLI, N., MORGAN, N. e JACKSON-BEECK, M. The Demonstration of power; violence profile number 10. **Journal of Communication**. 1979, n 29 (3), p. 177-196.
- GERBNER, G., GROSS, L., SIGNORELLI, N. e MORGAN, M. Aging With Television: Images on Television Drama and Conceptions of social Reality. **Journal of Communication**. 1980, Winter, vol 30, n1, p. 37-47.
- GERGEN K. E GERGEN, M. **Social Psychology**. 1986 New York: Ed. Springer Verlag.
- GILBERT, M. Preliminary survey of colour preferences in TV pictures. Londres: **Trans. illum. Engng Soc.**, 1954, p. 225-234.***
- GRIFFIN, M. Looking at TV News; Stratégies for Research. **Communication**. 1992 (oct), v. 13 (2), p. 121-141.
- GUNTER, C. Attitudes toward media coverage of social groups. **Public Opinion Quaterly**, 1992 (Sum), v. 56 (2), p. 147-167.
- HALLORAN, J. **Los efectos de la television**. [trad. Ignacio Vasallo], Madrid: Ed. Nacional, 1974.
- HARRINGTON, M. A Study of Mass Media Use, Preferences and needs of an Ederly Population in the San Diego Area. (In: REAL, M., ANDERSON, H. e HARRINGTON, M. Television Access for older Adults. **Journal of Communication**, 1980, Winter, vol 30, n.1, p. 84)
- HENNIGAN, K., HEATH, L., WHARTON, J., DEL ROSARIO, M., COOK, T. e CALDER, B. Impact of the Introdution of Television on Crime in the United States: Empirical Findingand Theoretical Implications. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1982, vol. 42, n. 3, p. 461-477.

- HIEBERT, R. e REUSS, C. (Eds) **Impact of Mass Media: Current Issues**. 1988, New York: Ed. Longman.
- HIEBERT, R., UNGURAIT, D. e BOHN, T. **Mass Media: na Introduction to Modern Communication**. New York: Ed. McKay, 1974.
- HIMMELWEIT, H., OPPENHEIM, A. e VINCE, P. **Television and the Child**. London: Oxford University Press, 1958.
- HOLLANDER, E. **Princípios e Métodos de Psicologia Social**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1968.
- JEFRES, L. e KYON, H. White Etnics and their Media Images. **Journal of Communication**, 1979, vol 29, n.1, p. 116.
- KATZ, E e LAZARSELD, P. **Personal Influence**, New York: Ed. Free Press,1966.
- KERLINGER, F. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: Ed. EPU, 1980.
- KLINEBERG, O. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1972.
- KORZENNY, F. e NEUENDORF, K. Television Viewing and Self-Concept of the Elderly. **Journal of Communication**. 1980, winter, vol 30, N 1, p 71-80.
- KRUGER, H. **Temas Básicos de Psicologia Social**. São Paulo: Ed. Pedagógica. 1986
- LACY, D. **Problemas y Perspectivas de la Comunicación de masas**. Buenos Aires: Ed. Cultrix, 1968.
- LARSON, M. Family communication on prime time television. **Journal of broadcasting and Electronic Media**. 1993 (Sum), v. 37 (3), p. 349-357.
- LEFKOWITZ, M. e HUESMANN, L. Concomitants of Television Violence Viewing in Children (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980)
- LEMERT, J. Do the television presidential debates help inform voters? **Journal of Broadcasting and electronic media**. 1993 (win), Vol. 37 (1), p.83-94.

- LEWIS, P. TV and Teenagers. **Educational Screen**. 1949, n. 28, p.159-161.
- LIEBERT,R., NEALE, J., DAVIDSON, E. **The Early Window: Effects of Television on Children and Youth**. New York: Ed. Pergamon, 1973.
- LIEBERT, R. e SCHWARTZBERG, N. Effects of Mass Media. **Annual Review Psychology**, 1977, vol 28, p. 141-173.
- LIEBERTEUER, F., APPLEFIELD, J, e SMITH, R Televised Aggression and the Interpersonal Aggression of preschool Children. **Journal of Experimental Child Psychology**, 1971, n. 11, p. 442-447.
- LINDZEY, G. e ARONSON, E. (Eds). **The Handbook of Social Psychology**. Vol1. Massachusetts: Ed. Addison-Wesley, 1968.
- LITTLEJONH, S. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara,1988.
- LIVINGSTONE, S. **Making sense of Television**. Oxford: Ed. Pergamon,1990.
- LORHC, E et al. Program context, sensation seeking, and attention to televised anti-drug public service announcements. **Human communication research**. 1994 (mar), Vol 20 (3), p.390-412.
- LOYE, D, GORNEY, R, STEELE, G. An Experimental Field Study. **Journal of Communication**. 1977, v. 27, n. 3, p. 205-216.
- LOVELACE, V. E HUSTON, A. Can television teach prosocial behavior? **Journal of Prevention in Human Service**. 1982 (Fal-Win), vol. 2, n. 1-2, p. 93-106.
- LYLE, J. Television in Daily Life, Patterns of Use (overview) (In: COMSTOCK, G. The evidence so far, The effects of TV on children and adolescents. **Journal of Communication**. 1975, v.25, 4,.p. 26)
- MANKIEWITCZ, F. e SWERDLOOW, J. **Remot Control: Television and the Manipulation of American Life**. New York: Ballantine, 1978.

- MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Ed. Moderna, 1990.
- MARQUES DE MELO, J. (coord). **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.
- _____ . **Comunicação e Classes Subalternas**. São Paulo: Ed. Cortez, 1980.
- _____ (Org) **Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas**. São Paulo: Ed. Cortez/Intercom, 1983.
- _____ **Inventário da Pesquisa em Comunicação no Brasil, (1883-1983)**. São Paulo: Ed. INTERCOM, 1984.
- MARX, M. e HILLIX, W. **Sistemas e Teorias em Psicologia**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.
- MATTELART, A. **Comunicação Mundo: Histórias das Idéias e das Estratégias**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1994.
- MATTOS, S. **Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história (1950-1990)**. s.l.: Ed. ABAP. 1990.
- Mc LUHAN, M. **Revolução na comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Zahár, 1971.
- McQUAIL, D. **Introducción a la Teoria de la Comunicación de Masas**. México: Ed. Paidós, 1983.
- McQUAIL, D. e WINDAHL, E. **Modelos para el Estudio de la Comunicación Colectiva**. Pamplona: Ed. Universidade de Navarra, 1984.
- MERLO, J. Television adiction and reactive apathy. **Journal of Nervous and Mental Disorders**, 1954, n.120, p. 290-291.
- MEYERSOHN, R. **Pesquisa Social na TV**. (In: ROSEMBERG, B. e MANNING, D. **Cultura de Massa**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1957, p. 399).
- MILLER, W. The Problem of Mass Communication. **Religion Education**, 1954, v. 49.

- MURRAY, J. e KIPPAX, S. From the Early Window to the late night Show: Internacional Trends in the Study of Television's impact of Children and Adults. (In: BERKOWITZ (ed) **Advances in Experimental Social Psychology**, Vol 12. New York: Ed. Academic Press, 1979, p. 253-320)
- MURRAY, J.P. Television And Youth Boys Town, (In: DORR, A. **Television and Children: A Special Medium for a Special Audience**. Beverly Hills: Sage, 1986, p. 7).
- MURRAY, J. Television in inner city Homes, viewing behaviour of Young Boys. (In: COMSTOCK, G. The evidence so far, The effects of TV on children and adolescents. **Journal of Communication**. 1975, v.25, 4, p. 26)
- NERI, A. L. **Envelhecer num País de Jovens**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.
- OLIVER, M. Contribution of sexual portrayals to viewer's responses to graphic horror. **Journal of broadcasting and electronic media**, 1994 (Win), v. 38 (1), p. 1-17.
- OSKAMP, S. (ed) **Television as Social a Issue; Applied Social Psychology Annual**. Newbury Park: Ed. Sage, 1989.
- PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980.
- PERSE, E. e RUBIN, A. Chronic Loneliness and television use. **Journal of Broadcasting e and Electronic Media**, 1990 (Win), v. 34 (1), p. 37-53.
- PHILLIPS, D e HENSLEY, J. When Violence is Rewarded or Punished: The Impact of Mass Media Stories on Homicide. **Journal of Communication**, 1984, (Sum), v.34 (3),p. 101-116.
- PFROMM NETTO, S. **Comunicação de Massa: Natureza, Modelos e Imagens**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1972.

Tecnologia da Educação e Comunicação de Massa. São Paulo: Ed..

Pioneira, 1976.

- _____ Televisão, Problema Social? **Problemas Brasileiros**. Agosto, n. 190, p 30-40, 1980.
- _____ **Psicologia da Aprendizagem e do Ensino**. São Paulo: Ed. EDUSP, 1987.
- _____ A Televisão Pública: A Programação Educativa e Infantil. (In: **Anais do Seminário Televisão Pública, um novo conceito**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 1990)
- _____ **Televisão, uma escola, mas de quê? Os efeitos da TV no aproveitamento escolar**. São Paulo: Ed. Artpress, 1993.
- PFROMM NETTO, S. e ANGELINI, A. Impact of Brazilian Television on Children and Education. **Education Studies and Documents**. 1981, No. 40, p. 43-48, Paris: Unesco.
 - PRATKANIS, A e ARONSON, E. **Age of propaganda; the every day use and abuse of persuasion**. NY: Ed Freeman, 1992.
 - RAVETZ, J. Et Augebitur Scientia (In: HARRÉ, R. **Problemas da Revolução Científica: incentivos e obstáculos ao progresso das ciências**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976)
 - REAL, M.; ANDERSON, H. e HARRINGTON, M. Television Access for Older Adults. **Journal of Communication**. 1980, Winter, vol. 30, N 1, p. 81.
 - REARDON, K. **La Persuasion en la Comunicación**. Barcelona: Ed. Paidós, 1981.
 - RIBEIRO de ALMEIDA, A. Televisão, pais e filhos: um estudo de preferências e hábitos diários. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 1981 (Oct-Dec), vol 33, n. 4, p. 113-122.
 - ROBINSON, J. Television's Impact on Every day life, (In: COMSTOCK, G. e RUBINSTEIN, E. (Eds) **Television and Social Behavior**. Vol IV: Television in day-to-day life: Patterns of use. Washington D.C.: U.S. Government Printing Office, 1972)

- ROBINSON, J. e BACHMAN, J. Television Viewing Habits and Aggression. (In: COMSTOCK, G. e RUBINSTEIN, E. (Eds) **Television and Social Behavior**, Vol II. Television and Adolescents Aggressiveness. Washington, D.C.: US Government Printing Office, 1972, p. 314-335).
- ROCKMAN, S. Realities of Change (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 83-97)
- RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.
- RODRIGUES, A. **Estudos em Psicologia Social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.
- ROGERS, E. **A History of Communication Study: A Biographical Approach**. 1994, New York: The Free Press.
- ROGERS, E. e CHAFFEE, S. Communication as Academic Discipline: A Dialogue. **Journal of Communication**. 1983, Summer, vol. 33, N. 3, p. 20.
- ROSEMBERG, B. e MANNING, D. **Cultura de Massa**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1957.
- ROSENGREN, K. Communication Research: One Paradigm, or Four? (In: GERBNER, G. (ed) Ferment in the Field, **Journal of Communication**, 1983 (Sum), v. 33, n 3, p. 185-207)
- ROWLAND, W. Politics of TV violence. (In: WARTELLA, E e REEVES B. Historical Trends in Research on Children and Media: 1900-1960. **Journal of Communication**, Spring, 1985, vol 35, (2), p.118).
- RUBINSTEIN, E. Television Violence: A Historical Perspective. (In: PALMER e DORR, (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 114)
- RUBINSTEIN, E. Television and Behavior: Research Conclusions of the 1982 NIMH report and their policy implications. **Journal of American Psychologist**, 1983, jul, vol. 38, n. 7, 820-825.

- SABIDO, M. Towards the Social use of Soap Operas. (In: BANDURA., A. **Social Foundations of Thought and Action**. New Jersey: Ed. Prentice-Hall, 1986,)
 - SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios; a Ciência vista como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
 - SAXON, G. Cultural compatibility of the adoption of Television. **Social Forces**, 1954, n. 33, p. 166-170.
 - SCHILLER, H. **O Império Norte-americano das Comunicações**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.
 - SCHRAMM, W. **The process and effects of Massa Communications**. Urbana: Ed. U. Illinois, 1954.
-
- _____ **Comunicação de Massa e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1970.
-
- _____ The Unique Perspective of Communication: a Retrospectiva View. (In: GERBNER, G. (ed) Ferment in the field. **Journal of Communication**. Summer, 1983, vol 33, n 3, p. 8).
- SCHRAMM, W. e LERNER, D. **Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento**. S.P: Ed. Melhoramentos, 1973.
 - SEAGOE, M. 1952. Children Television habits and Preferences. (In: WARTELLA, H. Historical Trends in Research on Children and Media: 1900-1960. **Journal of Communication**, 1983, vol 35, n. 2, p 133).
 - SEITER, E. Stereotypes and the media: A Re-Evaluation. **Journal of Communication**. 1986, Spring, vol 36, n.2 p. 14-26.
 - SHAW, M. e CONSTANZO, P. **Theories of Social Psychology**. N.Y.: Ed. Mc Graw-Hill, 1970.

- SHUETZ, S. e SPRAFKIN, J. **Spot Messages Appearing Within Saturday Morning Television Programs.** (In: SEITER, E. Stereotypes and the media: A Re-Evaluation. **Journal of Communication.** 1986, Spring, vol 36, n.2 p. 19)
- SKINNER, B.F. O Difícil e Tortuoso Caminho que conduz à Ciência do Comportamento. (In: HARRÉ, R. (Org). **Problemas da Revolução Científica; Incentivos e Obstáculos ao Progresso das Ciências.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976, p. 80).
- SINGER, J. e SINGER, D. **Some Hazards of growing up in a Television Environment: Children's Aggression and Restlessness.** (In: OSKAMP, S. (Ed) **Television as a Social Issue,** Applied Social Psychology Annual. Califórnia: Ed. Sage, 1989, p. 171-188).
- STEINBERG, C. **Meios de Comunicação de Massa.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1966.
- STEIN, A E FRIEDRICH, L. Television content and Young Children's Behavior. (In: LIEBERT, R., NEALE, J., DAVIDSON, E. **The Early Window.** New York: Ed. Pergamon, 1973, p.92-93).
- STOETZEL, J. **Psicologia Social.** São Paulo: Ed. Nacional, 1972.
- TAN, A. e TAN, G. Television Use and Self-esteem of Blacks. **Journal of Communication.** 1979, Winter, vol 29, n. 1, p. 129-135
- TAVRIS, C. Beyond Cartoon Killings: Comments on Two Overlooked Effects of Television. (In: OSKAMP, S (ed) **Television as Social Issue; Applied Social Psychology Annual.** Beverly Hills: Ed. Sage, 1989).
- TEDESCHI, J. e LINDSKOLD, S. **Social Psychology.** New York: Ed. Wiley & Sons, 1975.
- THOMAS, W. I. e ZNANIECKI, F. The Polish Peasant in Europe and America, 5 vols. University of Chicago Press, 1918-1921. (In: DEFLEUR, M. **Teorias da comunicação massiva,** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1971, p. 167)
- TUCKER, L. Television, teenagers, and Health. **Journal of Youth and Adolescence,** 1987, n. 16 (2), p. 415-425.

- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba: Ed. UFPR, 1995.
- ZILLMAN, D. Television Viewing and Physiological Arousal. (In: BRYANT, J. e ZILLMAN, D. (Eds) **Responding to the Screen, Reception and Reaction Processes**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1991)
- WARTELLA, E e REEVES, B. Historical Trends in Research on Children and Media: 1900-1960. **Journal of Communication**, 1985 (spring), vol 35, (2), p. 118-133.
- WARTELLA, H. e MIDDLESTANDT, S. The evolution of the models of mass communication and persuasion. **Health communication**, 1991, Vol 3 (4), p. 205-215.
- WATKINS, B. e HUSTON-STEIN, A, Wright, J. Effects of Planning Television Programming (In: PALMER, E. e DORR, A (eds) **Children and the Faces of Television: Teaching, Violence, Selling**. New York: Academic Press, 1980, p. 30)
- WEISS, W. Effects of the Mass Media of Communication. (In: LINDSEY, G e ARONSON, E. **The Handbook of Social Psychology**, vol 5, Massachusetts: Ed. Addison-Wesley, 1968)
- WHITTAKER, J. **La Psicología Social en el Mundo de Hoy**. México. Ed. Trillas, 1984, p.334-335.
- WICKS, R. Improvement over time in recall of media information; an exploratory study. **Journal of broadcasting and electronic media**. 1992 (Sum), v. 36 (3), p. 287-302.
- WICKS, R., RUBINSTEIN, E, e LIEBERT, R. Positive Social Learning. **Journal of Communication**. 1975, v. 25, n. 4, p. 88-95.
- WIEGMAN, O. Communication modality and attitude change in a realistic experiment. **Journal of Applied Social Psychology**. 1989 (Jul), Vol19 (10), p.828-840.
- WIMMER, D. e DOMINICK, J. **Mass Media Research an Introduction**. Belmont: Ed. Wasworth, 1991.

- WITTY, **Comparative studies of interest in TV**. Northwestern University, 1954, n. 40, p. 321-335.
- WRIGHTSMAN, L. (Ed) **Social Psychology in the Seventies**. Belmont: Brooks, 1973.
- WOLF, T. A Developmental Investigation of Televised Modeled Verbalizations of Resistance to Deviation. (In: LIEBERT, R., NEALE, J., DAVIDSON, E. **The Early Window**. New York: Ed. Pergamon, 1973)

ANEXOS

Introdução

Este anexo bibliográfico cumpre vários propósitos:

- 1- apresentar um panorama introdutório, da atividade da pesquisa realizada na Psicologia sobre os efeitos comportamentais da TV.
- 2- mostrar a extensão, variedade e refinamento da investigação empírica realizada pela Psicologia.
- 3- sublinhar a enorme distância que separa a pesquisa acadêmica brasileira do estado atual da investigação sistemática nesta área.
- 4- contrapor a amplitude das opções da pesquisa à repetição mecânica na orientação metodológica e escolha de temáticas da pouca pesquisa feita no meio acadêmico
- 5- facilitar o acesso de novos pesquisadores e interessados à um corpo bibliográfico pouco difundido e por conseqüência subutilizado.

A revisão é apenas um reordenamento temático e cronológico dos *Abstracts* da APA (*American Psychological Association*), listados em base de dados *Psyclit/CD room*. Inclui resumos de pesquisas publicadas entre 1971 e 1989, que conforme os critérios estabelecidos pela APA (Associação Psicológica Americana), correspondem a estudos de laboratório, de campo, correlacionais, descritivo-estatísticos, artigos e resenhas de textos compilativos e históricos que baseiam suas conclusões em evidência empírica derivada da aplicação da metodologia científica.

Como já foi mencionado anteriormente, esta revisão não pretende esgotar a totalidade dos tópicos de investigação sobre TV em Psicologia. Tal empreendimento incluiria entre outras, inúmeras pesquisas relativas à educação via TV, aspectos clínicos, psicossomáticos, psicolinguísticos, organizacionais, cognitivos, e do desenvolvimento, para só mencionar alguns.

A busca bibliográfica foi orientada pelas seguintes 'palavras chaves':

- #1: SOCIAL-PSYCHOLOGY
- #2: TELEVISION
- #3: 1 #2 and #1
- #4: MASS
- #5: MEDIA
- #6: MASS MEDIA AND #1
- #7: TELEVISION
- #8: PSYCHOLOGY
- #9: TELEVISION and PSYCHOLOGY
- #10: PSYCHOLOGY
- #11: MEDIA
- #12: EFFECTS
- #13: PSYCHOLOGY and MEDIA EFFECTS
- #14: PSHYCHOLOGY
- #15: TELEVISION
- #16: PSHYCHOLOGY and TELEVISION

Tomou-se como base para a sua classificação:

a- um critério simples de freqüência por área de concentração; sendo possível identificar de forma grossa 13 sub-áreas principais (que como foi observado ulteriormente coincidem com a forma como são organizados os conteúdos de textos que compilam a atividade de pesquisa da Psicologia e TV);

- Atitude e Opinião [persuasão e aspectos políticos]...	42 títulos
- Cognição e percepção social	55 títulos
- Crianças e Adolescentes	92 títulos
- Estereótipos e Representações sociais	93 títulos
- Notícias	31 títulos
- Novas Tecnologias e TV [perspectivas]	10 títulos
- Meios Comparados	12 títulos
- Efeitos Pró-sociais	69 títulos
- Publicidade	88 títulos
- Padrões de Uso	54 títulos
- Teorias e Modelos	13 títulos
- Violência e Suicídio	110 títulos
- Outros	36 títulos

b- O grau no qual as variáveis dos estudos se relacionam clara e explicitamente com a temática respectiva e listam tanto seus aspectos básicos como novidosos.

Convém aclarar que este anexo é uma continuação de uma revisão preliminar realizada manualmente nas publicações dos *Abstracts* da APA feita exclusivamente na seção Psicologia Social (a base de dados em CD/room, não fazia parte do acervo da Biblioteca Central naquele momento). Como esta, a revisão preliminar - que por motivos técnicos não se anexa - compreende apenas uma parcela da vasta produção de artigos, capítulos, dissertações e textos em Psicologia na área da Televisão .

A primeira revisão sobre a investigação da TV em Psicologia Social abarca o período de 1950 até 1994 (os períodos 1955 a 1961, e 1963 a 1967, não foram da revisados por não constarem no acervo da Biblioteca da Faculdade de Educação) e pode ser consultada após contato prévio com o autor. Como já foi dito, este limita-se à parcela denominada *Social Psychology* dos *Abstracts* da APA, e foi organizado conforme os critérios aqui utilizados.

Espera-se que este anexo possa ser de alguma utilidade para quem pretenda aprofundar no estudo objetivo dos efeitos comportamentais da TV.

ATITUDES E OPINIÃO

TI: The impact of televised Watergate Hearings.

AU: Robinson,-Michael-J.
IN: Catholic U. of America
JN: Journal-of-Communication; 1974 Spr Vol. 24(2) 17-30
LA: English PY: 1974

TI: On the relation between the viewer's attitudes to television programs and their opinions on crimes: The case of junior and senior high school students.

AU: Nakamura,-Masaru
IN: Ehime U, Matsuyama, Japan
JN: Japanese-Journal-of-Experimental-Social-Psychology; 1973 Dec Vol 13(2) 148-167
LA: Japanese PY: 1973

TI: Viewer's political orientation and the appropriateness of TV newscaster behavior.

AU: Zanna,-Mark-P.; Del-Vecchio,-Steven-M.
IN: Princeton U
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1974 Aug Vol 93(2) 311-312
LA: English PY: 1974

TI: Is the medium the message? A study of the effects of media, communicator, and message characteristics on attitude change.

AU: Worchel,-Stephen; Andreoli,-Virginia; Eason,-Joe
IN: U Virginia
JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1975 Apr-Jun Vol 5(2) 157-172
LA: English PY: 1975

TI: The role of educational television in changing the intergroup attitudes of children.

AU: Gorn,-Gerald-J.; Goldberg,-Marvin-E.; Kanungo,-Rabindra-N.
IN: McGill U, Montreal, Canada
JN: Child-Development; 1976 Mar Vol 47(1) 277-280
LA: English PY: 1976

TI: Politicians on TV: The image is the message.

AU: Keating,-John-P.; Latane,-Bibb
IN: U Washington

JN: Journal-of-Social-Issues; 1976 Fal Vol 32(4) 116-132
LA: English PY: 1976

TI: Reliability of a short test measuring children's attitudes toward TV commercials.

AU: Rossiter,-John-R.
IN: U Pennsylvania, Wharton School
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1977 Mar Vol 3(4) 179-184
LA: English PY: 1977

TI: Effects of media, communicator, and message position on attitude change.

AU: Andreoli,-Virginia; Worchel,-Stephen
IN: James Madison U, Harrisonburg, VA
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1978 Spr Vol 42(1) 59-70
LA: English PY: 1978

TI: Attitude and information change effected by drug education via broadcast television and group viewing.

AU: Wong,-Martin-R.; Barbatsis,-Gretchen-S.
IN: George Peabody Coll for Teachers
JN: Journal-of-Drug-Education; 1978 Vol 8(2) 161-171
LA: English PY: 1978

TI: Learning about the candidates: The 1976 presidential debates.

AU: Miller,-Arthur-H.; MacKuen,-Michael
IN: U Michigan, Inst for Social Research, Ctr for Political Studies
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1979 Fal Vol 43(3) 326-346
LA: English PY: 1979

TI: Children's reactions to male and female newscasters: Effectiveness and believability.

AU: Tan,-Alexis; Raudy,-Jack; Huff,-Cary; Miles,-Janet
IN: Texas Tech U
JN: Quarterly-Journal-of-Speech; 1980 Apr Vol 66(2) 201-205
LA: English PY: 1980

TI: Television exposure and attitude change: The impact of political interest.

AU: Kazee,-Thomas-A.
IN: Davidson Coll
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1981 Win Vol 45(4) 507-518 LA: English PY: 1981

TI: Adjective profiles in television copy testing: How to assess correlates of persuasion.

AU: Mehrotra,-Sunil; Van-Auken,-Stuart; Lonial,-Subhash-C.

JN: Journal-of-Advertising-Research; 1981 Aug Vol 21(4) 21-25

LA: English PY: 1981

TI: Measuring children's attitudes toward television commercials: Extension and replication.

AU: Riecken,-Glen; Samli,-A.-Coskun

IN: Ball State U, Coll of Business Administration

JN: Journal-of-Consumer-Research; 1981 Jun Vol 8(1) 57-61

LA: English PY: 1981

TI: Charting the mainstream: Television's contributions to political orientations.

AU: Gerbner,-George; Gross,-Larry; Morgan,-Michael; Signorielli,-Nancy

IN: U Pennsylvania, Annenberg School of Communications

JN: Journal-of-Communication; 1982 Spr Vol 32(2) 100-127

LA: English PY: 1982

TI: Attitude change toward disability through television portrayal.

AU: Elliott,-Timothy-R.; Byrd,-E.-Keith

IN: U Missouri, Counseling Psychology Program, Columbia

JN: Journal-of-Applied-Rehabilitation-Counseling; 1983 Sum Vol 14(2) 35-37

LA: English PY: 1983

TI: Effects of viewing a presidential primary debate: An experiment.

AU: Lemert,-James-B.; Elliott,-William-R.; Nestvold,-Karl-J.; Rarick,-Galen-R.

IN: U Oregon

JN: Communication-Research; 1983 Apr Vol 10(2) 155-173

LA: English PY: 1983

TI: Period, cohort, and aging effects: A study of television exposure in Presidential election campaigns, 1952-1980.

AU: Danowski,James-A.; Ruchinskas,John-E.

IN: U Wisconsin, School of Journalism & Mass Communication, Madison

JN: Communication-Research; 1983 Jan Vol 10(1) 77-96

LA: English PY: 1983

TI: Children's attitudes to television advertisements: A factorial perspective.

AU: Barling,-Julian; Fullagar,-Clive

IN: State U New York, Stony Brook

JN: Journal-of-Psychology; 1983 Jan Vol 113(1) 25-30

LA: English PY: 1983

TI: Attitude change toward disability through television portrayal.

AU: Elliott,-Timothy-R.; Byrd,-E.-Keith

IN: U Missouri, Counseling Psychology Program, Columbia

JN: Journal-of-Applied-Rehabilitation-Counseling; 1983 Sum Vol 14(2) 35-37

LA: English PY: 1983

TI: Electronic evangelists and political change in America: A susceptible population as a bellwether.

AU: Mobley,-G.-Melton

IN: Emory U, Candler School of Theology, Ctr for Religious Research

JN: Journal-of-Religion-and-Aging; 1984 Fal Vol 1(1) 31-46

LA: English PY: 1984

TI: Political correlates of television viewing.

AU: Gerbner,-George; Gross,-Larry; Morgan,-Michael; Signorielli,-Nancy

IN: U Pennsylvania, Annenberg School of Communications

JN: Public-Opinion-Quarterly; 1984 Spr Vol 48(1B) 283-300

LA: English PY: 1984

TI: Television in the lives of the elderly: Attitudes and opinions.

AU: Davis,-Richard-H.; Westbrook,-G.-Jay

IN: U Southern California, Leonard Davis School of Gerontology

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Spr Vol 29(2) 209-214

LA: English PY: 1985

TI: Role of television in shaping the attitudes of children.

AU: Rothenberg,-Michael-B.

IN: Children's Orthopedic Hosp & Medical Ctr, Seattle, WA

JN: Children's-Health-Care; 1985 Spr Vol 13(4) 148-149
LA: English PY: 1985

TI: What children see: The aged on television in Japan and the United States.

AU: Holtzman,-Joseph-M.; Akiyama,-Hiroko
IN: U Colorado Health Sciences Ctr, School of Dentistry, Denver
JN: Gerontologist; 1985 Feb Vol 25(1) 62-68
LA: English PY: 1985

TI: Emotion-eliciting qualities of television campaign advertising as a predictor of voting behavior.

AU: Masterson,-John-T.; Biggers,-Thompson
IN: U Miami, FL
JN: Psychology-A-Quarterly-Journal-of-Human-Behavior; 1986 Vol 23(1) 13-19
LA: English PY: 1986

TI: Newcasters' facial expressions and voting behavior of viewers: Can a smile elect a president?

AU: Mullen,-Brian; et-al
IN: Syracuse U
JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psychology; 1986 Aug Vol 51(2) 291-295
LA: English PY: 1986

TI: Mass communication and political socialization: Specifying the effects.

AU: Garramone,-Gina-M.; Atkin,-Charles-K.
IN: Michigan State U
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1986 Spr Vol 50(1) 76-86
LA: English PY: 1986

TI: Public opinion on the psychological and legal aspects of televising rape trials.

AU: Swim,-Janet; Borgida,-Eugene
IN: U Minnesota, US
JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1987 May Vol 17(5) 507-518
LA: English PY: 1987

TI: The illusion of intimacy: Television and the role of candidate personal qualities in voter choice.

AU: Keeter,-Scott
IN: Virginia Commonwealth U, US
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1987 Fal Vol 51(3) 344-358
LA: English PY: 1987

TI: "Appropriate" emotion in politics: Judgments of a televised debate.

AU: Shields,-Stephanie-A.; MacDowell,-Kathleen-A.
IN: U California, Davis, US
JN: Journal-of-Communication; 1987 Spr Vol 37(2) 78-89
LA: English PY: 1987

TI: The influence of intraparty political debates on candidate preference.

AU: Pfau,-Michael
IN: Augustana Coll, Sioux Falls, SD, US
JN: Communication-Research; 1987 Dec Vol 14(6) 687-697
LA: English PY: 1987

TI: Argument and visual structuring in the 1984 Mondale-Reagan debates: The medium's influence on the perception of clash.

AU: Morello,-John-T.
IN: Simpson Coll, Indianola, IA, US
JN: Western-Journal-of-Speech-Communication; 1988 Fal Vol 52(4) 277-290
LA: English PY: 1988

TI: Television coverage of Jesse Jackson's speech to the 1984 Democratic National Convention.

AU: Tiemens,-Robert-K.; Sillars,-Malcolm-O.; Alexander,-Dennis-C.; Werling,-David-S.
IN: U Utah, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1988 Win Vol 32(1) 1-22
LA: English PY: 1988

TI: Effects of a critical viewing skills curriculum on elementary school children's knowledge and attitudes about television.

AU: Watkins,-L.-Theresa; Sprafkin,-Joyce; Gadow,-Kenneth-D.; Sadetsky,-Irwin
IN: State U New York, Stony Brook, US
JN: Journal-of-Educational-Research; 1988 Jan-Feb Vol 81(3) 165-170
LA: English PY: 1988

TI: The effects of television on large-scale attitude change: Viewing "The Day After."

AU: Kulman,-I.-Randy; Akamatsu,-T.-John
IN: Kent State U, OH, US
JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1988 Oct Vol 18(13) 1121-1132
LA: English PY: 1988

TI: Influence of involvement, commitment and familiarity on brand beliefs and attitudes to viewers exposed to alternative ad claim strategies.

AU: Gill,-James-D.; Grossbart,-Sanford; Laczniak,-Russell-N.

IN: Phoenix Research Group, Scottsdale, AZ, US

JN:Journal-of-Advertising; 1988 Vol 17(2) 33-43

LA: English PY: 1988

TI: Fallout from The Day After: The impact of a TV film on attitudes related to nuclear war.

AU: Schofield,-Janet-W.; Pavelchak,-Mark-A.

IN: U Pittsburgh, PA, US

JN:Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1989 Apr Vol 19(5) 433-448

LA: English PY: 1989

TI: Mass media effects on sex role attitudes of incarcerated men.

AU: Fisher,-Glenn

IN: State U New York, Coll at New Paltz, US

JN: Sex-Roles; 1989 Feb Vol 20(3-4) 191-203

LA: English PY: 1989

TI: Voters' reactions to televised presidential debates: Measurement of the source and magnitude of opinion change.

AU: Lanoue,-David-J.; Schrott,-Peter-R.

IN: Illinois State U, Normal, US

JN: Political-Psychology; 1989 Jun Vol 10(2) 275-285

LA: English PY: 1989

TI: Communication modality and attitude change in a realistic experiment.

AU: Wiegman,-O.

IN: Twente U of Technology, Enschede, Netherlands

JN:Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1989 Jul Vol 19(10) 828-840

LA: English PY: 1989

TI: Perceptions of political competency and the impact of a televised debate.

AU: Wanzanried,-John-W.; Powell,-F.-C.; Franks,-L.-J.

IN: U Nebraska, Omaha, US

JN: Psychological-Reports; 1989 Jun Vol 64(3, Pt 1) 825-826

LA: English PY: 1989

COGNIÇÃO E PERCEPÇÃO SOCIAL

TI: Audience perceptions of violent television content.

AU: Howitt,-Dennis; Cumberbatch,-Guy

IN: U. Leicester, Centre for Mass Communication Research, England

JN: Communication-Research; 1974 Apr Vol. 1(2) 204-223

LA: English PY: 1974

TI: Children and the perceived reality of television.

AU: Greenberg,-Bradley-S.; Reeves,-Byron

IN: Michigan State U

JN: Journal-of-Social-Issues; 1976 Fal Vol 32(4) 86-97

LA: English PY: 1976

TI: Children's perceptions of television characters.

AU: Reeves,-Byron; Greenberg,-Bradley-S.

IN: U Wisconsin, Madison

JN: Human-Communication-Research; 1977 Win Vol 3(2) 113-127

LA: English PY: 1977

TI: Cognitive development and television comprehension.

AU: Desmond,-Roger-J.

IN: U Hartford

JN: Communication-Research; 1978 Apr Vol 5(2) 202-220

LA: English PY: 1978

TI: Effects of restricting first graders' TV-viewing on leisure time use, IQ change, and cognitive style.

AU: Gadberry,-Sharon

IN: Adelphi U

JN:Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1980 Win Vol 1(1) 45-57

LA: English PY: 1980

TI: Children's impressions of television mothers.

AU: Wartella,-Ellen

IN: U Illinois, Inst of Communications Research, Urbana-Champaign

JN:Communication-Research-and-Broadcasting; 1980 No 3 76-84

LA: English PY: 1980

TI: Effects of adult commentary on children's comprehension and inferences about a televised aggressive portrayal.

AU: Collins,-W.-Andrew; Sobol,-Brian-L.; Westby,-Sally

IN: U Minnesota Inst of Child Development, Minneapolis

JN: Child-Development; 1981 Mar Vol 52(1) 158-163

LA: English PY: 1981

TI: Memory for televised information: A problem for applied and theoretical psychology.

AU: Berry,-Colin; Gunter,-Barrie; Clifford,-Brian-R.

IN: North East London Polytechnic, Stratford, England

JN: Current-Psychological-Reviews; 1981 May-Aug Vol 1(2) 171-192

LA: English PY: 1981

TI: Children's person perception: The generalization from television people to real people.

AU: Reeves,-Byron; Garramone,-Gina

IN: U Wisconsin, Madison

JN: Human-Communication-Research; 1982 Sum Vol 8(4) 317-326

LA: English PY: 1982

TI: Young children's perception of "real" and "pretend" on television.

AU: Skeen,-Patsy; Brown,-Mac-H.; Osborn,-D.-Keith

IN: U Georgia, Coll of Home Economics, Athens

JN: Perceptual-and-Motor-Skills; 1982 Jun Vol 54(3, Pt 1) 883-887

LA: English PY: 1982

TI: Children's perception of television time: An exploratory investigation.

AU: Baron,-Lois-J.; Bernard,-Robert-M.

IN: Concordia U, Montreal, Canada

JN: Psychological-Reports; 1982 Jun Vol 50(3, Pt 2) 1275-1283

LA: English PY: 1982

TI: Developmental changes in how children understand television.

AU: Bearison,-David-J.; Bain,-Jean-M.; Daniele,-Richard

IN: Children's Hosp Medical Ctr, Boston, MA

JN: Social-Behavior-and-Personality; 1982 Vol 10(2) 133-144

LA: English PY: 1982

TI: Children's processing of television content: Implications for prevention of negative effects.

AU: Collins,-W.-Andrew

IN: U Minnesota, Inst of Child Development, Minneapolis

JN: Prevention-in-Human-Services; 1982 Fal-Win Vol 2(1-2) 53-66

LA: English PY: 1982

TI: The influence of televised models on toy preference in children.

AU: Cobb,-Nancy-J.; Stevens-Long,-Judith; Goldstein,-Steven

IN: California State U, Los Angeles

JN: Sex-Roles; 1982 Oct Vol 8(10) 1075-1080

LA: English PY: 1982

TI: Theoretical issues in the study of children's attention to television.

AU: Husson,-William

IN: West Virginia U

JN: Communication-Research; 1982 Jul Vol 9(3) 323-351

LA: English PY: 1982

TI: Television viewing and perceptions of women's roles on television and in real life.

AU: Gunter,-Barrie; Wober,-Mallory

IN: Independent Broadcasting Authority, London, England

JN: Current-Psychological-Research; 1982 Oct-Dec Vol 2(4) 277-287

LA: English PY: 1982

TI: The perceived reality of television and aggressive predispositions among children in Mexico.

AU: Korzenny,Felipe; Neuendorf,Kimberly-A.

IN: Michigan State U, East Lansing

JN: International-Journal-of-Intercultural-Relations; 1983 Vol 7(1) 33-51

LA: English PY: 1983

TI: Television viewing and styles of children's fantasy.

AU: McIlwraith,-Robert-D.; Schallow,-John-R.

IN: U Manitoba, Section of Behavioural Science, Winnipeg, Canada

JN: Imagination,-Cognition-and-Personality;
1982-83 Vol 2(4) 323-331
LA: English PY: 1983

TI: Adolescents' perceptions of social conflicts in television news and social reality.

AU: Cohen,-Akiba-A.; Adoni,-Hanna; Drori,-Gideon
IN: Hebrew U of Jerusalem, Communications Inst, Israel
JN: Human-Communication-Research; 1983 Win Vol 10(2) 203-225
LA: English PY: 1983

TI: Comprehension and retention of television programs by 20- and 60-year olds.

AU: Cavanaugh,-John-C.
IN: Bowling Green State U
JN: Journal-of-Gerontology; 1983 Mar Vol 38(2) 190-196
LA: English PY: 1983

TI: Another look at children's comprehension of television.

AU: Pingree,-Suzanne; et-al
IN: U Wisconsin, Madison
JN: Communication-Research; 1984 Oct Vol 11(4) 477-496
LA: English PY: 1984

TI: Effects of presentation format on adult's retention of television programs.

AU: Cavanaugh,-John-C.
IN: Bowling Green State U
JN: Experimental-Aging-Research; 1984 Spr Vol 10(1) 51-53
LA: English PY: 1984

TI: Viewer recall of television commercials: Prediction from the propositional structure of commercial strips.

AU: Thorson,-Esther; Snyder,-Rita
IN: U Wisconsin, Madison
JN: Journal-of-Marketing-Research; 1984 May Vol 21(2) 127-136
LA: English PY: 1984

TI: Young children's processing of television: Modality differences in the retention of temporal relations.

AU: Hayes,-Donald-S.; Kelly,-Suzanne-B.
IN: U Maine, Orono

JN: Journal-of-Experimental-Child-Psychology; 1984 Dec Vol 38(3) 505-514
LA: English PY: 1984

TI: Family perceptions of television viewing habits.

AU: Hopkins,-Nancy-M.; Mullis,-Ann-K.
JN: Family-Relations-Journal-of-Applied-Family-and-Child-Studies; 1985 Apr Vol 34(2) 177-181
LA: English PY: 1985

TI: (Preliminary study of TV program preference and the ability to comprehend TV programs in preschool and school-age children.)

AU: Du,-Lanyu; Zhang,-Wenxin; Li,-Xiaoshan
JN: Information-on-Psychological-Sciences; 1985 No 6 34-39
LA: Chinese PY: 1985

TI: Message complexity and attention to television. 1985 International

Communication Association Annual Meeting (1985, Honolulu, Hawaii).

AU: Thorson,-Esther; Reeves,-Byron; Schleuder,-Joan
IN: U Wisconsin, School of Journalism & Mass Communication, Madison
JN: Communication-Research; 1985 Oct Vol 12(4) 427-454
LA: English PY: 1985

TI: The influence of television on measured cognitive abilities: A study with Native Alaskan children. Special Issue: Television in the developing world.

AU: Lonner,-Walter-J.; Thorndike,-Robert-M.; Forbes,-Norma-E.; Ashworth,-Clark
IN: Western Washington U, Bellingham
JN: Journal-of-Cross-Cultural-Psychology; 1985 Sep Vol 16(3) 355-380
LA: English PY: 1985

TI: Reality perceptions of television: A preliminary comparison of emotionally disturbed and nonhandicapped children.

AU: Sprafkin,-Joyce; Gadow,-Kenneth-D.; Dussault,-Monique
IN: State U New York, Stony Brook
JN: American-Journal-of-Orthopsychiatry; 1986 Jan Vol 56(1) 147-152
LA: English PY: 1986

TI: Replays as repetitions: Young children's interpretation of television forms.

AU: Rice,-Mabel-L.; Huston,-Aletha-C.; Wright,-John-C.

IN: U Kansas, Ctr for Research on the Influences of Television on Children, Lawrence

JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1986 Jan-Mar Vol 7(1) 61-76

LA: English PY: 1986

TI: Television viewing and imaginative problem solving during preadolescence.

AU: Peterson,-Candida-C.; Peterson,-James-L.; Carroll,-John

IN: Murdoch U, School of Social Inquiry-Psychology, Australia

JN: Journal-of-Genetic-Psychology; 1986 Mar Vol 147(1) 61-67

LA: English PY: 1986

TI: Effects of enhanced spatial context on television message retention.

AU: Rothkopf,-Ernst-Z.; Dixon,-P.; Billington,-M.-J.

IN: AT&T Bell Labs, Behavioral Research Dept, Murray Hill, NJ

JN: Communication-Research; 1986 Jan Vol 13(1) 55-69

LA: English PY: 1986

TI: Does televised drinking influence children's attitudes toward alcohol?

AU: Kotch,-Jonathan-B.; Coulter,-Martha-L.; Lipsitz,-Angela

IN: U North Carolina, School of Public Health, Chapel Hill

JN: Addictive-Behaviors; 1986 Vol 11(1) 67-70

LA: English PY: 1986

TI: Perceptions of the traits of women on television.

AU: Atwood,-Rita-A.; Zahn,-Susan-B.; Webber,-Gail

IN: U Texas, Austin

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Win Vol 30(1) 95-101

LA: English PY: 1986

TI: Watching television: Experiments on the viewing process.

AU: Reeves,-Byron; Thorson,-Esther

IN: Stanford U

JN: Communication-Research; 1986 Jul Vol 13(3) 343-361

LA: English PY: 1986

TI: Television and beliefs about health care and medical treatment.

AU: Wober,-Mallory; Gunter,-Barrie

IN: Independent Broadcasting Authority, London, England

JN: Current-Psychological-Research-and-Reviews; 1985-86 Win Vol 4(4) 291-304

LA: English PY: 1986

TI: Television camera movement as a source of perceptual information.

AU: Kipper,-Philip

IN: Mills Coll

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Sum Vol 30(3) 295-307

LA: English PY: 1986

TI: The effect of television's visual complexity on information identification/recognition.

AU: White,-Sylvia-E.

IN: Bridgewater State Coll, MA, US

JN: Communication-Research-Reports; 1986 Dec Vol 3 153-157

LA: English PY: 1986

TI: Television, aging and information seeking. Special Issue: Language, communication and the elderly.

AU: Rubin,-Alan-M.

IN: Kent State U, School of Speech Communication

JN: Language-and-Communication; 1986 Vol 6(1-2) 125-137

LA: English PY: 1986

TI: Television viewing and the learning of expectations for problem resolutions.

AU: Selnow,-Gary-W.

IN: Virginia Polytechnic Inst & State U

JN: Educational-Studies; 1986 Vol 12(2) 137-145

LA: English PY: 1986

TI: Television, reading, and the home environment.

AU: Neuman,-Susan-B.

IN: Eastern Connecticut State U, Reading Clinic

JN: Reading-Research-and-Instruction; 1986 Spr Vol 25(3) 173-183

LA: English PY: 1986

TI: Young children's memory for televised stories: Effects of importance.

AU: Lorch,-Elizabeth-P.; Bellack,-Daniel-R.; Augsbach,-Lynn-H.

IN: U Kentucky

JN: Child-Development; 1987 Apr Vol 58(2) 453-463

LA: English PY: 1987

TI: Information-processing analysis of television advertisement recall.

AU: Martin,-Donald-S.; Ditcham,-Lindsay

IN: U New England, Armidale, Australia

JN: Journal-of-General-Psychology; 1987 Jan Vol 114(1) 5-11

LA: English PY: 1987

TI: Attentional inertia reduces distractability during young children's TV viewing.

AU: Anderson,-Daniel-R.; Choi,-Hyewon-P.; Lorch,-Elizabeth-P.

IN: U Massachusetts, Amherst

JN: Child-Development; 1987 Jun Vol 58(3) 798-806

LA: English PY: 1987

TI: Is television viewing really bad for your imagination? Content and process of TV viewing and imaginal styles.

AU: Schallow,-John-R.; McIlwraith,-Robert-D.

IN: U Manitoba, Winnipeg, Canada

JN: Imagination,-Cognition-and-Personality; 1986-87 Vol 6(1) 25-42

LA: English PY: 1987

TI: Individual differences in television comprehension.

AU: Pezdek,-Kathy; Simon,-Sara; Stoeckert,-Janet; Kiely,-Jim

IN: Claremont Graduate School, CA, US

JN: Memory-and-Cognition; 1987 Sep Vol 15(5) 428-435

LA: English PY: 1987

TI: Effects of sibling coviewing on children's interpretations of television programs.

AU: Haefner,-Margaret-J.; Wartella,-Ellen-A.

IN: Illinois State U, US

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1987 Spr Vol 31(2) 153-168

LA: English PY: 1987

TI: Searching for cognitive processes in the cultivation effect: Adult and adolescent samples in the United States and Australia.

AU: Hawkins,-Robert-P.; Pingree,-Suzanne; Adler,-Ilya

IN: U Wisconsin, Madison, US

JN: Human-Communication-Research; 1987 Sum Vol 13(4) 553-577

LA: English PY: 1987

TI: The selective use of sound effects and visual inserts for children's television story comprehension.

AU: Calvert,-Sandra-L.; Gersh,-Tracey-L.

IN: Georgetown U, Washington, DC, US

JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1987 Oct-Dec Vol 8(4) 363-375

LA: English PY: 1987

TI: Effects of television preplay formats on children's attention and story comprehension.

AU: Calvert,-Sandra-L.; Huston,-Aletha-C.; Wright,-John-C.

IN: Georgetown U, Washington, DC, US

JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1987 Jul-Sep Vol 8(3) 329-342

LA: English PY: 1987

TI: Perceived reality in television effects research.

AU: Potter,-W.-James

IN: Florida State U, US

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1988 Win Vol 32(1) 23-41

LA: English PY: 1988

TI: Reality perceptions of television: A comparison of school-labeled learning-disabled and nonhandicapped children.

AU: Gadow,-Kenneth-D.; Sprafkin,-Joyce; Kelly,-Eileen; Ficarroto,-Thomas

IN: State U New York, Stony Brook, US

JN: Journal-of-Clinical-Child-Psychology; 1988 Mar Vol 17(1) 25-33

LA: English PY: 1988

TI: Influence of story schema development on children's attention to television. Special Issue: Social cognition and communication.

AU: Meadowcroft,-Jeanne-M.; Reeves,-Byron

IN: Indiana U, Media Cognition & Attention Lab, US
JN: Communication-Research; 1989 Jun Vol 16(3) 352-374
LA: English PY: 1989

TI: Influence of story schema development on children's attention to television. Special Issue: Social cognition and communication.

AU: Meadowcroft,-Jeanne-M.; Reeves,-Byron
IN: Indiana U, Media Cognition & Attention Lab, US
JN: Communication-Research; 1989 Jun Vol 16(3) 352-374
LA: English PY: 1989

TI: Interpretive viewers and structured programs: The implicit representation of soap opera characters.

AU: Livingstone,-Sonia-M.
IN: U Oxford, Nuffield Coll, England
JN: Communication-Research; 1989 Feb Vol 16(1) 25-57
LA: English PY: 1989

TI: Television-evoked thoughts and their relation to comprehension.

AU: Hoijer,-Birgitta
IN: Swedish Broadcasting Corp, Audience & Program Research Dept, Stockholm, Sweden
JN: Communication-Research; 1989 Apr Vol 16(2) 179-203
LA: English PY: 1989

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

TI: Children's television: More than mere entertainment.

AU: Leifer,-Aimee-D.; Gordon,-Neal-J.; Graves,-Sherryl-B.
IN: Harvard U, Graduate School of Education, Ctr for Research in Children's Television
JN: Harvard-Educational-Review; 1974 May Vol 44(2) 213-245
LA: English PY: 1974

TI: Television's influence on young minds.

AU: Alvarez-Villar,-Alfonso
JN: Revista-del-Instituto-de-la-Juventud; 1974 Dec No 56 93-104

LA: Spanish PY: 1974

TI: The developing child as viewer.

AU: Collins,-W.-Andrew
IN: U Minnesota Inst of Child Development
JN: Journal-of-Communication; 1975 Fal Vol 25(4) 35-44
LA: English PY: 1975

TI: Can watching TV be good for children?

AU: Quisenberry,Nancy-I.; Klasek,-CharlesB.
IN: Southern Illinois U, Coll of Education
JN: Audiovisual-Instruction; 1977 Mar Vol 22(3) 56-57
LA: English PY: 1977

TI: Imitation of live and televised models by children one to three years of age.

AU: McCall,-Robert-B.; Parke,-Ross-D.; Kavanaugh,-Robert-D.
JN: Monographs-of-the-Society-for-Research in-Child-Development; 1977 Vol 42(5) 94 p
LA: English PY: 1977

TI: Visual and verbal attributes of television and selective attention in preschool children.

AU: Susman,-Elizabeth-J.
IN: Pennsylvania State U
JN: Developmental-Psychology; 1978 Sep Vol 14(5) 565-566
LA: English PY: 1978

TI: Children's social behavior in three towns with differing television experience.

AU: Murray,-John-P.; Kippax,-Susan
IN: Macquarie U School of Behavioural Sciences, Sydney, Australia
JN: Journal-of-Communication; 1978 Win Vol 28(1) 19-29
LA: English PY: 1978

TI: Television and the young viewer.

AU: Rubinstein,-Eli-A.
IN: U North Carolina, Chapel Hill
JN: American-Scientist; 1978 Nov-Dec Vol 66(6) 685-693
LA: English PY: 1978

TI: The effect of TV viewing on the educational performance of elementary school children.

AU: Anderson,-C.-C.; Maguire,-T.-O.

IN: U Alberta, Edmonton, Canada
JN: Alberta-Journal-of-Educational-Research;
1978 Sep Vol 24(3) 156-163
LA: English PY: 1978

TI: Television viewing patterns of families with young infants.

AU: Hollenbeck,-Albert-R.
IN: NIMH Lab of Developmental Psychology,
Bethesda, MD
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1978 Aug
Vol 105(2) 259-264
LA: English PY: 1978

TI: Television and the children of ethnic minorities.

AU: Comstock,-George; Cobbey,-Robin-E.
IN: Syracuse U, S. I. Newhouse School of
Public Communications
JN: Journal-of-Communication; 1979 Win Vol
29(1) 104-115
LA: English PY: 1979

TI: Infant visual and vocal responses to television.

AU: Hollenbeck,-Albert-R.; Slaby,-Ronald-G.
George Mason U
IN: Child-Development; 1979 Mar Vol 50(1)
41-45
LA: English PY: 1979

TI: Preferences of Mexican-American children for parents or television.

AU: Newby,-T.-J.; Robinson,-P.-W.; Hill,-R.D.
IN: Brigham Young U
JN: Journal-of-Psychology; 1980 Jul Vol
105(2) 239-245
LA: English PY: 1980

TI: A comparative study of children's television programmes: American and Japanese.

AU: Ebata,-Keisuke
IN: Psychiatric Research Inst of Tokyo, Div of
Social Psychiatry, Japan
JN: International-Journal-of-Social-Psychia-
try; 1981 Win Vol 27(4) 301-306
LA: English PY: 1981

TI: Effects and functions of television--children and adolescents: A bibliography of selected research literature 1970-1978.

AU: Meyer,-Manfred; Nissen,-Ursula
JN: Communication-Research-and-Broadcas-
ting; 1981 No 2 172 p

LA: English PY: 1981

TI: On the consequences of television-related parent-child interaction.

AU: Messaris,-Paul; Sarett,-Carla
IN: U Pennsylvania, Annenberg School of
Communications, Philadelphia
JN: Human-Communication-Research; 1981
Spr Vol 7(3) 226-244
LA: English PY: 1981

TI: How and what do children learn from television?

AU: Williams,-Tannis-M.
IN: U British Columbia, Vancouver, Canada
JN: Human-Communication-Research; 1981
Win Vol 7(2) 180-192
LA: English PY: 1981

TI: Television portrayal of alcohol and other beverages.

AU: Cafiso,-Jenny; Goodstadt,-Michael-S.;
Garlington,Warren K.; Sheppard,Margaret-A.
IN: Addiction Research Foundation,
Education Research Section, Toronto,
Canada
JN: Journal-of-Studies-on-Alcohol; 1982 Nov
Vol 43(11) 1232-1243
LA: English PY: 1982

TI: The effects of television commercial form and commercial placement on children's social behavior and attention.

AU: Greer,-Douglas; Potts,-Richard; Wright,-
John-C.; Huston,-Aletha-C.
IN: U Kansas, Ctr for Research on the
Influences of Television on Children,
Lawrence
JN: Child-Development; 1982 Jun Vol 53(3)
611-619
LA: English PY: 1982

TI: Influence of a televised model's vocalization pattern on infants.

AU: Hollenbeck,-Albert-R.; Slaby,-Ronald-G.
IN: George Mason U
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psy-
chology; 1982 Jan-Mar Vol 3(1) 57-65
LA: English PY: 1982

TI: Children's imitation of a ridiculed model.

AU: Bryant,-Jennings; Brown,-Dan; Parks,-
Sheri-L.; Zillmann,-Dolf
IN: U Evansville

JN: Human-Communication-Research; 1983
Win Vol 10(2) 243-255
LA: English PY: 1983

TI: Alcohol use in television programming: Effects on children's behavior.

AU: Rychtarik,-Robert-G.; et-al
IN: VA Medical Ctr, Alcohol Dependence Treatment Program, Jackson, MS
JN: Addictive-Behaviors; 1983 Vol 8(1) 19-22
LA: English PY: 1983

TI: Television viewing and public perceptions of hazards to life.

AU: Gunter,-Barrie; Wober,-Mallory
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Journal-of-Environmental-Psychology; 1983 Dec Vol 3(4) 325-335
LA: English PY: 1983

TI: The relation of children's television viewing to school achievement and I.Q.

AU: Ridley-Johnson,-Robyn; Cooper,-Harris; Chance,-June
IN: U Missouri, Columbia
JN: Journal-of-Educational-Research; 1983 May-Jun Vol 76(5) 294-297
LA: English PY: 1983

TI: Television and young children.

AU: Honig,-Alice-S.
IN: Syracuse U
JN: Young-Children; 1983 May Vol 38(4) 63-76
LA: English PY: 1983

TI: A study of the influence of television heroes on adolescents: The effects of family discussion of programs and cross-border, intercultural hero preference.

AU: Tierney,-Joan-D.
JN: Communications; 1983 Vol 9(1) 113-141
LA: English PY: 1983

TI: Television and children: A review.

AU: Fosarelli,-Patricia-D.
IN: Johns Hopkins Hosp, Dept of Pediatrics, Baltimore, MD
JN: Journal-of-Developmental-and-Behavioral-Pediatrics; 1984 Feb Vol 5(1) 30-37
LA: English PY: 1984

TI: Children's comprehension of televised formal features with masculine and feminine connotations.

AU: Huston,-Aletha-C.; et-al
IN: U Kansas, Ctr for Research on the Influence of Television on Children, Lawrence
JN: Developmental-Psychology; 1984 Jul Vol 20(4) 707-716
LA: English PY: 1984

TI: Television and children: A symbolic interactionist perspective.

AU: Dunn,-Thomas-P.; Cardwell,-Jerry-D.
IN: Western Kentucky U, Bowling Green
JN: Psychology-A-Quarterly-Journal-of-Human Behavior; 1984 Vol 21(2) 30-35
LA: English PY: 1984

TI: Children and TV: The ABCs of TV literacy.

AU: Abelman,-Robert
IN: Cleveland State U
JN: Childhood-Education; 1984 Jan-Feb Vol 60(3) 200-205
LA: English PY: 1984

TI: Age differences in children's perceptions of message intent: Responses to TV news, commercials, educational spots, and public service announcements.

AU: Blosser,-Betsy-J.; Roberts,-Donald-F.
IN: U Illinois, Chicago
JN: Communication-Research; 1985 Oct Vol 12(4) 455-484
LA: English PY: 1985

TI: Television's role regarding alcohol use among teenagers.

AU: Tucker,-Larry-A.
IN: Auburn U
JN: Adolescence; 1985 Fal Vol 20(79) 593-598
LA: English PY: 1985

TI: Television-viewing and family communication style as predictors of children's emotional behavior. Special Issue: The feeling child: Affective development reconsidered.

AU: Singer,-Jerome-L.; Singer,-Dorothy-G.
IN: Yale U
JN: Journal-of-Children-in-Contemporary-Society; 1985 Sum Vol 17(4) 75-91

LA: English PY: 1985

TI: Adolescents viewing Shogun: Cognitive and attitudinal effects.

AU: Shatzer,-Milton-J.; Korzenny,-Felipe; Griffis-Korzenny,-Betty-A.

IN: U Kentucky

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Sum Vol 29(3) 341-346

LA: English PY: 1985

TI: The effects of television on children: What the experts believe.

AU: Bybee,-Carl; Robinson,-James-D.; Turow,-Joseph

IN: U Oregon, Eugene, US

JN: Communication-Research-Reports; 1985 Dec Vol 2(1) 149-155

LA: English PY: 1985

TI: Effect of television viewing on academic performance of school children.

AU: Misra,Neelima; Misra,Puspa; Khattri,P.K.

IN: U Lucknow, India

JN: Psycho-Lingua; 1985 Jan Vol 15(1) 1-6

LA: English,PY: 1985

TI: The effects of three different television programs on young children's peer interactions and toy play.

AU: Argenta,-Deane-M.; Stoneman,-Zolinda; Brody,-Gene-H.

IN: U of Medicine & Dentistry of New Jersey

JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1986 Oct-Nov Vol 7(4) 355-371

LA: English PY: 1986

TI: Effects of television on children and adolescents.

AU: Liebert,-Robert-M.

IN: State U New York, Stony Brook

JN: Journal-of-Developmental-and-Behavioral-Pediatrics; 1986 Feb Vol 7(1) 43-48

LA: English PY: 1986

TI: Advocacy for children's appropriate viewing of television: What can we do?

AU: Fosarelli,-Patricia

IN: Johns Hopkins Medical Institutions, Baltimore, MD

JN: Children's-Health-Care; 1986 Fal Vol 15(2) 79-81

LA: English PY: 1986

TI: Children's activity and television comprehensibility.

AU: Pingree,-Suzanne

IN: U Wisconsin, School of Family Resources & Consumer Sciences, Madison

JN: Communication-Research; 1986 Apr Vol 13(2) 239-256

LA: English PY: 1986

TI: Children's television viewing as affected by contextual variables in the home.

AU: Webster,-James-G.; Pearson,-Judy-C.; Webster,-Debra-B.

IN: Northwestern U, Evanston, IL, US

JN: Communication-Research-Reports; 1986 Dec Vol 3 1-8

LA: English PY: 1986

TI: The impact of electronic media on adolescents, their everyday experience, their learning orientations and leisure time activities.

AU: Bontinck,-Irmgard

JN: Communications; 1986 Vol 12(1) 21-30

LA: English PY: 1986

TI: The adolescent audience for music videos and why they watch.

AU: Sun,-Se-wen; Lull,-James

IN: San Jose State U

JN: Journal-of-Communication; 1986 Win Vol 36(1) 115-125

LA: English PY: 1986

TI: Adolescents without television: A study in media deprivation.

AU: Windahl,-Sven; Hojerback,-Ingrid; Hedinsson,-Elias

IN: Vaxjo University Coll, Sweden

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Win Vol 30(1) 47-63

LA: English PY: 1986

TI: Television viewing and self-concept among Black children.

AU: Stroman,-Carolyn-A.

IN: Howard U, Inst for Urban Affairs & Research

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Win Vol 30(1) 87-93

LA: English PY: 1986

TI: Is television bad for children?

AU: Singer,-Jerome-L.
IN: Yale U Family Television Research & Consultation Ctr
JN: Social-Science; 1986 Fal Vol 71(2-3) 178-182
LA: English PY: 1986

TI: Television viewing and imaginative problem solving during preadolescence.

AU: Peterson,-Candida-C.; Peterson,-James-L.; Carroll,-John
IN: Murdoch U, School of Social Inquiry-Psychology, Australia
JN: Journal-of-Genetic-Psychology; 1986 Mar Vol 147(1) 61-67
LA: English PY: 1986

TI: Adolescents' comprehension of televised sexual innuendos.

AU: Silverman Watkins, L.; Theresa; Sprafkin, Joyce N.
IN: New York U
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1983 Oct-Dec Vol 4(4) 359-369
LA: English PY: 1983

TI: Television's impact on high school achievement.

AU: Gaddy,-Gary-D.
IN: U Wisconsin, School of Journalism & Mass Communication, Madison
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1986 Fal Vol 50(3) 340-359
LA: English PY: 1986

TI: Reality perceptions of television: A comparison of emotionally disturbed, learning disabled, and nonhandicapped children.

AU: Sprafkin,-Joyce; Kelly,-Eileen; Gadow,-Kenneth-D.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: Journal-of-Developmental-and-Behavioral-Pediatrics; 1987 Jun Vol 8(3) 149-153
LA: English PY: 1987

TI: Television and children's gender schemata.

AU: Calvert,-Sandra-L.; Huston,-Aletha-C.
IN: Georgetown U, Washington, DC, US
JN: New-Directions-for-Child-Development; 1987 Win No 38 75-88
LA: English PY: 1987

TI: Television as a source of maltreatment of children.

AU: Eron,-Leonard-D.; Huesmann,-L.-Rowell
IN: U Illinois, Chicago
JN: School-Psychology-Review; 1987 Vol 16(2) 195-202
LA: English PY: 1987

TI: Child giftedness and its role in the parental mediation of television viewing.

AU: Abelman,-Robert
IN: Cleveland State U, OH, US
JN: Roeper-Review; 1987 May Vol 9(4) 217-220, 246
LA: English PY: 1987

TI: Cohesion and control: Adolescents' relationships with parents as mediators of television. Special Issue: Television and the popular media in the world of the early adolescent.

AU: Rothschild,-Nancy; Morgan,-Michael
IN: U Massachusetts, Amherst, US
JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1987 Fal Vol 7(3) 299-314
LA: English PY: 1987

TI: Television and temporal development. Special Issue: Television and the popular media in the world of the early adolescent.

AU: Hirsch,-Bennett-Z.; Kulberg,-Janet-M.
IN: U Rhode Island, Kingston, US
JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1987 Fal Vol 7(3) 331-344
LA: English PY: 1987

TI: Television literacy for gifted children.

AU: Abelman,-Robert
IN: Cleveland State U, OH, US
JN: Roeper-Review; 1987 Feb Vol 9(3) 166-169
LA: English PY: 1987

TI: Children and adolescents on television: A consistent pattern of devaluation. Special Issue: Television and the popular media in the world of the early adolescent.

AU: Signorielli,-Nancy
IN: U Delaware, Newark, US
JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1987 Fal Vol 7(3) 255-268
LA: English PY: 1987

TI: What is rock music doing to the minds of our youth? A first experimental look at the effects of rock music lyrics and music videos. Special Issue: Television and the popular media in the world of the early adolescent.

AU: Greenfield,-Patricia-M.; Bruzzone,-Lisa; Koyamatsu,-Kristi; Satuloff,-Wendy; et-al
IN: U California, Los Angeles, US
JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1987 Fal Vol 7(3) 315-329
LA: English PY: 1987

TI: Educational use of the TV informational-publicistic broadcasts for adolescents.

AU: Shkolnik,-Leonid-S.; Kostenko,-Natalia-B.; Manayev,-Oleg-T.; Saar,-Andrus
IN: USSR Academy of Pedagogical Sciences, Inst of General Pedagogics, Moscow, USSR
JN: Voprosy-Psikhologii; 1987 May-Jun No 3 97-101
LA: Russian PY: 1987

TI: Does television viewing hinder academic achievement among adolescents?

AU: Potter,-W.-James
IN: Florida State U, Coll of Communication, US
JN: Human-Communication-Research; 1987 Fal Vol 14(1) 27-46
LA: English PY: 1987

TI: Gender differences, mediation, and disciplinary styles in children's responses to television.

AU: Desmond,-Roger-J.; Hirsch,-Bennett; Singer,-Dorothy; Singer,-Jerome
IN: U Hartford, CT, US
JN: Sex-Roles; 1987 Apr Vol 16(7-8) 375-389
LA: English PY: 1987

TI: Form cues and content difficulty as determinants of children's cognitive processing of televised educational messages.

AU: Campbell,-Toni-A.; Wright,-John-C.; Huston,-Aletha-C.
IN: San Jose State U, School of Education
JN: Journal-of-Experimental-Child-Psychology; 1987 Jun Vol 43(3) 311-327
LA: English PY: 1987

TI: Effects of humorous distortions on children's learning from educational television: Further evidence.

AU: Weaver,-James; Zillmann,-Dolf; Bryant,-Jennings
IN: U Kentucky, Coll of Communications, Lexington, US
JN: Communication-Education; 1988 Jul Vol 37(3) 181-187
LA: English PY: 1988

TI: Children, television and learning in nursery and infants' schools. International Television Studies Conference (1986, London, England).

AU: Choat,-Ernest
JN: Educational-Studies; 1988 Vol 14(1) 9-21
LA: English PY: 1988

TI: Preventive intervention to improve children's discrimination of the persuasive tactics in televised advertising.

AU: Peterson,-Lizette; Lewis,-Katherine-E.
IN: U Missouri, Columbia, US
JN: Journal-of-Pediatric-Psychology; 1988 Jun Vol 13(2) 163-170
LA: English PY: 1988

TI: Lessons from television: Children's word learning when viewing.

AU: Rice,-Mabel-L.; Woodsmall,-Linda
IN: U Kansas Child Language Program, Lawrence, US
JN: Child-Development; 1988 Apr Vol 59(2) 420-429
LA: English PY: 1988

TI: Effects of cartoons on emotionally disturbed children's social behavior in school settings.

AU: Sprafkin,-Joyce; Gadow,-Kenneth-D.; Grayson,-Patricia
IN: State U New York, South Campus, Stony Brook, US
JN: Journal-of-Child-Psychology-and-Psychiatry-and-Allied-Disciplines; 1988 Jan Vol 29(1) 91-99
LA: English PY: 1988

TI: Parents' strategies for limiting children's television watching.

AU: Sarlo, Gregory; Jason, Leonard A.; Lonak, Cheryl
IN: De Paul U, IL, US

JN: Psychological-Reports; 1988 Oct Vol 63(2) 435-438
LA: English PY: 1988

TI: Ten- to sixteen-year-olds' perceptions of advertisements for alcoholic drinks.

AU: Aitken,-P.-P.; Leathar,-D.-S.; Scott,-A.C.
IN: U Strathclyde, Advertising Research Unit, Glasgow, Scotland
JN: Alcohol-and-Alcoholism; 1988 Vol 23(6) 491-500
LA: English PY: 1988

TI: Family mediation and children's cognition, aggression, and comprehension of television: A longitudinal study.

AU: Singer,-Jerome-L.; Singer,-Dorothy-G.; Desmond,-Roger; Hirsch,-Bennett; et-al
IN: Yale U Family Television Research & Consultation Ctr, New Haven, CT, US
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1988 Jul-Sep Vol 9(3) 329-347
LA: English PY: 1988

TI: Nonprogram content of children's television.

AU: Condry,-John-C.; Bence,-Patricia-J.; Scheibe,-Cynthia-L.
IN: Cornell U, NY, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1988 Sum Vol 32(3) 255-270
LA: English PY: 1988

TI: Fiction for children: Does the medium matter? Special Issue: Art, mind, and education.

AU: Brown,-Laurene-K.
IN: Harvard Graduate School of Education, Project Zero, MA, US
JN: Journal-of-Aesthetic-Education; 1988 Spr Vol 22(1) 35-44
LA: English PY: 1988

TI: Television and movie behaviors of pregnant and non-pregnant adolescents.

AU: Solderman,-Anne-K.; Greenberg,-Bradley-S.; Linsangan,-Renato
IN: Michigan State U, East Lansing, US
JN: Journal-of-Adolescent-Research; 1988 Sum Vol 3(2) 153-170
LA: English PY: 1988

TI: Children's perceptions of television reality.

AU: Nikken,-Peter; Peeters,-Allerd-L.
IN: Foundation for Children's Well-Being, Amsterdam, Netherlands
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1988 Fal Vol 32(4) 441-452
LA: English PY: 1988

TI: Children's representations of television and real-life stories.

AU: Watkins,-Bruce
IN: U Michigan, US
JN: Communication-Research; 1988 Apr Vol 15(2) 159-184
LA: English PY: 1988

TI: Guidelines for the effective use of humor in children's educational television programs.

AU: Zillmann,-Dolf; Bryant,-Jennings
IN: Indiana U, Bloomington, US
JN: Journal-of-Children-in-Contemporary-Society; 1988 Vol 20(1-2) 201-221
LA: English PY: 1988

TI: Imitation of televised models by infants.

AU: Meltzoff,-Andrew-N.
IN: U Washington, Seattle, US
JN: Child-Development; 1988 Oct Vol 59(5) 1221-1229
LA: English PY: 1988

TI: Radio vs. television: Their cognitive impact on children of different socioeconomic and ethnic groups.

AU: Greenfield,-Patricia; Beagles-Roos,-Jessica
IN: U California, Los Angeles, US
JN: Journal-of-Communication; 1988 Spr Vol 38(2) 71-92
LA: English PY: 1988

TI: Television's impact on children's reading skills: A review of research.

AU: Beentjes,-Johannes-W.; Van-der-Voort,-Tom-H.
IN: Leiden U, Ctr for Child & Media Studies, Netherlands
JN: Reading-Research-Quarterly; 1988 Fal Vol 23(4) 389-413
LA: English PY: 1988

TI: Person perception and children's impressions of television and real peers.

AU: Babrow,-Austin-S.; O'Keefe,-Barbara-J.; Swanson,-David-L.; Meyers,-Renee-A.; et-al
IN: Purdue U, West Lafayette, IN, US
JN: Communication-Research; 1988 Dec Vol 15(6) 680-698
LA: English PY: 1988

TI: Calming children's television fears: Mr. Rogers vs. The Incredible Hulk.

AU: Cantor,-Joanne; Sparks,-Glenn-G.; Hoffner,-Cynthia
IN: U Wisconsin, Madison, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1988 Sum Vol 32(3) 271-288
LA: English PY: 1988

TI: Television production feature effects on children's comprehension of time.

AU: Calvert,-Sandra-L.
IN: Georgetown U, Washington, DC, US
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1988 Jul-Sep Vol 9(3) 263-273
LA: English PY: 1988

TI: Teaching self-protection to children using television techniques.

AU: Poche,-Cheryl; Yoder,-Paul; Miltenberger,-Raymond-G.
IN: Creekside Psychiatric Ctr, Pensacola, FL, US
JN: Journal-of-Applied-Behavior-Analysis; 1988 Fal Vol 21(3) 253-261
LA: English PY: 1988

TI: Teaching emotionally disturbed children to discriminate reality from fantasy on television.

AU: Sprafkin,-Joyce; Gadow,-Kenneth-D.; Kant,-Gail
IN: State U New York, Stony Brook, US
JN: Journal-of-Special-Education; 1987-88 Win Vol 21(4) 99-107
LA: English PY: 1988

TI: From here to eternity: Children's acquisition of understanding of projective size on television.

AU: Abelman,-Robert
IN: Cleveland State U, OH, US
JN: Human-Communication-Research; 1989 Spr Vol 15(3) 463-481
LA: English PY: 1989

TI: Public policy and children's television. Special Issue: Children and their development: Knowledge base, research agenda, and social policy application.

AU: Huston,-Aletha-C.; Watkins,-Bruce-A.; Kunkel,-Dale
IN: U Kansas, Lawrence, US
JN: American-Psychologist; 1989 Feb Vol 44(2) 424-433
LA: English PY: 1989

TI: Family ecology and child characteristics that predict young children's educational television viewing.

AU: Pinon,-Marites-F.; Huston,-Aletha-C.; Wright,-John-C.
IN: U Kansas, US
JN: Child-Development; 1989 Aug Vol 60(4) 846-856
LA: English PY: 1989

TI: How children reacted to televised coverage of the space shuttle disaster.

AU: Wright,-John-C.; Kunkel,-Dale; Pinon,-Marites-F.; Huston,-Aletha-C.
IN: U Kansas, Ctr for Research on the Influences of Television on Children, Lawrence, US
JN: Journal-of-Communication; 1989 Spr Vol 39(2) 27-45
LA: English PY: 1989

TI: An objective quantification of the affective tone of language in children's television programing.

AU: White,-Elizabeth; Whissell,-Cynthia; Dewson,-Michael
IN: Laurentian U of Sudbury, ON, Canada
JN: Journal-of-Social-Behavior-and-Personality; 1989 Vol 4(1) 127-131
LA: English PY: 1989

TI: Parent-child coviewing of television.

AU: Dorr,-Aimee; Kovaric,-Peter; Doubleday,-Catherine
IN: U California, Graduate School of Education, Los Angeles, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1989 Win Vol 33(1) 35-51
LA: English PY: 1989

TI: Television socialization and risky driving by teenagers. International Symposium: The social psychology of

risky driving (1988, Santa Monica, California).
AU: Atkin,-Charles-K.
IN: Michigan State U, East Lansing, US
JN: Alcohol,-Drugs-and-Driving; 1989 Jan-Mar Vol 5(1) 1-11
LA: English PY: 1989

TI: Children and television: The visual superiority effect reconsidered.
AU: Rolandelli,-David-R.
IN: Cornell U, NY, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1989 Win Vol 33(1) 69-81
LA: English PY: 1989

ESTERÉOTIPOS e REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

TI: Blacks in magazine and television advertising.
AU: Ferguson,-Richard-D.; Gitter,-A.-George
JN: CRC-Report; 1971 Aug No. 56 35
LA: English PY: 1971

TI: How race affects children's TV commercials.
AU: Barry,-Thomas-E.; Hansen,-Richard-W.
IN: Southern Methodist U., School of Business Administration
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1973 Oct Vol. 13(5) 63-67
LA: English PY: 1973

TI: Sex role stereotyping in children's television programs.
AU: Sternglanz,-Sarah-H.; Serbin,-Lisa-A.
IN: U New York, Stony Brook
JN: Developmental-Psychology; 1974 Sep Vol 10(5) 710-715
LA: English PY: 1974

TI: Televised models of female achievement.
AU: Manes,-Audrey-L.; Melnyk,-Paula
IN: Stanford U
JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1974 Oct-Dec Vol 4(4) 365-374
LA: English PY: 1974

TI: The depiction of drug use in television programming.
AU: McEwen,-William-J.; Hanneman,-Gerhard
IN: U Connecticut
JN: Journal-of-Drug-Education; 1974 Fal Vol 4(3) 281-294
LA: English PY: 1974

TI: Working women portrayed on evening television programs.
AU: Kaniuga,-Nancy; Scott,-Thomas; Gade,-Eldon
IN: Lenawee County Probate Court, Adrian, MI
JN: Vocational-Guidance-Quarterly; 1974 Dec Vol 23(2) 134-137
LA: English PY: 1974

TI: Traditional sex role development and amount of time spent watching television.
AU: Frueh,-Terry; McGhee,-Paul-E.
IN: U Missouri
JN: Developmental-Psychology; 1975 Jan Vol 11(1) 109
LA: English PY: 1975

TI: The portrayal of men and women in American television commercials.
AU: McArthur,-Leslie-Z.; Resko,-Beth-G.
IN: Brandeis U
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1975 Dec Vol 97(2) 209-220
LA: English PY: 1975

TI: Race, sex and social example: An analysis of character portrayals on inter-racial television entertainment.
AU: Donagher,-Patricia-C.; Poulos,-Rita-W.; Liebert,-Robert-M.; Davidson,-Emily-S.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: Psychological-Reports; 1975 Dec Vol 37(3, Pt 2) 1023-1034
LA: English PY: 1975

TI: Television and sex-role stereotyping.
AU: McArthur,-Leslie-Z.; Eisen,-Susan-V.
IN: Brandeis U
JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1976 Oct-Dec Vol 6(4) 329-351
LA: English PY: 1976

TI: Selling women, selling Blacks.
AU: Culley,-James-D.; Bennett,-Rex
IN: U Delaware

JN: Journal-of-Communication; 1976 Fal Vol 26(4) 160-174
LA: English PY: 1976

TI: Television and Black consciousness.
AU: Asante,-Molefi-K.
IN: State U New York, Buffalo
JN: Journal-of-Communication; 1976 Fal Vol 26(4) 137-141
LA: English PY: 1976

TI: Drinking on television: A preliminary study with emphasis on method.
AU: Garlington,-Warren-K.
IN: Washington State U
JN: Journal-of-Studies-on-Alcohol; 1977 Nov Vol 38(11) 2199-2205
LA: English PY: 1977

TI: Self-concept and Blacks' assessment of Black leading roles in motion pictures and television.
AU: Darden,-Betty-J.; Bayton,-James-A.
IN: Howard U
JN: Journal-of-Applied-Psychology; 1977 Oct Vol 62(5) 620-623
LA: English PY: 1977

TI: Black, White, White gifted, and emotionally disturbed children's perceptions of the reality in television programming.
AU: Donohue,-William-A.; Donohue,-Thomas-R.
IN: Michigan State U
JN: Human-Relations; 1977 Jul Vol 30(7) 609-621
LA: English PY: 1977

TI: Television and aging: Is what you see what you get?
AU: Harris,-Adella-J.; Feinberg,-Jonathan-F.
JN: Gerontologist; 1977 Oct Vol 17(5) 464-468
LA: English PY: 1977

TI: Women and Blacks on prime-time television.
AU: Lemon,-Judith
IN: Harvard U, Ctr for Research in Children's Television
JN: Journal-of-Communication; 1977 Fal Vol 27(4) 70-79
LA: English PY: 1977

TI: The effects of nonsexist television commercials and perceptions of reality on children's attitudes about women.
AU: Pingree,-Suzanne
IN: U Wisconsin, Women's Studies Program, Madison
JN: Psychology-of-Women-Quarterly; 1978 Spr Vol 2(3) 262-277
LA: English PY: 1978

TI: Black children's learning of work roles from television commercials.
AU: O'Bryant,-Shirley-L.; Corder-Bolz,-Charles-R.
JN: Psychological-Reports; 1978 Feb Vol 42(1) 227-230
LA: English PY: 1978

TI: The effects of television on children's stereotyping of women's work roles.
AU: O'Bryant,-Shirley-L.; Corder-Bolz,-Charles-R.
IN: Southwest Educational Development Lab, Austin, TX
JN: Journal-of-Vocational-Behavior; 1978 Apr Vol 12(2) 233-244
LA: English PY: 1978

TI: The effects of television cartoons on sex-role stereotyping in young girls.
AU: Davidson,-Emily-S.; Yasuna,-Amy; Tower,-Alan
IN: Vanderbilt U
JN: Child-Development; 1979 Jun Vol 50(2) 597-600
LA: English PY: 1979

TI: Children's comprehension of family role portrayals in televised dramas: Effects of socioeconomic status, ethnicity, and age.
AU: Newcomb,-Andrew-F.; Collins,-W.-Andrew
IN: U Minnesota Inst of Child Development
JN: Developmental-Psychology; 1979 Jul Vol 15(4) 417-423
LA: English PY: 1979

TI: Androgyny on the TV screen? An analysis of sex-role portrayal.
AU: Peevers,-Barbara-H.
IN: California State U, Chico
JN: Sex-Roles; 1979 Dec Vol 5(6) 797-809
LA: English PY: 1979

TI: Racial stereotyping on television: A comparison of the behavior of both Black and White television characters.

AU: Reid,-Pamela-T.

IN: U Tennessee, Chattanooga

JN: Journal-of-Applied-Psychology; 1979 Oct Vol 64(5) 465-471

LA: English PY: 1979

TI: The portrayal of women in prime time, 1953-1977.

AU: Dominick,-Joseph-R.

IN: U Georgia, Henry W. Grady School of Journalism & Mass Communication

JN: Sex-Roles; 1979 Aug Vol 5(4) 405-411

LA: English PY: 1979

TI: Physical contact and sexual behavior on prime-time TV.

AU: Silverman,-L.-Theresa; Sprafkin,-Joyce-N.; Rubinstein,-Eli-A.

IN: Brookdale International Inst, Stony Brook, NY

JN: Journal-of-Communication; 1979 Win Vol 29(1) 33-43

LA: English PY: 1979

TI: Race relations on prime time television.

AU: Wiegel,-Russell-H.; Loomis,-James-W.; Soja,-Matthew-J.

IN: Amherst Coll

JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psychology; 1980 Nov Vol 39(5) 884-893

LA: English PY: 1980

TI: Sex-role stereotypes and televised models of emotion.

AU: Harris,-Mary-B.; Voorhees,-Sara-D.

IN: U New Mexico, Coll of Education, Albuquerque

JN: Psychological-Reports; 1981 Jun Vol 48(3) 826

LA: English PY: 1981

TI: Televised models of female achievement revisited: Some progress.

AU: Weigel,-Russell-H.; Loomis,-James-W.

IN: Amherst Coll

JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1981 Jan-Feb Vol 11(1) 58-63

LA: English PY: 1981

TI: Sex-role stereotyping on prime-time television.

AU: Downs,-A.-Chris

IN: U Houston Program in Human Sciences, Clear Lake City

JN: Journal-of-Genetic-Psychology; 1981 Jun Vol 138(2) 253-258

LA: English PY: 1981

TI: Impressions of old people on TV and in real life.

AU: Wober,-Mallory; Gunter,-Barrie

IN: Independent Broadcasting Authority, London, England

JN: British-Journal-of-Social-Psychology; 1982 Nov Vol 21(4) 335-336

LA: English PY: 1982

TI: Race relations on children's television.

AU: Weigel,-Russell-H.; Howes,-Paul-W.

IN: Amherst Coll

JN: Journal-of-Psychology; 1982 May Vol 111(1) 109-112

LA: English PY: 1982

TI: Using television to change stereotypes.

AU: Johnson,-Jerome

IN: U Michigan, Inst for Social Research, Ann Arbor

JN: Prevention-in-Human-Services; 1982 Fal-Win Vol 2(1-2) 67-81

LA: English PY: 1982

TI: Television and social stereotypes.

AU: Greenberg,-Bradley-S.; Heeter,-Carrie

IN: Michigan State U, East Lansing

JN: Prevention-in-Human-Services; 1982 Fal-Win Vol 2(1-2) 37-51

LA: English PY: 1982

TI: Television and adolescents' sex role stereotypes: A longitudinal study.

AU: Morgan,-Michael

IN: U Pennsylvania, Annenberg School of Communications, Philadelphia

JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psychology; 1982 Nov Vol 43(5) 947-955

LA: English PY: 1982

TI: The portrayal of aggression on North American television.

AU: Williams,-Tannis-M.; Zabrack,-Merle-L.; Joy,-Lesley-A.

IN: U British Columbia, Vancouver, Canada

JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology;
1982 Sep-Oct Vol 12(5) 360-380
LA: English PY: 1982

TI: Drinking on television: A five-year study.

AU: DeFoe,-James-R.; Breed,-Warren;
Breed,-Lawrence-A.
IN: Inst for Scientific Analysis, Berkeley, CA
JN: Journal-of-Drug-Education; 1983 Vol
13(1) 25-38
LA: English PY: 1983

TI: The portrayal of driving on television, 1975-1980.

AU: Greenberg,-Bradley-S.; Atkin,-Charles-K.
IN: Michigan State U
JN: Journal-of-Communication; 1983 Spr Vol
33(2) 44-55
LA: English PY: 1983

TI: TV and the Black child: What Black children say about the shows they watch.

AU: Anderson,-William-H.; Williams,-
Bishetta-M.
IN: U Virginia, School of Education,
Charlottesville
JN: Journal-of-Black-Psychology; 1983 Feb
Vol 9(2) 27-42
LA: English PY: 1983

TI: Children's accounts of sex-role stereotypes in television.

AU: Durkin,-Kevin
IN: U Kent, Canterbury, England
JN: Communication-Research; 1984 Jul Vol
11(3) 341-362
LA: English PY: 1984

TI: An analysis of alcohol portrayal on prime-time television.

AU: Futch,-Emily-J.; Lisman,-Stephen-A.;
Geller,-Marilyn-I.
IN: State U New York, Binghamton
JN: International-Journal-of-the-Addictions;
1984 Jul Vol 19(4) 403-410
LA: English
PY: 1984

TI: Sex-role differences in children's identification with counterstereotypical televised portrayals.

AU: Eisenstock,-Barbara
IN: California State U
JN: Sex-Roles; 1984 Mar Vol 10(5-6) 417-
430

LA: English PY: 1984

TI: Sex-role stereotyping of nurses and physicians on prime-time television: A dichotomy of occupational portrayals.

AU: Kalisch,-Philip-A.; Kalisch,-Beatrice-J.
IN: U Michigan, Ann Arbor
JN: Sex-Roles; 1984 Apr Vol 10(7-8) 533-553
LA: English PY: 1984

TI: The daytime television drama portrayal of older adults.

AU: Elliott,-Joyce
IN: Chowan Coll
JN: Gerontologist; 1984 Dec Vol 24(6) 628-
633
LA: English PY: 1984

TI: Depictions of aging and old age on Saturday morning television.

AU: Bishop,-James-M.; Krause,-Daniel-R.
IN: Roosevelt U
JN: Gerontologist; 1984 Feb Vol 24(1) 91-94
LA: English PY: 1984

TI: How older persons are portrayed in television advertising: Implications for educators.

AU: Hiemstra,-Roger; et-al
IN: Syracuse U
JN: Educational-Gerontology; 1983 Mar-Jun
Vol 9(2-3) 111-122
LA: English PY: 1983

TI: Recognition of sex-role stereotypes in prime time television.

AU: Popovich,-Paula-M.; Butter,-Eliot-J.
IN: Michigan State U, East Lansing, US
JN: Psychology-and-Human-Development;
1984 Vol 1(1) 33-40
LA: English PY: 1984

TI: Determinants of children's sex stereotyping: Parental sex-role traits and television viewing.

AU: Repetti,-Rena-L.
IN: U California, Los Angeles
JN: Personality-and-Social-Psychology-
Bulletin; 1984 Sep Vol 10(3) 457-468
LA: English PY: 1984

TI: Spouses' discussion of television portrayals of close relationships.

AU: Fallis,-Susan-F.; Fitzpatrick,-Mary-A.;
Friestad,-Marian-S.

IN: Rutgers U
JN: Communication-Research; 1985 Jan Vol
12(1) 59-81
LA: English PY: 1985

TI: Curing television's ills: The portrayal of health care.

AU: Turow,-Joseph; Coe,-Lisa
IN: Purdue U
JN: Journal-of-Communication; 1985 Fal Vol
35(4) 36-51
LA: English PY: 1985

TI: Television and sex-role acquisition: II. Effects.

AU: Durkin,-Kevin
IN: U Kent, Social Psychology Research Unit,
Canterbury, England
JN: British-Journal-of-Social-Psychology;
1985 Sep Vol 24(3) 191-210
LA: English PY: 1985

TI: Television and sex-role acquisition: III. Counter-stereotyping.

AU: Durkin,-Kevin
IN: U Kent, Social Psychology Research Unit,
Canterbury, England
JN: British-Journal-of-Social-Psychology;
1985 Sep Vol 24(3) 211-222
LA: English PY: 1985

TI: Television and sex-role acquisition: III. Counter-stereotyping.

AU: Durkin,-Kevin
IN: U Kent, Social Psychology Research Unit,
Canterbury, England
JN: British-Journal-of-Social-Psychology;
1985 Sep Vol 24(3) 211-222
LA: English PY: 1985

TI: Television and sex-role acquisition: II. Effects.

AU: Durkin,-Kevin
IN: U Kent, Social Psychology Research Unit,
Canterbury, England
JN: British-Journal-of-Social-Psychology;
1985 Sep Vol 24(3) 191-210
LA: English PY: 1985

TI: Television and sex-role acquisition: I. Content.

AU: Durkin,-Kevin
IN: U Kent, Social Psychology Research Unit,
Canterbury, England

JN: British-Journal-of-Social-Psychology;
1985 Jun Vol 24(2) 101-113
LA: English PY: 1985

TI: Television and self-concept formation in developing areas: The Central Canadian Algonkian experience. Special Issue: Television in the developing world.

AU: Granzberg,-Gary
IN: U Winnipeg, Manitoba, Canada
JN: Journal-of-Cross-Cultural-Psychology;
1985 Sep Vol 16(3) 313-328
LA: English PY: 1985

TI: What do parents observe about parenting from prime time television.

AU: Dail,-Paula-W.; Way,-Wendy-L.
IN: Virginia Polytechnic Inst & State U,
Blacksburg, US
JN: Family-Relations-Journal-of-Applied-
Family-and-Child-Studies; 1985 Oct Vol
34(4) 491-499
LA: English PY: 1985

TI: Ethnic segmentation and Spanish-language television.

AU: O'Guinn,-Thomas-C.; Faber,-Ronald-J.;
Meyer,-Timothy-P.
IN: U Illinois, Urbana-Champaign
JN: Journal-of-Advertising; 1985 Vol 14(3)
63-66
LA: English PY: 1985

TI: Television as significant other: Its relationship to self-descriptors in five countries. Special Issue: Television in the developing world.

AU: Newton,-Barbara-J.; Buck,-Elizabeth-B.
IN: U Hawaii, West Oahu Coll
JN: Journal-of-Cross-Cultural-Psychology;
1985 Sep Vol 16(3) 289-312
LA: English PY: 1985

TI: Effects of television viewing on knowledge and attitudes about older adults: A critical reexamination.

AU: Passuth,-Patricia-M.; Cook,-Fay-L.
IN: Northwestern U
JN: Gerontologist; 1985 Feb Vol 25(1) 69-77
LA: English PY: 1985

TI: Embarrassing age spots or just plain ugly? Physical attractiveness stereotyping as an instrument of sexism on American television commercials.

AU: Downs,-A.-Chris; Harrison,-Sheila-K.
IN: U Houston-Clear Lake
JN: Sex-Roles; 1985 Jul Vol 13(1-2) 9-19
LA: English PY: 1985

TI: The representation of women, the elderly and minorities in Canadian television commercials.

AU: Moore,-Timothy-E.; Cadeau,-Leslie
IN: York U, Glendon Coll, DownsVille, Canada
JN: Canadian-Journal-of-Behavioural-Scien-C; 1985 Jul Vol 17(3) 215-225
LA: English PY: 1985

TI: Television and sex-role acquisition: I. Content.

AU: Durkin,-Kevin
IN: U Kent, Social Psychology Research Unit, Canterbury, England
JN: British-Journal-of-Social-Psychology; 1985 Jun Vol 24(2) 101-113
LA: English PY: 1985

TI: The media and social reality effects: Self and system orientations of Blacks.

AU: Allen,-Richard-L.; Hatchett,-Shirley
IN: U Michigan, Ann Arbor
JN: Communication-Research; 1986 Jan Vol 13(1) 97-123
LA: English PY: 1986

TI: Role conflict in the portrayal of female heroes of television crime dramas: A theoretical conceptualization.

AU: Romm,-Tsilia
IN: Ben Gurion U of the Negev, Beersheba, Israel
JN: Interchange; 1986 Vol 17(1) 23-32
LA: English PY: 1986

TI: The image of the Black family portrayed by television: A critical comment.

AU: Baptiste,-David-A.
IN: Private practice, Las Cruces, NM
JN: Marriage-and-Family-Review; 1986 Apr Vol 10(1) 41-65
LA: English PY: 1986

TI: El rol sexual femenino en los medios de comunicacion masiva: Un estudio comparativo de telenovelas mexicanas y estadounidenses. (The female sex role in

the mass media: A comparative study of Mexican and US TV serials.)

AU: Raisbaum,-Halina
IN: U Iberoamericana, Mexico City, Mexico
JN: Revista-Mexicana-de-Psicologia; 1986 Jul-Dec Vol 3(2) 188-196
LA: Spanish PY: 1986

TI: Stereotypes and the media: A re-evaluation.

AU: Seiter,-Ellen
IN: U Oregon
JN: Journal-of-Communication; 1986 Spr Vol 36(2) 14-26
LA: English PY: 1986

TI: Perception of gender equality on television and in social reality.

AU: Zemach,-Tamar; Cohen,-Akiba-A.
IN: Hebrew U of Jerusalem, Israel
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Fal Vol 30(4) 427-444
LA: English PY: 1986

TI: Diversity in the ethnic media audience: A study of Spanish language broadcast preference in the U.S.

AU: Faber,-Ronald-J.; O'Guinn,-Thomas-C.; Meyer,-Timothy-P.
IN: U Texas, Austin, US
JN: International-Journal-of-Intercultural-Relations; 1986 Vol 10(3) 347-359
LA: English PY: 1986

TI: Stereotypes and the media: A re-evaluation.

AU: Seiter,-Ellen
IN: U Oregon
JN: Journal-of-Communication; 1986 Spr Vol 36(2) 14-26
LA: English PY: 1986

TI: Sex-role stereotyping in television commercials: A verbal response mode and content analysis.

AU: Rak,-Diana-S.; McMullen,-Linda-M.
IN: U Saskatchewan, Saskatoon, Canada
JN: Canadian-Journal-of-Behavioural-Science; 1987 Jan Vol 19(1) 25-39
LA: English PY: 1987

TI: Television, sex-role attitudes, and sex-role behavior. Special Issue: Television and the popular media in the world of the early adolescent.

AU: Morgan,-Michael
IN: U Massachusetts, Amherst, US
JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1987 Fal
Vol 7(3) 269-282
LA: English PY: 1987

TI: Televised portrayals of Hispanics: A comparison of ethnic perceptions.

AU: Faber,-Ronald-J.; O'Guinn,-Thomas-C.; Meyer,-Timothy-P.
IN: U Texas, Austin, US
JN: International-Journal-of-Intercultural-Relations; 1987 Vol 11(2) 155-169
LA: English PY: 1987

TI: Televised occupational stereotypes and their effects on early adolescents: Are they changing? Special Issue: Television and the popular media in the world of the early adolescent.

AU: Wroblewski,-Roberta; Huston,-Aletha-C.
IN: U Kansas Ctr for Research on the Influences of Television on Children, US
JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1987 Fal
Vol 7(3) 283-297
LA: English PY: 1987

TI: Drinking, sex, and violence on television: The Cultural Indicators perspective.

AU: Signorielli,-Nancy
IN: U Delaware, Newark, US
JN: Journal-of-Drug-Education; 1987 Vol
17(3) 245-260
LA: English PY: 1987

TI: Alcohol on prime-time television.

AU: Wallack,-Lawrence; Breed,-Warren; Cruz,-John
IN: Prevention Research Ctr, Berkeley, CA, US
JN: Journal-of-Studies-on-Alcohol; 1987 Jan
Vol 48(1) 33-38
LA: English PY: 1987

TI: Television and the Black audience: Cultivating moderate perspectives on racial integration.

AU: Matabane,-Paula-W.
IN: Howard U, School of Communications, Washington, DC, US
JN: Journal-of-Communication; 1988 Fal Vol
38(4) 21-31
LA: English PY: 1988

TI: The portrayal of men and women in U.S. television commercials: A recent content analysis and trends over 15 years.

AU: Bretl,-Daniel-J.; Cantor,-Joanne
IN: U Wisconsin, Madison, US
JN: Sex-Roles; 1988 May Vol 18(9-10) 595-609
LA: English PY: 1988

TI: An analysis of televised presentations of disability.

AU: Warzak,-William-J.; Majors,-Christine-T.; Hansell,-Andrea-G.; Allan,-Tracey-M.
IN: U Nebraska Medical Ctr/Meyer Children's Rehabilitation Inst, Dept of Pediatrics, Omaha, US
JN: Rehabilitation-Psychology; 1988 Sum Vol
33(2) 105-112
LA: English PY: 1988

TI: Sex stereotyping of occupations in relation to television representations and census facts.

AU: McCauley,-Clark; Thangavelu,-Krishna; Rozin,-Paul
IN: Bryn Mawr Coll, PA, US
JN: Basic-and-Applied-Social-Psychology; 1988 Sep Vol 9(3) 197-212
LA: English PY: 1988

TI: Prime-time television portrayals of older adults in the context of family life.

AU: Dail,-Paula-W.
IN: Virginia Polytechnic Inst & State U, Blacksburg, US
JN: Gerontologist; 1988 Oct Vol 28(5) 700-706
LA: English PY: 1988

TI: In the eye of the beholder: Viewer perceptions of TV's male/female working partners.

AU: Reep,-Diana-C.; Dambrot,-Faye-H.
IN: U Akron, OH, US
JN: Communication-Research; 1988 Feb Vol
15(1) 51-69
LA: English PY: 1988

TI: Archetypal images in contemporary television: The mythology of Doctor Who.

AU: Stannard,-Katherine
IN: Framingham State Coll, MA, US
JN: Humanistic-Psychologist; 1988 Fal Vol
16(2) 361-367
LA: English PY: 1988

TI: The impact of television's role models on physically abused children.

AU: Donohue,-Thomas-R.; Henke,-Lucy-L.; Morgan,-Leigh-A.

IN: Boston U, MA, US

JN: Child-Study-Journal; 1988 Vol 18(3) 233-247

LA: English PY: 1988

TI: Television sex roles in the 1980s: Do viewers' sex and sex role orientation change the picture?

AU: Dambrot,-Faye-H.; Reep,-Diana-C.; Bell,-Daniel

IN: U Akron, OH, US

JN: Sex-Roles; 1988 Sep Vol 19(5-6) 387-401

LA: English PY: 1988

TI: Rape as entertainment.

AU: Wilson,-Wayne

IN: Stephen F. Austin State U, Nacogdoches, TX, US

JN: Psychological-Reports; 1988 Oct Vol 63(2) 607-610

LA: English PY: 1988

TI: Youth and alcohol in television stories, with suggestions to the industry for alternative portrayals.

AU: de-Foe,-James-R.; Breed,-Warren

JN: Adolescence; 1988 Fal Vol 23(91) 533-550

LA: English PY: 1988

TI: Image of women in television advertising.

AU: Ferrante,-Carol-L.; Haynes,-Andrew-M.; Kingsley,-Sarah-M.

IN: Widener U, PA, US

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1988 Spr Vol 32(2) 231-237

LA: English PY: 1988

TI: Soap opera portrayals of sex, contraception, and sexually transmitted diseases.

AU: Lowry,-Dennis-T.; Towles,-David-E.

IN: U Southwestern Louisiana, US

JN: Journal-of-Communication; 1989 Spr Vol 39(2) 76-83

LA: English PY: 1989

TI: Gender stereotypes in Italian television advertisements.

AU: Furnham,-Adrian; Voli,-Virginia

IN: U London, University Coll, England

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1989 Spr Vol 33(2) 175-185

LA: English PY: 1989

TI: Hispanics and Blacks in television commercials.

AU: Wilkes,-Robert-E.; Valencia,-Humberto

IN: Texas Tech U, Coll of Business Administration, Lubbock, US

JN: Journal-of-Advertising; 1989 Vol 18(1) 19-25

LA: English PY: 1989

TI: Nontraditional gender role portrayals on television and children's gender role perceptions.

AU: Rosenwasser,-Shirley-M.; Lingenfelter,-Michael; Harrington,-Annette-F.

IN: Southwest Texas State U, San Marcos, US

JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1989 Jan-Mar Vol 10(1) 97-105

LA: English PY: 1989

NOTÍCIAS

TI: Perceived credibility of television news: A matter of viewer's attitudes and the position taken by the media.

AU: Zanna,-Mark-P.; del-Vecchio,-Steven-M.

IN: Princeton U.

JN: European-Journal-of-Social-Psychology; 1973 Vol. 3(2) 213-216

LA: English PY: 1973

TI: Patterns of recall among television news viewers.

AU: Neuman,-W.-Russell

IN: Yale U

JN: Public-Opinion-Quarterly; 1976 Spr Vol 40(1) 115-123

LA: English PY: 1976

TI: Nonverbal cues and television news.

AU: Tankard,-James-W.; et-al

IN: U Texas, Austin

JN: Journal-of-Communication; 1977 Fal Vol 27(4) 106-111

LA: English PY: 1977

TI: The effects of type of event, proximity and repetition on children's attention to and learning from television news.

AU: Cohen,-Akiba-A.; Wigand,-Rolf-T.; Harrison,-Randall-P.

JN: Communications; 1977 Vol 3(1) 30-46

LA: English PY: 1977

TI: Nonverbal communication on television news: The facial expressions of broadcasters during coverage of a presidential election campaign.

AU: Friedman,-Howard-S.; DiMatteo,-M.-Robin; Mertz,-Timothy-I.

IN: U California, Riverside

JN: Personality-and-Social-Psychology-Bulletin; 1980 Sep Vol 6(3) 427-435

LA: English PY: 1980

TI: News media and politicization: American youth 1969-1975.

AU: Jones,-Ruth-S.

IN: U Missouri, St Louis

JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1981 Spr Vol 1(1) 60-71

LA: English PY: 1981

TI: Research on television news.

AU: Berry,-Colin; Gunter,-Barrie; Clifford,-Brian

IN: North East London Polytechnic, England

JN: Bulletin-of-the-British-Psychological-Society; 1982 Aug Vol 35 301-304

LA: English PY: 1982

TI: How TV news meets people's needs.

AU: Henningham,-John-P.

IN: U Queensland, Brisbane, Australia

JN: Australian-and-New-Zealand-Journal-of-Sociology; 1982 Nov Vol 18(3) 417-427

LA: English PY: 1982

TI: The attention factor in recalling network television news.

AU: Stauffer,-John; Frost,-Richard; Rybolt,-William

IN: Babson Coll

JN: Journal-of-Communication; 1983 Win Vol 33(1) 29-37

LA: English PY: 1983

TI: Time of day effects on immediate memory for television news.

AU: Gunter,-Barrie; Jarrett,-Joanna; Furnham,-Adrian

IN: Independent Broadcasting Authority, London, England

JN: Human-Learning-Journal-of-Practical-Research-and-Applications; 1983 Oct-Dec Vol 2(4) 261-267

LA: English PY: 1983

TI: Personality, time of day and delayed memory for TV news.

AU: Gunter,-Barrie; Furnham,-Adrian; Jarrett,-Joanna

JN: Personality-and-Individual-Differences; 1984 Vol 5(1) 35-39

LA: English PY: 1984

TI: Spending time with the news media: The relationship between reliance and use.

AU: Faber,-Ronald-J.; Reese,-Stephen-D.; Steeves,-H.-Leslie

IN: U Texas, Austin

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Fal Vol 29(4) 445-450

LA: English PY: 1985

TI: Loneliness, parasocial interaction, and local television news viewing.

AU: Rubin,-Alan-M.; Perse,-Elizabeth-M.; Powell,-Robert-A.

IN: Kent State U

JN: Human-Communication-Research; 1985 Win Vol 12(2) 155-180

LA: English PY: 1985

TI: Television news, real-world cues, and changes in the public agenda.

AU: Behr,-Roy-L.; Iyengar,-Shanto

IN: Yale U

JN: Public-Opinion-Quarterly; 1985 Spr Vol 49(1) 38-57

LA: English PY: 1985

TI: Approaches to content analysis of television news programs.

AU: Graber,-Doris-A.

IN: U Illinois, Chicago

JN: Communications; 1985 Vol 11(2) 25-36

LA: English PY: 1985

TI: Television news information gain: Videotex versus a talking head.

AU: Edwardson,-Mickie; Kent,-Kurt; McConnell,-Maeve

IN: U Florida, Coll of Journalism & Communications

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Fal Vol 29(4) 367-378
LA: English PY: 1985

TI: Issues in research on television news: Content, cognition, and control.

AU: Bantz,-Charles-R.; Cohen,-Akiba-A.
IN: U Minnesota
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Fal Vol 29(4) 454-458
LA: English PY: 1985

TI: Effects of recap strategies on television news recall and retention.

AU: Bernard,-Robert-M.; Coldevin,-Gary-O.
IN: Concordia U, Graduate Program in Educational Technology, Montreal, Canada
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Fal Vol 29(4) 407-419
LA: English PY: 1985

TI: Visual form complexity and TV news.

AU: Rimmer,-Tony
IN: Indiana U, Bloomington
JN: Communication-Research; 1986 Apr Vol 13(2) 221-238
LA: English PY: 1986

TI: Beyond information: TV news as a cultural discourse.

AU: Dahlgren,-Peter
JN: Communications; 1986 Vol 12(2) 125-136
LA: English PY: 1986

TI: Measurement and effects of attention to media news.

AU: Chaffee,-Steven-H.; Schleuder,-Joan
IN: Stanford U
JN: Human-Communication-Research; 1986 Fal Vol 13(1) 76-107
LA: English PY: 1986

TI: Consonance in local television news.

AU: Atwater,-Tony
IN: Michigan State U
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Fal Vol 30(4) 467-472
LA: English PY: 1986

TI: Effects of visual-verbal redundancy and recaps on television news learning.

AU: Son,-Jinok; Reese,-Stephen-D.; Davie,-William-R.
IN: U Texas, Austin, US

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1987 Spr Vol 31(2) 207-216
LA: English PY: 1987

TI: Believability of newscasters to Black television viewers.

AU: Johnson,-Elizabeth
IN: California State Polytechnic U, Pomona
JN: Western-Journal-of-Black-Studies; 1987 Sum Vol 11(2) 64-68
LA: English PY: 1987

TI: Audio-visual redundancy and TV news recall.

AU: Drew,-Dan-G.; Grimes,-Thomas
IN: Indiana U, School of Journalism, US
JN: Communication-Research; 1987 Aug Vol 14(4) 452-461
LA: English PY: 1987

TI: Disentangling antecedents of audience exposure levels: Extending expectancy-value analyses of gratifications sought from television news.

AU: Babrow,-Austin-S.; Swanson,-David-L.
IN: Purdue U, IN, US
JN: Communication-Monographs; 1988 Mar Vol 55(1) 1-21
LA: English PY: 1988

TI: Influence of presentation features and news content on learning from television news.

AU: Brosius,-Hans-Bernd
IN: Johannes Gutenberg-U Mainz, Inst fur Publizistik, Fed Rep Germany
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1989 Win Vol 33(1) 1-14
LA: English PY: 1989

TI: Temporal instability as a moderating factor on advertising effectiveness.

AU: Hornik,-Jacob
IN: Tel-Aviv U, Leon Recanati Graduate School of Business Administration, Ramat-Aviv, Israel
JN: Journal-of-Business-Research; 1989 Mar Vol 18(2) 89-106
LA: English PY: 1989

TI: The information processing of coordinated media campaigns.

AU: Edell,-Julie-A.; Keller,-Kevin-L.
IN: Duke U, Fuqua School of Business, NC, US

JN: Journal-of-Marketing-Research; 1989
May Vol 26(2) 149-163
LA: English PY: 1989

TI: Geographic and source biases in network television news 1982-1984.

AU: Whitney,-D.-Charles; Fritzier,-Marilyn;
Jones,-Steven; Mazzarella,-Sharon; et-al
IN: U Illinois, Inst of Communications
Research, Urbana-Champaign, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-
Media; 1989 Spr Vol 33(2) 159-174
LA: English PY: 1989

TI: Network evening news coverage of environmental risk.

AU: Greenberg,-Michael-R.; Sachsman,-
David-B.; Sandman,-Peter-M.; Salomone,-
Kandice-L.
IN: Rutgers U, Graduate Program in Public
Health, New Brunswick, NJ, US
JN: Risk-Analysis; 1989 Mar Vol 9(1) 119-
126
LA: English PY: 1989

NOVAS PERSPECTIVAS TECNOLÓGICAS

TI: Cable television and psychology: Bringing peace to the planet.

AU: Turkat,-David
JN: Clinical-Psychologist; 1983 Win Vol 36(2)
40-43
LA: English PY: 1983

TI: The educational potential of cable television networks in the UK.

AU: Boyd-Barrett,-J.-O.
IN: Open U, Faculty of Education, Milton
Keynes, England
JN: Educational-Studies; 1983 Vol 9(3) 221-
232
LA: English PY: 1983

TI: Public reactions to cable television: Time in the diffusion process.

AU: Sparkes,-Vernone-M.; Kang,-NamJun
IN: Syracuse U
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-
Media; 1986 Spr Vol 30(2) 213-229
LA: English PY: 1986

TI: Image size in interactive television and evaluation of the interaction.

AU: Velthuijsen,-Aart; Hooijkaas,-Christa;
Koomen,-Willem
IN: U Amsterdam, Psychology Lab,
Netherlands
JN: Social-Behaviour; 1987 Jun Vol 2(2) 113-
118
LA: English PY: 1987

TI: Self-monitoring and attitude-behavior correspondence in cable television subscription.

AU: Kline,-Susan-L.
IN: U Washington, Seattle, US
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1987 Dec
Vol 127(6) 605-609
LA: English PY: 1987

TI: Children's uses and gratifications of home VCRs: Evolution or revolution.

AU: Cohen,-Akiba-A.; Levy,-Mark-R.;
Golden,-Karen
IN: Hebrew U of Jerusalem, Smart Family
Foundation Communications Inst, Israel
JN: Communication-Research; 1988 Dec Vol
15(6) 772-780
LA: English PY: 1988

TI: Impact of the VCR on control of television viewing.

AU: Kim,-Won-Yong; Baran,-Stanley-J.;
Massey,-Kimberly-K.
IN: U Texas, Austin, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-
Media; 1988 Sum Vol 32(3) 351-358
LA: English PY: 1988

TI: Parental mediation and rulemaking for adolescent use of television and VCRs.

AU: Lin,-Carolyn-A.; Atkin,-David-J.
IN: Southern Illinois U, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-
Media; 1989 Win Vol 33(1) 53-67
LA: English PY: 1989

TI: Functional displacement of traditional TV viewing by VCR owners.

AU: Henke,-Lucy-L.; Donohue,-Thomas-R.
IN: U Lowell Coll of Management, MA, US
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1989
Apr-May Vol 29(2) 18-23
LA: English PY: 1989

TI: The technology of media consumption.

AU: Peterson,-Eric-E.
IN: U Maine, US
JN: American-Behavioral-Scientist; 1988
Nov-Dec Vol 32(2) 156-168
LA: English PY: 1988

MEIOS COMPARADOS

TI: The influence of radio and television on youth.

AU: Fuertes-Garcia,-Mariano-S.
JN: Revista-del-Instituto-de-la-Juventud;
1975 Feb No 57 71-82
LA: Spanish PY: 1975

TI: Differential media effects in the observation of a political discussion: Acoustic vs audiovisual conditions.

AU: Wagner,-Wolfgang; Brandstatter,-Hermann
IN: Johannes Kepler U Linz, Austria
JN: Zeitschrift-fur-Sozialpsychologie; 1980
Vol 11(1) 69-78
LA: German PY: 1980

TI: The effect of television and radio on children's creativity.

AU: Runco,-Mark-A.; Pezdek,-Kathy
IN: U Hawaii, Hilo
JN: Human-Communication-Research; 1984
Fal Vol 11(1) 109-120
LA: English PY: 1984

TI: Predispositions about learning from print and television.

AU: Salomon,-Gavriel; Leigh,-Tamar
IN: Tel-Aviv U, Ramat-Aviv, Israel
JN: Journal-of-Communication; 1984 Spr Vol
34(2) 119-135
LA: English PY: 1984

TI: Children's memory for auditory and visual information on television.

AU: Pezdek,-Kathy; Stevens,-Ellen
IN: Claremont Graduate School
JN: Developmental-Psychology; 1984 Mar
Vol 20(2) 212-218
LA: English PY: 1984

TI: Print and television: Children's use of the medium is the message.

AU: Shannon,-Patrick; Fernie,-David-E.
IN: Purdue U, West Lafayette
JN: Elementary-School-Journal; 1985 May
Vol 85(5) 663-672
LA: English PY: 1985

TI: Media differences in children's story synopses: Radio and television contrasted.

AU: Hayes,-Donald-S.; Kelly,-Suzanne-B.;
Mandel,-Marcia
IN: U Maine, Orono
JN: Journal-of-Educational-Psychology; 1986
Oct Vol 78(5) 341-346
LA: English PY: 1986

TI: Is the medium the message? An experimental comparison of the effects of radio and television on imagination.

AU: Greenfield,-Patricia; Farrar,-Doratheia;
Beagles-Ross,-Jessica
IN: U California, Los Angeles
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology;
1986 Jul-Sep Vol 7(3) 201-218
LA: English PY: 1986

TI: Impact of education, age, newspapers, and television on environmental knowledge, concerns, and behaviors.

AU: Ostman,-Ronald-E.; Parker,-Jill-L.
IN: Cornell U, New York State Coll of
Agriculture & Life Sciences, Ithaca, US
JN: Journal-of-Environmental-Education;
1987 Fal Vol 19(1) 3-9
LA: English PY: 1987

TI: Television, reading, and reading achievement: A reappraisal.

AU: Ritchie,-David; Price,-Vincent; Roberts,-
Donald-F.
IN: U Wisconsin, US
JN: Communication-Research; 1987 Jun Vol
14(3) 292-315
LA: English PY: 1987

TI: Memory for material presented in the media: The superiority of written communication.

AU: Furnham,-Adrian; Proctor,-Eddie;
Gunter,-Barrie
IN: U London, University Coll, England
JN: Psychological-Reports; 1988 Dec Vol
63(3) 935-938
LA: English PY: 1988

AB: 63 undergraduates (aged 18-40 yrs) were shown a TV holiday program in its original audiovisual form (narrative plus film), in auditory only (narrative soundtrack minus film), or print (written transcript of soundtrack). Immediately after presentation, recall was best from the print form. (PsycLIT Database Copyright 1989 American Psychological Assn, all rights reserved)
DE: RECALL-LEARNING; TELEVISION-; WRITTEN-COMMUNICATION; AUDITORY-STIMULATION; ADULTHOOD-
AN: 76-29001

TI: The displacement effect: Assessing the relation between television viewing and reading performance.

AU: Neuman,-Susan-B.
IN: U Lowell, Coll of Education, MA, US
JN: Reading-Research-Quarterly; 1988 Fal Vol 23(4) 414-440
LA: English PY: 1988

PRÓ-SOCIAIS / APLICAÇÕES

TI: Aggressive and prosocial television programs and the natural behavior of preschool children.

AU: Friedrich,-Lynette-K.; Stein,-Aletha-H.
IN: Pennsylvania State U
JN: Monographs-of-the-Society-for-Research-in-Child-Development; 1973 Vol 38(4, Serial No 151) 63
LA: English PY: 1973

TI: Effects of a prosocial televised example on children's helping.

AU: Sprafkin,-Joyce-N.; Liebert,-Robert-M.; Poulos,-Rita-W.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: Journal-of-Experimental-Child-Psychology; 1975 Aug Vol 20(1) 119-126
LA: English PY: 1975

TI: Prosocial television and young children: The effects of verbal labeling and role playing on learning and behavior.

AU: Friedrich,-Lynette-K.; Stein,-Aletha-H.
IN: Pennsylvania State U
JN: Child-Development; 1975 Mar Vol 46(1) 27-38
LA: English PY: 1975

TI: Positive social learning.

AU: Poulos,-Rita-W.; Rubinstein,-Eli-A.; Liebert,-Robert-M.
IN: State University Coll New York, Old Westbury
JN: Journal-of-Communication; 1975 Fal Vol 25(4) 90-97
LA: English PY: 1975

TI: Changing nurse attitudes toward quadriplegics through use of television.

AU: Sadlick,-Marie; Penta,-Frank-B.
IN: U Illinois Coll of Nursing
JN: Rehabilitation-Literature; 1975 Sep Vol 36(9) 274-278
LA: English PY: 1975

TI: Children's social responses following modeled reactions to provocation: Prosocial effects of a television drama.

AU: Collins,-W.-Andrew; Getz,-Suzanne-K.
IN: U Minnesota Inst of Child Development
JN: Journal-of-Personality; 1976 Sep Vol 44(3) 488-500
LA: English PY: 1976

TI: Visual literacy: Teaching non-verbal communication through television.

AU: Kundu,-Mahima-R.
IN: City U New York, York Coll
JN: Educational-Technology; 1976 Aug Vol 16(8) 31-33
LA: English PY: 1976

TI: The role of social and behavioral science in policymaking for television.

AU: Comstock,-George
IN: Rand Corp, Santa Monica, CA
JN: Journal-of-Social-Issues; 1976 Fal Vol 32(4) 157-178
LA: English PY: 1976

TI: Public television and public health: The case of alcoholism.

AU: Dickman,-Frances-B.; Keil,-Thomas-J.
IN: U California, Irvine
JN: Journal-of-Studies-on-Alcohol; 1977 Mar Vol 38(3) 584-592
LA: English PY: 1977

TI: The effects of television on the prosocial behavior of young children.

AU: Moore,-Shirley-G.
IN: U Minnesota, Inst of Child Development, Minneapolis

JN: Young-Children; 1977 Jul Vol 32(5) 60-64

LA: English PY: 1977

TI: Use media to motivate reading.

AU: Barber-Smith,-David; Reilly,-Susan
IN: Wordsworth Academy, Ft Washington, PA

JN: Audiovisual-Instruction; 1977 Dec Vol 22(10) 33-34

LA: English PY: 1977

TI: Children's ability to learn problem-solving strategies from television.

AU: Hodapp,-T.-V.

IN: ACCESS Alberta, Edmonton, Canada

JN: Alberta-Journal-of-Educational-Research; 1977 Sep Vol 23(3) 171-177

LA: English PY: 1977

TI: Can television influence smoking? Further evidence.

AU: Eiser,-J.-Richard; Sutton,-Stephen-R.; Wober,-Mallory

IN: U London Inst of Psychiatry, Addiction Research Unit, England

JN: British-Journal-of-Addiction; 1978 Sep Vol 73(3) 291-298

LA: English PY: 1978

TI: Facilitation of adult creativity through television programs.

AU: Roberts,-Michael-C.; Ia-Greca,-Annette; Raymond,-Beth-A.

IN: Purdue U

JN: Psychology; 1978 Feb Vol 15(1) 3-7

LA: English PY: 1978

TI: Environmental enhancement of prosocial television content: Effects on interpersonal behavior, imaginative play, and self-regulation in a natural setting.

AU: Friedrich-Cofer,-Lynette-K.; et-al

IN: U Houston

JN: Developmental-Psychology; 1979 Nov Vol 15(6) 637-646

LA: English PY: 1979

TI: Short-term effects of prosocial television viewing on play of preschool boys and girls.

AU: Bankart,-C.-Peter; Anderson,-Clark-C.

IN: Wabash Coll

JN: Psychological-Reports; 1979 Jun Vol 44(3, Pt 1) 935-941

LA: English PY: 1979

TI: Helping emotionally disturbed children through prosocial television.

AU: Elias,-Maurice-J.

IN: Rutgers U, New Brunswick

JN: Exceptional-Children; 1979 Nov Vol 46(3) 217-218

LA: English PY: 1979

TI: An interactive television laboratory for the study of social interaction.

AU: Wellens,-A.-Rodney

IN: U Miami, FL

JN: Journal-of-Nonverbal-Behavior; 1979 Win Vol 4(2) 119-122

LA: English PY: 1979

TI: (The role of television in solving social problems: The need to provide education through television.)

AU: Covarrubias,-Ana-C.

IN: Inst Mexicano de Estudios de la Comunicacion, Mexico City

JN: Revista-Latinoamericana-de-Psicologia; 1980 Vol 12(1) 145-157

LA: Spanish PY: 1980

TI: Immunizing children against possible antisocial effects of viewing television violence: A curricular intervention.

AU: Doolittle,-John-C.

IN: American U, School of Communication

JN: Perceptual-and-Motor-Skills; 1980 Oct Vol 51(2) 498

LA: English PY: 1980

TI: Aggression on prosocial television programs.

AU: Liss,-Marsha-B.; Reinhardt,-Lauri-C.

IN: California State Coll, San Bernardino

JN: Psychological-Reports; 1980 Jun Vol 46(3, Pt 2) 1065-1066

LA: English PY: 1980

TI: Effects of aggressive and prosocial film material on altruistic behavior of children.

AU: Teachman,-Goody; Orme,-Michael

IN: Ontario Inst for Studies in Education, Toronto, Canada

JN: Psychological-Reports; 1981 Jun Vol 48(3) 699-702

LA: English PY: 1981

TI: Recent progress in the study of the effects of television viewing on social development.

AU: Collins,-W.-Andrew; Korac,-N.
IN: U Minnesota, Inst of Child Development, Minneapolis
JN: International-Journal-of-Behavioral-Development; 1982 Jun Vol 5(2) 171-193
LA: English PY: 1982

TI: "Get High on Yourself": The effectiveness of a television campaign on self-esteem, drug use, and drug attitudes.

AU: Domino,-George
IN: U Arizona, Tucson
JN: Journal-of-Drug-Education; 1982 Vol 12(2) 163-171
LA: English PY: 1982

TI: The health promoting function of mass media and reference groups: Motivating or reinforcing of behavior change.

AU: Ben-Sira,-Zeev
IN: Hebrew U of Jerusalem School of Social Work, Israel
JN: Social-Science-and-Medicine; 1982 Vol 16(7) 825-834
LA: English PY: 1982

TI: Los orígenes de la conducta altruista en niños: Aspectos educativos y televisión en familia. (The origins of altruistic behavior in children: Educational aspects and television in the family.)

AU: Roche,-Roberto
IN: U Autonoma de Barcelona, Spain
JN: Infancia-y-Aprendizaje; 1982 Vol 19-20(3-4) 101-114
LA: Spanish PY: 1982

TI: Using television to improve the social behavior of institutionalized children.

AU: Sprafkin,-Joyce; Rubinstein,-Eli-A.
IN: State U New York, Long Island Research Inst, Stony Brook
JN: Prevention-in-Human-Services; 1982 Fal-Win Vol 2(1-2) 107-114
LA: English PY: 1982

TI: Using television to reach older people with prevention messages: The Over Easy experiment.

AU: Keegan,-Carol-A.

IN: Corp for Public Broadcasting, Office of Communication Research, Washington, DC
JN: Prevention-in-Human-Services; 1982 Fal-Win Vol 2(1-2) 83-91
LA: English PY: 1982

TI: Improving coping skills of emotionally disturbed boys through television-based social problem solving.

AU: Elias,-Maurice-J.
IN: Rutgers U, New Brunswick
JN: American-Journal-of-Orthopsychiatry; 1983 Jan Vol 53(1) 61-72
LA: English PY: 1983

TI: Television literacy: Amplifying the cognitive level effects of television's prosocial fare through curriculum intervention.

AU: Abelman,-Robert; Courtright,-John-A.
IN: Cleveland State U
JN: Journal-of-Research-and-Development-in-Education; 1983 Fal Vol 17(1) 46-57
LA: English PY: 1983

TI: Health, prevention and television: Images of the elderly and perceptions of social reality.

AU: Signorielli,-Nancy
IN: U Pennsylvania, Annenberg School of Communications, Philadelphia
JN: Prevention-in-Human-Services; 1983 Fal Vol 3(1) 97-117
LA: English PY: 1983

TI: A matter of form: Potentials of television for young viewers.

AU: Wright,-John-C.; Huston,-Aletha-C.
IN: U Kansas, Ctr for Research on the Influences of Television on Children, Lawrence
JN: American-Psychologist; 1983 Jul Vol 38(7) 835-843
LA: English PY: 1983

TI: Smoking and television: Review of extant literature.

AU: Danaher,-Brian-G.; Berkanovic,-Emil; Gerber,-Barry
IN: Danaher & Assoc, Pasadena, CA
JN: Addictive-Behaviors; 1983 Vol 8(2) 173-182
LA: English PY: 1983

TI: Historical trends in the use of television in health education.

AU: Kill,-Bette; King,-Linda-S.
IN: U New Mexico, Health Education Program, Albuquerque
JN: Journal-of-School-Health; 1983 May Vol 53(5) 312-315
LA: English PY: 1983

TI: Attitude change toward disability through television: Portrayal with male college students.

AU: Elliott,-Timothy-R.; Byrd,-E.-Keith
JN: International-Journal-of-Rehabilitation-Research; 1984 Vol 7(3) 320-322
LA: English PY: 1984

TI: Mass media based health behavior change: Televised smoking cessation program.

AU: Danaher,-Brian-G.; Berkanovic,-Emil; Gerber,-Barry
IN: Danaher & Assoc, Pasadena, CA
JN: Addictive-Behaviors; 1984 Vol 9(3) 245-253
LA: English PY: 1984

TI: Reducing energy consumption: The long-term effects of a single TV program.

AU: Winett,-Richard-A.; Leckliter,-Ingrid-N.; Chinn,-Donna-E.; Stahl,-Brian
IN: Virginia Polytechnic Inst & State U
JN: Journal-of-Communication; 1984 Sum Vol 34(3) 37-51
LA: English PY: 1984

TI: How pronutrition television programming affects children's dietary habits.

AU: Peterson,-Polly-E.; Jeffrey,-D.-Balfour; Bridgwater,-Carol-A.; Dawson,-Brenda
IN: U Montana
JN: Developmental-Psychology; 1984 Jan Vol 20(1) 55-63
LA: English PY: 1984

TI: Television as a facilitator of good behaviour amongst children.

AU: Gunter,-Barrie
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Journal-of-Moral-Education; 1984 Oct Vol 13(3) 152-159
LA: English PY: 1984

TI: Effects of television modeling on residential energy conservation.

AU: Winett,-Richard-A.; et-al
IN: Virginia Polytechnic Inst & State U
JN: Journal-of-Applied-Behavior-Analysis; 1985 Spr Vol 18(1) 33-44
LA: English PY: 1985

TI: Television as an educational and outreach medium for older adults.

AU: Glass,-J.-Conrad; Smith,-Judy-L.
IN: North Carolina State U
JN: Educational-Gerontology; 1985 Vol 11(4-6) 247-260
LA: English PY: 1985

TI: Styles of parental disciplinary practices as a mediator of children's learning from prosocial television portrayals.

AU: Abelman,-Robert
IN: Cleveland State U
JN: Child-Study-Journal; 1985 Vol 15(2) 131-146
LA: English PY: 1985

TI: Sex education on television: An early history of some firsts. Special Issue: Sex education: Past, present, future.

AU: Diamond,-Milton
IN: U Hawaii, John A. Burns School of Medicine, Honolulu
JN: Journal-of-Sex-Education-and-Therapy; 1985 Fal-Win Vol 11(2) 30-34
LA: English PY: 1985

TI: Community access television: A social service resource.

AU: Katz,-David
IN: Washington U, George Warren Brown School of Social Work Learning Resources Video Ctr, MO
JN: Social-Work; 1985 May-Jun Vol 30(3) 267-271
LA: English PY: 1985

TI: Preschoolers' viewing of instructional television.

AU: Henderson,-Ronald-W.; Rankin,-Richard-J.
IN: U California, Committee on Education, Santa Cruz
JN: Journal-of-Educational-Psychology; 1986 Feb Vol 78(1) 44-51
LA: English PY: 1986

TI: Pediatric television: The state of the art.

AU: Guttentag,-Deborah-N.
IN: U Winnipeg, Canada
JN: Children's-Health-Care; 1986 Fal Vol 15(2) 82-90
LA: English PY: 1986

TI: Television for hospitalized children: The issue of control.

AU: Crocker,-Elizabeth
JN: Children's-Health-Care; 1986 Fal Vol 15(2) 76-78
LA: English PY: 1986

TI: Using closed captioned television to enhance reading skills of learning disabled students.

AU: Koskinen,-Patricia-S.; Wilson,-Robert-M.; Gambrell,-Linda-B.; Jensema,-Carl-J.
IN: U Maryland, US
JN: National-Reading-Conference-Yearbook; 1986 Vol 35 61-65
LA: English PY: 1986

TI: Adolescent-oriented television programs as a counseling tool.

AU: Higgins,-Mary-A.
IN: Ohio State U, Agricultural Technical Inst, Wooster
JN: School-Counselor; 1986 Nov Vol 34(2) 110-115
LA: English PY: 1986

TI: The television, school and family smoking prevention/cessation project: II. Formative evaluation of television segments by teenagers and parents: Implications for parental involvement in drug education.

AU: Sussman,-Steve; Brannon,-Bonnie-R.; Flay,-Brian-R.; Gleason,-Laura; et-al
IN: U Southern California, Health Behavior Research Inst, Pasadena, US
JN: Health-Education-Research; 1986 Sep Vol 1(3) 185-194
LA: English PY: 1986

TI: The effect of prosocial cartoons on preschool children.

AU: Forge,-Karen-L.; Phemister,-Sherri
IN: San Diego State U, CA, US
JN: Child-Study-Journal; 1987 Vol 17(2) 83-88
LA: English PY: 1987

TI: Evaluating a television campaign to promote petrol conservation.

AU: Syme,-Geoff-J.; Seligman,-Clive; Kantola,-Steven-J.; MacPherson,-Duncan-K.
IN: CSIRO Div of Water Resources Research, Perth, Australia
JN: Environment-and-Behavior; 1987 Jul Vol 19(4) 444-461
LA: English PY: 1987

TI: Perceived risk of disease from alcohol, asbestos and AIDS: Links with television viewing?

AU: Wober,-Mallory
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Health-Education-Research; 1987 Sep Vol 2(3) 175-184
LA: English PY: 1987

TI: Viewing and evaluation of a televised drug education program by students previously or concurrently exposed to school-based substance abuse prevention programming. Special Issue: Drugs.

AU: Sussman,-Steve; Flay,-Brian-R.; Sobel,-Judith-L.; Rauch,-Jill-M.; et-al
IN: U Southern California, Inst for Health Promotion & Disease Prevention Research, US
JN: Health-Education-Research; 1987 Dec Vol 2(4) 373-383
LA: English PY: 1987

TI: TV literacy: II. Amplifying the affective level effects of television's prosocial fare through curriculum intervention.

AU: Abelman,-Robert
IN: Cleveland State U, OH, US
JN: Journal-of-Research-and-Development-in-Education; 1987 Win Vol 20(2) 40-49
LA: English PY: 1987

TI: Television, teenagers, and health.

AU: Tucker,-Larry-A.
IN: Auburn U, Div of Community Health, AL, US
JN: Journal-of-Youth-and-Adolescence; 1987 Oct Vol 16(5) 415-425
LA: English PY: 1987

TI: The potential of video in the promotion of social competence in children and adolescents. Special Issue: Television and the popular media in the world of the early adolescent.

AU: Harwood,-Robin-L.; Weissberg,-Roger-P.
IN: Yale U, New Haven, CT, US
JN: Journal-of-Early-Adolescence; 1987 Fal Vol 7(3) 345-363
LA: English PY: 1987

TI: Experimental evaluation of the BBC TV series "So You Want To Stop Smoking?"

AU: Sutton,-Stephen-R.; Hallett,-Robert
IN: U London Inst of Psychiatry, Addiction Research Unit, England
JN: Addictive-Behaviors; 1987 Vol 12(4) 363-366
LA: English PY: 1987

TI: Using social science to improve children's television: An NBC case study.

AU: Stipp,-Horst; Hill-Scott,-Karen; Dorr,-Aimee
IN: National Broadcasting Co, New York, NY, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1987 Fal Vol 31(4) 461-473
LA: English PY: 1987

TI: Evolution of children's television regulatory policy.

AU: Kunkel,-Dale; Watkins,-Bruce
IN: U California, Santa Barbara, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1987 Fal Vol 31(4) 367-389
LA: English PY: 1987

TI: Implementation effectiveness trial of a social influences smoking prevention program using schools and television. Special Issue: Drugs.

AU: Flay,-Brian-R.; Hansen,-William-B.; Johnson,-C.-Anderson; Collins,Linda-M.; et-al
IN: U Illinois School of Public Health, Prevention Research Ctr, Chicago, US
JN: Health-Education-Research; 1987 Dec Vol 2(4) 385-400
LA: English PY: 1987

TI: The effects of video game play on young children's aggression, fantasy, and prosocial behavior.

AU: Silvern,-Steven-B.; Williamson,-Peter-A.
IN: Auburn U, Coll of Education, AL, US

JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1987 Oct-Dec Vol 8(4) 453-462
LA: English PY: 1987

TI: Prosocial television for community problems: Framework, effective methods, and regulatory barriers.

AU: Winett,-Richard-A.
IN: Virginia Polytechnic Inst & State U, Blacksburg, US
JN: Prevention-in-Human-Services; 1987 Spr-Sum Vol 5(2) 117-160
LA: English PY: 1987

TI: Self-esteem, earned grades, and television viewing habits of students.

AU: Wiggins,-James-D.
IN: Gwinnett County Public Schools, Lawrenceville, GA, US
JN: School-Counselor; 1987 Nov Vol 35(2) 128-133
LA: English PY: 1987

TI: Effects of a televised smoking cessation intervention among low-income and minority smokers.

AU: Jason,-Leonard-A.; Tait,-Elizabeth; Goodman,-Daniel; Buckenberger,-Lori; et-al
IN: De Paul U, Chicago, IL, US
JN: American-Journal-of-Community-Psychology; 1988 Dec Vol 16(6) 863-876
LA: English PY: 1988

TI: Television as a patient education tool: A review of its effectiveness.

AU: Nielsen,-Eleanor; Sheppard,-Margaret-A.
IN: Granada Hosp Services Div, Mississauga, ON, Canada
JN: Patient-Education-and-Counseling; 1988 Feb Vol 11(1) 3-16
LA: English PY: 1988

TI: Television's role in communications on AIDS. Special Issue: AIDS.

AU: Palmer,-Edward-L.
IN: Media Development & Application, Philadelphia, PA, US
JN: Health-Education-Research; 1988 Apr Vol 3(1) 117-119
LA: English PY: 1988

TI: Mood-management during pregnancy through selective exposure to television.

AU: Helregel,-Brenda-K.; Weaver,-James-B.
IN: U Kentucky, Lexington, US

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1989 Win Vol 33(1) 15-33
LA: English PY: 1989

TI: A media-based campaign to encourage personal communication among adolescents about not smoking cigarettes: Participation, selection and consequences. Special Issue: Smoking.

AU: Bauman,-Karl-E.; Padgett,-Connie-A.; Koch,-Gary-G.
IN: U North Carolina School of Public Health, Chapel Hill, US
JN: Health-Education-Research; 1989 Mar Vol 4(1) 35-44
LA: English PY: 1989

PUBLICIDADE

TI: Children's reactions to television advertising: An experimental approach.

AU: Goldberg,-Marvin-E.; Gorn,-Gerald-J.
IN: McGill U, Montreal, Quebec, Canada
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1974 Sep Vol 1(2) 69-75
LA: English
PY: 1974

TI: Effect of commercials on Black children.

AU: Donohue,-Thomas-R.
IN: U Hartford
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1975 Dec Vol 15(6) 41-47
LA: English PY: 1975

TI: An investigation of television programming and advertising for young children.

AU: Blackwell,-Jacqueline; Yawkey,-Thomas-D.
IN: U Maryland
JN: Journal-of-Instructional-Psychology; 1975 Win Vol 2(1) 28-32
LA: English PY: 1975

TI: The impact of television advertising on children from low income families.

AU: Gorn,-Gerald-J.; Goldberg,-Marvin-E.
IN: McGill U, Montreal, Canada
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1977 Sep Vol 4(2) 86-88
LA: English PY: 1977

TI: Children's responsiveness to commercials.

AU: Robertson,-Thomas-S.; Rossiter,-John-R.
IN: U Pennsylvania, Wharton School, Ctr for Research on Media & Children
JN: Journal-of-Communication; 1977 Win Vol 27(1) 101-106
LA: English PY: 1977

TI: Parental concern about child-directed commercials.

AU: Feldman,-Shel; Wolf,-Abraham; Warmouth,-Doris
IN: City U New York, Brooklyn Coll
JN: Journal-of-Communication; 1977 Win Vol 27(1) 125-137
LA: English PY: 1977

TI: Against the effect of advertising.

AU: Friedlander,-Bernard-Z.
IN: U Hartford
JN: Fernsehen-und-Bildung; 1977 Vol 11(3) 186-191
LA: German PY: 1977

TI: Effects of television commercial disclaimers on the product expectations of children.

AU: Liebert,-Diane-E.; Sprafkin,-Joyce-N.; Liebert,-Robert-M.; Rubinstein,-Eli-A.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: Journal-of-Communication; 1977 Win Vol 27(1) 118-124
LA: English
PY: 1977

TI: Black and White children: Perceptions of TV commercials.

AU: Donohue,-Thomas-R.; Meyer,-Timothy-P.; Henke,-Lucy-L.
IN: U Hartford
JN: Journal-of-Marketing; 1978 Oct Vol 42(4) 34-40
LA: English PY: 1978

TI: Children's viewing of television and recognition memory of commercials.

AU: Zuckerman,-Paul; Ziegler,-Mark; Stevenson,-Harold-W.
IN: U Michigan
JN: Child-Development; 1978 Mar Vol 49(1) 96-104

LA: English PY: 1978

TI: Application of selective attention theory to television advertising displays.

AU: Warshaw,-Paul-R.

IN: McGill U Faculty of Management, Montreal, Canada

JN: Journal-of-Applied-Psychology; 1978 Jun Vol 63(3) 366-372

LA: English PY: 1978

TI: Parental mediation of television advertising effects.

AU: Robertson,-Thomas-S.

IN: U Pennsylvania, Wharton School

JN: Journal-of-Communication; 1979 Win Vol 29(1) 12-25

LA: English PY: 1979

TI: Children and television advertising: Some research and some perspectives.

AU: Feshbach,-Norma-D.; Dillman,-Arline-S.; Jordan,-Tricia-S.

IN: U California Graduate School of Education, Los Angeles

JN: Journal-of-Clinical-Child-Psychology; 1979 Spr Vol 8(1) 26-30

LA: English PY: 1979

TI: Television and interpersonal influences on adolescent consumer learning.

AU: Churchill,-Gilbert-A.; Moschis,-George-P.

IN: U Wisconsin School of Business, Madison

JN: Journal-of-Consumer-Research; 1979 Jun Vol 6(1) 23-35

LA: English PY: 1979

TI: Family income effects on measurement of children's attitudes toward television commercials.

AU: Bearden,-William-O.; Teel,-Jesse-E.; Wright,-Robert-R.

IN: U South Carolina, Coll of Business Administration, Columbia

JN: Journal-of-Consumer-Research; 1979 Dec Vol 6(3) 308-311

LA: English PY: 1979

TI: Brain activity and recall of TV advertising.

AU: Appel,-Valentine; Weinstein,-Sidney; Weinstein,-Curt

JN: Journal-of-Advertising-Research; 1979 Aug Vol 19(4) 7-15

LA: English PY: 1979

TI: Sex roles in TV commercials.

AU: Scheibe,-Cyndy

JN: Journal-of-Advertising-Research; 1979 Feb Vol 19(1) 23-27

LA: English PY: 1979

TI: Does TV advertising affect children?

AU: Rossiter,-John-R.

IN: U Pennsylvania, Wharton School

JN: Journal-of-Advertising-Research; 1979 Feb Vol 19(1) 49-53

LA: English PY: 1979

TI: Children's disposition toward proprietary drugs and the role of television drug advertising.

AU: Rossiter,John-R.; Robertson,-Thomas-S.

IN: Columbia U

JN: Public-Opinion-Quarterly; 1980 Fal Vol 44(3) 316-329

LA: English PY: 1980

TI: Socioeconomic background and children's cognitive abilities in relation to television advertisements.

AU: Giudicatti,-Victor; Stening,-Bruce-W.

IN: U Western Australia, Nedlands

JN: Journal-of-Psychology; 1980 Nov Vol 106(2) 153-155

LA: English PY: 1980

TI: Do kids know what TV commercials intend?

AU: Donohue,-Thomas-R.; Henke,-Lucy-L.; Donohue,-William-A.

IN: U Hartford

JN: Journal-of-Advertising-Research; 1980 Oct Vol 20(5) 51-57

LA: English PY: 1980

TI: Influence of television commercials on women's self-confidence and independent judgment.

AU: Jennings-Walstedt,-Joyce; Geis,-Florence-L.; Brown,-Virginia

IN: U Delaware, Newark

JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psychology; 1980 Feb Vol 38(2) 203-210

LA: English PY: 1980

TI: Television food commercials and pro-nutritional public service announcements as determinants of young children's snack choices.

AU: Galst,-Joann-P.
IN: Farleigh Dickinson U
JN: Child-Development; 1980 Sep Vol 51(3) 935-938
LA: English PY: 1980

TI: An empirical evaluation of a test measuring children's attitudes towards TV advertisements.

AU: Giudicatti,-Victor; Stening,-Bruce-W.
IN: U Western Australia, Nedlands
JN: Psychological-Reports; 1980 Jun Vol 46(3, Pt 2) 1222
LA: English PY: 1980

TI: Measuring children's comprehension of television commercials.

AU: Gunter,-Barrie
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Current-Psychological-Reviews; 1981 May-Aug Vol 1(2) 159-170
LA: English PY: 1981

TI: Nutritional misinformation of children: A developmental and experimental analysis of the effects of televised food commercials.

AU: Ross,-Rhonda-P.; Campbell,-Toni; Huston-Stein,-Aletha; Wright,-John-C.
IN: U Kansas, Ctr for Research on the Influences of Television on Children, Lawrence
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1981 Win Vol 1(4) 329-347
LA: English PY: 1981

TI: Viewer perceptions of prime-time television advertising.

AU: Aaker,-David-A.; Bruzzone,-Donald-E.
IN: U California, School of Business Administration, Berkeley
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1981 Oct Vol 21(5) 15-23
LA: English PY: 1981

TI: Age differences in children's responses to television advertising: An information-processing approach.

AU: Roedder,-Deborah-L.

IN: U California, Graduate School of Management, Los Angeles

JN: Journal-of-Consumer-Research; 1981 Sep Vol 8(2) 144-153

LA: English PY: 1981

TI: Sex-role stereotyping in British television advertisements.

AU: Manstead,-Anthony-S.; McCulloch,-Caroline

IN: Victoria U of Manchester, England

JN: British-Journal-of-Social-Psychology; 1981 Sep Vol 20(3) 171-180

LA: English PY: 1981

TI: Peers as mediators of television food advertisements aimed at children.

AU: Stoneman,-Zolinda; Brody,-Gene-H.

IN: U Georgia, Athens

JN: Developmental-Psychology; 1981 Nov Vol 17(6) 853-858

LA: English PY: 1981

TI: Enhancing children's discrimination in response to television advertising: The effects of psychoeducational training in two elementary school-age groups.

AU: Feshbach,-Seymour; Feshbach,-Norma-D.; Cohen,-Sarale-E.

IN: U California, Los Angeles

JN: Developmental-Review; 1982 Dec Vol 2(4) 385-403

LA: English PY: 1982

TI: Preschoolers' awareness of television advertising.

AU: Levin,-Stephen-R.; Petros,-Thomas-V.; Petrella,-Florence-W.

IN: Kent State U

JN: Child-Development; 1982 Aug Vol 53(4) 933-937

LA: English PY: 1982

TI: A longitudinal study of television advertising effects.

AU: Moschis,-George-P.; Moore,-Roy-L.

IN: Georgia State U, Coll of Business Administration, Atlanta

JN: Journal-of-Consumer-Research; 1982 Dec Vol 9(3) 279-286

LA: English PY: 1982

TI: Behavioral evidence of the effects of televised food messages on children.

AU: Gorn,-Gerald-J.; Goldberg,-Marvin-E.

IN: U British Columbia, Faculty of Commerce & Business Administration, Vancouver, Canada
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1982 Sep Vol 9(2) 200-205
LA: English PY: 1982

TI: The effects of television commercial repetition on cognitive response and message acceptance.

AU: Belch,-George-E.
IN: San Diego State U, Coll of Business Administration
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1982 Jun Vol 9(1) 56-65
LA: English PY: 1982

TI: Children and commercials: Issues, evidence, interventions.

AU: Roberts,-Donald-F.
IN: Stanford U, Inst for Communication Research
JN: Prevention-in-Human-Services; 1982 Fal-Win Vol 2(1-2) 19-35
LA: English PY: 1982

TI: Do children understand TV ads?

AU: Macklin,-M.-Carole
IN: U Cincinnati
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1983 Feb-Mar Vol 23(1) 63-70
LA: English PY: 1983

TI: Attitude-behavior consistency in children's responses to television advertising.

AU: Roedder,-Deborah-L.; Sternthal,-Brian; Calder,-Bobby-J.
IN: U Wisconsin, Madison
JN: Journal-of-Marketing-Research; 1983 Nov Vol 20(4) 337-349
LA: English PY: 1983

TI: Recognition as a measure of learning from television commercials.

AU: Singh,SurendraN.; Rothschild,Michael L.
IN: U Kansas
JN: Journal-of-Marketing-Research; 1983 Aug Vol 20(3) 235-248
LA: English PY: 1983

TI: Parental influence and children's responses to television advertising.

AU: Wiman,-Alan-R.
IN: Rider Coll

JN: Journal-of-Advertising; 1983 Vol 12(1) 12-18
LA: English PY: 1983

TI: Television commercials: Mirror and symbol of societal values.

AU: Slinger,-Peg
IN: U St Michaels, Faculty of Theology, Toronto, Canada
JN: Religious-Education; 1983 Win Vol 78(1) 29-37
LA: English PY: 1983

TI: Sources of miscomprehension in television advertising.

AU: Hoyer,-Wayne-D.; Srivastava,-Rajendra-K.; Jacoby,-Jacob
IN: U Texas, Austin
JN: Journal-of-Advertising; 1984 Vol 13(2) 17-26
LA: English PY: 1984

TI: Television advertising copy research: A critical review of the state of the art.

AU: Lipstein,-Benjamin; Neelankavil,-James-P.
IN: New York U
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1984 Apr-May Vol 24(2) 19-25
LA: English PY: 1984

TI: The impact of television advertising on alcohol consumption: An experiment.

AU: Kohn,-Paul-M.; Smart,-Reginald-G.
IN: Addiction Research Foundation, Toronto, Canada
JN: Journal-of-Studies-on-Alcohol; 1984 Jul Vol 45(4) 295-301
LA: English PY: 1984

TI: The effects of nonverbal communications in television advertising.

AU: Haley,-Russell-I.; Richardson,-Jack; Baldwin,-Beth-M.
IN: U New Hampshire
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1984 Aug-Sep Vol 24(4) 11-18
LA: English PY: 1984

TI: TV commercials as achievement scripts for women.

AU: Geis,-F.-L.; Brown,-Virginia; Waistedt,-Joyce-J.; Porter,-Natalie
IN: U Delaware
JN: Sex-Roles; 1984 Apr Vol 10(7-8) 513-525

LA: English PY: 1984

TI: The effects of TV advertisements on Black children. Fifth Annual Cross-Cultural Conference: Crises, changes, and a holistic approach to survival (1983, Myrtle Beach, SC).

AU: Caution,-Gael

IN: U South Carolina, Columbia

JN: Psychiatric-Forum; 1984 Spr Vol 12(2) 72-81

LA: English PY: 1984

TI: Psychometric investigation of Rossiter's short test measuring children's attitudes toward TV commercials.

AU: Macklin,-M.-Carole

IN: U Cincinnati

JN: Psychological-Reports; 1984 Apr Vol 54(2) 623-627

LA: English PY: 1984

TI: Opinions on television advertising to children: A content analysis of letters to the Federal Trade Commission.

AU: Ward,-Thomas-B.

IN: Texas A&M U, College Station

JN: Merrill-Palmer-Quarterly; 1984 Jul Vol 30(3) 247-259

LA: English PY: 1984

TI: Preventive consumer education in children's judgments of televised advertisements.

AU: Peterson,-Lizette

IN: U Missouri, Columbia

JN: Education-and-Treatment-of-Children; 1985 Sum Vol 8(3) 199-219

LA: English PY: 1985

TI: Television commercials as a symbolic representation of reward in the delay of gratification paradigm.

AU: Dawson,-Brenda; et-al

IN: U Southern Mississippi

JN: Cognitive-Therapy-and-Research; 1985 Apr Vol 9(2) 217-224

LA: English PY: 1985

TI: Effects of television commercial repetition, receiver knowledge, and commercial length: A test of the two-factor model.

AU: Rethans,-Arno-J.; Swasy,-John-L.; Marks,-Lawrence-J.

IN: Pennsylvania State U

JN: Journal-of-Marketing-Research; 1986 Feb Vol 23(1) 50-61

LA: English PY: 1986

TI: Television viewing, consumer purchasing and single source research.

AU: Buck,-Stephan; Yates,-Alan

IN: AGB Research plc, London International Press Ctr, England

JN: Journal-of-the-Market-Research-Society; 1986 Jul Vol 28(3) 225-233

LA: English PY: 1986

TI: Children and commercials: The relationship between general trust and specific influence.

AU: Christenson,-Peter-G.

IN: Lewis & Clark Coll, Portland, OR, US

JN: Communication-Research-Reports; 1985 Dec Vol 2(1) 41-45

LA: English PY: 1985

TI: Sport and leisure and its use in television programs and commercials.

AU: Groves,-David-L.

IN: Bowling Green State U

JN: International-Journal-of-Sport-Psychology; 1986 Vol 17(1) 71-81

LA: English PY: 1986

TI: Television advertisements and the portrayal of gender.

AU: Livingstone,-Sonia; Green,-Gloria

IN: U Oxford, England

JN: British-Journal-of-Social-Psychology; 1986 Jun Vol 25(2) 149-154

LA: English PY: 1986

TI: EEG activity and the processing of television commercials.

AU: Rothschild,-Michael-L.; Thorson,-Esther; Reeves,-Byron; Hirsch,-Judith-E.; et-al

IN: U Wisconsin, School of Business, Madison

JN: Communication-Research; 1986 Apr Vol 13(2) 182-220

LA: English PY: 1986

TI: Further comments on the miscomprehension of televised advertisements.

AU: Gates,-Fliece-R.

IN: U Texas, Austin

JN: Journal-of-Advertising; 1986 Vol 15(1) 4-9
LA: English PY: 1986

TI: Sex-role stereotyping in British television advertisements at different times of the day: An extension and refinement of Manstead & McCulloch (1981).
AU: Harris,-Peter-R.; Stobart,-Jonathan
IN: U Sussex School of Social Sciences, Brighton, England
JN: British-Journal-of-Social-Psychology; 1986 Jun Vol 25(2) 155-164
LA: English PY: 1986

TI: A method for estimating target market ratings in television media selection.
AU: Cannon,-Hugh-M.
IN: Northwestern U Graduate Advertising Faculty, Medill School of Journalism
JN: Journal-of-Advertising; 1986 Vol 15(2) 21-26
LA: English PY: 1986

TI: The intrusive commercial: Influence of aggressive TV commercials on aggression.
AU: Caprara,-G.-V.; D'Imperio,-G.; Gentilomo,-A.; Mammucari,-A.; et-al
IN: U degli Studi "La Sapienza," Rome, Italy
JN: European-Journal-of-Social-Psychology; 1987 Jan-Mar Vol 17(1) 23-31
LA: English PY: 1987

TI: Preschoolers' understanding of the informational function of television advertising.
AU: Macklin,-M.-Carole
IN: U Cincinnati, OH, US
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1987 Sep Vol 14(2) 229-239
LA: English PY: 1987

TI: Encoding and media effects on consumer learning deficiencies in the elderly.
AU: Cole,-Catherine-A.; Houston,-Michael-J.
IN: U Iowa
JN: Journal-of-Marketing-Research; 1987 Feb Vol 24(1) 55-63
LA: English PY: 1987

TI: Changes in television newscast advertising, 1974-1985.
AU: Pasadeos,-Yorgo

IN: U Alabama, School of Communication, Tuscaloosa, US
JN: Communication-Research-Reports; 1987 Dec Vol 4(2) 43-46
LA: English PY: 1987

TI: Memory for television commercials as a function of the channel of communication.
AU: Furnham,-Adrian; Benson,-Isabelle; Gunter,-Barrie
IN: U London, University Coll, England
JN: Social-Behaviour; 1987 Jun Vol 2(2) 105-112
LA: English PY: 1987

TI: Happy and sad TV programs: How they affect reactions to commercials.
AU: Goldberg,-Marvin-E.; Gorn,-Gerald-J.
IN: McGill U, Faculty of Management, Montreal, PQ, Canada
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1987 Dec Vol 14(3) 387-403
LA: English PY: 1987

TI: The power of feelings in understanding advertising effects.
AU: Edell,-Julie-A.; Burke,-Marian-C.
IN: Duke U, Fuqua School of Business, Durham, NC, US
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1987 Dec Vol 14(3) 421-433
LA: English PY: 1987

TI: Arousal and advertising effectiveness.
AU: Singh,-Surendra-N.; Churchill,-Gilbert-A.
IN: U Kansas, US
JN: Journal-of-Advertising; 1987 Vol 16(1) 4-10, 40
LA: English PY: 1987

TI: Can young children understand disclaimers in television commercials?
AU: Stutts,-Mary-A.; Hunnicutt,-Garland-G.
IN: Southwest Texas State U, US
JN: Journal-of-Advertising; 1987 Vol 16(1) 41-46
LA: English PY: 1987

TI: Television commercials and the management of spoiled identity.
AU: Davis,-Richard-A.
IN: Winston-Salem State U, NC, US
JN: Western-Journal-of-Black-Studies; 1987 Sum Vol 11(2) 59-63

LA: English PY: 1987

TI: Children's use of cognitive defenses against television advertising: A cognitive response approach.

AU: Brucks,-Merrie; Armstrong,-Gary-M.; Goldberg,-Marvin-E.
IN: U North Carolina, Graduate School of Business Administration, Chapel Hill, US
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1988 Mar Vol 14(4) 471-482
LA: English PY: 1988

TI: Recognition versus recall as measures of television commercial forgetting.

AU: Singh,-Surendra-N.; Rothschild,-Michael-L.; Churchill,-Gilbert-A.
IN: U Kansas, US
JN: Journal-of-Marketing-Research; 1988 Feb Vol 25(1) 72-80
LA: English PY: 1988

TI: Children and host-selling television commercials.

AU: Kunkel,-Dale
IN: U California, Santa Barbara, US
JN: Communication-Research; 1988 Feb Vol 15(1) 71-92
LA: English PY: 1988

TI: Television food commercials' effect on children's resistance to temptation.

AU: Dawson,-Brenda-L.; Jeffrey,-D.-Balfour; Walsh,-James-A.
IN: U Southern Mississippi, Hattiesburg, US
JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1988 Dec Vol 18(16, Pt 2) 1353-1360
LA: English PY: 1988

TI: Television advertisements for alcoholic drinks do reinforce under-age drinking.

AU: Aitken,-P.-P.; Eadie,-D.-R.; Leather,-D.-S.; McNeill,-R.-E.; et-al
IN: U Strathclyde Advertising Research Unit, Glasgow, Scotland
JN: British-Journal-of-Addiction; 1988 Dec Vol 83(12) 1399-1419
LA: English PY: 1988

TI: Alcohol advertising on television: Should we be worried?

AU: Sheppard,-Margaret-A.; Lockhart,-Dawn
IN: Addiction Research Foundation, Toronto, ON, Canada

JN: International-Journal-of-the-Addictions; 1988 Vol 23(4) 429-432
LA: English PY: 1988

TI: Hemispherically lateralized EEG as a response to television commercials.

AU: Rothschild,-Michael-L.; Hyun,-Yong-J.; Reeves,-Byron; Thorson,-Esther; et-al
IN: U Wisconsin, School of Business, Madison, US
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1988 Sep Vol 15(2) 185-198
LA: English PY: 1988

TI: Sex roles in advertising: A comparison of television advertisements in Australia, Mexico, and the United States.

AU: Gilly,-Mary-C.
IN: U California, Graduate School of Management, Irvine, US
JN: Journal-of-Marketing; 1988 Apr Vol 52(2) 75-85
LA: English PY: 1988

TI: The incidence of commercial types broadcast in prime time: 1976-1986. Special Issue: Advertising measurement.

AU: Stayman,-Douglas-M.; Aaker,-David-A.; Bruzzone,-Donald-E.
IN: U Texas, Austin, US
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1989 Jun-Jul Vol 29(3) 26-33
LA: English PY: 1989

TI: A situational view of information content in TV advertising in the U.S. and U.K.

AU: Weinberger,-Marc-G.; Spotts,-Harlan-E.
IN: U Massachusetts School of Management, Amherst, US
JN: Journal-of-Marketing; 1989 Jan Vol 53(1) 89-94
LA: English PY: 1989

TI: Video rhythms and recall. Special Issue: Advertising measurement.

AU: Young,-Charles-E.; Robinson,-Michael
IN: U Chicago, IL, US
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1989 Jun-Jul Vol 29(3) 22-25
LA: English PY: 1989

TI: Explaining related recall outcomes: New answers from a better model. Special Issue: Advertising measurement.

AU: Walker,-David; von-Gonten,-Michael-F.
IN: Pepperdine U School of Business &
Management, CA, US
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1989
Jun-Jul Vol 29(3) 11-21
LA: English PY: 1989

**TI: Typology of main message strategies
for television commercials.**

AU: Laskey,-Henry-A.; Day,-Ellen; Crask,-
Melvin-R.
IN: Florida International U, Miami, US
JN: Journal-of-Advertising; 1989 Vol 18(1)
36-41
LA: English PY: 1989

**TI: Television commercials and food
orientations among teenagers in Puerto
Rico.**

AU: del-Toro,-Wanda; Greenberg,-Bradley-S.
JN: Hispanic-Journal-of-Behavioral-Sciences;
1989 May Vol 11(2) 168-177
LA: English PY: 1989

**TI: The durability of informational signals
and the content of advertising.**

AU: Laband,-David-N.
IN: Clemson U, SC, US
JN: Journal-of-Advertising; 1989 Vol 18(1)
13-18
LA: English PY: 1989

**TI: Ego-involvement and the third person
effect of televised news coverage.**

AU: Perloff,-Richard-M.
IN: Cleveland State U, OH, US
JN: Communication-Research; 1989 Apr Vol
16(2) 236-262
LA: English PY: 1989

**TI: Typology of main message strategies
for television commercials.**

AU: Laskey,-Henry-A.; Day,-Ellen; Crask,-
Melvin-R.
IN: Florida International U, Miami, US
JN: Journal-of-Advertising; 1989 Vol 18(1)
36-41
LA: English PY: 1989

PADRÕES DE USO/ ESTUDOS DE
AUDIÊNCIA

**TI: The family and child television
viewing.**

AU: Abel,-John-D.
IN: Michigan State U
JN: Journal-of-Marriage-and-the-Family;
1976 May Vol 38(2) 331-335
LA: English PY: 1976

**TI: Family television viewing habits and
the spontaneous play of preschool
children.**

AU: Singer,-Dorothy-G.; Singer,-Jerome-L.
IN: U Bridgeport
JN: American-Journal-of-Orthopsychiatry;
1976 Jul Vol 46(3) 496-502
LA: English PY: 1976

**TI: Interpersonal factors in adolescent
television use.**

AU: Chaffee,-Steven-H.; Tims,-Albert-R.
IN: U Wisconsin, Mass Communications
Research Ctr, Madison
JN: Journal-of-Social-Issues; 1976 Fal Vol
32(4) 98-115
LA: English PY: 1976

**TI: A comparison of preschool children's
preferences for television and their
parents.**

AU: Ra,-Jung-B.
IN: Longwood Coll
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1977 Jun
Vol 102(1) 163-164
LA: English PY: 1977

**TI: Television-viewing habits and parent-
observed behaviors of third-grade
children.**

AU: Woodrick,-Charles; Chissom,-Brad;
Smith,-Darrell
IN: Texas A&M U
JN: Psychological-Reports; 1977 Jun Vol
40(3, Pt 1) 830
LA: English PY: 1977

**TI: Communication patterns and
adolescents' television viewing
behaviour: A study of the influence of the
family and of peers.**

AU: Chaffee,-Steven-H.; Tims,-Albert-R.
IN: U Wisconsin, School of Journalism &
Mass Communication, Madison
JN: Fernsehen-und-Bildung; 1977 Vol 11(3)
249-268
LA: German PY: 1977

TI: Changes in children's amount of television viewing: New findings from continual viewer research.

AU: Darschin,-Wolfgang
JN: Fernsehen-und-Bildung; 1977 Vol 11(3)
210-222
LA: German PY: 1977

TI: Families without television.

AU: Edgar,-Patricia
IN: La Trobe U, Ctr for the Study of Educational Communication & Media, Bundoora, Australia
JN: Journal-of-Communication; 1977 Sum Vol 27(3) 73-77
LA: English PY: 1977

TI: On the meaning and validity of television viewing.

AU: Salomon,-Gavriel; Cohen,-Akiba-A.
IN: Hebrew U, Jerusalem, Israel
JN: Human-Communication-Research; 1978 Spr Vol 4(3) 265-270
LA: English PY: 1978

TI: About the anxiousness of heavy viewers.

AU: Gerbner,-George
IN: U Pennsylvania, Annenberg School of Communications
JN: Fernsehen-und-Bildung; 1978 Vol 12(1-2) 48-58
LA: German PY: 1978

TI: Television viewing patterns of families with young infants.

AU: Hollenbeck,-Albert-R.
IN: NIMH Lab of Developmental Psychology, Bethesda, MD
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1978 Aug Vol 105(2) 259-264
LA: English PY: 1978

TI: Television use and self-esteem of Blacks.

AU: Tan,-Alexis-S.; Tan,-Gerdean
IN: Texas Tech U
JN: Journal-of-Communication; 1979 Win Vol 29(1) 129-135
LA: English PY: 1979

TI: Relations between TV viewing habits and some personality traits of fourteen-year-olds.

AU: Krish,-Karl; Krish,-Ingrid; Jahn,-Josef
IN: Heilpädagogische Station des Landes Niederösterreich, Hinterbrul, West Germany
JN: Psychologie-in-Erziehung-und-Unterricht; 1980 Vol 27(5) 285-291
LA: German PY: 1980

TI: Parent observed behaviours of preschool television viewers.

AU: Braithwaite,-Valerie; Holman,-Jacqueline
IN: Australian National U, Canberra
JN: Australian-Journal-of-Psychology; 1981 Dec Vol 33(3) 375-382
LA: English PY: 1981

TI: Television viewing habits, and other characteristics of normally aggressive and non-aggressive children.

AU: Langham,-Joan; Stewart,-Warren
IN: Australian Pre-school Assn, Canberra
JN: Australian-Psychologist; 1981 Mar Vol 16(1) 123-133
LA: English PY: 1981

TI: Television use by adults and children: A multivariate analysis.

AU: Bryant,-W.-Keith; Gerner,-Jennifer-L.
IN: Cornell U
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1981 Sep Vol 8(2) 154-161
LA: English PY: 1981

TI: Parental lifestyles and children's television viewing.

AU: Holman,-J.; Braithwaite,-V.-A.
IN: Australian National U, Canberra
JN: Australian-Journal-of-Psychology; 1982 Dec Vol 34(3) 375-382
LA: English PY: 1982

TI: Exploring uses and gratifications: A comparison of reported uses of television and reported uses of favorite program type.

AU: Bantz,-Charles-R.
IN: U Minnesota
JN: Communication-Research; 1982 Jul Vol 9(3) 352-379
LA: English PY: 1982

TI: Older persons' TV viewing patterns and motivations.

AU: Rubin,-Alan-M.; Rubin,-Rebecca-B.
IN: Cleveland State U

JN: Communication-Research; 1982 Apr Vol 9(2) 287-313
LA: English
PY: 1982

TI: Contextual age and television use.

AU: Rubin,-Alan-M.; Rubin,-Rebecca-B.
IN: Cleveland State U
JN: Human-Communication-Research; 1982 Spr Vol 8(3) 228-244
LA: English PY: 1982

TI: Age trends and the correlates of children's television viewing.

AU: Sheehan,-Peter-W.
IN: U Queensland, Brisbane, Australia
JN: Australian-Journal-of-Psychology; 1983 Dec Vol 35(3) 417-431
LA: English PY: 1983

TI: Self-monitoring in reducing children's excessive television monitoring.

AU: Jason,-Leonard-A.
IN: DePaul U
JN: Psychological-Reports; 1983 Dec Vol 53(3, Pt 2) 1280
LA: English PY: 1983

TI: Children's imagination as predicted by family patterns and television viewing: A longitudinal study.

AU: Singer,-Jerome-L.; Singer,-Dorothy-G.; Rapaczynski,-Wanda
IN: Yale U, Family Television Research Ctr
JN: Genetic-Psychology-Monographs; 1984 Aug Vol 110(1) 43-69
LA: English PY: 1984

TI: A parent-administered program to reduce children's television viewing.

AU: Wolfe,-David-A.; Mendes,-Maria-G.; Factor,-David
IN: U Western Ontario, London, Canada
JN: Journal-of-Applied-Behavior-Analysis; 1984 Sum Vol 17(2) 267-272
LA: English PY: 1984

TI: Ritualized and instrumental television viewing.

AU: Rubin,-Alan-M.
IN: Kent State U, School of Speech Communication
JN: Journal-of-Communication; 1984 Sum Vol 34(3) 67-77
LA: English PY: 1984

TI: Correlates of children's television viewing: Expectancies, age, and sex.

AU: Ridley-Johnson,-Robyn; Chance,-June-E.; Cooper,-Harris
IN: U Missouri, Columbia
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1984 Jul-Sep Vol 5(3) 225-235
LA: English PY: 1984

TI: Television viewing and school achievement.

AU: Fetter,-Mark
JN: Journal-of-Communication; 1984 Spr Vol 34(2) 104-118
LA: English PY: 1984

TI: Reducing excessive television viewing.

AU: Jason,-Leonard-A.; Rooney-Rebeck,-Patty
IN: DePaul U
JN: Child-and-Family-Behavior-Therapy; 1984 Sum Vol 6(2) 61-69
LA: English PY: 1984

TI: Family patterns and television viewing as predictors of children's beliefs and aggression.

AU: Singer,-Jerome-L.; Singer,-Dorothy-G.; Rapaczynski,-Wanda-S.
IN: Yale U, Yale Family Television Research & Consultation Ctr
JN: Journal-of-Communication; 1984 Spr Vol 34(2) 73-89
LA: English PY: 1984

TI: Patterns of television viewing and of perceptions of hazards to life.

AU: Wober,-Mallory; Gunter,-Barrie
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Journal-of-Environmental-Psychology; 1985 Mar Vol 5(1) 99-108
LA: English PY: 1985

TI: Television viewing at home: Distances and visual angles of children and adults.

AU: Nathan,-John-G.; Anderson,-Daniel-R.; Field,-Diane-E.; Collins,-Patricia
IN: Hampshire Coll
JN: Human-Factors; 1985 Aug Vol 27(4) 467-476
LA: English PY: 1985

TI: Estimates of young children's time with television: A methodological comparison of parent reports with time-lapse video home observation.

AU: Anderson,-Daniel-R.; et-al
IN: U Massachusetts, Amherst
JN: Child-Development; 1985 Oct Vol 56(5) 1345
LA: English PY: 1985

TI: Uses of daytime television soap operas by college students.

AU: Rubin,-Alan-M.
IN: Kent State U, School of Speech Communication
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Sum Vol 29(3) 241-258
LA: English PY: 1985

TI: Family mediation patterns and television viewing: Young children's use and grasp of the medium.

AU: Desmond,-Roger-J.; et-al
IN: U Hartford
JN: Human-Communication-Research; 1985 Sum Vol 11(4) 461-480
LA: English PY: 1985

TI: Social class determinants of children's television understanding and use. Special Issue: Early childhood education.

AU: Baron,-Lois-J.
IN: Concordia U, Montreal, Canada
JN: International-Review-of-Applied-Psychology; 1985 Oct Vol 34(4) 443-453
LA: English PY: 1985

TI: Soap opera viewing motivations and the cultivation process.

AU: Carveth,-Rodney; Alexander,-Alison
IN: U Hartford
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Sum Vol 29(3) 259-273
LA: English PY: 1985

TI: Television viewing habits of emotionally disturbed, learning disabled, and mentally retarded children.

AU: Sprafkin,-Joyce; Gadow,-Kenneth-D.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1986 Jan-Mar Vol 7(1) 45-59
LA: English PY: 1986

TI: Television viewing at home: Age trends in visual attention and time with TV.

AU: Anderson,-Daniel-R.; et-al
IN: U Massachusetts, Amherst
JN: Child-Development; 1986 Aug Vol 57(4) 1024-1033
LA: English PY: 1986

TI: Adolescents' time spent viewing television.

AU: Lawrence,-Frances-C.; et-al
IN: Louisiana State U, School of Home Economics, Baton Rouge
JN: Adolescence; 1986 Sum Vol 21(82) 431-436
LA: English PY: 1986

TI: Television viewing patterns of hospitalized school-aged children and adolescents.

AU: Bordeaux,-Barbara-R.
IN: U North Carolina, Chapel Hill
JN: Children's-Health-Care; 1986 Fal Vol 15(2) 70-75
LA: English PY: 1986

TI: Selective versus passive television viewing.

AU: Peterson,-Richard-A.; Bates,-Diane; Ryan,-John-R.
IN: Vanderbilt U, Nashville, TN, US
JN: Communications; 1986 Vol 12(3) 81-95
LA: English PY: 1986

TI: Television use in everyday life: Coping with unstructured time.

AU: Kubey,-Robert-W.
IN: Rutgers U, NJ, US
JN: Journal-of-Communication; 1986 Sum Vol 36(3) 108-123
LA: English PY: 1986

TI: A comparative study of the effect of differential amount of TV viewing and non-viewing on certain psycho-social factors.

AU: Lekhi,-V.
IN: DAV Coll of Education, Abohar, India
JN: Asian-Journal-of-Psychology-and-Education; 1986 Mar Vol 17(2) 7-11
LA: English PY: 1986

TI: The liking and viewing of regular TV series.

AU: Barwise,-T.Patrick; Ehrenberg,Andrew-S.
IN: London Executive Programme, England
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1987
Jun Vol 14(1) 63-70
LA: English PY: 1987

TI: Consumer preferences in literature, motion pictures, and television programs.

AU: Hirschman,-Elizabeth-C.
IN: New York U, Graduate School of Business, US
JN: Empirical-Studies-of-the-Arts; 1987 Vol 5(1) 31-46
LA: English PY: 1987

TI: Reducing children's excessive television viewing and assessing secondary changes.

AU: Jason,-Leonard-A.
IN: De Paul U
JN: Journal-of-Clinical-Child-Psychology; 1987 Sep Vol 16(3) 245-250
LA: English PY: 1987

TI: Radio and television audience research in the Middle East: Why don't the Arabs do it?

AU: Boyd,-Douglas-A.
JN: Communications; 1987 Vol 13(1) 13-28
LA: English PY: 1987

TI: Audience activity and television news gratifications.

AU: Rubin,-Alan-M.; Perse,-Elizabeth-M.
IN: Kent State U, School of Speech Communication, OH, US
JN: Communication-Research; 1987 Feb Vol 14(1) 58-84
LA: English PY: 1987

TI: Television viewing types, general life satisfaction, and viewing amount: An empirical study in West Germany.

AU: Espe,-Hartmut; Seiwert,-Margarete
JN: Communications; 1987 Vol 13(2) 95-110
LA: English PY: 1987

TI: Audience activity and soap opera involvement: A uses and effects investigation.

AU: Rubin,-Alan-M.; Perse,-Elizabeth-M.
IN: Kent State U, School of Speech Communication, OH, US

JN: Human-Communication-Research; 1987
Win Vol 14(2) 246-268
LA: English PY: 1987

TI: Television audience measurement research: Yesterday, today and tomorrow.

AU: Buck,-Stephen
IN: AGB Research, London, England
JN: Journal-of-the-Market-Research-Society; 1987 Jul Vol 29(3) 265-278
LA: English PY: 1987

TI: Children's television-viewing frequency: Individual differences and demographic correlates.

AU: Tangney,-June-P.; Feshbach,-Seymour
IN: Bryn Mawr Coll, PA, US
JN: Personality-and-Social-Psychology-Bulletin; 1988 Mar Vol 14(1) 145-158
LA: English PY: 1988

TI: A cross-cultural analysis of children's television use.

AU: Zohoori,-Ali-R.
IN: State U New York, Coll at Oneonta, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1988 Win Vol 32(1) 105-113
LA: English PY: 1988

TI: Aspects of the family and children's television viewing content preferences.

AU: Tangney,-June-P.
IN: Bryn Mawr Coll, PA, US
JN: Child-Development; 1988 Aug Vol 59(4) 1070-1079
LA: English PY: 1988

TEORIAS E MODELOS

TI: Children and commercial persuasion: An attribution theory analysis.

AU: Robertson,-Thomas-S.; Rossiter,John-R.
IN: U Pennsylvania, Wharton School
JN: Journal-of-Consumer-Research; 1974
Jun Vol 1(1) 13-20
LA: English PY: 1974

TI: Modeling and the media.

AU: Liebert,-Robert-M.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: School-Psychology-Digest; 1975 Win Vol 4(1) 22-29
LA: English PY: 1975

TI: An examination of three models of television viewing and aggression.

AU: Watt,-James-H.; Krull,-Robert
IN: U Connecticut
JN: Human-Communication-Research; 1977
Win Vol 3(2) 99-112
LA: English PY: 1977

TI: If laboratory research doesn't square with you, then Qube it: The potential of interactive TV for social psychological research.

AU: Wolf,-Sharon; Latane,-Bibb
IN: Morehead State U
JN: Personality-and-Social-Psychology-Bulletin; 1981 Jun Vol 7(2) 344-352
LA: English PY: 1981

TI: A theory of television program choice.

AU: Webster,-James-G.; Wakshlag,-Jacob-J.
IN: U Maryland
JN: Communication-Research; 1983 Oct Vol 10(4) 430-446
LA: English PY: 1983

TI: The impact of television on social interest: An Adlerian analysis.

AU: Katz,-Steven; Nikelly,-Arthur
JN: Individual-Psychology-Journal-of-Adlerian-Theory,-Research-and-Practice; 1983 Mar Vol 39(1) 78-82
LA: English PY: 1983

TI: A new model of the duplication of television viewing: A behaviorist approach.

AU: Henrikson,-Frank
IN: U Copenhagen, Denmark
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Spr Vol 29(2) 135-145
LA: English PY: 1985

TI: Television as a socializing agent and need gratifier in mature adults.

AU: Wigand,-Rolf-T.; Craft,-Elizabeth-H.
IN: Arizona State U, School of Public Affairs, Tempe
JN: Communications; 1985 Vol 11(1) 9-29
LA: English PY: 1985

TI: Perceived reality and the cultivation hypothesis.

AU: Potter,-W.-James
IN: Florida State U

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Spr Vol 30(2) 159-174
LA: English PY: 1986

TI: Soap opera viewing patterns of college students and cultivation.

AU: Perse,-Elizabeth-M.
IN: Kent State U, School of Speech Communication
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Spr Vol 30(2) 175-193
LA: English PY: 1986

TI: Television's populist brew: The three Bs.

AU: Gerbner,-George
IN: U Pennsylvania, Annenberg School of Communication, US
JN: Etc.; 1987 Spr Vol 44(1) 2-7
LA: English PY: 1987

TI: Social isolation and social support as correlates of television viewing motivations.

AU: Finn,-Seth; Gorr,-Mary-B.
IN: U North Carolina, Chapel Hill, US
JN: Communication-Research; 1988 Apr Vol 15(2) 135-158
LA: English PY: 1988

TI: A methodological examination of cultivation.

AU: Rubin,-Alan-M.; Perse,-Elizabeth-M.; Taylor,-Donald-S.
IN: Kent State U, OH, US
JN: Communication-Research; 1988 Apr Vol 15(2) 107-134
LA: English PY: 1988

VIOLENCIA / SUICÍDIO

TI: Television violence: A paper tiger?

AU: Holz,-Robert
JN: CRC-Report; 1971 Sep No. 57 15
LA: English PY: 1971

TI: Experiments in televised violence and verbal aggression: Two exploratory studies.

AU: Wotring,-C.-Edward; Greenberg,-Bradley-S.
IN: Florida State U.

JN: Journal-of-Communication; 1973 Dec
Vol. 23(4) 446-460
LA: English PY: 1973

TI: Desensitization of children to television violence.

AU: Cline,-Victor-B.; Croft,-Roger-G.;
Courier,-Steven
IN: U. Utah
JN: Journal-of-Personality-and-Social-
Psychology; 1973 Sep Vol. 27(3) 360-365
LA: English PY: 1973

TI: Television and children's aggressive behavior: Another look.

AU: Liebert,-Robert-M.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: American-Journal-of-Psychoanalysis;
1974 Spr Vol 34(2) 99-107
LA: English PY: 1974

TI: The TV violence report: What's next?

AU: Rubinstein,-Eli-A.
IN: State U. New York, Medical School,
Stony Brook
JN: Journal-of-Communication; 1974 Win
Vol. 24(1) 80-88
LA: English PY: 1974

TI: Exposure to filmed violence and children's tolerance of real life aggression.

AU: Drabman,-Ronald-S.; Thomas,-
Margaret-H.
IN: Florida Technological U
JN: Personality-and-Social-Psychology-
Bulletin; 1974 Vol 1(1) 198-199
LA: English PY: 1974

TI: Television violence and violent behavior.

AU: Hartnagel,-Timothy-F.; Teevan,-James-
L.; McIntyre,-Jennie-J.
IN: U Alberta, Edmonton, Canada
JN: Social-Forces; 1975 Dec Vol 54(2) 341-
351
LA: English PY: 1975

TI: British children and televised violence.

AU: Greenberg,-Bradley-S.
IN: Michigan State U
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1974-1975 Win
Vol 38(4) 531-547
LA: English PY: 1975

TI: Television violence and viewer aggression: A reexamination of the evidence.

AU: Kaplan,-Robert-M.; Singer,-Robert-D.
IN: San Diego State U, Psychological Clinic
JN: Journal-of-Social-Issues; 1976 Fal Vol
32(4) 35-70
LA: English PY: 1976

TI: The effect of television violence on the perceptions of crime by adolescents.

AU: Teevan,-James-J.; Hartnagel,-TimothyF.
IN: U Western Ontario, London, Canada
JN: Sociology-and-Social-Research; 1976
Apr Vol 60(3) 337-348
LA: English PY: 1976

TI: Violence, television and the health of American youth.

AU: Somers,-Anne-R.
IN: Rutgers State U, Coll of Medicine &
Dentistry, Piscataway
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1976
Apr Vol 294(15) 811-817
LA: English PY: 1976

TI: Television violence and aggressive behavior.

AU: Wurtzel,-Alan
IN: U Georgia School of Journalism
JN: Etc.; 1977 Jun Vol 34(2) 212-225
LA: English PY: 1977

TI: Does TV violence breed indifference?

AU: Drabman,-Ronald-S.; Thomas,-
Margaret-H.
IN: U Mississippi Medical Ctr, Jackson
JN: Journal-of-Communication; 1975 Fal Vol
25(4) 86-89
LA: English PY: 1975

TI: Living with television: The violence profile.

AU: Gerbner,-George; Gross,-Larry
IN: U Pennsylvania, Annenberg School of
Communications
JN: Journal-of-Communication; 1976 Spr Vol
26(2) 172-199
LA: English PY: 1976

TI: Desensitization to portrayals of real-life aggression as a function of television violence.

AU: Thomas,-Margaret-H.; et-al
IN: Florida Technological U

JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psychology; 1977 Jun Vol 35(6) 450-458
LA: English PY: 1977

TI: TV violence and viewer aggression: A cumulation of study results: 1956-1976.

AU: Andison,-F.-Scott
IN: U Victoria, Canada
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1977 Fal Vol 41(3) 314-331
LA: English PY: 1977

TI: TV violence and viewer aggression: A cumulation of study results: 1956-1976.

AU: Andison,-F.-Scott
IN: U Victoria, Canada
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1977 Fal Vol 41(3) 314-331
LA: English PY: 1977

TI: Television violence revisited.

AU: Osborn,-D.-Keith; Osborn,-Janie-D.
IN: U Georgia
JN: Childhood-Education; 1977 Apr-May Vol 53(6) 309-311
LA: English PY: 1977

TI: Sex and violence: Can research have it both ways?

AU: Dienstbier,-Richard-A.
IN: U Nebraska, Lincoln
JN: Journal-of-Communication; 1977 Sum Vol 27(3) 176-188
LA: English PY: 1977

TI: Will our children care? New evidence concerning the effects of televised violence on our children.

AU: Drabman,-Ronald-S.; Thomas,-Margaret-H.; Jarvie,-Gregory-J.
IN: U Mississippi Medical Ctr, Jackson
JN: Journal-of-Clinical-Child-Psychology; 1977 Spr Vol 6(1) 44-46
LA: English PY: 1977

TI: Affinity for violent television and approval of violent behavior in relation to television exposure.

AU: Turkat,-I.-Daniel
IN: U Georgia
JN: Psychological-Reports; 1977 Dec Vol 41(3, Pt 2) 1070
LA: English PY: 1977

TI: Types of portrayal and aggressive behavior.

AU: Comstock,-George
IN: Rand Corp, Santa Monica, CA
JN: Journal-of-Communication; 1977 Sum Vol 27(3) 189-198
LA: English PY: 1977

TI: How to cope with violence on the tube.

AU: Patterson,-Amos-C.; Neustadter,-Cheri
IN: U Toledo Coll of Education
JN: Audiovisual-Instruction; 1978 Sep Vol 23(6) 40-42
LA: English PY: 1978

TI: Assessing the violence profile studies of Gerbner and Gross: A humanistic critique and suggestion.

AU: Newcomb,-Horace
IN: U Texas, Austin
JN: Communication-Research; 1978 Jul Vol 5(3) 264-282
LA: English PY: 1978

TI: Effects of television violence on expectations of other's aggression.

AU: Thomas,-Margaret-H.; Drabman,-Ronald-S.
IN: Florida Technological U
JN: Personality-and-Social-Psychology-Bulletin; 1978 Win Vol 4(1) 73-76
LA: English PY: 1978

TI: Television violence and its effect on the young mind.

AU: Lowenstein,-L.-F.
JN: News-and-Views; 1978 Nov Vol 3(8) 25-27
LA: English PY: 1978

TI: Television: An agent of violence and anxiety? Theories, theses, empirical findings.

AU: Sturm,-Hertha; Grewe-Partsch,-Marianne
IN: Ludwig-Maximilians-U Munchen, West Germany
JN: Fernsehen-und-Bildung; 1978 Vol 12(1-2) 28-41
LA: German PY: 1978

TI: Facial expressions of pre-school children while watching televised violence.

AU: Lagerspetz,-Kristi-M.; Wahlroos,-Carita;
Wendelin,-Carola
IN: Abo Akademi, Turku, Finland
JN: Scandinavian-Journal-of-Psychology;
1978 Vol 19(3) 213-222
LA: English PY: 1978

TI: Televised violence and paranoid perception: The view from Great Britain.

AU: Wober,-J.-M.
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1978 Fal Vol
42(3) 315-321
LA: English PY: 1978

TI: The effect of adult commentary on reducing the influence of televised violence.

AU: Horton,-Robert-W.; Santogrossi,-DavidA.
IN: Purdue U
JN: Personality-and-Social-Psychology-
Bulletin; 1978 Apr Vol 4(2) 337-340
LA: English PY: 1978

TI: Television viewing and fear of victimization: Is the relationship causal?

AU: Doob,-Anthony-N.; Macdonald,-Glenn-E.
IN: U Toronto, Canada
JN: Journal-of-Personality-and-Social-
Psychology; 1979 Feb Vol 37(2) 170-179
LA: English PY: 1979

TI: Immediate reactions to TV-violence by Finnish pre-school children of different personality types.

AU: Lagerspetz,-Kirsti-M.; Engblom,-Paivikki
IN: Abo Akademi, Finland
JN: Scandinavian-Journal-of-Psychology;
1979 Vol 20(1) 43-53
LA: English PY: 1979

TI: Children's reactions to cartoon violence.

AU: Hapkiewicz,-Walter-G.
IN: Michigan State U
JN: Journal-of-Clinical-Child-Psychology;
1979 Spr Vol 8(1) 30-34
LA: English PY: 1979

TI: A critical review of TV violence effects on adolescents' aggression.

AU: Choi,-Sang-chin; Hong,-Sung-yun
IN: Chung-ang U, Seoul, South Korea
JN: Korean-Journal-of-Psychology; 1979 Fal
Vol 2(4) 259-272
LA: Korean PY: 1979

TI: Children's emotional reactions to TV violence: Effects of film character, reassurance, age, and sex.

AU: Surbeck,-Elaine; Endsley,-Richard-C.
IN: Arizona State U
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1979 Dec
Vol 109(2) 269-281
LA: English PY: 1979

TI: Young children's awareness of violence in Northern Ireland: The influence of Northern Irish television in Scotland and Northern Ireland.

AU: Cairns,-Ed; Hunter,-Dale; Herring,-Linda
IN: New University of Ulster, Coleraine,
Northern Ireland
JN: British-Journal-of-Social-and-Clinical-
Psychology; 1980 Feb Vol 19(1) 3-6
LA: English PY: 1980

TI: The relationship between viewing televised violence in ice hockey and subsequent levels of personal aggression.

AU: Celozzi,-Mathew-J.; Kazelskis,-Richard;
Gutsch,-Kenneth-U.
JN: Journal-of-Sport-Behavior; 1981 Dec Vol
4(4) 157-162
LA: English PY: 1981

TI: Television provoked aggression: Effects of gentle, affection-like training prior to exposure.

AU: Marton,-John-P.; Acker,-Loren-E.
IN: U Victoria, Canada
JN: Child-Study-Journal; 1982 Vol 12(1) 27-
43
LA: English PY: 1982

TI: Sex and violence on TV.

AU: Rubens,-William-S.
JN: Journal-of-Advertising-Research; 1981
Dec Vol 21(6) 13-20
LA: English PY: 1981

TI: Measuring television violence: A review and suggestions for a new analytical perspective.

AU: Gunter,-Barrie
IN: Independent Broadcasting Authority,
London, England
JN: Current-Psychological-Reviews; 1981
Jan-Apr Vol 1(1) 91-112
LA: English PY: 1981

TI: The effects of TV action and violence on children's social behavior.

AU: Huston-Stein,-Aletha; et-al
IN: U Kansas, Lawrence
JN: Journal-of-Genetic-Psychology; 1981 Jun Vol 138(2) 183-191
LA: English PY: 1981

TI: Parent-child interaction, television violence, and aggression of children.

AU: Eron,-Leonard-D.
IN: U Illinois, Chicago Circle
JN: American-Psychologist; 1982 Feb Vol 37(2) 197-211
LA: English PY: 1982

TI: Televised violence: Approaches to prevention and control.

AU: Rubenstein,-Eli-A.
IN: U North Carolina, School of Journalism, Chapel Hill
JN: Prevention-in-Human-Services; 1982 Fal-Win Vol 2(1-2) 7-18
LA: English PY: 1982

TI: Imitative suicides: A national study of the effects of television news stories.

AU: Bollen,-Kenneth-A.; Phillips,-David-P.
IN: Dartmouth Coll
JN: American-Sociological-Review; 1982 Dec Vol 47(6) 802-809
LA: English PY: 1982

TI: Violence in children's animated television.

AU: Cramer,-Phebe; Mechem,-Melissa-B.
IN: Williams Coll
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1982 Jan-Mar Vol 3(1) 23-39
LA: English PY: 1982

TI: Impact of the introduction of television on crime in the United States: Empirical findings and theoretical implications.

AU: Hennigan,-Karen-M.; et-al
IN: U Southern California, Los Angeles
JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psychology; 1982 Mar Vol 42(3) 461-477
LA: English PY: 1982

TI: Physiological arousal, exposure to a relatively lengthy aggressive film, and aggressive behavior.

AU: Thomas,-Margaret-H.
IN: U Central Florida

JN: Journal-of-Research-in-Personality; 1982 Mar Vol 16(1) 72-81
LA: English PY: 1982

TI: Personality and perceptions of harmful and harmless TV violence.

AU: Gunter,-Barrie
JN: Personality-and-Individual-Differences; 1983 Vol 4(6) 665-670
LA: English PY: 1983

TI: Do aggressive people prefer violent television?

AU: Gunter,-Barrie
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Bulletin-of-the-British-Psychological-Society; 1983 May Vol 36 166-168
LA: English PY: 1983

TI: Movie-inspired violence.

AU: Wilson,-Wayne; Hunter,-Randy
IN: Stephen F. Austin State U
JN: Psychological-Reports; 1983 Oct Vol 53(2) 435-441
LA: English PY: 1983

TI: Viewer apprehension about victimization and crime drama programs.

AU: Wakshlag,-Jacob-J.
IN: Indiana U, Inst for Communication Research, Bloomington
JN: Communication-Research; 1983 Apr Vol 10(2) 195-217
LA: English PY: 1983

TI: Personality and the perception of TV violence.

AU: Gunter,-Barrie; Furnham,-Adrian
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Personality-and-Individual-Differences; 1983 Vol 4(3) 315-321
LA: English PY: 1983

TI: Mitigating the imitation of aggressive behaviors by changing children's attitudes about media violence.

AU: Huesmann,-L.-Rowell; et-al
IN: U Illinois, Chicago
JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psychology; 1983 May Vol 44(5) 899-910
LA: English PY: 1983

TI: Some discrete views of televised violence: Implications for media policy.

AU: Suppasarn,-Pamuke; Adams,-R.-C.
IN: Eastland Productions, Bangkok, Thailand
JN: Operant-Subjectivity; 1984 Jan Vol 7(2)
37-55
LA: English PY: 1984

TI: The effect of television on national suicide rates.

AU: Horton,-Hayward; Stack,-Steven
IN: Pennsylvania State U, University Park
JN: Journal-of-Social-Psychology; 1984 Jun
Vol 123(1) 141-142
LA: English PY: 1984

TI: The effect of television-mediated aggression and real-life aggression on the behavior of Lebanese children.

AU: Day,-Richard-C.; Ghandour,-Maryam
IN: American U of Beirut, Lebanon
JN: Journal-of-Experimental-Child-Psychology; 1984 Aug Vol 38(1) 7-18
LA: English PY: 1984

TI: Perceptions of television violence: Effects of programme genre and type of violence on viewers' judgements of violent portrayals.

AU: Gunter,-Barrie; Furnham,-Adrian
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: British-Journal-of-Social-Psychology; 1984 Jun Vol 23(2) 155-164
LA: English PY: 1984

TI: Television news as a source of knowledge about the violence for children in Ireland: A test of the knowledge-gap hypothesis.

AU: Cairns,-Ed
IN: New U of Ulster, Coleraine, Northern Ireland
JN: Current-Psychological-Research-and-Reviews; 1984 Win Vol 3(4) 32-38
LA: English PY: 1984

TI: Intervening variables in the TV violence-aggression relation: Evidence from two countries.

AU: Huesmann,-L.-Rowell; Lagerspetz,-Kirsti; Eron,-Leonard-D.
IN: U Illinois, Chicago
JN: Developmental-Psychology; 1984 Sep Vol 20(5) 746-775

LA: English PY: 1984

TI: Effect of television violence on aggressiveness.

AU: Freedman,-Jonathan-L.
IN: U Toronto, Canada
JN: Psychological-Bulletin; 1984 Sep Vol 96(2) 227-246
LA: English PY: 1984

TI: Violence content in Australian television.

AU: McCann,-T.-E.; Sheehan,-Peter-W.
IN: U Queensland, Brisbane, Australia
JN: Australian-Psychologist; 1985 Mar Vol 20(1) 33-42
LA: English PY: 1985

TI: Androgyny and the perception of television violence as perpetrated by males and females.

AU: Gunter,-Barrie; Furnham,-Adrian-F.
IN: Independent Broadcasting Authority, London, England
JN: Human-Relations; 1985 Jun Vol 38(6) 535-549
LA: English PY: 1985

TI: The effects of television form and violent content on boys' attention and social behavior.

AU: Potts,-Richard; Huston,-Aletha-C.; Wright,-John-C.
IN: Vanderbilt U
JN: Journal-of-Experimental-Child-Psychology; 1986 Feb Vol 41(1) 1-17
LA: English PY: 1986

TI: Television violence and aggression: A rejoinder.

AU: Freedman,-Jonathan-L.
IN: U Toronto, Canada
JN: Psychological-Bulletin; 1986 Nov Vol 100(3) 372-378
LA: English PY: 1986

TI: Television and violent criminal behavior: Beyond the bobo doll.

AU: Heath,-Linda; Kruttschnitt,-Candace; Ward,-David
IN: Loyola U, Chicago, IL, US
JN: Violence-and-Victims; 1986 Fal Vol 1(3) 177-190
LA: English PY: 1986

TI: Familial influences on television viewing and aggression: A sibling study.

AU: Rowe, -David-C.; Herstand, -Sarah-E.
IN: U Oklahoma, Norman
JN: Aggressive-Behavior; 1986 Vol 12(2) 111-120
LA: English PY: 1986

TI: Television violence and aggression: The debate continues.

AU: Friedrich-Cofer, -Lynette; Huston, -Aletha-C.
IN: U North Carolina, Chapel Hill
JN: Psychological-Bulletin; 1986 Nov Vol 100(3) 364-371
LA: English PY: 1986

TI: Perceived vulnerability to crime, criminal victimization experience, and television viewing.

AU: Weaver, -James; Wakshlag, -Jacob
IN: U Kentucky
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Spr Vol 30(2) 141-158
LA: English PY: 1986

TI: Social determinants of aggression in a sample of Chinese primary school children.

AU: Ekblad, -Solvig
IN: Huddinge University Hosp, Sweden
JN: Acta-Psychiatrica-Scandinavica; 1986 May Vol 73(5) 515-523
LA: English PY: 1986

TI: Clustering of teenage suicides after television news stories about suicide.

AU: Phillips, -David-P.; Carstensen, -Lundie-L.
IN: U California-San Diego, La Jolla
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1986 Sep Vol 315(11) 685-689
LA: English PY: 1986

TI: The impact of suicide in television movies: Evidence imitation.

AU: Gould, -Madelyn-S.; Shaffer, -David
IN: Columbia U, Coll of Physicians & Surgeons, Div of Child Psychiatry
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1986 Sep Vol 315(11) 690-694
LA: English PY: 1986

TI: Does bad news about suicide beget bad news?

AU: Eisenberg, -Leon

IN: Harvard Medical School, Boston
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1986 Sep Vol 315(11) 705-707
LA: English PY: 1986

TI: Violence and sex in music videos: TV and rock 'n' roll.

AU: Sherman, -Barry-L.; Dominick, -Joseph-R.
IN: U Georgia, School of Journalism & Mass Communication
JN: Journal-of-Communication; 1986 Win Vol 36(1) 79-93
LA: English PY: 1986

TI: Television violence and violent crime: An aggregate analysis.

AU: Messner, -Steven-F.
IN: State U New York, Albany
JN: Social-Problems; 1986 Feb Vol 33(3) 218-235
LA: English PY: 1986

TI: Interventions to mitigate the psychological effects of media violence on aggressive behavior.

AU: Eron, -Leonard-D.
IN: U Illinois, Chicago
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol 42(3) 155-169
LA: English PY: 1986

TI: Naturalistic studies of the long-term effects of television violence.

AU: Turner, -Charles-W.; Hesse, -Bradford-W.; Peterson-Lewis, -Sonja
IN: U Utah, Salt Lake City
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol 42(3) 51-73
LA: English PY: 1986

TI: Family experiences and television viewing as predictors of children's imagination, restlessness, and aggression.

AU: Singer, -Jerome-L.; Singer, -Dorothy-G.
IN: Yale U
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol 42(3) 107-124
LA: English PY: 1986

TI: Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer.

AU: Huesmann, -L.-Rowell

IN: U Illinois, Chicago
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol
42(3) 125-139
LA: English PY: 1986

TI: The effects of media violence on attitudes, emotions, and cognitions.

AU: Rule,-Brendan-G.; Ferguson,-Tamara-J.
IN: U Alberta, Edmonton, Canada
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol
42(3) 29-50
LA: English PY: 1986

TI: Media violence and antisocial behavior: An overview.

AU: Huesmann,-L.-Rowell; Malamuth,-Neilm.
IN: U Illinois, Chicago
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol
42(3) 1-6
LA: English PY: 1986

TI: The immediate effects of media violence on behavior.

AU: Geen,-Russell-G.; Thomas,-Susan-L.
IN: U Missouri, Columbia
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol
42(3) 7-27
LA: English PY: 1986

TI: Sexual effects of movie and TV violence.

AU: Comstock,-George-A.
IN: Syracuse U
JN: Medical-Aspects-of-Human-Sexuality;
1986 Jul Vol 20(7) 96-101
LA: English PY: 1986

TI: Situational influences on reactions to observed violence.

AU: Berkowitz,-Leonard
IN: U Wisconsin, Madison
JN: Journal-of-Social-Issues; 1986 Fal Vol
42(3) 93-106
LA: English PY: 1986

TI: Sex and personality differences in recall of violent and non-violent news from three presentation modalities.

AU: Gunter,-Barrie; Furnham,-Adrian
IN: IBA, London, England
JN: Personality-and-Individual-Differences;
1986 Vol 7(6) 829-837
LA: English PY: 1986

TI: Effects of viewing high versus low aggression cartoons on emotionally disturbed children.

AU: Gadow,-Kenneth-D.; Sprafkin,-Joyce
IN: State U New York, Stony Brook, US
JN: Journal-of-Pediatric-Psychology; 1987
Sep Vol 12(3) 413-427
LA: English PY: 1987

TI: Television viewing and fear of crime: Where is the mean world?

AU: Heath,-Linda; Petraitis,-John
IN: Loyola U, IL
JN: Basic-and-Applied-Social-Psychology;
1987 Mar-Jun Vol 8(1-2) 97-123
LA: English PY: 1987

TI: Effects of viewing aggressive cartoons on the behavior of learning disabled children.

AU: Sprafkin,-Joyce; Gadow,-Kenneth-D.;
Grayson,-Patricia
IN: State U New York, South Campus, Stony
Brook
JN: Journal-of-Child-Psychology-and-Psychi-
atry-and-Allied-Disciplines; 1987 May Vol
28(3) 387-398
LA: English PY: 1987

TI: Effects of viewing aggression-laden cartoons on preschool-aged emotionally disturbed children.

AU: Gadow,-Kenneth-D.; Sprafkin,-Joyce;
Ficarrotto,-Thomas-J.
IN: State U New York, South Campus, Stony
Brook
JN: Child-Psychiatry-and-Human-Develop-
ment; 1987 Sum Vol 17(4) 257-274
LA: English PY: 1987

TI: Television violence and children's aggression: Testing the priming, social script, and disinhibition predictions.

AU: Josephson,-Wendy-L.
IN: U Winnipeg, MB, Canada
JN: Journal-of-Personality-and-Social-Psy-
chology; 1987 Nov Vol 53(5) 882-890
LA: English PY: 1987

TI: Imitation of television aggression among Maori and European boys and girls.

AU: Ling,-Peter-A.; Thomas,-David-R.
IN: New-Zealand-Journal-of-Psychology;
1986 Dec Vol 15(2) 47-53

LA: English PY: 1986

TI: "Television and suicide": Reply.
AU: Phillips,-David-P.; Carstensen,-Lundie-L.
IN: U California-San Diego, La Jolla, US
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1987
Apr Vol 316(14) 877-878
LA: English PY: 1987

TI: Television and suicide: Comment.
AU: Ostroff,-Robert-B.; Boyd,-Jeffrey-H.
IN: Waterbury Hosp Health Ctr, CT, US
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1987
Apr Vol 316(14) 876-877
LA: English PY: 1987

TI: Television and suicide: Comment.
AU: Mastroianni,-George-R.
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1987
Apr Vol 316(14) 877
LA: English PY: 1987

TI: Television and suicide: Comment.
AU: Marks,-Alan
IN: U Arkansas, Little Rock, US
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1987
Apr Vol 316(14) 877
LA: English PY: 1987

TI: An analysis of the contexts of antisocial acts on prime-time television.
AU: Potter,-W.-James; Ware,-William
IN: Florida State U, Coll of Communication, US
JN: Communication-Research; 1987 Dec Vol 14(6) 664-686
LA: English PY: 1987

TI: The impact of televised movies about suicide: A replicative study.
AU: Phillips,-David-P.; Paight,-Daniel-J.
IN: U California-San Diego, La Jolla, US
JN: New-England-Journal-of-Medicine; 1987
Sep Vol 317(13) 809-811
LA: English PY: 1987

TI: The impact of suicide in television movies: Replication and commentary.
AU: Gould,-Madelyn-S.; Shaffer,-David;
Kleinman,-Marjorie
IN: Columbia University Coll of Physicians &
Surgeons, Div of Child Psychiatry, New York,
NY, US
JN: Suicide-and-Life-Threatening-Behavior;
1988 Spr Vol 18(1) 90-99

LA: English PY: 1988

TI: Fictional depiction of suicide in television films and imitation effects.
AU: Berman,-Alan-L.
IN: American U, Washington, DC, US
JN: American-Journal-of-Psychiatry; 1988
Aug Vol 145(8) 982-986
LA: English PY: 1988

TI: U.S. television programming's effects on aggressive behavior of children and adolescents. Special Issue: Violence on television.
AU: Stipp,-Horst; Milavsky,-J.-Ronald
IN: National Broadcasting Co, Dept of Social
Research, New York, NY, US
JN: Current-Psychology-Research-and-
Reviews; 1988 Spr Vol 7(1) 76-92
LA: English PY: 1988

TI: Clustering of teenage suicides after television news stories about suicides: A reconsideration.
AU: Kessler,-Ronald-C.; Downey,-Geraldine;
Milavsky,-J.-Ronald; Stipp,-Horst
IN: U Michigan, Inst for Social Research, Ann
Arbor, US
JN: American-Journal-of-Psychiatry; 1988
Nov Vol 145(11) 1379-1383
LA: English PY: 1988

TI: Measuring violence on television. Special Issue: Violence on television.
AU: Cumberbatch,-Guy; Jones,-Ian; Lee,-
Matthew
IN: Aston U, Birmingham, England
JN: Current-Psychology-Research-and-
Reviews; 1988 Spr Vol 7(1) 10-25
LA: English PY: 1988

TI: The extent to which viewers watch violence-containing programs. Special Issue: Violence on television.
AU: Wober,-Mallory
IN: Independent Broadcasting Authority,
London, England
JN: Current-Psychology-Research-and-
Reviews; 1988 Spr Vol 7(1) 43-57
LA: English PY: 1988

TI: The importance of studying viewers' perceptions of television violence. Special Issue: Violence on television.
AU: Gunter,-Barrie

IN: Independent Broadcasting Authority,
London, England
JN: Current-Psychology-Research-and-
Reviews; 1988 Spr Vol 7(1) 26-42
LA: English PY: 1988

**TI: The Werther effect after television
films: New evidence for an old
hypothesis.**

AU: Schmidtke,-A.; Hafner,-H.
IN: U Wurzburg, Psychiatric Clinic Unit of
Clinical Psychology, Fed Rep Germany
JN: Psychological-Medicine; 1988 Aug Vol
18(3) 665-676
LA: English PY: 1988

**TI: Helping children cope with frightening
media presentations. Special Issue:
Violence on television.**

AU: Cantor,-Joanne; Wilson,-Barbara-J.
IN: U Wisconsin, Madison, US
JN: Current-Psychology-Research-and-
Reviews; 1988 Spr Vol 7(1) 58-75
LA: English PY: 1988

**TI: The Werther effect after television
films: New evidence for an old
hypothesis.**

AU: Schmidtke,-A.; Hafner,-H.
IN: U Wurzburg, Psychiatric Clinic Unit of
Clinical Psychology, Fed Rep Germany
JN: Psychological-Medicine; 1988 Aug Vol
18(3) 665-676
LA: English PY: 1988

**TI: Does television induce suicidal
contagion with adolescents?**

AU: Steede,-Kevin-K.; Range,-Lillian-M.
IN: U Southern Mississippi, US
JN: Journal-of-Community-Psychology; 1989
Apr Vol 17(2) 166-172
LA: English PY: 1989

**TI: Adolescents and death on television:
A follow-up study. Ninth Annual
Convention of the Association for Death**

Education and Counseling Conference: The
long-term effects of death education and
counseling (1987, London, Canada).
AU: Wass,-Hannelore; Raup,-Jana-L.;
Sisler,-Harry-H.
IN: U Florida, Gainesville, US
JN: Death-Studies; 1989 Mar-Apr Vol 13(2)
161-173
LA: English PY: 1989

TI: Face-ism and primetime television.

AU: Copeland,-Gary-A.
IN: U Alabama, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-
Media; 1989 Spr Vol 33(2) 209-214
LA: English PY: 1989

VÁRIOS

**TI: TV and social learning in the
institutionalized MR.**

AU: Baran,-Stanley-J.
IN: U. Massachusetts
JN: Mental-Retardation; 1973 Jun Vol. 11(3)
36-38
LA: English PY: 1973

**TI: Applied psychology and problems of
Brazil as a developing country.**

AU: Angelini,-Arrigo-L.
IN: Institute of Psychology, Sao Paulo U.,
Brazil
JN: Revista-Interamericana-de-Psicologia;
1973 Vol. 7(1-2) 65-75
LA: English PY: 1973

**TI: Applied psychology and problems of
Brazil as a developing country.**

AU: Angelini,-Arrigo-L.
IN: Institute of Psychology, Sao Paulo U.,
Brazil
JN: Revista-Interamericana-de-Psicologia;
1973 Vol. 7(1-2) 65-75
LA: English PY: 1973

TI: The evidence so far.

AU: Comstock,-George
IN: Rand Corp, Santa Monica, CA
JN: Journal-of-Communication; 1975 Fal Vol
25(4) 25-34
LA: English PY: 1975

**TI: The role of social and behavioral
science in policymaking for television.**

AU: Comstock,-George
IN: Rand Corp, Santa Monica, CA
JN: Journal-of-Social-Issues; 1976 Fal Vol
32(4) 157-178
LA: English PY: 1976

TI: Methodological problems in assessing the impact of television programs.

AU: Ball,-Samuel
IN: Educational Testing Service, Princeton, NJ
JN: Journal-of-Social-Issues; 1976 Fal Vol 32(4) 8-17
LA: English PY: 1976

TI: Warning: The Surgeon General's research program may be dangerous to preconceived notions.

AU: Rubinstein,-Eli-A.
IN: State U New York, Health Sciences Ctr, Stony Brook
JN: Journal-of-Social-Issues; 1977 Fal Vol 32(4) 18-34
LA: English PY: 1977

TI: Television and the family.

AU: Jeffries-Fox,-Suzanne; Gerbner,-George
IN: U Pennsylvania, Annenberg School of Communications
JN: Fernsehen-und-Bildung; 1977 Vol 11(3) 222-234
LA: German PY: 1977

TI: Television diffusion and social behaviour in three communities: A field experiment.

AU: Murray,-John-P.; Kippax,-Susan
IN: Macquarie U School of Behavioural Sciences, North Ryde, Australia
JN: Australian-Journal-of-Psychology; 1977 Apr Vol 29(1) 31-43
LA: English PY: 1977

TI: Impact of television programming for children on family life: Issues for family therapy.

AU: Miller,-Thomas-W.
IN: VA Hosp, Buffalo, NY
JN: American-Journal-of-Family-Therapy; 1977 Fal Vol 5(2) 40-47
LA: English PY: 1977

TI: Can television influence smoking?

AU: Eiser,-J.-Richard; Sutton,-Stephen-R.; Wober,-Mallory
IN: U London Inst of Psychiatry, Addiction Research Unit, England
JN: British-Journal-of-Addiction; 1978 Jun Vol 73(2) 215-219
LA: English PY: 1978

TI: Television's impact on emotionally disturbed children's value systems.

AU: Donohue,-Thomas-R.
IN: U Hartford
JN: Child-Study-Journal; 1978 Vol 8(3) 187-201
LA: English PY: 1978

TI: Television and aging: Past, present, and future.

AU: Kubey,-Robert-W.
IN: U Chicago, Committee on Human Development
JN: Gerontologist; 1980 Feb Vol 20(1) 16-35
LA: English PY: 1980

TI: Time, television, and women's career perspectives.

AU: Sturm,-Hertha; Grewe-Partsch,-Marianne
IN: U Munich, West Germany
JN: Communication-Research-and-Broadcasting; 1980 No 3 85-92
LA: English PY: 1980

TI: Reactions to sex on television: An exploratory study.

AU: Sprafkin,-Joyce-N.; Silverman,-L.-Theresa; Rubinstein,-Eli-A.
IN: State U New York, Stony Brook
JN: Public-Opinion-Quarterly; 1980 Fal Vol 44(3) 303-315
LA: English PY: 1980

TI: Learning about the family from television.

AU: Buerkel-Rothfuss,-Nancy-L.; Greenberg,-Bradley-S.; Atkin,-Charles-K.; Neuendorf,-Kimberly
IN: Central Michigan U
JN: Journal-of-Communication; 1982 Sum Vol 32(3) 191-201
LA: English PY: 1982

TI: Cardiovascular responses to television-mediated nonverbal approach.

AU: Janik,-Stephen-W.; Goldberg,-Myron-L.; Wellens,-A.-Rodney
IN: U Miami, FL
JN: Journal-of-Applied-Social-Psychology; 1983 Jan-Feb Vol 13(1) 17-30
LA: English PY: 1983

TI: The communication effects of controversial sexual content in television programs and commercials.

AU: Bello,-Daniel-C.; Pitts,-Robert-E.; Etzel,-Michael-J.

IN: Georgia State U, Atlanta

JN: Journal-of-Advertising; 1983 Vol 12(3) 32-42

LA: English PY: 1983

TI: Television policy research and the social science community: An industry perspective.

AU: Wurtzel,-Alan

IN: American Broadcasting Companies, New York, NY

JN: American-Psychologist; 1983 Jul Vol 38(7) 844-848

LA: English PY: 1983

TI: A study of the effects of television on anxiety.

AU: Groebel,-Jo; Krebs,-Dagmar

IN: Rheinisch-Westfalische Technische Hochschule Aachen, West Germany

JN: Series-in-Clinical-and-Community-Psychology-Stress-and-Anxiety; 1983 Vol 2 89-98

LA: English PY: 1983

TI: The conversational expression of power by television interviewers.

AU: Owsley,-Heidi-H.; Scotton,-Carol-M.

IN: Waseda U, Language Inst, Tokyo, Japan

JN: Journal-of-Social-Psychology; 1984 Aug Vol 123(2) 261-271

LA: English PY: 1984

TI: Video ethology: Television as a data base for cross-cultural studies in nonverbal displays.

AU: Waxer,-Peter-H.

IN: York U, Downsview, Canada

JN: Journal-of-Nonverbal-Behavior; 1985 Sum Vol 9(2) 111-120

LA: English PY: 1985

TI: Exploring the role of television in married life.

AU: Gantz,-Walter

IN: Indiana U

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1985 Win Vol 29(1) 65-78

LA: English PY: 1985

TI: The study of television in a cross-cultural context. Special Issue: Television in the developing world.

AU: Salomon,-Gavriel

IN: Tel-Aviv U Graduate Program, Ramat-Aviv, Israel

JN: Journal-of-Cross-Cultural-Psychology; 1985 Sep Vol 16(3) 381-397

LA: English PY: 1985

TI: Viewers' relationship to television personalities.

AU: Koenig,-Fredrick; Lessan,-Gloria

IN: Tulane U, Newcomb Coll

JN: Psychological-Reports; 1985 Aug Vol 57(1) 263-266

LA: English PY: 1985

TI: Parental involvement, homework, and TV time: Direct and indirect effects on high school achievement.

AU: Keith,-Timothy-Z.; et-al

IN: U Iowa, Coll of Education, Iowa City

JN: Journal-of-Educational-Psychology; 1986 Oct Vol 78(5) 373-380

LA: English PY: 1986

TI: The psychologist as TV guide.

AU: LeConte,-Phil

JN: Psychology-Today; 1986 Aug Vol 20(8) 50-55

LA: English PY: 1986

TI: Effect of television programming and advertising on alcohol consumption in normal drinkers.

AU: Sobell,-Linda-C.; Sobell,-Mark-B.; Riley,-Diane-M.; Klajner,-Felix; et-al

IN: U Toronto, Canada

JN: Journal-of-Studies-on-Alcohol; 1986 Jul Vol 47(4) 333-340

LA: English PY: 1986

TI: Developmental differences in fright responses to a television program depicting a character transformation.

AU: Sparks,-Glenn-G.; Cantor,-Joanne

IN: Cleveland State U

JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1986 Sum Vol 30(3) 309-323

LA: English PY: 1986

TI: The relationship of television viewing to physical fitness and obesity.

AU: Tucker,-Larry-A.

IN: Auburn U
JN: Adolescence; 1986 Win Vol 21(84) 797-806
LA: English PY: 1986

TI: / An experimental study on the optimum of producing captioned television for the deaf.

AU: Okada,-Akira; Tsuzuki,-Shigeyuki; Sato,-Yoshiteru; Hamakado,-Noriko
JN: Japanese-Journal-of-Educational-Psychology; 1985 Mar Vol 33(1) 22-32
LA: Japanese PY: 1985

TI: Sport and leisure and its use in television programs and commercials: A model.

AU: Groves,-David-L.
IN: Bowling Green State U, School of Health & Recreation, OH, US
JN: Psychology-A-Quarterly-Journal-of-Human-Behavior; 1987 Vol 24(1-2) 13-21
LA: English PY: 1987

TI: "The Psychology of Mass Communication" course.

AU: Harris,-Richard-J.; Bechtold,-John-I.
IN: Kansas State U, Manhattan, US
JN: Teaching-of-Psychology; 1987 Oct Vol 14(3) 177-179
LA: English PY: 1987
AB: Describes a psychology course on television and other mass media that focuses

on group portrayals and stereotyping, advertising, values, sex and violence, and the use of mass media for prosocial purposes. (PsycLIT Database Copyright 1989 American Psychological Assn, all rights reserved)

DE: UNDERGRADUATE-EDUCATION; PSYCHOLOGY-EDUCATION; MASS-MEDIA
AN: 76-23985

TI: Religious television uses and gratifications.

AU: Abelman,-Robert
IN: Cleveland State U, OH, US
JN: Journal-of-Broadcasting-and-Electronic-Media; 1987 Sum Vol 31(3) 293-307
LA: English PY: 1987

TI: Gender differences in visual attention to television form and content.

AU: Alvarez,-Mildred-M.; Huston,-Aletha-C.; Wright,-John-C.; Kerkman,-Dennis-D.
IN: U Kansas, US
JN: Journal-of-Applied-Developmental-Psychology; 1988 Oct-Dec Vol 9(4) 459-475
LA: English PY: 1988

TI: Incidental learning of aging adults via television.

AU: Stokes,-Laura-C.; Pankowski,-Mary-L.
JN: Adult-Education-Quarterly; 1988 Win Vol 38(2) 88-100
LA: English PY: 1988

Unibibli/Cd-Rom - Livros/Teses

Un: Usp
Au: Cury, Lucilene
Ti: Crianças e Televisão e Comunicação:
Um Estudo Do Comportamento
Comunicativo De Crianças, Durante A
Recepção De Cartas Filmadas
Tp: Tese
Lp: São Paulo
Cp: Escola De Comunicações E Artes-Usp
Da: 1982
Pg: 186
Pa: Brasil
Id: Português
No: Dissertação (Mestrado)
Te: Orientador: Sangiorgi, Osvaldo. Grau:
Mestrado
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Emerique, Paulo Sérgio
Ti: Assistir, Imitar, Brincar: Um Estudo Sobre
A Influencia Da Televisão No
Comportamento De Crianças Pré-escolares
Tp: Tese
Lp: São Paulo
Cp: Instituto De Psicologia - Usp
Da: 1989
Pg: 190
Pa: Brasil
Id: Português
No: Tese (Doutorado)
Te: Orientador: Bomtempo, Edda. Grau:
Doutorado
Bi: Usp/lp

Un: Usp
Au: Silveira, Regina Célia Pagliuchi Da
Ti: Comportamento Fonético-Fonológico Da
Língua Na Televisão
Paulista.
Tp: Tese
Lp: São Paulo
Cp: Fac De Filosofia, Letras E Ciências
Humanas - Usp
Da: 1970
Pg: 226
Pa: Brasil
Id: Português
No: Dissertação (Mestrado)
Te: Orientador: Pais, Cidmar Teodoro. Grau:
Mestrado
Bi: Usp/Ffich-Let

Un: Usp
Au: Halloran, James
Ti: Efectos De La Television
Tp: Livro
Lp: Madrid
Cp: Nacional
Da: 1974
Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Television And Social Behavior: An
Annotated Bibliography Of Research
Focusing On Television's Impact On Children
Tp: Livro
Lp: Rockville
Cp: U S Dep Of Health, Education Welfare
Da: 1971
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Halloran, James Dermot
Ti: Effects Of Television
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Panther
Da: 19-?
Pg: 224
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
No: Notas Bibliográficas E Explicativas No
Final Dos Capítulos
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Andersen, Maria José Beraldi; Encontros
De Psicologia
Ti: Televisão : Efeitos Do Consumo
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Feusp
Da: 1986
Pg: 45
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Fe
Un: Usp

Au: Livingstone, Sônia M.
Ti: Making Sense Of Television
Tp: Livro
Lp: Oxford
Cp: Pergamon Press
Da: 1990
Pg: 217
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/lp

Un: Usp
Au: Mattelart, Armand; Mattelart, Michele
Ti: Carnaval Das Imagens
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1989
Pg: 206
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Semana De Estudos De Televisão (1. :
1976 : São Paulo)
Ti: Semana De Estudos De Televisão, 1.,
São Paulo, 1976
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Eca/Usp
Da: 1976
Pg: 352
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Morley, David
Ti: Family Television : Cultural Power And
Domestic Leisure
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Routledge
Da: 1991
Pg: 178
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp

Au: Clark, Walter; Priolli, Gabriel
Ti: O Campeão De Audiência
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Editora Best Seller
Da: 1991
Pg: 420 ;
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Programação)
Televisão (Brasil)
Bi: Usp/leb

Un: Unesp
Au: Arias Ruiz, Aníbal
Ti: El Mundo De La Television
Tp: Livro
Lp: Madrid
Cp: Guadarrama
Da: 1971
Pg: 399p
Pa: Espanha
As: Televisão Aspectos Sociais
Televisão Na Educação
Televisão
Bi: Unesp/Fclas-Bt

Un: Unesp
Au: Nobre, Freitas
Ti: Lei Da Informação :Lei Da Imprensa,
Radio, Televisão E Agencias
De Noticias
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Saraiva
Da: 1968
Pg: 304p
No: It
As: Imprensa Brasil. Legislação
Radiojornalismo Brasil. Legislação
Televisão Brasil. Legislação
Bi: Unesp/Gid-Bt

Un: Unicamp
Au: Abramson, Albert
Ti: The History Of Television, 1880 To 1941
Tp: Livro
Lp: Jefferson
Cp: Mcfarland
Da: C1987
Pg: 354p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Historia
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp

Au: Mattos, Sérgio
Ti: Um Perfil Da Tv Brasileira :40 Anos De
Historia : 1950-1990
Tp: Livro
Lp: Salvador
Cp: Abap ; A Tarde
Da: C1990
Pg: 85p
Pa: Brasil
As: Televisão - Brasil - Historia - 1950-1990
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Albert, Pierre
Ti: Historia De La Radio Y La Television
Tp: Livro
Lp: México, D.F
Cp: Fondo De Cult. Econômica
Da: 1993
Pg: 176p
Pa: México
Id: Espanhol
No: Tradução De: Histoire De La Radio-
Television
As: Radiodifusão Radio - Historia
Teledifusão Televisão - Historia
Comunicação De Massa
Bi: Unicamp/lfch

Un: Usp
Au: Palmer, Edward L; Dorr, Aimee
Ti: Children And The Faces Of Television:
Teaching, Violence, Selling
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Academic Press
Da: 1980
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Educação Artística
Televisão E Crianças
Bi: Usp/Fe
Usp/Eca

Un: Usp
Au: Ávila, Carlos Rodolfo Amendola
Ti: Teleinvasão: A Participação Estrangeira
Na Televisão Do Brasil
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Cortez
Da: 1982
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Telecomunicações (Aspectos
Econômicos)

Comunicação
Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Fe
Usp/lp
Usp/Eca

Un: Unesp
São Paulo (Sp). Departamento De
Informação E Documentação Artística.
Ti: Da Literatura A Teve
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Idart
Da: 1981
Pg: 114p
No: It
As: Novelas De Radio E Televisão
Adaptações Para A Televisão
Bi: Unesp/Fclar-Bt

Un: Unesp
Au: Vianney, João
Ti: Virada Eletrônica: O Marketing Político
Na Tv
Tp: Livro
Lp: Florianópolis
Cp: Ed. Da Ufsc
Da: 1987
Pg: 180p
No: It
As: Televisão Na Política
Campanha Eleitoral Florianópolis (Sc)
Bi: Unesp/Cepel

Un: Unesp Fundação Centro Brasileiro De Tv
Educativa.
Ti: Qualificação Profissional Para O
Magistério: Fundamentos Da Educação
Tp: Livro
Ed: 2.Ed
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Funteve
Da: 1986
No: Bibliografia : P.127; It
As: Professores Formação
Televisão Na Educação
Radio Na Educação
Ensino De Primeiro Grau
Bi: Unesp/Cepel

Un: Unesp
Au: Amorim, Plácida Leopoldina Ventura
Pontificia Universidade Católica De
Campinas. Faculdade De
Biblioteconomia.

Ti: Biblioteca E A Interação Televisão
Leitura
Tp: Tese
Lp: Campinas
Cp: [S.N.]
Da: 1982
Pg: 99p
No: Orientador: Antônio Suarez Abreu;
Dissertação (Mestrado)
Pontifícia Universidade Católica De
Campinas. Faculdade De
Biblioteconomia, 1982
Te: Orientador: Abreu, Antônio Suarez. Grau:
Mestrado
As: Leitura
Televisão Na Educação
Bi: Unesp/Ffc-Bt

Un: Unesp
Au: Nobre, Freitas
Ti: Lei Da Informação :Lei Da Imprensa,
Radio, Televisão E Agencias
De Noticias
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Saraiva
Da: 1968
Pg: 304p
No: It
As: Imprensa Brasil. Legislação
Radiojornalismo Brasil. Legislação
Televisão Brasil. Legislação
Bi: Unesp/Gid-Bt

Un: Unesp
Au: Arias Ruiz, Aníbal
Ti: El Mundo De La Television
Tp: Livro
Lp: Madrid
Cp: Guadarrama
Da: 1971
Pg: 399p
Pa: Espanha
As: Televisão Aspectos Sociais
Televisão Na Educação
Televisão
Bi: Unesp/Fclas-Bt

Un: Unesp
Au: Planque, Bernard
Ti: Técnicas Audiovisuais De Ensino :Um
Guia Pratico Para Os
Professores E Os Educadores
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Loyola

Da: 1974
Pg: 99p
No: It
As: Tecnologia Educacional
Televisão Educativa
Gravador
Bi: Unesp/Fclar-Bt

Un: Unesp
Au: Bluem, A. William
Ti: Como Fazer Televisão :Planejamento,
Produção, Execução
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Letras & Letras
Da: 1965
Pg: 268p
Id: Português
No: Tradução De : Television In The Public
Interest; It
As: Televisão Produção E Direção
Bi: Unesp/Fclar-Bt

Un: Unicamp
Au: Stasheff, Edward
Ti: O Programa De Televisão : Sua Direção
E Produção
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Epu : Edusp
Da: 1978
Pg: Xv, 276p
Pa: Brasil
Id: Português
No: Tradução De: The Television Program :
Its Direction And Production
As: Televisão - Programas
Televisão - Produção E Direção
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Fischer, Rosa Maria Bueno
Instituto De Estudos Avançados Em
Educação. Departamento De Filosofia Da
Educação; Fundação Getúlio Vargas.
Instituto De Estudos Avançados Em
Educação. Departamento De Filosofia Da
Educação.
Ti: O Mito Na Sala De Jantar : Leitura
Interpretativa Do Discurso Infante-Juvenil
Sobre Televisão
Tp: Tese
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Fundação Getúlio Vargas, Instituto De
Estudos Avançados Em

Educação, Departamento De Filosofia Da
Educação
Da: 1982
Pa: Brasil
No: Dissertação (Mestrado) - Instituto De
Estudos Avançados Em
Educação, Departamento De Filosofia Da
Educação
Te: Grau: Mestrado
As: Televisão Na Educação
Televisão E Crianças
Televisão E Juventude
Bi: Unicamp/EI

Un: Unicamp
Au: Tinhorao, José Ramos
Ti: Musica Popular :Do Gramofone Ao Radio
E Tv
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Ática
Da: 1981
Pg: 215p
Pa: Brasil
As: Musica Popular - Brasil - Historia E
Critica
Registros Sonoros, Industria De - Brasil
Musica No Radio - Brasil - Historia E Critica
Musica Na Televisão - Brasil - Historia E
Critica
Bi: Unicamp/la Unicamp/Bc-Ce

Un: Unicamp
Au: Pignatari, Decio
Ti: Signagem Da Televisão
Tp: Livro
Ed: 3a Ed
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1984
Pg: 191p.
Pa: Brasil
No: Contem Dados Biograficos
As: Televisão, Programas De - Brasil -
Criticas
Bi: Unicamp/la
Co: Uc Bn000553115
Un: Unicamp
Au: Couceiro, Solange Martins
Universidade De São Paulo. Faculdade De
Filosofia, Letras E Ciências Humanas.
Ti: O Negro Na Televisão De São Paulo
:Um Estudo De Relações Raciais
Tp: Livro
Lp: [São Paulo]

Cp: Usp, Faculdade De Filosofia, Letras E
Ciências Humanas
Da: 1983
Pg: 133p.
Pa: Brasil
As: Negros - São Paulo (Sp)
Televisão, Estações De - São Paulo (Sp)
Comunicação De Massa E Relações
Raciais - São Paulo (Sp)
Bi: Unicamp/Bc
Unicamp/Bc-Pe
Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Carneiro, Glauco
São Paulo (Estado). Secretaria De
Promoção Social. Assessoria Da
Comunicação Social.
Ti: Televisão :O Desafio De Servir A
Comunidade
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Assessoria De Comunicação Social Da
Secretaria Da Promoção Social
Da: 1978
Pg: 44p.
Pa: Brasil
No: "Exposição Para O Painel Sobre
Televisão E Educação, Promovido Pela
Escola Superior De Guerra, No Rio De
Janeiro, A 23 De Agosto
De 1978."
As: Televisão - Brasil - Discursos, Ensaios,
Conferencias. Aspectos Sociais Televisão Na
Educação - Brasil - Discursos, Ensaios,
Conferencias
Bi: Unicamp/Bc

Un: Unicamp
Au: Fischer, Rosa Maria
Ti: O Mito Na Sala De Jantar :Leitura
Interpretativa Do Discurso Infanto-Juvenil
Sobre Televisão
Tp: Livro
Lp: Porto Alegre
Cp: Movimento
Da: 1984
Pg: 131p.
Pa: Brasil
As: Televisão Na Educação
Televisão E Crianças
Televisão E Juventude
Bi: Unicamp/Fe
Un: Unicamp
Au: Campedelli, Samira Youssef
Ti: A Telenovela

Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Ática
Da: 1985
Pg: 96p.
Pa: Brasil
As: Novelas De Radio E Televisão - Brasil
Bi: Unicamp/Fe
Unicamp/EI
Unicamp/Ia

Un: Unicamp
Au: Simoes, Inima Ferreira
Funarte.
Ti: Um Pais No Ar :Historia Da Tv Brasileira
Em Três Canais
Tp: Livro
Lp: São Paulo; [Rio De Janeiro]
Cp: Brasiliense; Funarte
Da: 1986
Pg: 323p.
Pa: Brasil
As: Televisão - Brasil - Historia. Estações
Teledifusão - Brasil - Historia
Bi: Unicamp/Fef

Un: Unicamp
Au: Assmann, Hugo Associação Mundial De
Comunicação Crista. Região América Latina
E
Caribe.
Ti: A Igreja Eletrônica E Seu Impacto Na
América Latina :Convite A Um
Estudo
Tp: Livro
Lp: Petrópolis, Rj; [S.L.]
Cp: Vozes; Associação Mundial De
Comunicação Crista Da América Latina
E Caribe
Da: 1986
Pg: 215p.
Pa: Brasil
As: Televisão Na Religião
Radio Na Religião
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Fernandes, Ismael
Ti: Memória Da Telenovela Brasileira
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1987
Pg: 521p
Pa: Brasil

As: Novelas De Radio E Televisão - Brasil -
Historia
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Sodre, Muniz
Ti: Televisão E Psicanálise
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Ática
Da: 1987
Pg: 79p.
Pa: Brasil
As: Televisão - Aspectos Psicológicos
Bi: Unicamp/Fe
Unicamp/Ia
Unicamp/EI

Un: Unicamp
Au: Bastos, Laura
Ti: A Criança Diante Da Tv :Um Desafio
Para Os Pais
Tp: Livro
Lp: Petrópolis, Rj
Cp: Vozes
Da: 1988
Pg: 117p.
Pa: Brasil
As: Televisão E Crianças
Televisão - Aspectos Psicológicos
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Macedo, Claudia; Falcão, Angela;
Almeida, Cândido José Mendes De
Ti: Tv Ao Vivo :Depoimentos
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1988
Pg: 302p.
Pa: Brasil
As: Televisão - Brasil - Discursos, Ensaios,
Conferencias
Bi: Unicamp/lfch
Unicamp/Ia

Un: Unicamp
Au: Greenfield, Patrícia Marks
Ti: O Desenvolvimento Do Raciocínio Na Era
Da Eletrônica :Os Efeitos
Da Tv, Computadores E Videogames
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Summus
Da: 1988

Pg: 162p
Pa: Brasil
Id: Português
No: Tradução De: Mind And Media : The Effects Of Television, Computers And Video Games
As: Comunicação De Massa E Crianças
Televisão E Crianças
Vídeo Games
Crianças - Desenvolvimento
Computadores E Crianças
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Ortiz, Renato
Ti: Telenovela :Historia E Produção
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1989
Pg: 197p
Pa: Brasil
As: Novelas De Radio E Televisão - Brasil
Novelas De Radio E Televisão - Historia
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Rezende, Ana Lúcia Magela De
Ti: A Teve E A Criança Que Te Vê
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Cortez
Da: 1989
Pg: 101p
Pa: Brasil
No: "Prêmio Roquete Pinto 1987, Funteve-
Mec."
As: Televisão - Aspectos Psicológicos
Televisão E Crianças
Televisão Na Educação
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Rocco, Maria Thereza Fraga
Ti: A Linguagem Autoritária: Televisão E Persuasão
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1989
Pg: 200p.
Pa: Brasil
No: Subtítulo Retirado Da Capa
As: Televisão - Brasil. Programas
Publicidade Em Televisão - Brasil - Linguagem

Persuasão (Retórica)
Bi: Unicamp/lfch
Un: Unicamp
Au: Mattelart, Armand
Ti: O Carnaval Das Imagens :A Ficção Na Tv
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1989
Pg: 206p.
Pa: Brasil
No: Tradução De: Le Carnaval Des Images
As: Televisão - Brasil. Aspectos Sociais
Rede Globo De Televisão
Novelas De Radio E Televisão - Brasil.
Aspectos Sociais
Bi: Unicamp/Fef
Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Sodre, Muniz
Ti: A Máquina De Narciso : Televisão,
Indivíduo E Poder No Brasil
Tp: Livro
Ed: 2a Ed
Lp: São Paulo
Cp: Cortez
Da: 1990
Pg: 141p.
Pa: Brasil
As: Televisão
Televisão - Aspectos Psicológicos
Televisão E Política
Poder (Ciências Sociais)
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Leal, Ondina Fachel
Ti: A Leitura Social Da Novela Das Oito
Tp: Livro
Ed: 2. Ed
Lp: Petrópolis, Rj
Cp: Vozes
Da: 1990
Pg: 133p., [15]P. De Estampas
Pa: Brasil
No: Originalmente Apresentada Como
Dissertação Do Autor (Mestrado-
Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul)
Te: Grau: Mestrado
As: Novelas De Radio E Televisão - Brasil.
Aspectos Sociais
Comunicação De Massa - Brasil
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Novaes, Adauto
São Paulo (Sp). Secretaria Municipal De Cultura.
Ti: Rede Imaginaria : Televisão E Democracia
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Secretaria Municipal De Cultura : Companhia Das Letras
Da: 1991
Pg: 315p.
Pa: Brasil
As: Televisão - Aspectos Psicológicos, Sociais, Influencia, Brasil
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Klagsbrunn, Marta; Resende, Beatriz
Universidade Federal Do Rio De Janeiro. Centro Interdisciplinar De Estudos Contemporâneos; Museu Da Imagem E Do Som (Rio De Janeiro, Rj).
Ti: A Telenovela No Rio De Janeiro, 1950-1963
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Ufrj, Centro Interdisciplinar De Estudos Contemporâneos : Mis
Da: 1991
Pg: 183p
Pa: Brasil
As: Novelas De Radio E Televisão - Rio De Janeiro (Estado) - Historia Artistas De Televisão - Rio De Janeiro (Estado) - Entrevistas
Bi: Unicamp/EI

Un: Unicamp
Au: Leal Filho, Laurindo
Pontifícia Universidade Católica De São Paulo.
Ti: A Cultura Da Tv
Tp: Tese
Lp: São Paulo
Cp: [S.N.]
Da: 1986
Pa: Brasil
No: Orientador: Octavio Ianni; Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
Te: Orientador: Ianni, Octavio. Grau: Mestrado

As: Televisão - Aspectos Sociais
Cultura De Massa
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Oliveira, Dennison De
Universidade Estadual De Campinas. Instituto De Filosofia E Ciências Humanas.
Ti: Estado E Mercado Na Radiodifusão
Tp: Tese
Lp: Campinas [Sp
Cp: S.N.]
Da: 1990
Pa: Brasil
No: Orientador: Sebastião Carlos Velasco E Cruz; Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual De Campinas, Instituto De Filosofia E Ciências Humanas
Te: Orientador: Cruz, Sebastião Carlos Velasco E. Grau: Mestrado
As: Radiodifusão Aspectos Políticos
Estação De Televisão Aspectos Políticos
Bi: Unicamp/lfch
Unicamp/Bc

Un: Unicamp
Au: Leal Filho, Laurindo
Ti: Atras Das Câmeras :Relações Entre Cultura, Estado E Televisão
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Summus
Da: 1988
Pg: 97p
Pa: Brasil
As: Televisão - Aspectos Sociais
Televisão - Historia
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Ti: Women And Media Decision-Making :The Invisible Barriers
Tp: Livro
Lp: Paris
Cp: Unesco
Da: C1987
Pg: 121p
Pa: França
As: Mulheres Na Televisão
Mulheres - Condições Sociais
Mulheres Na Comunicação De Massa
Mulheres - Emprego
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp

Au: Arnold, Erick
Ti: Competition And Technological Change In
The Television Industry
:An Empirical Evaluation Of Theories Of
The Firm
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Macmillan
Da: C1985
Pg: 234p
Pa: Reino Unido
As: Televisão - Industria
Bi: Unicamp/lg

Un: Unicamp
Au: Marcondes Filho, Ciro
Ti: Televisão :A Vida Pelo Vídeo
Tp: Livro
Ed: 4. Ed
Lp: São Paulo
Cp: Moderna
Da: 1990
Pg: 119p
Pa: Brasil
As: Televisão - Aspectos Sociais
Televisão - Aspectos Psicológicos
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Even, Martin
Ti: L'espagne Et Sa Television
Tp: Livro
Lp: Paris; Seyssel
Cp: Ina; Champ Vallon
Da: C1989
Pg: 158p
Pa: França
As: Televisão - Espanha
Bi: Unicamp/la
Co: Uc Cm000048249
39/611
Ir: Unibibli/37995
Un: Unicamp
Au: Charon, Yvan
Ti: L'interview A La Television
Tp: Livro
Lp: Paris
Cp: Cfpj
Da: 1989
Pg: 94p
Pa: França
As: Entrevistas Em Televisão
Entrevistas (Jornalismo)
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp

Au: Alkin, Glyn
Ti: Sound Techniques For Vídeo And Tv
Tp: Livro
Ed: 2. Ed
Lp: London ; Boston
Cp: Focal
Da: C1989
Pg: 240p
Pa: Reino Unido
As: Som - Registros E Reproduções
Televisão - Produção E Direção
Engenharia Acústica
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Blum, Richard A
Ti: Primetime :Network Television
Programming
Tp: Livro
Lp: Boston ; London
Cp: Focal
Da: C1987
Pg: 226p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Programas
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Blum, Richard A
Ti: Working Actors :The Craft Of Television,
Film, And Stage Performance
Tp: Livro
Lp: Boston ; London
Cp: Focal
Da: C1989
Pg: 153p
Pa: Estados Unidos
As: Representação Cinematográfica
Representação Para Televisão
Atores - Estados Unidos - Entrevistas
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Ti: Signal Processing Of Hdtv
Tp: Livro
Lp: Amsterdam
Cp: North-Holland
Da: C1988
Pg: 698p
Pa: Holanda
No: Trabalho Apresentado No: Second
International Workshop On Signal
Processing Of Hdtv, L'aquila, Italy, 29
February-2 March, 1988
As: Televisão De Alta Definição
Bi: Unicamp/Bae

Un: Unicamp
Au: King, Gordon John
Ti: Introduccion A La Television
Tp: Livro
Lp: Barcelona
Cp: Labor
Da: C1976
Pg: 180p
Pa: Espanha
Id: Espanhol
No: Tradução: Beginner's Guide To
Television
As: Televisão - Tecnologia
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Kaminsky, Stuart M
Ti: Writing For Television
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Dell Trade
Da: C1988
Pg: 211p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Aatoria
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Astre, Georges-Albert
Ti: Problems De La Television
Tp: Livro
Lp: Paris
Cp: Minard
Da: 1962
Pg: 95p
Pa: França
As: Televisão
Cinema Na Televisão
Adaptações Para A Televisão
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Chambers, Everett
Ti: Producing Tv Movies
Tp: Livro
Lp: Los Angeles
Cp: E.C.Productions
Da: 1988, C1986
Pg: 229p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Produção E Direção
Cinema Na Televisão
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp

Au: Shanks, Bob
Ti: The Primal Screen :How To Writh, Sell,
And Produce Movies For Television, With
Complete Script Of Drop-Out Father
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: F. Columbine
Da: C1986
Pg: 414p
Pa: Estados Unidos
As: Cinema Na Televisão
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Dargnies, Sylvie
Ti: Les Chiffres-Cies De La Television
Francaise :1988-1989
Tp: Livro
Lp: [Paris]
Cp: Ina ; Csa
Da: [198-?]
Pg: 158p
Pa: França
As: Teledifusão - Franca
Televisão - Programas
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Abramson, Albert
Ti: The History Of Television, 1880 To 1941
Tp: Livro
Lp: Jefferson
Cp: Mcfarland
Da: C1987
Pg: 354p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Historia
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Le Diberder, Alain
Ti: Briser Les Chaines :Une Introduction A
L'apres-Television
Tp: Livro
Lp: Paris
Cp: Decouverte
Da: C1988
Pg: 170p
Pa: França
As: Televisão
Televisão - Aspectos Econômicos
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Ellis, John

Ti: Visible Fictions :Cinema, Television, Vídeo
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Routledge
Da: 1988, C1982
Pg: 295p
Pa: Reino Unido
As: Cinema Cinema Na Televisão Teledifusão
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Millerson, Gerald
Ti: Lighting For Television And Motion Pictures
Tp: Livro
Ed: 2. Ed
Lp: London
Cp: Focal
Da: 1989, C1982
Pg: 391p
Pa: Reino Unido
As: Televisão - Iluminação Cinematografia - Iluminação
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Schmidt, Rosemarie
Ti: Television Advertising And Televangelism :Discourse Analysis Of Persuasive Language
Tp: Livro
Lp: Amsterdam ; Philadelphia
Cp: J. Benjamins
Da: 1986
Pg: 88p
Pa: Holanda
As: Persuasão (Retórica) Propaganda Pela Televisão - Linguagem, Televisão Na Religião Evangelização - Linguagem
Bi: Unicamp/EI

Un: Unicamp
Au: Tardy, Michel
Ti: O Professor E As Imagens
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Cultrix : Usp
Da: 1976
Pg: 123p
Pa: Brasil
Id: Português
No: Tradução De : Le Professeur Et Les Images
As: Cinema Na Educação

Televisão Na Educação
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Carrera Alarcon, Juana Elizabeth
Universidade Estadual De Campinas. Faculdade De Educação.
Ti: Festas Equatorianas Na Tv, Na Escola E Na Fala Dos Alunos
Tp: Tese
Lp: Campinas [Sp
Cp: S.N.]
Da: C1992
Pa: Brasil
As: Televisão E Crianças Comunicação De Massa E Crianças. Festas Populares - Equador
Bi: Unicamp/Bc/ Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Prizendt, Benjamin
Universidade Estadual De Campinas. Faculdade De Educação.
Ti: Projeto Telescola :Recurso Ou Controle Do Professor
Tp: Tese
Lp: Campinas, [Sp]
Cp: [S.N.]
Da: 1984
Pa: Brasil
As: Escolas De 1o. Grau Televisão Na Educação
Bi: Unicamp/Fe/ Unicamp/Bc

Un: Unicamp
Au: Mattos, Sérgio
Ti: Um Perfil Da Tv Brasileira :40 Anos De Historia : 1950-1990
Tp: Livro
Lp: Salvador
Cp: Abap ; A Tarde
Da: C1990
Pg: 85p
Pa: Brasil
As: Televisão - Brasil - Historia - 1950-1990
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Bretz, Rudy
Ti: Treinamento De Pessoal Para Tv Educativa: Um Modelo Piloto
Tp: Livro
Lp: Brasília, Df
Cp: Ipea
Da: 1973
Pg: 85p

Pa: Brasil
As: Televisão Na Educação
Pessoal - Treinamento
Bi: Unicamp/Bc

Un: Unicamp
Au: Clark, Walter
Ti: O Campeão De Audiência
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Best Seller
Da: C1991
Pg: 420p
Pa: Brasil
As: Diretores E Produtores De Televisão -
Brasil - Biografia/ Clark, Walter
Bi: Unicamp/Fe / Ifch

Un: Unicamp
Au: Witherspoon, John P
Ti: Instalaciones De Television Educativa
:Guia Para Una Programacion
Tp: Livro
Lp: México, Df
Cp: Diana : A.I.D.
Da: 1972
Pg: 102p
Pa: México
No: Tradução De : Instructional Television
Facilities
As: Televisão Na Educação/ Televisão -
Programas De Interesse Publico
Bi: Unicamp/Bc Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Requena, Jesus Gonzales
Ti: El Discurso Televisivo :Espetaculo De La
Posmodernidad
Tp: Livro
Lp: Madrid
Cp: Cátedra
Da: C1992
Pg: 167p
Pa: Espanha
As: Televisão - Discursos, Ensaios,
Conferências
Bi: Unicamp/Ia

Un: Unicamp
Au: Gitlin, Todd
Ti: Watching Television :A Pantheon Guide
To Popular Culture
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Pantheon
Da: 1987, C1986

Pg: 248p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Estados Unidos. Programas
Bi: Unicamp/Ifch

Un: Unicamp
Au: Bicudo, Neusa Maria Dias
Ti: Psicopedagogia Da Televisão:
Televisão, Radio, Material Gráfico
Tp: Livro
Ed: 2. Ed
Lp: São José Dos Campos
Cp: Inpe
Da: 1975
Pg: 416p
Pa: Brasil
As: Televisão Na Educação
Psicopedagogia
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Ti: Rede Globo. Central De Jornalismo.
/Manual De Telejornalismo
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Tv Globo
Da: 1985, C1984
Pg: 91p
Pa: Brasil
As: Jornalismo - Brasil/ Telejornalismo
Redação De Textos Para Televisão
Bi: Unicamp/EI

Un: Unicamp
Au: Dunnett, Peter J. S
Ti: The Worlds Television Industry :An
Economic Amalysis
Tp: Livro
Lp: London ; New York
Cp: Routledge
Da: 1990
Pg: 246p
Pa: Reino Unido
No: A Biblioteca Do Ifch Possui A
Reimpressao De 1993
As: Televisão- Ee.Uu. Aspectos
Econômicos/ Televisão - Política
Governamental
Bi: Unicamp/Ifch

Un: Unicamp
Au: Boskin, Joseph
Ti: Sambo :The Rise E Demise Of An
American Jester
Tp: Livro
Lp: New York ; Oxford

Cp: Oxford Univ.
Da: 1986
Pg: 252p
Pa: Estados Unidos
As: Apresentadores (Teatro, Televisão, Etc.)
- Ee.Uu- Biografia. Negros Sambo (Carater Ficticio)/ Artes Cênicas - Negros/ Cultura Popular/Estereotipo (Psicologia)
Relações Raciais
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Trapnell, Coles
Ti: Teleplay :An Introduction To Television Writing
Tp: Livro
Lp: San Francisco
Cp: Chandler
Da: C1966
Pg: 245p
Pa: Estados Unidos
As: Redação De Textos Para Televisão
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Ti: Da Literatura A Tv
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Idart
Da: 1981
Pg: 114p
Pa: Brasil
As: Televisão - Brasil
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Oliveira Junior, Wenceslao Machado De
Universidade Estadual De Campinas.
Faculdade De Educação.
Ti: A Cidade (Tele) Perdida :Em Busca Da Atual Imagem Do Urbano
Tp: Tese
Lp: Campinas, [Sp
Cp: S.N.]
Da: 1994
Pa: Brasil
No: Orientador: Vani Moreira Kenski;
As: Vida Urbana Cidades E Vilas Espacos Urbanos - Desenhos Comunicação E Massa
Televisão E Crianças
Bi: Unicamp/Bc Unicamp/Fe
Unicamp/lfch

Un: Unicamp

Au: Albert, Pierre
Ti: Historia De La Radio Y La Television
Tp: Livro
Lp: México, D.F
Cp: Fondo De Cult. Econômica
Da: 1993
Pg: 176p
Pa: México
Id: Espanhol
No: Tradução De: Histoire De La Radio-
Television
As: Radiodifusão Radio - Historia Teledifusão
Televisão - Historia Comunicação De
Massa
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Esquenazi, Rose
Ti: No Túnel Do Tempo :Uma Memória Afetiva Da Tv Brasileira
Tp: Livro
Lp: Porto Alegre
Cp: Artes E Ofícios
Da: 1993
Pg: 184p
Pa: Brasil
As: Televisão - Brasil
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Barros, Sônia Miceli Pessoa De
Universidade De São Paulo. Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas.
Ti: Imitação Da Vida :(Pesquisa Exploratória Sobre A Telenovela No Brasil)
Tp: Tese
Lp: São Paulo
Cp: [S.N.]
Da: 1974
Pa: Brasil
Grau: Mestrado
As: Telenovelas - Historia,Programas
Industria Cultural
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Holtz, Célia Maria De Oliveira
Instituto De Pesquisas Espaciais (Brasil).
Ti: Avaliação Do Programa De Treinamento De Equipe Em Tel Educação Para A Seec/Rn- Projeto Atele
Tp: Tese
Lp: São José Dos Campos
Cp: Inpe
Da: 1978
Pa: Brasil

No: Trabalho Sobre O Desenvolvimento De Um Estudo De Avaliação Do Programa De Treinamento De Uma Equipe Interdisciplinar Em Teleducação Para A Seec/Rn
Te: Orientador: Holtz, Célia Maria De Oliveira. Grau: Mestrado
As: Tecnologia Educacional
Rio Grande Do Norte. Secretaria De Educação E Cultura
Recursos Humanos
Televisão Na Educação
Formação Profissional
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Wells, Alan
Ti: Picture-Tube Imperialism? :The Impact Of U. S. Television On Latin América
Tp: Livro
Lp: Maryknoll, N. Y
Cp: Orbis
Da: C1972
Pg: 197p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Estados Unidos
Televisão - América Latina
Bi: Unicamp/Bc-Pe

Un: Unicamp
Au: Ramos, José Mário Ortiz
Ti: Televisão, Publicidade E Cultura De Massa
Tp: Livro
Lp: Petrópolis
Cp: Vozes
Da: C1995
Pg: 293p
Pa: Brasil
As: Cultura Popular Cultura De Massa
Televisão - Aspectos Sociais
Publicidade - Aspectos Sociais
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Daniel, Taunay
Universidade Estadual De Campinas.
Instituto De Artes.
Ti: Televisão E Comunicação Científica
Tp: Tese
Lp: Campinas, [Sp
Cp: S.N.]
Da: 1995
Pa: Brasil

No: Orientador: Etienne G. Samain;
Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual De Campinas, Instituto De Artes
Te: Orientador: Samain, Etienne Ghislain.
Grau: Mestrado
As: Televisão
Comunicação
Bi: Unicamp/Bc
Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Abreu, Ana Carolina Santini De
Universidade De São Paulo. Escola De Comunicação E Artes.
Ti: Modernização, Multinacionais E Publicidade Rural :Uma Interpretação Macrosemiótica
Tp: Tese
Lp: São Paulo
Cp: [S.N.]
Da: 1992
Pa: Brasil
No: Orientador: Ivan Santo Barbosa; Tese (Doutorado) - Universidade De São Paulo, Escola De Comunicação E Artes
Te: Orientador: Barbosa, Ivan Santo. Grau: Doutorado
As: Publicidade
Propaganda Pela Televisão
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Guimarães, Hélio De Seixá
Universidade Estadual De Campinas.
Instituto De Estudos Da Linguagem.
Ti: Literatura Em Televisão: Uma História Das Adaptações De Textos Literários Para Programas De Tv
Tp: Tese
Lp: Campinas, Sp
Cp: [S.N.]
Da: 1995
Pg: 1v.(Varias Paginações)
Pa: Brasil
No: Orientador: Berta Waldman; Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual De Campinas, Instituto De Estudos Da Linguagem
Te: Orientador: Waldman, Berta. Grau: Mestrado
As: Literatura E Comunicação De Massa
Televisão - Programas
Adaptações Para A Televisão
Bi: Unicamp/Bc
Unicamp/EI

Un: Unicamp
Au: Dorr, Aimee
Ti: Television And Children :A Special
Medium For A Special Audience
Tp: Livro
Lp: Bervely Hills
Cp: Sage
Da: 1986
Pg: 160p
Pa: Estados Unidos
As: Televisão - Programas Para Crianças
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Albert, Pierre
Ti: Historia De La Radio Y La Television
Tp: Livro
Lp: México, D.F
Cp: Fondo De Cult. Econômica
Da: C1992
Pg: 176p
Pa: México
As: Radiodifusão Radio - Historia
Teledifusão
Televisão - Historia Comunicação De
Massa
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Alves, Gloria Da Anunciação
Universidade De São Paulo. Faculdade De
Filosofia, Letras E
Ciências Humanas.
Ti: Cidade, Como Te Ver?
Tp: Tese
Lp: São Paulo
Cp: [S.N.]
Da: 1992
Pa: Brasil
No: Orientador: Ana Fani Alessandri Carlos;
Dissertação (Mestrado) - Universidade De
São Paulo, Faculdade De Filosofia, Letras E
Ciências Humanas
Te: Orientador: Carlos, Ana Fani A. (Ana
Fani Alessandri). Grau: Mestrado
As: Televisão - Comunicação - Processos
Culturais - Audiência - Comunicação De
Massa
Espaços Urbanos - Processos Culturais
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Siqueira, Fláilda Brito Garboggini
Universidade Estadual De Campinas.
Instituto De Artes.

Ti: A Mulher Margarina: Uma Representação
Dominante Em Comerciais De Tv Nos Anos
70 E 80
Tp: Tese
Lp: Campinas, [Sp
Cp: S.N.]
Da: 1995
Pa: Brasil
No: Orientador: Haydee Dourado De Faria
Cardoso; Dissertação (Mestrado) -
Universidade Estadual De Campinas,
Instituto De Artes
Te: Orientador: Cardoso, Haydee Dourado
De Faria. Grau: Mestrado
As: Publicidade Propaganda Pela Televisão
Mulheres Na Televisão Mulheres Na
Industria Da Propaganda
Bi: Unicamp/Bc
Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Abramovich, Fanny
Ti: O Estranho Mundo Que Se Mostra As
Crianças
Tp: Livro
Ed: 3.Ed
Lp: São Paulo
Cp: Summus
Da: C1983
Pg: 164p
Pa: Brasil
As: Literatura Infanto-Juvenil - Historia E
Critica
Teatro Infanto-Juvenil Brasileiro - Historia E
Critica
Televisão Na Educação - Brasil
Brinquedos - Brasil
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Moles, Abraham Antoine
Ti: Linguagem Da Cultura De Massas :
Televisão E Canção
Tp: Livro
Lp: Petrópolis
Cp: Vozes
Da: 1973
Pg: 177p
Pa: Brasil
No: Seleção De Ensaios Da Revista
Communications
As: Comunicação De Massa Comunicação
Televisão - Aspectos Sociais Radio -
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Planque, Bernard
Ti: Técnicas Audiovisuais De Ensino :Um Guia Pratico Para Os Professores E Os Educadores
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Loyola
Da: 1974
Pg: 99p
Pa: Brasil
As: Tecnologia Educacional
Televisão Educativa
Gravador
Bi: Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Bolano, Cesar
Ti: Mercado Brasileiro De Televisão
Tp: Livro
Lp: Aracaju
Cp: Universidade Federal De Sergipe
Da: 1988
Pg: 173p. : Grafts
Pa: Brasil
No: Inclui Índice
As: Televisão - Aspectos Econômicos
- Propaganda
Bi: Unicamp/Ie

Un: Unicamp
Au: Cruz, Dulce Márcia
Universidade Federal De Santa Catarina.
Centro De Filosofia E Ciências Humanas.
Ti: A Rbs Em Santa Catarina: Estratégias Políticas, Econômicas E Culturais Na Conquista Do Mercado Televisivo Regional
Tp: Tese
Da: 1994
Pa: Brasil
No: Orientadora: Tamara Benakouche;
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal De Santa Catarina, Centro De Filosofia E Ciências Humanas
Te: Orientador: Benakouche, Tamara. Grau: Mestrado
As: Televisão - Santa Catarina - Teses
Rede Brasil Sul De Comunicações
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Lima, Fernando Barbosa
Ti: Televisão & Vídeo
Tp: Livro
Ed: 2. Ed
Lp: Rio De Janeiro

Cp: J. Zahar
Da: 1989
Pg: 78p
Pa: Brasil
No: Contém Dados Biográficos Dos Autores
As: Televisão E Política - Brasil - Disc
Brasil - Política E Governo - 1964-1985
Bi: Unicamp/Ia

Un: Unicamp
Seminário Latino-Americano De Educação Para A Televisão,, (2.
Ti: Educação Para Os Meios De Comunicação, Um Problema Metodológico: Anais Do Ii Seminário Latino-Americano De Educação Para A Televisão
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Abt
Da: 1987
Pg: 124p
Pa: Brasil
As: Comunicação Na Educação
Televisão Na Educação
Bi: Unicamp/Bc Unicamp/Fe

Un: Unicamp
Au: Coffelt, Kenneth
Ti: Técnicas De La Television Educativa
Tp: Livro
Lp: México, D.F
Cp: Aid
Da: 1971
Pg: 63p
Pa: México
Id: Espanhol
No: Tradução De: Basic Design And Utilization Of Instructional Television
As: Televisão Na Educação
Bi: Unicamp/Fe
Unicamp/Bc

Un: Unicamp
Au: Miceli, Sérgio
Ti: A Noite Da Madrinha
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Perspectiva
Da: 1972
Pg: 293p
Pa: Brasil
No: Originalmente Apresentado Como Dissertação Do Autor Ao Departamento De Ciências Sociais Da Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas, Usp

As: Comunicação De Massa - Aspectos Sociais - Estudo De Casos Audiências De Televisão - Televisão - Brasil - Programas
Bi: Unicamp/lfch Unicamp/Bc-Ce

Un: Unicamp
Au: Souza, Cláudio Mello E
Tv Globo (Rio De Janeiro, Rj).
Ti: 15 Anos De Historia

Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Tv Globo
Da: C1984
Pg: 351p
Pa: Brasil
No: "Os Trabalhos De Pesquisa, Entrevistas, Redação Final E Edição Deste Livro Foram Feitos Por Cláudio Mello E Souza, Com Exclusividade Para A Rede Globo De Televisão"
As: Telejornalismo - Historia Jornalismo - Televisão - Brasil - Historia
Bi: Unicamp/lfch

Un: Unicamp
Au: Milanesi, Luiz Augusto
Ti: O Paraíso Via Embratel: O Processo De Integração De Uma Cidade Do Interior Paulista Na Sociedade De Consumo
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Paz E Terra
Da: 1978
Pg: 224p
Pa: Brasil
As: Televisão - Brasil Transmissores E Transmissão
Bi: Unicamp/Fef
Un: Unicamp
Au: Melo, José Marques De
Ti: Comunicação De Atualidades :Tv E Cinema
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Usp, Escola De Comunicações E Artes
Da: 1972
Pa: Brasil
As: Comunicação De Massa Cinema Televisão
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Almeida, Cândido José Mendes De
Ti: Uma Nova Ordem Audiovisual :Novas Tecnologias De Comunicação

Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Summus
Da: 1988
Pg: 106p
Pa: Brasil
As: Comunicação Visual Televisão - Aspectos Sociais - Brasil - Historia
Bi: Unicamp/la

Un: Unicamp
Au: Sodre, Muniz
Ti: A Maquina De Narciso :(Televisão, Indivíduo E Poder No Brasil)
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Achiame
Da: C1984
Pg.: 147p
Pa: Brasil
As: Televisão - Aspectos Psicológicos Política Poder (Ciências Sociais)
Bi: Unicamp/lfch

Un: Usp
Au: Torres Neto, Pedro
Ti: Educação Pela Teve
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Edições O Cruzeiro
Da: 1971
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Meios Auxiliares De Ensino Televisão
Bi: Usp/Fsp Usp/Eca

Un: Usp
Au: Carnegie Co Of New York
Ti: Televisão Educativa: Um Programa De Ação
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Edições "O Cruzeiro"
Da: 1967
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Fsp

Un: Usp
Au: Milanesi, Luis Augusto; Coleção Estudos Brasileiros; V.32
Ti: Paraíso Via Embratel: O Progresso De Integração De Uma Cidade Do Interior Paulista

Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Paz E Terra
Da: 1978
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Comunicação De Massa Através Da
Televisão
Bi: Usp/Fflch-Fil

Un: Usp
Au: Moles, Abraham Antoine; Coleção
Debates
Ti: Rumos De Uma Cultura Tecnológica
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Perspectiva
Da: 1973
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Comunicação Mudança Social
Teoria Da Informação História Moderna
(Ciência E Tecnologia) Estrutura Social
Televisão Arte E Tecnologia
Bi: Usp/Fflch-Geo Usp/Eesc Usp/Fflch-Fil
Usp/lp Usp/leb Usp/Fau Usp/Eca
Usp/Mac

Un: Usp
Au: Miranda, Ricardo; Pereira, Carlos Alberto
Messeder; O Nacional E O Popular Na
Cultura Brasileira
Ti: Televisão: As Imagens E Os Sons: No
Ar, O Brasil
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1983
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Comunicação De Massa (Meios - Aspectos
Sociais)
Bi: Usp/Fflch-Fil Usp/leb Usp/Eca

Un: Usp
Au: Gordon, George N
Ti: Televisão Educativa
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Bloch
Da: 1967
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Meios Auxiliares De Ensino

Televisão Educativa
Educação Aberta
Bi: Usp/Fe Usp/lp
Usp/Ffclrp Usp/Eca

Un: Usp
Au: Berger, Rene
Ti: Tele-Fissao Alerta A Televisão
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Loyola
Da: 1979
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão
Comunicação De Massa Através Da
Televisão
Bi: Usp/Esalq-Bc Usp/Eca

Un: Usp
Au: Palmer, Edward L; Dorr, Aimee
Ti: Children And The Faces Of Television:
Teaching, Violence, Selling
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Academic Press
Da: 1980
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Educação Artística
Televisão E Crianças
Bi: Usp/Fe Usp/Eca

Un: Usp
Au: Ávila, Carlos Rodolfo Amendola
Ti: Teleinvasão: A Participação Estrangeira
Na Televisão Do Brasil
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Cortez
Da: 1982
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Telecomunicações(Aspectos
Econômicos) Comunicação Televisão
(Brasil)
Bi: Usp/Fe Usp/lp Usp/Eca

Un: Usp
Au: Baggaley, Jon
Ti: Analisis Del Mensaje Televisivo
Tp: Livro
Ed: 0002
Lp: Barcelona
Cp: Gustavo Gili
Da: 1982

Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Fe Usp/Eca

Un: Usp
Au: Colombo, Furio; Punto Y Linea
Ti: Television: La Realidade Como
Espetáculo
Tp: Livro
Ed: 0002
Lp: Barcelona
Cp: Gustavo Gili
Da: 1976
Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Fe

Un: Usp
Au: Fischer, Rosa Maria Bueno
Ti: Mito Na Sala De Jantar: Leitura
Interpretativa Do Discurso Infante-Juvenil
Sobre Televisão
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: S.N.
Da: 1982
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
No: Anos De Publicação: 1984
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Mitologia E Mito Cultura Educação
Televisão E Crianças Televisão E
Juventude (Programação Infantil)
Bi: Usp/Fe Usp/lp Usp/Eca

Un: Usp
Au: Geis, Michael L
Ti: Language Of Television Advertising
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Academic Press
Da: 1982
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Fe

Un: Usp
Au: Aguiar, Wilson A
Ti: Introdução A Tv: Produção E Direção De
Programas
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Habitat

Da: 1967
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Produção E Direção)
Televisão
Bi: Usp/Fe Usp/Eca

Un: Usp
Au: Campos, Teresa Catarina De Goes
Ti: Tv Nos Tornou Mais Humanos?
Princípios Da Comunicação Pela Tv
Tp: Livro
Lp: Recife
Cp: Universidade
Da: 1970
Pa: Pernambuco
Id: Português
As: Televisão
Bi: Usp/Fe

Un: Usp
Au: Penteadó, Heloísa Dupas
Ti: Televisão E Os Adolescentes: A
Sedução Dos Inocentes
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Feusp
Da: 1983
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Adolescentes Sociologia Da Educação
Comunicação De Massa
Televisão Educativa
Bi: Usp/Fe Usp/leb Usp/Eca

Au: Sodre, Muniz; Vozes Do Mundo
Moderno; 16
Ti: Monopólio Da Fala: Função E Linguagem
Da Televisão No Brasil
Tp: Livro
Ed: 0004
Lp: Petrópolis
Cp: Vozes
Da: 1984
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Comunicação De Massa Através Da
Televisão
Bi: Usp/Fe Usp/Eca

Un: Usp
Au: Gomes, Jussara Regina
Ti: Leitura E Desenho De Cenografia Em Tv
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Fau

Da: 1978
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão
Bi: Usp/Fau

Un: Usp
Au: São Paulo (Cid). Sc. Dep Informação Documentação artísticas; Centro Doc Informação Arte Brasileira Contemporânea (Bsp); Porto E Silva, Flávio Luiz. Coord
Ti: Teleteatro Paulista Nas Décadas De 50 E 60
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Idart
Da: 1981
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão
Bi: Usp/Fau

Un: Usp
Au: Araújo, Carlos Brasil De
Ti: Escritor, A Comunicação E O Radiojornalismo: Caderno De Apontamentos
Tp: Livro
Lp: Brasília
Cp: Câmara Dos Deputados
Da: 1972
Pa: Distrito Federal
Id: Português
As: Rádio E Televisão Comunicação
Bi: Usp/Fob Usp/Fea

Un: Usp
Au: Bower, Robert T
Ti: Television And Public
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Holt, Rinehart And Winston
Da: 1973
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Audiência)
Bi: Usp/Eca

304/611
Ir: Unibibli/417315
Un: Usp
Au: Brown, Les
Ti: Television: The Business Behind The Box
Tp: Livro
Lp: New York

Cp: Harcourt Brace Jovanovich
Da: 1971
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Cole, Barry G
Ti: Television
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: The Free Press
Da: 1970
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Eca
Co: Us 902794048

Un: Usp
Au: Colombo, Furio
Ti: Rabia Y Television: Reflexiones Sobre Los Efectos Imprevistos De La Television
Tp: Livro
Lp: México
Cp: Gustavo Gili
Da: 1983
Pa: México
Id: Espanhol
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Erausquin, M Alfonso; Matilla, Luis; Vasquez, Miguel
Ti: Teledependentes
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Summus Ed
Da: 1983
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão E Crianças
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Estudio Sobre Las Preferencias E Intereses De Los Niños Por Los Programas De Television
Tp: Livro
Lp: Santurce, Puerto Rico
Cp: Depto Instruccion Publica
Da: 1976
Pa: Bolívia

Id: Espanhol
As: Televisão E Crianças
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Halloran, James
Ti: Efectos De La Television
Tp: Livro
Lp: Madrid
Cp: Nacional
Da: 1974
Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Liebert, Robert M; Neale, John M;
Davidson, Emily S
Ti: Early Window: Effects Of Television On
Children And Youth
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Pergamon
Da: 1973
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão E Crianças
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Manual Da Televisão Walt Disney
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Abril
Da: 1982
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Noll, Roger G; Peck, Merton J;
Mcgowan, John J
Ti: Economic Aspects Of Television
Regulation
Tp: Livro
Lp: Washington
Cp: D C, Brookings
Da: 1973
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Schramm, Wilbur; Lyle, Jack; Parker,
Edwin B
Ti: Television In The Lives Of Our Children
Tp: Livro
Lp: Stanford
Cp: Stanford University Press
Da: 1968
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão E Crianças
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Television And Human Behavior
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Columbia University Press
Da: 1978
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Winick, Mariann Pezzella; Winick,
Charles
Ti: Television Experience: What Children
See
Tp: Livro
Lp: Beverly Hills
Cp: Sage
Da: 1979
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão E Crianças
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Cazeneuve, Jean
Ti: Hombre Telespectador: Homo
Telespectador
Tp: Livro
Lp: Barcelona
Cp: Gustavo Gili
Da: 1977
Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Barnouw, Erik
Ti: History Of Broadcasting In The United
States

Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Oxford University Press
Da: 1966
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Bogart, Leo
Ti: Age Of Television: A Study Of Viewing Habits And The Impact Of Television On American Life

Tp: Livro
Ed: 0003
Lp: New York
Cp: Frederick Ungar
Da: 1956
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Fireman, Judy
Ti: Tv Book: The Ultimate Television Book

Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Workman
Da: 1977
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Greenfield, Jeff
Ti: Television: The First Fifty Years

Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Harry N Abrams
Da: 1977
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Anos 70: Televisão
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Europa
Da: 1979
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
No: Anos De Publicação: 1980

As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Ewald Filho, Rubens
Ti: Filmes De Hoje Na Tv
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Global
Da: 1975
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Fernandes, Ismael
Ti: Memória Da Telenovela Brasileira
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Propostal Editorial
Da: 1982
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Mesquita, Humberto
Ti: Tupi: A Greve Da Fome
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Cortez
Da: 1982
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Vasconcelos, Myriam Brideiro De Moraes
Ti: Televisões De Pernambuco: Estudos Sócio-Educacionais
Tp: Livro
Lp: Recife
Cp: Centro Reg Pesq Educacionais Do Recife
Da: 1966
Pa: Pernambuco
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Aguilera Gamoneda, Joaquin De
Ti: Educacion Por Television: Un Servicio Publico Desatendido
Tp: Livro
Lp: Pamplona
Cp: Universidade De Navarra
Da: 1980
Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Arenas, Pedro José
Ti: Television Y Nuestra Conducta Cotidiana: Seus Efectos Sobre Ninos, Adolescentes Y Adultos
Tp: Livro
Lp: Argentina
Cp: Editorial Cuarto Mundo
Da: 1975
Pa: Argentina
Id: Espanhol
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Britto, Luiz Navarro De
Ti: Tel Educação: O Uso De Satélites: Política, Poder, Direito
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: T A Queiroz, Ed
Da: 1981
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Encontro Tel Educação E Universidade, 1., Porto Alegre, 1972
Tp: Livro
Lp: Porto Alegre
Cp: Ufrs
Da: 1972
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Lota Júnior, Maurício Gabriel
Ti: 10 Anos De Televisão Educativa
Tp: Livro
Lp: São Paulo

Cp: Eca/Usp
Da: 1982
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Reis, Taunay Drummond Coelho
Ti: Tel Educação Brasil, 1958-70: Organização E Planejamento
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: S.N.
Da: 1972
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Televisão Educativa (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Tel Educação No Brasil: Um Documentário
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Mec/Inep
Da: 19-?
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Televisão Educativa (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Campos, Theresa Catharina De Goes
Ti: Iv Nos Tornou Mais Humanos? Princípios Da Comunicação Pela Tv
Tp: Livro
Lp: Recife
Cp: Universidade Federal De Pernambuco
Da: 1970
Pa: Pernambuco
Id: Português
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Tilburg, João Luis Van
Ti: Para Uma Leitura Critica Da Televisão
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Paulinas
Da: 1984
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Televisão No Ceara: 1959-1966, Historia Viva
Tp: Livro
Lp: Fortaleza
Cp: Secretaria De Comunicação Social
Da: 1985
Pa: Ceara
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Television And Social Behavior: An Annotated Bibliography Of Research Focusing On Television's Impact On Children
Tp: Livro
Lp: Rockville
Cp: U S Dep Of Health, Education Welfare
Da: 1971
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: International Television Almanac, 1981
Tp: Livro
Lp: New
Cp: Quigley Publishing Company
Da: 1981
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: International Television Almanac, 1983
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Quigley Publishing
Da: 1983
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Fundação Getúlio Vargas(Brj). Inst Sel Orient Profissional
Ti: Analise Do Trabalho De Ocupações Do Sistema De Tel Educação
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Fgv Inst Seleção Orientação Prof

Da: 1977
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Televisão Educativa (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Fundação Roberto Marinho
Ti: Seis Meses De Experiência: Telecurso 2. Grau
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Rio Gráfica
Da: 1978
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão Por Cabo
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Centro Doc Inf Arte Brasileira Contemporânea(São Paulo,Sp); Silva, Flávio Luiz Porto E
Ti: Teleteatro Paulista Nas Décadas De 50 A 60
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Secretaria Municipal De Cultura
Da: 1981
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Telecomunicações Teleteatro Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Ieb Usp/Eca

Au: Woolery, George W
Ti: Children's Television: The First Thirty-Five Years, 1946-1981
Tp: Livro
Lp: Metuchen, Nj
Cp: Scarecrow
Da: 1985
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Teixeira, Luiz Monteiro
Ti: Criança E A Televisão: Amigos Ou Inimigos
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Loyola
Da: 1985
Pa: São Paulo

Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Televisão: Instrumento De Domínio
Sobre Os Pensamentos, Os Sentimentos E A
Vontade
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Rosacruz Áurea
Da: 1983
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Mattos, Sérgio
Ti: Impact Of The 1964 Revolution On
Brazilian Television
Tp: Livro
Lp: San Antônio
Cp: V Klingensmith
Da: 1982
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Lima, Fernando Barbosa; Priolli, Gabriel;
Machado, Arlindo
Ti: Televisão E Vídeo
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Jorge Zahar
Da: 1985
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Herz, Daniel
Ti: Historia Secreta Da Rede Globo
Tp: Livro
Lp: Porto Alegre
Cp: Tche
Da: 1987
Pa: Rio Grande Do Sul
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Tardy, M; Barros, F P T
Ti: Professor E As Imagens
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Cultrix
Da: 1976
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Metodologia Do Ensino
Tecnologia Educacional
Meios Auxiliares De Ensino
Televisão Educativa
Educação
Bi: Usp/Eesc Usp/Fe Usp/lf
Usp/lp Usp/Fau Usp/Ffclrp
Usp/Eef Usp/Eca Usp/Eerp

Un: Usp
Au: Halloran, James Dermot
Ti: Effects Of Television
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Panther
Da: 19-?
Pg: 224
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
No: Notas Bibliográficas E Explicativas No
Final Dos Capítulos
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Beraldi, Maria José
Ti: Violência Nos Desenhos Animados
Exibidos Pela Televisão : Uma Ponderação
Necessária
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: S.N.
Da: 1986
Pg: 195
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Fe

Un: Usp
Au: Fusari, Maria Felisminda De Resende E;
Educar, 3
Ti: Educador E O Desenho Animado Que A
Criança Ve Na Televisão
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Loyola

Da: 1985
Pg: 164
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Comunicação De Massa
Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Fe Usp/Eca

Un: Usp
Au: Pacheco, Elza Dias
Ti: Pica-Pau: Herói E Vilão: Representação
Social Da Criança E Reprodução Da
Ideologia Dominante
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Loyola
Da: 1985
Pg: 255
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Comunicação De Massa (Meios -
Análise De Conteúdo) Televisão E Ideologia
Bi: Usp/Ip Usp/Eca

Un: Usp
Au: Marcondes Filho, Ciro
Ti: Televisão : A Vida Pelo Vídeo
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Moderna
Da: 1988
Pg: 119
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Tavola, Artur Da
Ti: Comunicação E Mito : Televisão Em
Leitura Crítica
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Nova Fronteira
Da: 1985
Pg: 366
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Comunicação De Massa Através Da
Televisão Comunicação De Massa (Meios -
Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Ip Usp/Mp

Un: Usp
Au: Leal, Laurindo
Ti: Atrás Das Câmaras : Relações Entre
Cultura, Estado E Televisão
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Summus
Da: 1988
Pg: 95
Pa: São Paulo
Id: Português
No: Bibliografia* Notas Bibliográficas E
Explicativas No Final Dos Capítulos
As: Televisão (Brasil) Cultura De Massa
Bi: Usp/Eca Usp/Ifsc-C

Un: Usp
Au: Marc, David
Ti: Demographic Vistas : Television In
American Culture
Tp: Livro
Lp: Philadelphia
Cp: University Of Pennsylvania Press
Da: 1984
Pg: 214
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
No: Bibliografia*Glossario
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Melo, José Marques De
Ti: Telenovelas Da Globo : Produção E
Exportação
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Summus
Da: 1988
Pg: 68
Pa: São Paulo
Id: Português
No: Notas Bibliográficas E Explicativas De
Rodape
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Andersen, Maria José Beraldi; Encontros
De Psicologia
Ti: Televisão : Efeitos Do Consumo
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Feusp
Da: 1986
Pg: 45

Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Fe

Un: Usp
Au: Daniel Filho
Ti: Antes Que Me Esqueçam
Tp: Livro
Ed: 0002
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Guanabara
Da: 1988
Pg: 252
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Albero-Andres, Magdalena
Ti: Television Didactica
Tp: Livro
Lp: Barcelona
Cp: Mitre
Da: 1984
Pg: 157
Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Ti: Tv Ao Vivo : Depoimentos
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1988
Pg: 302
Pa: São Paulo
Id: Português
No: Glossário P.253 * Índice De Programas
De Televisão P.267 *
Bibliografia
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Baldwin, Thomas F; Mcvoy, D Stevens
Ti: Cable Communication
Tp: Livro
Lp: Englewood Cliffs
Cp: Prentice-Hall
Da: 1983
Pg: 416
Pa: Estados Unidos

Id: Inglês
No: Notas Bibliográficas E Explicativas De
Rodapé
As: Televisão Por Cabo
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Bolano, César Ricardo Siqueira
Ti: Mercado Brasileiro De Televisão
Tp: Livro
Lp: Aracaju
Cp: Universidade Federal De Sergipe
Da: 1988
Pg: 175
Pa: Sergipe
Id: Português
No: Bibliografia * Notas Bibliográficas E
Explicativas De Rodape
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

468/611
Ir: Unibibli/583959
Un: Usp
Au: Sodre, Muniz; Princípios, 121
Ti: Televisão E Psicanálise
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Ática
Da: 1987
Pg: 79
Pa: Brasil
Id: Português
As: Comunicação De Massa
Televisão
Psicanálise
Bi: Usp/Fflich-Fil Usp/lp

Un: Usp
Au: Pigeat, Henri
Ti: Television Por Cable Empieza Manana
Tp: Livro
Lp: Madrid
Cp: Fundesco
Da: 1985
Pg: 148
Pa: Espanha
Id: Espanhol
No: Bibliografia
As: Televisão Por Cabo
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Lasagni, Maria Cristina; Richeri,
Giuseppe

Ti: Altro Mondo Quotidiano : Telenovelas, Tv
Brasiliana E Dintorni
Tp: Livro
Lp: Torino
Cp: Eri
Da: 1986
Pg: 127
Pa: Itália
Id: Italiano
No: Bibliografia
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Almeida, Cândido José Mendes De;
Novas Buscas Em Comunicação ; 30
Ti: Nova Ordem Audiovisual : Novas
Tecnologias De Comunicação
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Summus
Da: 1988
Pg: 106
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Comunicação (Pesquisa)
Bi: Usp/Fe Usp/Fflich-Fil

Un: Usp
Ti: Rede Imaginaria : Televisão E
Democracia
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Schwarcz
Da: 1991
Pg: 315
Pa: Brasil
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Fflich-Fil

Un: Usp
Au: Fundação Padre Anchieta
Ti: Cultura 20 Anos
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Imesp
Da: 1989
Pg: 97
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp

Au: Livingstone, Sônia M.
Ti: Making Sense Of Television
Tp: Livro
Lp: Oxford
Cp: Pergamon Press
Da: 1990
Pg: 217
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
As: Televisão (Aspectos Sociais)
Bi: Usp/Ip

Un: Usp
Ti: Perspectives On Media Effects
Tp: Livro
Lp: Hillsdale
Cp: Lawrence Erlbaum
Da: 1986
Pg: 358
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Ip

Un: Usp
Au: Fernandes, Ismael
Ti: Memória Da Telenovela Brasileira
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1987
Pg: 521
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Telenovelas (Brasil)
Bi: Usp/Fflich-Fil Usp/Ieb
Usp/Eca

Un: Usp
Au: Machado, Romero C
Ti: A Fundação Roberto Marinho
Tp: Livro
Lp: Porto Alegre
Cp: Tche
Da: 1988
Pg: 259
Pa: Rio Grande Do Sul
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Olensen, Jeans
Ti: New Business : A Chave Do Negocio Em
Propaganda

Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Cultura
Da: 1993
Pg: 172
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Propaganda (Televisão)
Bi: Usp/Fea

Un: Usp
Ti: Impact Of Television On Young Children
Tp: Livro
Lp: S L
Cp: S N
Da: 19--
Pg: 163
Pa: Pais Indeterminado
Id: Inglês
As: Televisão E Crianças
Bi: Usp/lp

Un: Usp
Au: Rzeszewski, Theodore S; Ieee Press
Selected Reprint Series
Ti: Television Technology Today
Tp: Livro
Lp: New York
Cp: Ieee Press
Da: 1985
Pg: 479
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Radio, Televisão E Áudio
Bi: Usp/Epel

Un: Usp
Ti: Television : The Critical View
Tp: Livro
Ed: 0004
Lp: New York-Ny
Cp: Oxford University
Da: 1987
Pg: 647
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Fe

Un: Usp
Au: Piernes, Guillermo
Ti: Comunicação E Desintegração Na América Latina
Tp: Livro
Lp: Brasília

Cp: Editora Universidade De Brasília
Da: 1990
Pg: 100
Pa: Distrito Federal
Id: Português
As: Comunicação De Massa Atraves Da Arte , Do Jornalismo, Da Televisão
Bi: Usp/Esaiq-Bc

Un: Usp
Ti: Channels Of Discourse, Reassembled: Television And Contemporary Criticism
Tp: Livro
Ed: 0002
Lp: Chapel Hill-Nc
Cp: University Of North Carolina
Da: 1992
Pg: 420;
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Programação)
Bi: Usp/Fe

Un: Usp
Au: Semana De Estudos De Televisão (1. : 1976 : São Paulo)
Ti: Semana De Estudos De Televisão, 1., São Paulo, 1976
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Eca/Usp
Da: 1976
Pg: 352
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Semana Internacional De Estudios Superiores De Television (1. : 1966 : Leon)
Ti: Semana Internacional De Estudios Superiores De Television, 1., Leon (Esp), 1966
Tp: Livro
Lp: Madrid
Cp: Serv De Formacion De Ives
Da: 1967
Pg: 501
Pa: Espanha
Id: Espanhol
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp

Au: Seminário Tv Publica, Um Novo
Conceito (1989 : São Paulo)
Ti: Conferencias E Debates
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Fundação Padre Anchieta
Da: 1989
Pa: São Paulo
Id: Inglês
As: Televisão Educativa
Bi: Usp/Fea

Un: Usp
Au: Abelman, Robert; Hoover, Stewart M
Ti: Religious Television: Controversies And
Conclusions
Tp: Livro
Lp: Norwood
Cp: Ablex
Da: 1990
Pg: 366
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Estados Unidos. Congress. Office Of
Technology Assessment
Ti: The Big Picture : Hdtv & High-Resolution
Systems
Tp: Livro
Lp: Washington
Cp: Office Of Technology Assessment
Da: 1990
Pg: 108
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
No: Glossario
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Goodwin, Andrew; Whannel, Garry
Ti: Understanding Television
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Routledge
Da: 1992
Pg: 192
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
No: Bibliografia No Final Dos Capítulos
As: Televisão (Inglaterra)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Fore, William F
Ti: Television And Religion : The Shaping Of
Faith, Values, And
Culture
Tp: Livro
Lp: Minneapolis
Cp: Augsburg
Da: 1987
Pg: 219
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Shapiro, Mitchell E
Ti: Television Network Daytime And Late-
Night Programming, 1959-1989
Tp: Livro
Lp: Jefferson
Cp: Mcfarland
Da: 1990
Pg: 264
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Oskamp, Stuart
Ti: Television As A Social Issue
Tp: Livro
Lp: Newbury Park
Cp: Sage
Da: 1989
Pg: 390
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Singer, Jeromel; Singer, Dorothy G
Ti: Television, Imagination, And Aggression :
A Study Of Preschoolers
Tp: Livro
Lp: Hillsdale
Cp: Lawrence Erlbaum
Da: 1981
Pg: 213
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão E Crianças
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Henson, Robert
Ti: Television Weathercasting : A History
Tp: Livro
Lp: Jefferson
Cp: Mcfarland
Da: 1990
Pg: 193
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca
Co: Us 906204501

Un: Usp
Au: Sturcken, Frank
Ti: Live Television : The Golden Age Of
1946-1958 In New York
Tp: Livro
Lp: Jefferson
Cp: Mcfarland
Da: 1990
Pg: 178 :
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Biriukov, N. S.
Ti: Televisão No Ocidente E As Suas
Doutrinas
Tp: Livro
Lp: Lisboa
Cp: Avante
Da: 1987
Pg: 235
Pa: Portugal
Id: Português
As: Televisão
Bi: Usp/Ffch-Fil

Un: Usp
Au: Mcanany, Emile G.; Oliveira, João
Batista .
Ti: The Sací / Exern Project In Brazil
Tp: Livro
Lp: Paris
Cp: Unesco
Da: 1980
Pg: 46 ;
Pa: Franca
Id: Inglês
No: Contem Apêndice * Bibliografia
As: Educação No Brasil (Região Nordeste)

Televisão Educativa (Brasil)
Bi: Usp/leb

Un: Usp
Au: Bessa, Pedro Pires
Ti: Loyola Brandão : A Televisão Na
Literatura
Tp: Livro
Lp: Juiz De Fora
Cp: Editora Da Universidade Federal De Juiz
De Fora
Da: 1988
Pg: 81 ;
Pa: Minas Gerais
Id: Português
As: Literatura Brasileira (Historia E Critica)
Televisão
Bi: Usp/leb

Un: Usp
Ti: O Ópio Do Povo : O Sonho E A
Realidade
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Edições Símbolo
Da: 1976
Pg: 66 ;
Pa: São Paulo
Id: Português
No: Guilherme Cunha Pinto, Colab * Joaquim
Ferreira Dos Santos, Colab
As: Televisão (Brasil)
Bi: Usp/leb

Un: Usp
Au: Drummomd, Phillip; Paterson, Richard
Ti: Television In Transition
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Bfi
Da: 1985
Pg: 280
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
No: Papers From The First International
Television Studies Conference
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca
Un: Usp
Au: Krishnan, Prabha; Dighe, Anita
Ti: Affirmation And Denial : Construction Of
Femininity On Indian Television
Tp: Livro
Lp: New Delhi
Cp: Sage
Da: 1990

Pg: 128
Pa: Índia
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Collins, Richard
Ti: Culture, Communication, And National Identity : The Case Of Canadian Television
Tp: Livro
Lp: Toronto
Cp: University Of Toronto Press
Da: 1990
Pg: 367
Pa: Canada
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Willis, Janet; Wollen, Tana
Ti: The Neglected Audience
Tp: Livro
Lp: London
Cp: British Film Institute
Da: 1990
Pg: 111
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
As: Televisão (Inglaterra)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Kellner, Douglas
Ti: Television And The Crisis Of Democracy
Tp: Livro
Lp: Boulder
Cp: Westview
Da: 1990
Pg: 287
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Mulgan, Geoff
Ti: The Question Of Quality
Tp: Livro
Lp: London
Cp: British Film Institute
Da: 1990
Pg: 72

Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
As: Televisão (Inglaterra)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Quester, George H
Ti: The International Politics Of Television
Tp: Livro
Lp: Lexington
Cp: Lexington
Da: 1990
Pg: 288
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Comstock, George
Ti: The Evolution Of American Television
Tp: Livro
Lp: Newbury Park
Cp: Sage
Da: 1989
Pg: 312
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Rocco, Maria T. Fraga
Ti: A Linguagem Autoritária
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Brasiliense
Da: 1989
Pg: 200
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Comunicação De Massa (Aspectos Sociais)
C M Através Da Televisão Linguagem De Televisão Televisão E Ideologia
Bi: Usp/Ffch-Let

Un: Usp
Ti: Remote Control : Television, Audiences, And Cultural Power
Tp: Livro
Lp: London
Cp: Routledge

Da: 1992
Pg: 262
Pa: Grã-Bretanha
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão (Audiência)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Inbody, Tyron
Ti: Changing Channels : The Church And
The Television Revolution
Tp: Livro
Lp: Dayton
Cp: Whaleprints
Da: 1990
Pg: 181 :
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Vande Berg, Leah R; Trujillo, Nick
Ti: Organizational Life On Television
Tp: Livro
Lp: Norwood
Cp: Ablex
Da: 1989
Pg: 303
Pa: Estados Unidos
Id: Inglês
No: Bibliografia
As: Televisão (Estados Unidos)
Bi: Usp/Eca

Un: Usp
Au: Sampaio, Roosevelt Pinto
Ti: Estudo De Conteúdo Veiculado Pelos
Meios De Comunicação De Massa,
Principalmente pela Televisão, Com
Particular Referencia Ao Sexo E Violência
Tp: Livro
Lp: Rio De Janeiro
Cp: Docência) -- Universidade Santa Úrsula.
Centro De Teologia,
Filosofia E Ciências Sociais.
Da: 1976
Pg: 147
Pa: Rio De Janeiro
Id: Português
Te: Grau: Tese Livre Docência
As: Sexo E Sexualidade (Sociologia)
Violência (Sociologia) Comunicação De
Massa Através Da Televisão (Análise De
Conteúdo)
Bi: Usp/lp

Un: Usp
Au: Mira, Maria Celeste
Ti: Circo Eletrônico : Silvio Santos E O Sbt
Tp: Livro
Lp: São Paulo
Cp: Loyola
Da: 199-
Pg: 215
Pa: São Paulo
Id: Português
As: Comunicação De Massa Através Da
Televisão Televisão (Brasil)
Bi: Usp/Ffch-Fil

Marques de Melo, José (coord.) (1984)- INVENTÁRIO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL (1883-1983); Port-Com, São Paulo.

ESTUDOS EM TELEVISÃO

- AMARAL, Hélio Soares. - Censura e Televisão . Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 1980 . Tese (Mestrado) .
- ASSIS, Filemon de. Da Praxis dos Meios de Comunicação de Massa: Análise do Projeto TAT(Television Awareness Training) e Proposta do Projeto DCCT (Desenvolvimento da Consciência Crítica do Telespectador). São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1983. Tese (Mestrado)
- ÀVILA, Carlos Rodolfo Amédola - A Teleinvasão: a Participação Estrangeira na Televisão do Brasil. São Paulo, Cortez / UNIMEP. 1981 .
- BELEM, Odilon. - A TVE, de Gilson Amado a Carneiro Leão . Rio de Janeiro, ECO / UFRJ, 1980. Tese (Mestrado) .
- BENJAMIN, Roberto . - Televisão e Política . Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1968.
_____ - Programação da TV Brasileira. Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 1968.
- BOMENY, Helena Maria.- Paraíso Tropical - a Ideologia do Civismo na TVE do Maranhão. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981.
- BROSE, Reinaldo. - O Visitante Eletrônico . São Paulo, Imprensa Metodista, 1980.
- BRITTO, Luiz Navarro de. - Teleducação - o Uso de satélites: Política, Poder, Direito. São Paulo, TAQ, 1981.
- CAMARGO, Nelly de. - A TV e Quadro de Referência Sócio-Cultural: o Público dos telepostos de São Luís do Maranhão . São Paulo . USP / ECA, 1972 . 2 vv. . Tese Doutorado.
- CARDOSO, Onésimo de Oliveira. - Comunicação e Educação Libertadora: Contradições de um Modelo Dependente de TVE. Comunicação e Sociedade. São Paulo, IMS / Cortez, Jul, 1979, (1): 39-48.

- CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO. - A Telenovela, Instrumento de Educação Permanente. Petrópolis, Vozes, 1980 .
- CORREA, Heli & RAMOS, Antônio de Almeida. - Pesquisa de Audiência de Rádio e Televisão e de Leitura de Jornais e Revistas . São Paulo, Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1975. 84 p.
- COSTA, José Manuel Morán. - Contradições e Perspectivas da Televisão Brasileira . São Paulo, 1981. Tese (Mestrado) .
- COUCEIRO, Solange Martins - O Negro na Televisão de São Paulo: um Estudo de Relações Raciais. São Paulo, USP, 1971. 98p. Tese (Mestrado) .
- DA VIÁ, Sara Suchid. - Televisão e Consciência de Classe ; o Trabalhador têxtil em face dos meios de Comunicação de Massa. Petrópolis, Vozes, 1977 .
- ESPINOLA, Maria Aparecida . - Telemática - um Caminho para a Modificação de uma Sociedade. Rio de Janeiro, ECO / UFRJ, 1979 . Tese (Mestrado)
- FARINA, Modesto . - Os Estímulos Empregados pela Propaganda Televisada e suas Conseqüências no Comportamento do Mercado Consumidor Brasileiro . São Paulo, ECA/ USP, 1976, 178 p. Tese (Livre Docência) .
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. - História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1982 .
- FERNANDES, Ismael. - Memória da Telenovela Brasileira. São Paulo, Proposta Editorial, 1982
- FERRARA, Lucrécia, coord. - Da Literatura à Teve. São Paulo, IDART, 1981
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. - O Mito na Sala de Jantar . Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, IESAE, 1982, mimeo.
- FUSARI, Maria F. - “Pica Pau “ - Programação Televisiva Infantil - Telespectador Paulistano da Pré-escola: Práticas Sociais de Desinformação e de Deseducação em Reciprocidade de Efeitos . São Paulo, USP, s.d. Tese (Mestrado)
- GADOTTI, Moacir. - A Televisão como Educador Permanente das classes Trabalhadoras . Cadernos Intercom. São Paulo, INTRCOM/ Cortez Ed., 1 (2): 65-72, 1982
- GOLDENSTEIN, Gisella T. - TV News and the Production of Reality . Pesquisa patrocinada a nível internacional pela ISA. São Paulo, 1983 .

- HERZOG Jr., William A. - The Utilization of Radio and Television for Adult Education in Brazil . East Lansing: Michigan State University, Department of Communication, 1967, 15p. mime.
- LUZ, Inez Pereira da . - TV Mulher e a Comunicação Comunitária. In: Ideologia, Cultura e Comunicação no Brasil. São Bernardo do Campo, IMS - Centro de Pós - Graduação, 1982. 49-59 .
- MADRID, André C. - Aspectos de Tele-rádiodifusão Brasileira. São Paulo, USP /ECA, 1972. 169 p. Tese (Mestrado)
- MARQUES DE MELO, José. - A Televisão como Instrumento de Neocolonialismo: Evidências do caso Brasileiro. Comunicação e Sociedade. São Paulo, IMS / Cortez, (1): 167 -182, Jul. 1979.
- MATTOS, Sérgio. - O Impacto da Revolução de 1964 no Desenvolvimento da Televisão Cadernos INTERCOM. São Paulo, INTERCOM/Cortez, ano 1, no 2.1982. p. 29 -43.
- MORAM, José M. - A mensagem Estética Televisiva. - Comunicação e Sociedade. São Paulo, IMS / Cortez, (2): 182-193, dez. 1979.
- MORAM, José M. (org.)- Televisão, Poder e Classes Trabalhadoras. Cadernos INTERCOM. São Paulo, Cortez Editora, 1980 no 2.
- NUNES, Maria H. - A Televisão do Circuito Fechado como Recurso Instrumental para a Universidade - Experiência e Proposta. São Paulo, ECA / USP, 1979. 109p. Tese (Mestrado) .
- PRADO, João R. - TV: Quem vê Quem. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.
_____ - A Proposta Pedagógica da Fundação Maranhense de Televisão Educativa. Rio de Janeiro, ABT, 1981
- RECTOR, Mônica T. - A Mensagem da Telenovela. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro . 1973 .
- ROCHA FILHO, Aloísio da Ranza - Comunicação de Massa e Estado: Televisão e Política de Telecomunicações. (1950 - 1975) São Paulo, ECA /USP. 1981. 183 p. Tese (Mestrado) .
- SAMPAIO, Walter. - Jornalismo Audiovisual: Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, TV e Cinema. Petrópolis: Vozes, 1971.

- SANTORO, Luiz Fernando. - Tendências Populistas na TV Brasileira ou as escassas possibilidades de acesso às antenas. Populismo e Comunicação. São Paulo, INTERCOM / Cortez Editora. Jun. 1981 . 218 p.
- SANTORO, Luiz Fernando. - Televisão e Divulgação Científica: um espaço para o Fantástico. Comunicação e Sociedade . São Paulo, IMS / Cortez, (7): 101 -106 . mar. 1982.
- SARAIVA, Maria Elena. - Elementos para uma Análise Histórica da Televisão Chilena. Rio de Janeiro, ECO/ UFRJ, 1977. Tese (Mestrado)
- SARQUES, Jane J. - A Ideologia Sexual dos Gigantes - Estudo da Moral Sexual na Telenovela Brasileira e da sua Assimilação pelos Telespectadores de Diferentes Classes Sociais. Brasília. UnB, 1981 . Tese (Mestrado)
- SILVA, Flávio L. - O teleteatro Paulista na década de 50 e 60. São Paulo, IDART, 1981
- SILVEIRA, Regina - Comportamento Fonético Cronológico da Língua na Televisão Paulista. São Paulo, USP, 1969. 226 P. Tese (Mestrado) .
- SODRE, Muniz. - O Monopólio da Fala . (Função e Linguagem da Televisão no Brasil) . Petrópolis, Vozes, 1977.
- SATANDAR, Ogilvy & MATHER PUBLICIDADE, Departamento de Pesquisa . - “Coisas da Roça “: um Estudo sobre a Televisão Publicitária no Meio Rural . São Paulo, dez 1981
- THIOLENT, Michel. - Televisão, Trabalho e Vida Cotidiana . Cadernos INTERCOM. São Paulo, INTERCOM/ Cortez, 1982, ano 1, no 2. p. 45-46
- TILBURG, João. - O Estereótipo Visual da Telenovela Brasileira como Mecanismo de Educação Permanente . Petrópolis: Centro de Informação e Documentação, 1981 .
- VAMPRE, Otávio - Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão. Porto Alegre, FEPLAM, 1979.
- VASCONCELOS, Myrian . - Televisão de Pernambuco: Estudos Sócio - Educacionais . Recife, Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, 1966.

Produção do Instituto de Psicologia da USP / Publicações e Eventos (1985-1994)

- (TRABALHO DE EVENTO-RESUMO)

TSU, T M J A; REIS, A O A; FIDALGO, M P (*). GENIALIDADE E LOUCURA : REPRESENTACOES SOCIAIS DE TRABALHADORES DE TELEVISÃO SOBRE DOENÇA MENTAL. In: REUNIAO ANUAL DA SBPC, 46, VITORIA, 1994. ANAIS (COMUNICACOES). SAO PAULO: SBPC, 1994. P.851.

Unidade(S) USP: IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA/ FSP - FACULDADE DE SAUDE PUBLICA

- (TRABALHO DE EVENTO-RESUMO)

TOLOFO, T M J A. QUALITY OF BEING OR MAD: TELEVISION EMPLOYESS SOCIAL REPRESENTATION OF MENTAL ILLNESS. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF SOCIAL REPRESENTATIONS, 2, RIO DE JANEIRO, 1994. ABSTRACTS. RIO DE JANEIRO, 1994. P.15.

/Unidade(S) USP: IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA

- (TRABALHO DE EVENTO-RESUMO)

TANAKA, A Y (*); FLOR, C M (*); SILVEIRA, K M (*); SILVA, A.: COMPORTAMENTO DE FLERTE EM NOVELAS. In: REUNIAO ANUAL DE PSICOLOGIA, 18, RIBEIRAO PRETO, 1988. PROGRAMA E RESUMOS. RIBEIRAO PRETO: SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRAO PRETO, 1988.

- (TRABALHO DE EVENTO)

PFROMM NETTO, S (*). TELEVISÃO PUBLICA: A PROGRAMACAO EDUCATIVA E INFANTIL. In: SEMINARIO: TV PUBLICA, UM NOVO CONCEITO, SAO PAULO, 1989. ANAIS. SAO PAULO: FUNDACAO PADRE ANCHIETA, 1989. P.42-56.

- (ARTIGO DE PERIODICO)

PFROMM NETTO, S (*). CANAIS ABERTOS PARA A DESEDUCAAO. PROBLEMAS BRASILEIROS, SAO PAULO, V.25, N.267, P.14-5, 1988. /Unidade(S) USP: IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA

- (ARTIGO DE JORNAL)

RODRIGUES, A M. AIDS, PROPAGANDA E COMPORTAMENTO. FOLHA DE SAO PAULO, 20 FEV. 1988. P.3. /Unidade(S) USP: IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA

- (TRABALHO DE EVENTO)

GRANJA, E C. COMUNICACAO CIENTIFICA EM PSICOLOGIA. In: REUNIAO ANUAL DPSICOLOGIA, 10, RIBEIRAO PRETO, 1980. ANAIS. RIBEIRAO PRETO: SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE RIBEIRAO PRETO, 1986. P.1-7. /

Unidade(S) USP: IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA

- (TRABALHO DE EVENTO-RESUMO)

SCHMIDT, M L S. EXPERIENCIA DE PSICOLOGAS NA COMUNICACAO DE MASSA. In: CONGRESSO INTERNO DO IP-USP, 1, SAO PAULO, 1991. RESUMOS. SAO PAULO: IP-USP, 1991. P.K16.

Unidade(S) USP: IP - INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Produção Do Instituto De Psicologia Da USP/ Teses E Dissertações De Mestrado Em TV (1934 -19 94)

AUTOR: BERALDI, MARIA JOSE
TITULO: TELEVISÃO E DESENHO ANIMADO: O TELESPECTADOR PRE-ESCOLAR.
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
DATA DA DEFESA: 06.06.78
GRAU: MESTRADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2039391

AUTOR: RESENDE E FUSARI, MARIA FELISMINDA DE
TITULO: PICA-PAU - PROGRAMACAO TELEVISIVA INFANTIL - TELESPECTADOR PAULISTANO DA PRE-ESCOLA: PRATICAS SOCIAIS DE DESINFORMACAO E DESEDUCACAO EM RECIPROCIDADE DE EFEITOS
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
DATA DA DEFESA: 05.08.82
GRAU: MESTRADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1039683

AUTOR: GADE, CHRISTIANE MARIA MATHILDE
TITULO: ATITUDE DO PUBLICO FEMININO FRENTE A PUBLICIDADE EROTICA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
DATA DA DEFESA: 21.12.84
GRAU: MESTRADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1084782

AUTOR: RIVERO, ALEXANDRE
TITULO: RELACOES ENTRE A AUTENTICIDADE E ASSISTENCIA ASSIDUA E PROLONGADA A UM PROGRAMA DE TELEVISÃO: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DE PEDAGOGIA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
DATA DA DEFESA: 19.02.90
GRAU: MESTRADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2223838

AUTOR: WITTER, CARLA
TITULO: TELEVISÃO E O ADOLESCENTE: ANALISE DE CONTEUDO DA PROGRAMACAO PREFERIDA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
DATA DA DEFESA: 20.06.91
GRAU: MESTRADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2263820

AUTOR: GRUNAUER, SILVIA CRISTINA SAUKA
TITULO: CRIANCA PRE-ESCOLAR E A TELEVISÃO: UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO DA TELEVISÃO NAS VIDAS DE CRIANCAS PRE-ESCOLARES PAULISTANAS
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
DATA DA DEFESA: 11.04.91
GRAU: MESTRADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2249725

AUTOR: PINSKY, ILANA
TITULO: ANALISE DA PROPAGANDA DE BEBIDAS ALCOOLICAS NA TELEVISÃO BRASILEIRA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
DATA DA DEFESA: 12.09.94
GRAU: MESTRADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2327624

Escola De Comunicações E Artes Da USP/ Teses E Dissertações De Doutorado Em TV (1934 -1994)

AUTOR: CAMARGO, NELLY DE
TITULO: TV E O QUADRO DE REFERENCIA SOCIO-CULTURAL: O PUBLICO DOS TELEPOSTOS DE SAO LUIZ DO MARANHAO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 19.01.73
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2003645

AUTOR: CASQUEL MADRID, ANDRE
TITULO: ASPECTOS DA TELERADIODIFUSAO BRASILEIRA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 24.09.73
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2004196

AUTOR: SOUSA, MAURO WILTON DE
TITULO: ROSA PURPURA DE CADA DIA: TRAJETORIA DE VIDA E COTIDIANO DE RECEPTORES DE TELENVELA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 05.12.86

AUTOR: NUNES, MARIA HELENA RENNO
TITULO: TELEVISÃO E EDUCACAO: DOIS CAMINHOS TORTUOSOS E PARALELOS. UMA PROPOSTA DO VIDEO APLICADO AO METODO PAULO FREIRE
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 02.09.88
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2103596

AUTOR: MATOS, HELOIZA HELENA GOMES DE
TITULO: MODOS DE OLHAR O DISCURSO AUTORITARIO NO BRASIL (1969-1974): O NOTICIARIO DE PRIMEIRA PAGINA NA IMPRENSA E A PROPAGANDA GOVERNAMENTAL NA TELEVISÃO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 30.11.89
GRAU: DOUTORADO

AUTOR: GAIT, NAZIRA
TITULO: TELEEDUCACAO EM SAO PAULO: PASSADO E FUTURO

CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 21.12.88
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2233683

AUTOR: DISCONZI, ROMANITA
TITULO: PINTURA POS-TV
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 11.04.91
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2243278

AUTOR: FESTA, REGINA
TITULO: TV DOS TRABALHADORES - A LEVEZA DO ALTERNATIVO (ESTUDO DE CASO)
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 04.06.91
GRAU: DOUTORADO

AUTOR: SQUIRRA, SEBASTIAO CARLOS DE MORAIS
TITULO: ANCORA NO TELEJORNALISMO NORTE-AMERICANO E BRASILEIRO: ANALISE COMPARATIVA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 16.09.92
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2267224

AUTOR: BATAN, MARCO ANTONIO
TITULO: PROPAGANDA: O DOMINIO ATRAVES DO SOM:ESTUDO DA INFLUENCIA DO SOM NOS COMERCIAIS DE TELEVISÃO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 06.05.93
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2278763

AUTOR: GIRALDO-SALINAS, FERNANDO DE JESUS
TITULO: SOM NA TELENOVELA: ARTICULACOES SOM E RECEPTOR
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
DATA DA DEFESA: 26.09.94
GRAU: DOUTORADO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2311838

Produção do Instituto de Psicologia da USP / Teses de Doutorado (1934 - 1994)

AUTOR: ANDERSEN, MARIA JOSE BERARDI

TITULO: VIOLENCIA NOS DESENHOS ANIMADOS EXIBIDOS PELA TELEVISÃO: UMA PONDERAÇÃO NECESSÁRIA

CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP

UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP

ANO DA IMPRESSO: 1986

PAGINAO: 195P

GRAU: DOUTORADO

DATA DA DEFESA: 07.10.86

DEPARTAMENTO: PSIC DA APRENDIZ, DESENV E PERSON

ORIENTADOR: WITTER, GERALDINA PORTO

IDIOMA: PORTUGUES

IDENTIFICAO DO REGISTRO: 1109067

AUTOR: PFROMM NETTO, SAMUEL

TITULO: IMAGENS DOS MEIOS DE COMUNICACAO DE MASSA: CONTRIBUICAO PARA O ESTUDO DA PSICOLOGIA DA COMUNICACAO DE MASSA.

CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP

UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP

ANO DA IMPRESSO: 1969

PAGINAO: 190P

GRAU: DOUTORADO

DATA DA DEFESA: 00.00.69

ORIENTADOR: ANGELINI, ARRIGO LEONARDO

IDIOMA: PORTUGUES

IDENTIFICAO DO REGISTRO: 2040891

AUTOR: EMERIQUE, PAULO SERGIO

TITULO: ASSISTIR, IMITAR, BRINCAR: UM ESTUDO SOBRE A INFLUENCIA DA TELEVISÃO NO COMPORTAMENTO DE CRIANCAS PRE-ESCOLARES

CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP

UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP

ANO DA IMPRESSO: 1989

PAGINAO: 190P

GRAU: DOUTORADO

DATA DA DEFESA: 05.01.89

DEPARTAMENTO: PSIC DA APRENDIZ, DESENV E PERSON

ORIENTADOR: BOMTEMPO, EDDA

IDIOMA: PORTUGUES

IDENTIFICAO DO REGISTRO: 2214610

AUTOR: REZENDE E FUSARI, MARIA FELISMINDA DE

TITULO: MEIOS DE COMUNICACAO NA FORMACAO DE PROFESSORES: TELEVISÃO E VIDEO EM QUESTAO

CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP

UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP

ANO DA IMPRESSO: 1990

PAGINAO: 218P

GRAU: DOUTORADO

DATA DA DEFESA: 29.06.90

DEPARTAMENTO: PSIC DA APRENDIZ, DESENV E PERSON

ORIENTADOR: WITTER, GERALDINA PORTO

IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: PSICOLOGIA EDUCACAO FORMACAO DE PROFESSORES TELEVISÃO VIDEO
IDENTIFICACAO DO REGISTRO: 2236324

AUTOR: SCHMIDT, MARIA LUISA SANDOVAL
TITULO: EXPERIENCIA DE PSICOLOGAS NA COMUNICACAO DE MASSA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: INSTITUTO DE PSICOLOGIA-USP
ANO DA IMPRESSO: 1990
PAGINAO: 212P
GRAU: DOUTORADO
DATA DA DEFESA: 05.10.90
DEPARTAMENTO: PSIC DA APRENDIZ, DESENV E PERSON
ORIENTADOR: COPIT, MELANY SCHVARTZ
IDIOMA : PORTUGUES
ASSUNTO: PSICOLOGIA; COMUNICACAO DE MASSA
IDENTIFICACAO DO REGISTRO: 2237822

Produção do Escola de Comunicação e Artes da USP/ Teses de Mestrado (19 34 - 1994)

AUTOR: ROCHA FILHO, ALOISIO DA FRANCA
TITULO: COMUNICACAO DE MASSA E ESTADO: TELEVISÃO E POLITICA DE COMUNICACOES: 1950-1975
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSO : 1981
PAGINA••O: 183P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 10.08.81
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR : SAITO, HIROSHI
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICA••O DO REGISTRO: 1013583

AUTOR: BARBOSA, JOSE CARLOS SIBILA
TITULO: CINEMA E A TELEVISÃO: A INTERRELACAO DOS MEIOS
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSO: 1987
PAGINA••O: 129P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 15.09.87
DEPARTAMENTO: RELAC.PUBLICAS,PROPAGANDA E TURISMO
ORIENTADOR: FERNANDES, FRANCISCO ASSIS MARTINS
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICA••O DO REGISTRO: 1127527

AUTOR: MORAN COSTAS, JOSE MANUEL
TITULO: CONTRADICOES E PERSPECTIVAS DA TELEVISÃO BRASILEIRA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSO: 1981
PAGINA••O: 119P
GRAU: MESTRADO

DATA DA DEFESA: 04.05.82
DEPARTAMENTO: CINEMA, RADIO E TELEVISÃO
ORIENTADOR: GALVAO, MARIA RITA ELIEZER
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1029517

AUTOR: LOTAR JUNIOR, MAURICIO GABRIEL
TITULO: COMPUTADOR E A TELEVISÃO COMO RECURSO NO PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM

CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1984
PAGINAÇÃO: 261P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 07.03.84
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: SANGIORGI, OSVALDO
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1074542

AUTOR: LIMA FILHO, DIRCEU TAVARES DE CARVALHO
TITULO: PUBLICIDADE TELEVISIVA E UM DEFUNTO EROTICO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1989
PAGINAÇÃO: 146P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 05.07.89
DEPARTAMENTO: JORNALISMO E EDITORACAO
ORIENTADOR: FREITAS, JEANNE MARIE MACHADO DE
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2209028

AUTOR: GIRALDO-SALINAS, FERNANDO DE JESUS
TITULO: DA DUPLA-DINAMICA SOM-IMAGEM: UMA APROXIMACAO TEORICA AO SOM NA
TELEVISÃO...
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1988
PAGINAÇÃO: 200P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 17.03.89
DEPARTAMENTO: CINEMA, RADIO E TELEVISÃO
ORIENTADOR: PIOVESAN NETO, ANGELO PEDRO
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2204599

AUTOR: MORAIS, MARIA APARECIDA ALVES DE
TITULO: PROGRAMACAO INFANTIL EM TV: SERIE BAMBALALAO I, PRODUCAO, EMISSAO,
RECEPCAO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1984
PAGINAÇÃO: 226P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 27.05.85

DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: SANTOS, YOLANDA LHULLIER DOS
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1088216

AUTOR: SQUIRRA, SEBASTIAO CARLOS DE MORAIS
TITULO: PROCESSO DO TELEJORNALISMO NO BRASIL: PROPOSTA DIDATICA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1987
PAGINAÇÃO: 267P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 10.12.87
DEPARTAMENTO: JORNALISMO E EDITORACAO
ORIENTADOR: MELO, JOSE MARQUES DE
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1126717

AUTOR: HIJAZI, ALY
TITULO: MULHER PROFISSIONAL E SUA RELACAO COM AS MENSAGENS PUBLICITARIAS VEICULADAS PELA TV
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1990
PAGINA: 108P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 01.06.90
DEPARTAMENTO: RELAC.PUBLICAS,PROPAGANDA E TURISMO
ORIENTADOR: FARINA, MODESTO
IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: RADIO E TELEVISÃO/ TELEVISÃO (PESQUISA)/ TELEVISÃO (ANUNCIOS)
PROPAGANDA (ASPECTOS PSICOLOGICOS)

AUTOR: DEGANELLO, LUIZ
TITULO: PRODUCAO EM TV: SUBSISTEMA DO SISTEMA CIBERNETICO TELEVISÃO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1989
PAGINA: 200P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 14.11.89
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: SANGIORGI, OSVALDO
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2208786

AUTOR: NUNES, MARIA HELENA RENNO
TITULO: TELEVISÃO DE CIRCUITO FECHADO COMO RECURSO INSTRUCIONAL PARA A UNIVERSIDADE: EXPERIENCIAS E PROPOSTA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1979
PAGINAÇÃO: 109P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 02.06.80
DEPARTAMENTO: CINEMA, RADIO E TELEVISÃO

ORIENTADOR: MOREJON, JULIO GREGORIO GARCIA
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1000211

AUTOR: BEM, ARIM SOARES DO
TÍTULO: TELENOVELA E DOMESTICA; DA CATARSE AO DISTANCIAMENTO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1988
PÁGINA: 273P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 11.03.88
DEPARTAMENTO: JORNALISMO E EDITORAÇÃO
ORIENTADOR: MARCONDES FILHO, CIRO JUVENAL RODRIGUES
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2103639

AUTOR: LIBRANDI, VALTER
TÍTULO: ANUNCIO PUBLICITARIO EROTICO TELEVISIONADO E O COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR: INFLUENCIAS E EFEITOS
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1989
PÁGINA: 102P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 10.10.89
DEPARTAMENTO: RELAC.PUBLICAS,PROPAGANDA E TURISMO
ORIENTADOR: FARINA, MODESTO
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2208999

AUTOR: ALENCAR, RUI SOUTO DE
TÍTULO: PAPEL DA TELEVISÃO EDUCATIVA NO BRASIL ESTUDO DE CASO DA TVE-AMAZONAS
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1983
PÁGINA: 145P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 30.10.84
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: CAMARGO, NELLY DE
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1086540

AUTOR: DONATO, JOAO OLAVO DE
TÍTULO: ASPECTOS DA INDUSTRIA DE COMUNICACAO TELEVISIVA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM ORGANIZACIONAL-HUMANISTICA O CASO SBT
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1990
PÁGINA: 368P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 05.05.91
DEPARTAMENTO: JORNALISMO E EDITORAÇÃO
ORIENTADOR: WRIGHT, ANTONIA FERNANDA PACCA DE ALMEIDA

IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: COMUNICACAO TELEVISÃO (ASPECTOS SOCIAIS)
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2243139

AUTOR: KROPF, MARIA HELENA
TITULO: CONTRIBUICOES DA VOZ E DA FALA AO ATOR DE TELENOVELA
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1990
PAGINAÇÃO: 149P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 27.04.90
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: SANTOS, YOLANDA LHULLIER DOS
IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: ARTE (TEORIA) RADIO E TELEVISÃO TELENOVELAS
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2224739

AUTOR: CURY, LUCILENE
TITULO: CRIANCAS E TELEVISÃO E COMUNICACAO: UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO
COMUNICATIVO DE CRIANCAS, DURANTE A RECEPCAO DE CARTAS FILMADAS
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1982
PAGINAÇÃO: 186P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 29.12.82
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: SANGIORGI, OSVALDO
IDIOMA: PORTUGUES

AUTOR: REZENDE, GUILHERME JORGE DE
TITULO: TELE-ESPETACULO DA NOTICIA: ANALISE MORFOLOGICA E DE CONTEUDO DE
UMA SEMANA (7 A 13 DE JANEIRO DE 1982) DO JORNAL NACIONAL, DA REDE GLOBO DE
TELEVISÃO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1985
PAGINAÇÃO: 259P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 27.06.85
DEPARTAMENTO: JORNALISMO E EDITORACAO
ORIENTADOR: MELO, JOSE MARQUES DE
IDIOMA: PORTUGUES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 1090509

AUTOR: ROSSINI, VENEZA MAYORA
TITULO: COTIDIANO RURAL E RECEPCAO DA TELEVISÃO: O CASO TRES BARRAS
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1993
PAGINAÇÃO: 191P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 31.05.93
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: LOPES, MARIA IMMACOLATA VASSALO DE

IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: COMUNICACAO TELEVISÃO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2282082

AUTOR: RUIZ CUARTAS, SERGIO ALBERTO
TITULO: ARMAÇÃO ILIMITADA: ANÁLISE DISCURSIVA DE UM SERIADO FICCIONAL DA TV
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1990
PAGINAÇÃO: 178P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 12.04.91
DEPARTAMENTO: CINEMA, RADIO E TELEVISÃO
ORIENTADOR : BALOGH, ANNA MARIA
IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: COMUNICACAO TELEVISÃO E JUVENTUDE
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2243216

AUTOR: SILVA, MAGNO LUIZ MEDEIROS DA
TITULO: TELEVISÃO INVISÍVEL: O RECEPTOR E O OLHAR SIMBOLICO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1991
PAGINAÇÃO: 182P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 22.11.91
DEPARTAMENTO: COMUNICACOES E ARTES
ORIENTADOR: SOUZA, MAURO WILTON DE
IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: COMUNICACAO/ COMUNICACAO (TEORIA)/ COMUNICACAO DE MASSA (MEIOS
TELEVISÃO/ TELEVISÃO (ANÁLISE DE CONTEUDO)
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2251350

AUTOR: TARSITANO, PAULO ROGERIO
TITULO: INTERFERENCIA DO VIDEOCASSETE NA AUSENCIA DA TELEVISÃO
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1992
PAGINA: 150P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 14.05.92
DEPARTAMENTO: RELAC.PUBLICAS,PROPAGANDA E TURISMO
ORIENTADOR: FERNANDES, FRANCISCO ASSIS MARTINS
IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: TELEVISÃO/ VIDEO/ VIDEOCASSETES
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2261832

AUTOR: MATTOS, SERGIO FERREIRA DE
TITULO: TV BARRIGA VERDE DE FLORIANOPOLIS: ESTUDO DE CASO NO PERIODO DE
1984/87
CIDADE DA DEFESA: SAO PAULO - SP
UNIDADE DA DEFESA: ESCOLA DE COMUNICACOES E ARTES-USP
ANO DA IMPRESSÃO: 1992
PAGINA: 1V
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 29.06.92

ANO DA IMPRESSÃO: 1994
PÁGINAS: 214P
GRAU: MESTRADO
DATA DA DEFESA: 04.08.94
DEPARTAMENTO: CINEMA, RADIO E TELEVISÃO
ORIENTADOR : MORAN COSTAS, JOSE MANUEL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: RADIALISMO E TELEVISÃO
IDIOMA: PORTUGUES
ASSUNTO: COMUNICACAO
IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO: 2308078

- Joseli Bastos da Costa. "Influencia da Programação Jornalística da Televisão sobre o comportamento eleitoral dos eleitores de João Pessoa das eleições de 1989 a 1990)
Tese de mestrado (UFPb) 1994 (Orientador: Leôncio Camino)
- Maria Clara da Silva Gueiros. "Consumo Logo Existo: um estudo psicanalitico sobre os modismos das novelas de televisão".(Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro).1993, Julho. (Não figura orientador)

Ano 1995 [No 4 - Agosto 1996]

- Camino, C., et al. "A transmissão de Valores Morais em Personagens de TV. "
Psicologia Reflexão Crítica, v.7, n.1, p. 29-46.
- Karem, Homsí Damaso. "Julgamento Moral e a Televisão em você Decide ". Mestrado.
PUCRGS (1995) (Orientador ; Nunes Maria Clara)
- Vera da Rocha R. "Tele-subjetivando através das telenovelas". PUCSP(1995)